



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL - PPGMS

ROSÂNGELA DE SENA ALMEIDA

DE COPA A COPA:

Memórias do Estádio de futebol do Maracanã

RIO DE JANEIRO

2014

ROSÂNGELA DE SENA ALMEIDA

**DE COPA A COPA:
Memórias do Estádio de futebol do Maracanã**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio.

Orientador: Prof. Dr. Mário de Souza Chagas

Rio de Janeiro

2014

ROSÂNGELA DE SENA ALMEIDA

**DE COPA A COPA:
Memórias do Estádio de futebol do Maracanã**

Aprovada em 05 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário de Souza Chagas (Orientador) – PPGMS/UNIRIO

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire – PPGMS/UNIRIO

Prof^a. Dr^a. Alda Lúcia Heizer – ENBT/JBRJ

Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel – UNIRIO/MAST

Prof. Dr. Marcelo Nunes de Almeida – IEFD/UERJ

Rio de Janeiro

2014

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria Antônia de Sena.

À minha filha Manuela.

AGRADECIMENTOS

Seria justo escrever um poema em agradecimento
aos que com seu jeito único, me ajudaram nesta tese de doutoramento.
Poderia eu mesma listar em ordem cronológica e se fosse dessa maneira minha mãe Maria
Antônia seria a primeira.
Seguida dos meus amigos de infância, de escola e de faculdade,
que nomeados aqui preencheriam dez laudas com facilidade.
E há ainda os amigos do trabalho, dos esportes e da Educação
que com seu apoio diário propiciam minha reflexão.
Não poderia esquecer amigos tão especiais, de um recente passado,
são meus colegas de mestrado e do doutorado.
Pensando com afincio, impossível não lembrar, cada qual tão especial,
meus professores amigos do Programa de Memória Social.
Ao Mário Chagas, meu orientador, inspirador e inspirado,
que me permitiu assumir meu frescor pouco acadêmico
e que me ajudou, de fato, a dar conta do recado.
Aos integrantes da banca, eu agradeço a escuta oportuna, àqueles sem os quais eu não haveria
de ser doutora.
Aos meus entrevistados, poderia agradecer por suas palavras ouvidas, no entanto agradeço por
suas histórias de vida.
E quem seria eu sem meus alunos amados?
Que me fazem professora no cotidiano, unidos, crescendo lado a lado.
À minha filha Manuela, a quem agradeço e dedico,
sem graça seria a vida sem suas manhas e risos.
Concluo estes agradecimentos com meu anjo da guarda zeloso e meus Mestres invisíveis, que
me deram a intuição necessária, a força e a proteção na medida pra terminar esse jogo.

Era um rincão profético. Pois como há plantas que, segundo dizem, possuem o dom de nos fazer ver o futuro, também há lugares que têm esse poder. Em geral, são sítios abandonados, e também, copas de árvores acuadas contra muros, becos sem saída ou entradas de jardim, onde ninguém jamais se detém. Em tais lugares, parece ser coisa do passado tudo o que nos espera. BENJAMIN, *Rua de Mão Única*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, p.94.

RESUMO

O Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho, o Maracanã, é cultuado como o templo do futebol, lugar sagrado que, em 1950, teve sua emblemática e ainda memorável estreia de visibilidade mundial com a final da Copa do Mundo. Em 2014, será palco de mais uma partida final de Copa do Mundo e, em 2016, sediará as finais do futebol e as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos. Bem mais que um estádio de futebol, o Maracanã tornou-se um dos símbolos do Rio de Janeiro, constituindo-se num espaço promotor de eventos esportivos na contemporaneidade que provoca experiências concretas e subjetivas, desperta lembranças e rememorações e media narrativas biográficas e etnográficas. Apresentando-se como um guardião de memórias locais, da memória de uma comunidade e de práticas culturais/esportivas, nosso objeto de estudo se configura em diversas dimensões. Esta pesquisa analisa, histórica e culturalmente, a memória social do Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho (o Maracanã) e a sua relação com a Copa do Mundo de 1950. Sobretudo focalizando as repercussões daquele evento na sociedade brasileira, as tensões do processo de patrimonialização do estádio e a rede de memórias que por ele permeia, a partir do discurso jornalístico e de narrativas individuais e coletivas. A investigação do conteúdo simbólico e imagético que faz deste estádio, um patrimônio, uma imagem emblemática e um lugar de memória no imaginário social brasileiro, revela que o Maracanã constituiu-se, com o tempo, numa marca de representação identitária para o povo do Rio de Janeiro e mesmo para o brasileiro.

Palavras-chave: Estádio de futebol; Copa do Mundo; Futebol; Memória Social.

ABSTRACT

Football Stadium Journalist Mário Filho, Maracanã, is worshiped as the temple of football, that sacred place in 1950, and still had its flagship memorable debut worldwide exposure with the final of the World Cup. In 2014, will stage one more final match of the World Cup and, in 2016, will host the finals of the football and the opening and closing ceremonies of the Olympics. Much more than a football stadium, Maracana has become a symbol of Rio de Janeiro, becoming a place that promotes sporting events in contemporary causing concrete experiences and subjective, and awakens memories and recollections average biographical narratives and ethnographic. Presenting itself as a guardian of local memories, the memory of a community and cultural practices / sports, our object of study is set in several dimensions. This research analyzes, historically and culturally, social memory Football Stadium Journalist Mário Filho (Maracanã) and its relationship with the World Cup 1950. Particularly focusing on the effects of that event in Brazilian society, tensions process patrimonialization stadium and the network of memories that permeates through it, from the journalistic discourse and individual and collective narratives. The investigation of the symbolic content and imagery that makes this stadium, a heritage, an image emblematic memory and a place in the Brazilian social imaginary, reveals that the Maracanã Stadium was formed, over time, a mark of identity representation to the people of Rio January and even for the Brazilian.

Keywords: Maracanã Stadium; World Cup; Football; Social Memory.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	09
1. DA MEMÓRIA SOCIAL E DOS LUGARES CONSAGRADOS	20
1.1 Espaço e tempo: dimensões intangíveis de um estádio de futebol	20
1.2 De Estádio Municipal do Rio de Janeiro a Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho	29
1.3 O Estádio de Futebol que abriga o bairro	36
1.4 O triunfo de uma derrota: porque o Estádio do Maracanã nasce um mês depois de sua inauguração	61
2. DA MEMÓRIA SOCIAL E DO PATRIMÔNIO EM JOGO	70
2.1 Enigma, monumento, templo, patrimônio, estádio?	71
2.2 O simbólico de um patrimônio	89
2.3 Mnemosyne e Maracanã: a memória e o estádio de futebol	107
3. UMA REDE DE MEMÓRIAS DO MARACANÃ: FRAGMENTOS, TENSÕES E ESQUECIMENTOS	120
3.1 Museu Imaginário Maracanã: o lugar mental mutante	122
3.2 Minhas memórias: meu Maracanã concreto-imaginário	127
3.3 A Memória impressa e gravada: entrevistas, depoimentos, jornais e crônicas	142
3.4 Memória Social poético-sonora: o Maracanã nas artes e na música popular brasileira	182
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA	192
5. REFERÊNCIAS	195
ANEXOS	204
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista	204
APÊNDICE B - Lista de músicas	205
APÊNDICE C - Lista de textos de jornais, periódicos e mídia	207
APÊNDICE D - Lista de ilustrações	210
ANEXO I - Transcrição das entrevistas	215
ANEXO II - Letras das músicas pesquisadas	263
ANEXO III - Disco compacto (CD) com a gravação sonora das músicas	

INTRODUÇÃO

Tem-se verificado que o campo¹ esportivo possibilita ao indivíduo e a sociedade a oportunidade de refletir e agir concretamente no propósito de expandir as suas potencialidades. Destarte, penso ser necessária a reflexão sobre algumas ideias que serão abordadas nesta pesquisa. Um ponto a ser analisado é o valor simbólico dado ao futebol masculino e como este repercute no imaginário social do brasileiro.

Percebe-se que dentro de um enfoque qualitativo, o futebol não possui a mesma valorização que os demais esportes na sociedade brasileira². O futebol é o esporte com maior destaque nos meios de comunicação de massa brasileira e, paralelamente, a identidade do povo está historicamente relacionada a este esporte³. Em jornais podemos encontrar textos que comprovam a importância internacional da seleção brasileira e, então, registrar o valor que o futebol brasileiro tem no exterior.

Outra questão a ser considerada é o valor simbólico que o Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho (Estádio do Maracanã) tem tanto para o futebol nacional quanto para a sociedade brasileira como um todo. Ao sediar inúmeras competições nacionais e mundiais, este estádio dá voz ao orgulho do brasileiro em ser o melhor do mundo em alguma seara. O Brasil é o único país a ter participado de todas as Copas do Mundo, o único pentacampeão do

¹ A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho). Compreender a gênese social de um campo é apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram. Bourdieu afirma que a autonomização dos campos de produção cultural deriva de um lento e longo trabalho de alquimia histórica no qual ocorre o que ele chama de “depurações”. De depuração em depuração as lutas que tem lugar no campo de produção demarcam os espaços mostrando o que é essencial e o que são situações específicas. E sempre que se institui um desses universos relativamente autônomos – campo artístico, campo científico, campo político. O processo histórico aí instaurado atinge o mais alto grau de especificações. Onde a análise da história do campo ser, em si mesma, a única forma legítima de análise de essência. (BOURDIEU, 1989).

² Conforme dados colhidos em minha pesquisa de mestrado, em 2009, podemos constatar que: “A importância social e cultural do futebol no Brasil pode ser percebida ao enumerar-se a quantidade de estudos acadêmicos encontrados sobre o assunto. Ao fazer um levantamento sobre futebol masculino no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no período de 1987 a 2007, foram encontrados 557 trabalhos, dos quais, 455 são dissertações de mestrado e 102 teses de doutorado”. (ALMEIDA, 2009, p. 14).

³ Helal e Gordon Jr, em seu trabalho relacionando futebol e identidade nacional, ressaltam que: “É fundamental perceber que a identidade nacional é uma construção que o discurso intelectual oficial, o discurso estado-nação, ‘essencializa’. Porém, o fato de que essa identidade é ou pode ser uma invenção que tem o estado-nação por trás, não suprime o fato de que ela é ‘real’ depois que instaurada, que ela tem uma eficácia. [...] O futebol – e a Copa do Mundo é um momento em que isto é realçado ao máximo – é um veículo poderoso de expressão dessas identidades nacionais (mesmo que construídas)”. (HELAL e GORDON JR, 2001, p. 67).

mundo que, em breve, sediará pela segunda vez a Copa do Mundo e terá o Estádio do Maracanã como palco das partidas finais destes dois Campeonatos Mundiais de futebol.

A forte presença deste estádio no imaginário e na memória social do povo brasileiro pode ser verificada na quantidade de referências relacionadas a ele nos diferentes âmbitos da vida social brasileira. Como nos discursos midiáticos (rádio, imprensa, televisão, periódicos, internet) em que se apresenta diariamente como protagonista de reportagens e debates.

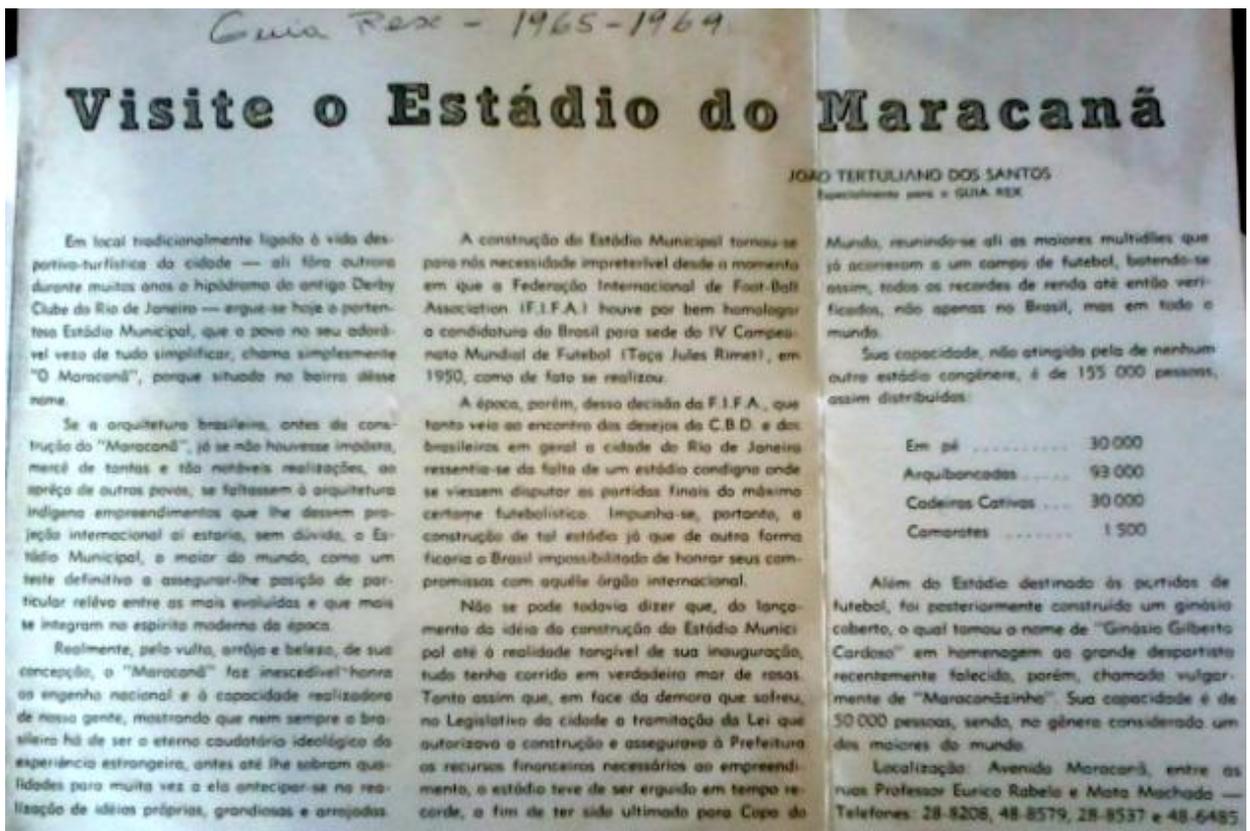
Segundo Cereto (2003, p.8), o Estádio do Maracanã, “pela sua grandiosidade e pela importância enquanto símbolo do futebol registra o exemplar brasileiro mais pesquisado do tema esportivo através de publicações, tornando-se ícone na cultura brasileira”, na seara dos estudos sobre arquitetura e engenharia de estádios. Podemos, também, exemplificar com o número significativo de músicas no cancionário popular brasileiro que fazem alusão ao Maracanã. Nesta pesquisa, relaciono mais de cinquenta músicas que explicitamente, o nomeiam, descrevem ou fazem analogias a este tema.

Além do interesse contínuo das pessoas em visitá-lo, fotografá-lo e filmá-lo, e mesmo nos períodos em que esteve fechado para obras, continuou sendo intensamente visitado por muitos turistas brasileiros e estrangeiros (Figura 1). O Estádio do Maracanã⁴ se constituiu oficialmente como um dos pontos turísticos mais visitados do Rio de Janeiro, figurando há anos nos guias e manuais turísticos (Texto 1) e sites de turismo sobre a cidade.

⁴ O Estádio de futebol Jornalista Mário Filho, de fato, é comumente reconhecido e nomeado, pelos brasileiros e cariocas, como Estádio do Maracanã ou tão somente Maracanã, ou ainda Maraca. O que indica o grau de familiaridade e proximidade que a população tem em relação a este estádio, assim como revela as maneiras como ele participa da vida cotidiana da cidade e mesmo do país.



Figura 1: Turistas em visita ao Estádio do Maracanã, estando este fechado para obras. Fotografia realizada em 05/04/2011.⁵



Texto 1: Guia Rex, dos anos de 1965/1969, sobre o Estádio do Maracanã.

⁵ Todas as fotografias aqui apresentadas possuem seu devido crédito informado logo abaixo das mesmas. As que se encontram sem o nome do fotógrafo foram realizadas pela própria autora da pesquisa.



Figura 2: Folder de divulgação de agência de turismo do Rio de Janeiro. O Estádio do Maracanã aparece em destaque após sua reabertura para visitaçao em junho de 2013.

No dia 30 de outubro de 2007, a Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) anunciou oficialmente o Brasil como o organizador e sede da Copa de 2014. Ou seja, mais de cinquenta anos depois o Brasil volta a sediar uma Copa do Mundo e outra vez a cidade do Rio de Janeiro e o Estádio do Maracanã serão contemplados com o jogo final desta competição.

Este fato, sem dúvida, amplificou o volume, a extensão e a intensidade das vozes sobre este estádio no contexto social da atualidade. Contudo, entendo que outras circunstâncias se justapõem no processo de elaboração de meu objeto de estudo e no desenrolar desta pesquisa. Dentre as quais, o fato de morar no bairro do Maracanã e no meu cotidiano deparar-me constantemente com este estádio ao me locomover nas minhas tarefas diárias.

Assim percebo que residir naquele bairro não só me possibilita, como me impele, a contemplá-lo diariamente. Entretanto esta contemplação tornou-se um ato solitário de observar, no dia a dia, a beleza da sua forma e as forças antônimas de singeleza e fortaleza que acompanham o Estádio do Maracanã. O que me incentivou à reflexão crítica sobre todas as mudanças circunstanciais no entorno do estádio que está incrustado na minha vida cotidiana, que me afetam e me emocionam de tal maneira que me senti compelida a escrever sobre o assunto.

Provavelmente minha formação profissional e acadêmica também tenha influenciado nesta escolha, já que, além da graduação em Arquivologia, possuo licenciatura em Educação Física e leciono nesta área há vinte anos.

As conversas e os assuntos relacionados aos esportes e às atividades físicas em geral me despertam interesse, porém há mais que um interesse científico nesta pesquisa. O que move minhas inquisições são, para além dos questionamentos epistemológicos, os sentimentos e as memórias que repousam em cada cadeira do estádio, nos seus majestosos portões de entrada, nas rampas de acesso e em cada pessoa que um dia entrou para assistir uma partida de seu time de coração ou mesmo naquele turista que pára embevecido para fotografar sua fachada. Todos eles, personagens de suas próprias histórias que, entretanto, com suas memórias, fazem do meu objeto de estudo um ser emblemático na vida esportiva do país, na memória social e no imaginário social do brasileiro.

A partir do acima narrado, desenho o meu objetivo de pesquisa que consiste em analisar o conteúdo simbólico e imagético que faz do Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho - o Maracanã - um patrimônio cultural e emblemático no imaginário do povo brasileiro. Ao longo desta pesquisa outros objetivos propínquos se evidenciam, tais como: investigar como as memórias individuais e coletivas da Copa do Mundo de futebol de 1950 reiteram, modificam, atualizam ou problematizam a construção de uma memória social sobre o Estádio do Maracanã, desde o período de sua construção até os anos atuais; averiguar de que maneiras ele se apresenta no imaginário social do brasileiro; levantar as relações socioculturais que envolvem as mudanças e as alterações urbanas, políticas e sociais do seu entorno, desde início de sua construção, em 1948, até a atualidade; examinar o seu processo de patrimonialização e suas repercussões sociais, culturais e políticas no Brasil.

Para consolidar a ideia do meu objeto de estudo apresentar-se como um guardião de memórias locais, da memória de uma comunidade e de uma prática cultural/esportiva, que se configura em diferentes dimensões, elaborei uma linha do tempo (Figura 3) que ilustra uma possível explicação a respeito do processo de construção da memória social do Estádio do Maracanã. Entenda-se que foi uma estratégia didática com o intuito de melhor visualização e entendimento, entretanto compreendo que tal processo se faz em camadas e que estas camadas se misturam de modo a não se poder detectar o momento ou o lugar em que se finda uma e se inicia outra. Pois acredito que os limites temporais ou espaciais não devem ser pensados como modos de estratificação ou delimitação deste processo.

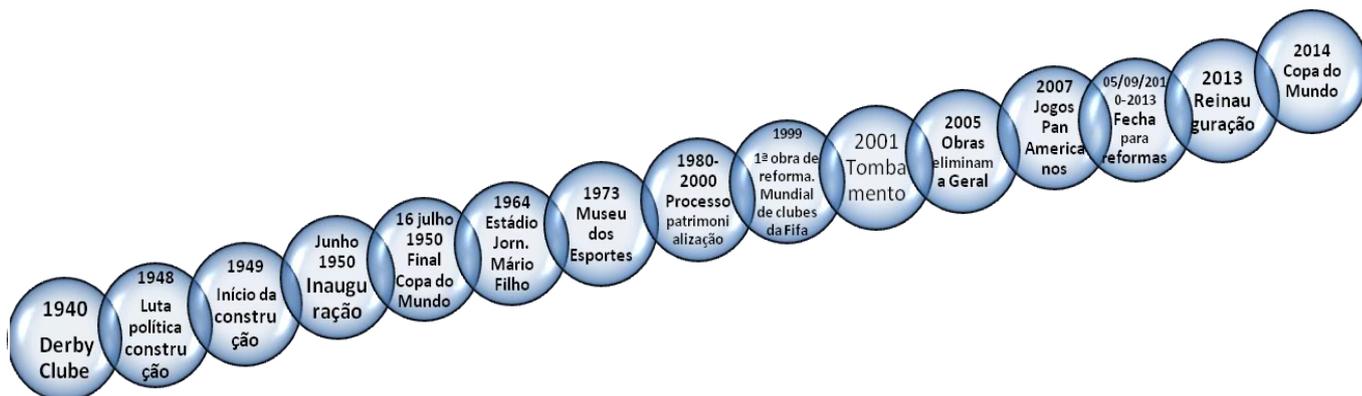


Figura 3: Processo de construção da memória social do Estádio de Futebol do Maracanã.

Nesta perspectiva, trabalho com a ideia da Copa do Mundo de 1950 como um acontecimento fundador⁶ em torno da qual se aglutinam os outros nós e laços desta trama de memórias, individuais e coletivas, participantes da rede memorial que faz do meu objeto de estudo, um ser emblemático para sociedade brasileira.

As datas informadas na Figura 3 são aquelas que se apresentaram, ao longo da pesquisa, como forte influência para as fontes estudadas. Àquelas que, às vezes, mesmo silenciadas, ajudaram a formar uma rede de memória sobre o Maracanã.

Deste modo, uma questão sobressai no processo de construção da memória social do Estádio do Maracanã: em que medida a realização de uma Copa do Mundo altera ou intervém no significado que este estádio tem para a população brasileira?

Outros questionamentos têm se revelado ao longo desta pesquisa e intenciono buscar elementos na memória social sobre o Estádio do Maracanã que auxiliem nas suas possíveis respostas. De que forma ocorre a construção de sentidos sobre o Estádio do Maracanã? Como este estádio de futebol é representado e nomeado em diferentes momentos no corpus selecionado? De que maneira o Maracanã, que passou por intensas reformulações físicas, é referido pela imprensa esportiva brasileira no decorrer do período pesquisado? Qual o papel da imprensa na construção de uma memória do estádio em questão?

Estas questões estão atreladas à abordagem metodológica utilizada no presente estudo que se caracteriza como uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, do tipo exploratório, na

⁶ O autor Paul Ricouer (2007) trabalha com a ideia de determinado acontecimento tornar-se de tal maneira emblemático para uma época ou para um grupo social que o mesmo consegue se instaurar, de fato, na memória social como um marco de fundação.

medida em que tem como intenção operacional a descrição e a interpretação do conteúdo veiculado na mídia impressa brasileira, de depoimentos de um determinado grupo de atores sociais e de músicas e obras artísticas relacionadas ao objeto de estudo.

Organizo a pesquisa a partir do entendimento do Estádio do Maracanã como um prioritário espaço esportivo na memória social acerca do futebol, onde a ritualização e mitificação dos espetáculos esportivos que sedia potencializa seu valor e seu lugar na memória do brasileiro.

Assim sendo, componho, ao longo do texto, uma espécie de museu pessoal e imaginário do Maracanã, no qual são evocadas tanto as teorias estudadas como as lembranças dos entrevistados e o material coletado e pesquisado nos jornais, todos, estes, integrantes de meu acervo imagético e memorial acessado no decorrer dos últimos quatro anos.

No propósito de identificar e registrar por quais maneiras este estádio de futebol se estabelece na sociedade e como se apresenta no imaginário do brasileiro, utilizo uma seleção de textos e imagens de jornais e periódicos, com sede na cidade do Rio de Janeiro porém de abrangência nacional, referentes ao Estádio do Maracanã e às Copas do Mundo que este sediou e sediará, desde o período da sua construção até a atualidade. Procurei evidenciar os jornais que focalizavam a cidade carioca, como A Manhã, Gazeta de Notícias, Diário de Notícias, Jornal do Brasil e O Globo, por entender que estes, ao estarem mais próximos daquele cotidiano urbano, teriam maior facilidade em publicar notícias detalhadas e minuciosas sobre assunto.

Em função da alta expectativa⁷ em relação ao quantitativo de textos jornalísticos sobre a temática tratada, o corpus do trabalho constitui-se de jornais e periódicos brasileiros num corte cronológico de 1945 a 2014, entretanto detenho-me com um olhar mais apurado nos anos da construção do estádio (1948, 1949, 1950), nos meses da realização da Copa do Mundo de 1950 (junho e julho), nos anos das obras de adequação para a Copa do Mundo de 2014 (de 2011 a 2014), no ano dos XV Jogos Pan-Americanos (2007) e nos anos que se seguiram a escolha do

⁷ O futebol de campo masculino é o esporte de maior visibilidade frente à mídia brasileira. No Brasil, os cadernos ou sessões de esportes de todos os jornais impressos e televisivos possuem, diariamente, matérias, reportagens e textos jornalísticos relacionados ao futebol, fato exclusivo deste esporte. Um exemplo marcante desta relação desproporcional entre o futebol e os demais esportes na mídia pode ser identificado na minha pesquisa para a dissertação de mestrado sobre futebol feminino (ALMEIDA, 2009). Nela eu, inicialmente, intencionava trabalhar com um corte cronológico de um ano (dos primórdios da prática no Brasil) e fui obrigada a ampliar o período para uma década, visto que naquele ano (como em tantos outros), nos três jornais estudados, só havia uma matéria jornalística sobre a temática.

Estádio do Maracanã como sede da próxima Copa do Mundo de 2014 (de 2007 até maio de 2014).

Esta seleção foi motivada pela crença de que tais períodos cronológicos e datas tanto de obras de construção e de reformas como de competições esportivas de grande visibilidade se caracterizam como marcos referenciais na memória social do Estádio do Maracanã.

O corpus selecionado para pesquisa consta também de entrevistas. A delimitação para a seleção do grupo entrevistado foi pautada na escolha de pessoas vinculadas ao universo social do futebol, seja atuando ativamente ou como espectadores, ou que tenham vivenciado a Copa do Mundo de 1950. A relevância deste tipo de pesquisa são as opiniões representativas de um coletivo de pessoas, situadas num espaço histórico e geográfico, que atuam numa área de interesse – o futebol - ou que reflitam sobre este tema.

Para coleta dos depoimentos utilizo como instrumento a entrevista semi-estruturada, através da qual pode-se obter dados consistentes, na medida em que permite certo grau de flexibilidade ao entrevistador, sem fugir do eixo central do roteiro de questões. O pesquisador tem a possibilidade de solicitar maiores esclarecimentos sobre as informações dadas, de aprofundar determinadas respostas que perceba ser relevantes à pesquisa e de dirimir dúvidas que se apresentem ao longo da entrevista.

No início do processo de preparo das entrevistas, no ano de 2012, elaborei um roteiro guia (Apêndice A) que me auxiliasse na condução das falas e depoimentos. No processo de composição das perguntas deste roteiro, retornei às minhas questões da pesquisa e aos meus objetivos primordiais e confrontei-os com o material midiático até então coletado, conseqüentemente, foram surgindo indagações, dúvidas e inquietações tanto sobre silenciamentos como sobre o excesso de visibilidade dada a determinado fato. A partir deste movimento, fui delineando as perguntas, entretanto estas foram, quando necessário, sendo adaptadas à pertinência e ao contexto de cada entrevistado. Lembro que no ato da minha preparação para as entrevistas, solicitei o auxílio informal de dois amigos jornalistas no intuito de me assegurar de como deveria ser minha postura frente aos entrevistados.

Numa pesquisa acadêmica a seleção dos entrevistados não é um ato inócuo ou pueril. Esta é uma escolha de suma importância para o percurso da pesquisa e ciente desta responsabilidade, procurei me deter nesta etapa. Foi realizado um total de nove entrevistas, das quais, seis entrevistados estiveram presentes à Copa do Mundo de 1950 ou vivenciaram aquela época.

Por estarmos numa pesquisa qualitativa em que o processo de construção das memórias reveladas prevalece como prioritário, entendo que a soma dos depoimentos colhidos mostrou-se substancial para a produção da análise requerida. Assim, no Anexo I encontra-se a íntegra das transcrições destas entrevistas realizadas em diferentes momentos entre os anos de 2011 a 2014.

A entrevista 1 foi realizada com o senhor Mário Lobo Zagallo que esteve na Seleção Brasileira em diferentes momentos e funções, como jogador em 1958 e 1962, como técnico em 1970 e como auxiliar técnico em 1994. Ele me recebeu em sua residência, no bairro da Barra da Tijuca/RJ, no dia 22 de junho de 2011.

A entrevista 2 contém o depoimento do senhor Francisco de Barros Cavalcante, engenheiro aposentado, que esteve pela última vez no Estádio do Maracanã na partida final da Copa do Mundo de 1950. Ele executava a tarefa, que na época existia, de alugar almofadas para os expectadores que quisessem assistir aos jogos com mais comodidade. Nossa entrevista ocorreu no dia 10 de agosto de 2011.

A entrevista 3 contou com as memórias do ex-jogador da Seleção Brasileira, ex-técnico da Seleção do Japão, fundador do Centro de Futebol Zico do Rio Sociedade Esportiva (CFZ), o senhor Arthur Antunes Coimbra (Zico), que em 11 de agosto de 2011 me recebeu na sede de seu clube, no bairro do Recreio dos Bandeirantes/RJ.

A entrevista 4 com o senhor Roberto Kopp, arquiteto, engenheiro e professor universitário, ocorreu no dia 06 de junho de 2012, na Faculdade de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, em Quintino/RJ, onde o entrevistado rememorou a ida de seu pai aos jogos daquela Copa do Mundo de 1950, no Maracanã.

A entrevista 5 foi com o senhor Orlando Paoli, professor de Educação Física, ex Coordenador de Campo e Vestiário do Estádio do Maracanã e atual Administrador do Parque Aquático Julio Delamare. Foi realizada no dia 19 de julho de 2012, no escritório do entrevistado localizado dentro do Complexo Aquático.

A entrevista 6 contém o depoimento do senhor Meyer Jayme Axelband, farmacêutico, que assistiu a todos o jogos da Copa do Mundo de 1950 que aconteceram no Maracanã, exceto o jogo final, dia em que ele teve que trabalhar num plantão na farmácia. A data da entrevista foi 22 de dezembro de 2014, no Hotel Fazenda Maritacas (Mendes/ RJ).

A entrevista 7 foi a com a senhora Maria Helena Storino, bióloga que assistiu à partida final daquela Copa do Mundo e foi realizada na data de 11 de março de 2014, na residência da entrevistada (Gávea/RJ).

A entrevista 8 constitui-se do depoimento da senhora Marilda Castex Cardoso de Castro, do lar, moradora do bairro do Maracanã e que no século passado foi frequentadora assídua dos jogos no Estádio do Maracanã, inclusive, também esteve presente à final da Copa do Mundo de 1950. A data desta entrevista foi o dia 24 de março de 2014 e aconteceu na própria residência da entrevistada (Maracanã/RJ).

A entrevista 9 foi realizada com o senhor Cleber Lima, professor, morador de Manaus, sua cidade natal. Fervoroso apreciador de jogos de futebol, já esteve no Rio de Janeiro entretanto nunca visitou ou entrou no Maracanã. Nossa entrevista, a de menor tempo de duração porém com forte representatividade por trazer a fala daquele que não vive ou mora na cidade carioca, deu-se por meio do aplicativo para conversas online não presenciais, o Skype, no dia 29 de março de 2014.

O Anexo II reúne a íntegra das letras das cinquenta e cinco músicas pesquisadas que citam ou fazem alusão ao Estádio do Maracanã, juntamente com os nomes dos compositores das mesmas. O Anexo III é a amplificação, na dimensão sonora, do substrato do anexo anterior, pois se constitui de um disco compacto (CD) com a gravação das músicas coletadas sobre o nosso objeto de estudo, a exceção das músicas 2, 4, 6, 14 e 55 (listadas no Apêndice D), das quais, após intensa busca, não encontrei o registro fonográfico para gravá-las.

Este trabalho conta, também, com os documentos apêndices elencados a seguir: o Apêndice A é o roteiro construído para nortear os assuntos tratados ao longo das entrevistas; Apêndice B se constitui na lista com os títulos e os autores das cinquenta e cinco músicas coletadas sobre o Estádio do Maracanã; Apêndice C é a lista dos textos de jornais, periódicos e revistas citados no decorrer desta pesquisa e o Apêndice D é a lista de todas as ilustrações utilizadas, com as suas respectivas legendas descritivas.⁸

Destarte, na tentativa de entender o processo que faz deste estádio de futebol, um patrimônio da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, e de apreender como se dá a construção de uma memória social: no Capítulo 1, dedico-me à relação entre o espaço e o tempo, a memória e o esquecimento (PAUL RICOUER, 2007), ao conceito de *lugar de memória* (PIERRE NORA, 1993) e à inflação de memórias - o *boom da memória* - e sua especularização na contemporaneidade (ANDREAS HUYSSSEN, 2000); no Capítulo 2, são

⁸ Nesta pesquisa designo como Texto (Apêndice C) todo aquele material coletado na mídia e que tanto as imagens quanto a mensagem escrita foram analisadas. E, nomeio como Figura (Apêndice D) o material em que o registro imagético foi o enfoque da análise.

examinados os conceitos de patrimônio cultural e de patrimonialização (MÁRIO CHAGAS, 2005 e 2009), a concepção de experiência aurática e de espaços indutores de sonhos (WALTER BENJAMIN, 1994, 1995 e 2007) e a relação simbólica entre memória e mitologia (JEAN PIERRE VERNANT, 1973 e 2000). No Capítulo 3, a ideia de Museu Imaginário (ANDRÉ MALRAUX, 2011) permeia todo o texto e serve de estopo para a análise das entrevistas, dos discursos midiáticos e dos textos poético-sonoros e artísticos selecionados sobre o Maracanã.

1. DA MEMÓRIA SOCIAL E DOS LUGARES CONSAGRADOS

O espaço é o maior meio de inscrição das oscilações mais lentas que a história conhece. (RICOEUR, 2007, p. 162).

Este capítulo fomenta algumas reflexões sobre o conceito de lugar de memória e as dimensões não palpáveis que constituem solo fértil para o seu entendimento. As concepções de espacialidade e de temporalidade entendidas como ingredientes fundamentais no processo de construção da memória social têm significativo valor no contexto social das sociedades hodiernas.

A construção do Estádio do Maracanã, as razões e as consequências desta construção, a sua inauguração, a Copa do Mundo de 1950, a emblemática partida final desta competição, as diferentes perspectivas de atuação do Estádio do Maracanã naquele lugar e bairro em que foi construído são assuntos trabalhados no decorrer deste capítulo.

Todos, estes, importantes aspectos que ajudam a construir o cenário e o contexto sócio-político para um profícuo debate sobre o objeto de estudo desta pesquisa no campo da memória social.

1.1 Espaço e tempo: Dimensões intangíveis de um estádio de futebol

Pensar em memória social é pensar na estreita relação entre o espaço e o tempo. Se entendermos que memórias tanto individuais como coletivas, se constituem sobretudo da dinâmica entre estas duas dimensões, há que se perceber a importância de percorrer a profícua literatura acerca destes temas para a construção de um texto sobre memória social.

Certos autores se debruçaram em teorias na tentativa de compreender e explicar o processo de memória social a partir deste fenômeno relacional da temporalidade e da espacialidade. Ao entrarmos em contato com os escritos de Paul Ricoeur tal relação torna-se ainda mais evidente, porém, também, mais complexa e imbricada devido a outros aspectos não perceptíveis a priori.

A idéia dominante é a de marcas exteriores adotadas como apoios e escalas para o trabalho da memória. A fim de preservar a amplitude da noção de inscrição, serão consideradas inicialmente as condições formais da inscrição, a saber, as mutações que afetam a espacialidade e a temporalidade próprias da memória viva, tanto coletiva como privada. (RICOEUR, 2007, p. 156).

O emprego de marcas e sinais concretos e de sustentáculos tangíveis é uma concepção que prevalece no discurso do senso comum sobre o trabalho da memória. O discernimento de que tais traços palpáveis estão intrinsecamente relacionados às noções de espaço e de tempo nos conduz à percepção, a priori, do quão paradoxal pode parecer o vínculo entre a memória e os lugares de memória. Ilusão que se desvanece ao olhar mais atilado que se dê à dinamicidade e à fluidez destes conceitos.

Na intenção de iluminar o conceito de lugar de memória, pretendo traçar algumas linhas acerca das noções de espacialidade e de temporalidade, a partir de dois outros autores Pierre Nora e Andreas Huyssen, com diferentes perspectivas, relacionando-os com os lugares consagrados. Por seu uso indiscriminado e muitas vezes pouco fundamentado ou sem os critérios inicialmente elaborados por Nora, o conceito de lugar de memória tem sido aplicado, na atualidade, de maneira pouco contextualizada, desconexa ou mesmo deturpada, nas mais distintas situações e locais.

Da segunda metade do século XX em diante, vimos acontecer alterações⁹ socioculturais e políticas que transformaram definitivamente a realidade mundial. Estas mudanças decorreram, sobretudo, de uma visão de mundo que não compactuava com o que tinha sido posto até então. O processo de globalização, que teve sua gênese nos processos anteriores de mercantilização e industrialização, ganha vulto e dimensões inimaginadas, que por sua vez, repercutem de maneira diferenciada nos diversos setores da vida humana. Repercussões tais como o novo olhar a respeito da identidade, que alguns autores designam como uma fragmentação das identidades sociais¹⁰, a ressignificação ou a crise de identidade do homem contemporâneo.

A percepção do espaço e do tempo também mostra alterações significativas e é foco de estudo de diversos pensadores, como Hall (2005), Canclini (2006), Boaventura Santos (1995 e 2011), Bauman (1998 e 2000). Com o término da Guerra Fria, as guerras políticas, territoriais e mesmo religiosas que se sucederam alteraram o espaço e fronteiras territoriais das nações. A Europa, após o fim da União Soviética, teve seu recorte geográfico-político

⁹ Para maior aprofundamento destas questões, buscar os estudos de Néstor Garcia Canclini (2006), Renato Ortiz (2006) e Boaventura de Sousa Santos (2011).

¹⁰ Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na Pós-modernidade* (2005), levanta uma série de questionamentos a respeito da existência de uma crise da identidade amplamente discutida na teoria social.

amplamente modificado, com o surgimento de novos países. Os países de menor força econômica e política sentiam a necessidade de maior representatividade política.

Em paralelo, os grupos sociais não hegemônicos também manifestavam uma inquietação e uma vontade de terem voz e escuta local e internacional. Novos movimentos sociais emergentes a partir da década de sessenta do século XX, como o movimento feminista (HALL, 2005, p.44) e os movimentos estudantis; movimentos sociais associados aos que não se sentiam atendidos em suas questões e contestavam um lugar social diferente do que vinham ocupando por anos.

Simultaneamente, as nações e o Estado no vislumbre da perda de seus *status* legitimado iniciam um processo de enaltecimento de sua história oficial. A necessidade de lembrar os grandes fatos e heróis nacionais marca este período, no qual os símbolos nacionais, como a bandeira, o hino, a língua oficial são iluminados e ganham fôlego.

E, é neste ambiente que o conceito de *lugar de memória* emerge. Pierre Nora, historiador francês, graduado em filosofia e editor da Gallimard, escreve, na intenção de inventariar os lugares e os objetos que encarnariam a memória nacional francesa, um compêndio de três volumes intitulados: A República (1984), A Nação (1987) e Os Franceses (1992).

Ele levanta uma série de diferenças entre o que seria a História e a Memória, e afirma que não há mais memória e sim história. Para este autor, as pessoas e as nações sentiam tal necessidade de coletar e guardar objetos concretos de suas lembranças, pois estes seriam os suportes de suas memórias. Assim os lugares de memória nasceriam e viveriam do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos, de que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não seriam naturais (NORA, 1993, p.13).

O autor ressalta que não existe mais memória, que esta só é revivida e ritualizada como instrumento de identificação das pessoas e da sociedade que utilizam a história para escolher locais seguros e concretos que os auxiliam a pensar que são feitos somente de lembranças: "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora" (1993, p.12).

A história, então, se apresentaria, onde não há mais as *sociedades-memória*, com a manifestação da tradição se dando no presente vivido. Na medida em que a tradição é

suplantada pela modernização, a humanidade se utilizaria dos *lugares de memória*, considerados com espaços de refúgio da memória nos quais ela se cristaliza, como os arquivos, os museus, as bibliotecas, as galerias de arte, com a justificativa de que “há locais de memória porque não há mais meios de memória.” (NORA, 1993, p.3).

Com a intenção de sanar esta perda da memória, Nora esclarece que se não há uma memória espontânea e verdadeira, há, no entanto, a possibilidade de se acessar a uma memória reconstituída que nos dê o sentido necessário de identidade.

A institucionalização dos lugares de memória é, portanto, um marco de transição entre dois eixos que se entrecruzam: de um lado, uma transformação em termos de reflexão por parte da História e de outro, o fim de uma tradição de memória. Em suas dimensões concretas, tais lugares remetem a museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, entre outros signos de rememoração. É preciso criar marcos para ancorar essa memória.

Em contraponto às idéias de Nora, nesta pesquisa, apresento Andreas Huyssen, teórico que discute o valor político da memória nas sociedades hodiernas. O autor ressalta que antigas abordagens sociológicas da memória coletiva, como as de Maurice Halbwachs, mostram-se pouco cabíveis na contemporaneidade, tanto para compreender a atual dinâmica da temporalidade e da mídia, como para reflexão crítica acerca das questões relativas à memória, ao esquecimento e ao tempo vivido, visto que as memórias políticas de grupos sociais e étnicos estão cada vez mais fragmentadas. O que levaria ao questionamento da possibilidade da “existência de formas de memória consensual coletiva e, em caso negativo, se e de que forma a coesão social e cultural pode ser garantida sem ela” (HUYSSSEN, 2000, p. 19).

Huyssen nomeia de o *Boom da memória*, o movimento da atualidade de garimpar e recuperar memórias numa significativa tentativa da humanidade de, se é que possível, recuperar ou ressignificar suas identidades. E, o relaciona às mudanças da modernidade e da contemporaneidade, que se obriga a compensar o ritmo acelerado das informações, de resistir à dissolução do tempo, de descobrir outras formas de contemplação, para além da informação rápida e efêmera com o intuito de afirmação de territórios em um mundo fragmentado.

O autor esclarece o papel da mídia nesta inflação de memória no mundo contemporâneo e analisa o avanço crescente das novas tecnologias de mídia, destacando que a atual obsessão pela memória é parceira do medo do esquecimento. Tem-se, então, a impressão que quanto maior o armazenamento de memória em bancos de dados e acervos de

imagens, menor seria a possibilidade da cultura atuar na rememoração ativa (rememoração produtiva), emergindo uma amnésia cultural.

Esta amnésia cultural advém da rapidez das inovações tecnológicas, científicas e culturais voltadas para uma sociedade consumista e acarretaria uma obsolescência de estilos de vida, alterando assim a duração temporal do presente e, de maneira paradoxal, trazendo um fascínio pela memória e pelo passado.

Interessante notar que Huyssen, diferentemente de Nora, percebe este fenômeno como uma tentativa de reduzir a velocidade da vida contemporânea ao contrabalançar a amnésia gerada pelo imediatismo e por políticas de curto prazo e não somente como algo destrutivo. Ele acredita que as pessoas e as sociedades necessitam do passado para a construção de suas identidades e para que possam vislumbrar o futuro.

Paradoxalmente, não será o caso de notar que toda memória inevitavelmente depende de distanciamento e esquecimento, justo as duas coisas que vêm minar a sua pretensão de estabilidade e credibilidade, e que são ao mesmo tempo essenciais para a própria vitalidade da memória? [...] Não seria uma força constitutiva da memória o fato de ela poder ser contestada a partir de novas perspectivas e evidências, ou a partir dos próprios espaços que ela bloqueou? Dado o diálogo seletivo e em permanente mudança entre o presente e o passado, acabamos por reconhecer que a nossa vontade presente tem um impacto inevitável sobre o que e como lembramos. [...] É importante compreender esse processo, em vez de lamentá-lo, na crença equivocada de que seria possível uma memória fundamentalmente pura, completa e transcendente. (HUYSSSEN, 2000, p.68/69).

Huyssen evidencia a importância da relação dialética dos atos de lembrar e de esquecer para o trabalho da memória, pois seria este processo vivo e mutante que tornaria possível a rememoração do passado, a análise do presente e a conjectura de factíveis futuros. O salto qualitativo é depreender que este estado dinâmico da memória não é nocivo e inversamente é o catalisador de uma rememoração produtiva.

Se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e rememoração produtiva e, ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com esse objetivo (HUYSSSEN, 2000, p. 37).

Ele procura valorizar que as mudanças que ocorrem no presente nos oferecem uma possibilidade construtiva e também condena o medo do esquecimento, como se este fosse um mal da cultura da qual é preciso, através de uma exacerbação da memória, encontrar a solução. Entende o esquecimento como algo produtivo, já que ao distinguir os passados

usáveis dos dispensáveis, se está escolhendo quais passados devem ser mantidos e quais podem ser esquecidos.

O autor não apresenta em nenhum momento uma posição nostálgica, justamente o que critica em Pierre Nora que, ao propor a noção de *lugares de memória*, estaria lamentando a perda dos meios de memória, a perda de um passado vivido.

Para Nora, haveria no passado uma memória verdadeira que se extravaiava com o tempo. E, por conseguinte, se constroem no presente lugares de memória, funcionando como compensação por tal perda. Huyssen critica essa crença numa memória extravaiada e na possibilidade de recordação total: “A memória é sempre transitória, notoriamente não é confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” (2000, p. 37).

Para Huyssen, é preciso abandonar o discurso conservador da perda e aceitar o deslocamento fundamental nas estruturas de sentimento, experiência e percepção que caracterizam o nosso presente. É necessário lembrar que, na contemporaneidade, a própria memória se espetaculariza e se torna objeto da sociedade de consumo.

A relação espacialidade e temporalidade vêm sendo estudada por certos pensadores e na contemporaneidade esta relação tem sofrido importantes alterações.

A guisa de melhor aprofundar este debate de pensamentos sobre a relação memória, temporalidade e espacialidade retorno às idéias de Paul Ricouer sobre a noção de lugar de memória.

Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a noção ulterior dessa expressão. (RICOUER, 2007, p.157).

Como aponta Ricouer, as experiências vividas que acontecem em lugares dedicados a comemorações se constituem em memória compartilhada e em memória coletiva e possibilitam a configuração da ideia de um lugar de memória.

Há uma relação implícita entre os lugares consagrados e a dinâmica do lembrar e do esquecer. Se por um lado há a construção, o projeto arquitetônico maciço, construído com material concreto, forte, grandioso, feito para durar, de outro, há as manifestações e rituais que são fluídos, imponderáveis, efêmeros e se contrapõem a existência tão peregrina da construção que os abriga. Assim, a conexão íntima e relacional das lembranças e do

esquecimento pode se revelar na relação entre a edificação e/ou lugar concreto e a própria manifestação que lá acontece.

Enquanto um empreende um esforço material e visível na tentativa de se fazer lembrar, o outro é da natureza do esquecer. Uma das razões da existência de um local consagrado é exatamente de se instaurar como um espaço de rememoração, de guardar lembranças e, sobretudo, participar, de maneira objetiva e concreta, do processo de construção de memórias.

Ricoeur realiza um requintado e minucioso estudo acerca do diálogo entre temporalidade e espacialidade, e relaciona o espaço vivido com o tempo vivido.

A dialética do espaço vivido, do espaço geométrico e do espaço habitado, corresponde uma dialética semelhante ao tempo vivido, do tempo cósmico e do tempo histórico. Ao momento crítico da localização na ordem do espaço correspondente o da datação na ordem do tempo. (RICOEUR, 2007, p. 162).

Assim, podemos depreender que locais consagrados, como o objeto de estudo desta pesquisa, podem ser entendidos como marcas das experiências vividas, individual e coletivamente, que se perpetuam no tempo e nas temporalidades, no espaço e nas espacialidades.

Os lugares de memória são compostos de sentidos que ampliam os seus significados e sua existência. Nora afirma que um mesmo lugar pode ser “material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos (1993, p.21)”. Neste caso, o Estádio do Maracanã será da natureza do simbólico, se existir sobre ele uma aura imaginária, algo que crie da sua materialidade, um significado, um ritual que cerque a sua existência. Sabe-se que as partidas de futebol têm uma ritualística (Figura 4) que envolve o antes, o durante e o depois do ato de jogar em si ou de assistir ao jogo.



Figura 4: Imagem da torcida na final da Taça Guanabara, entre Botafogo e Vasco, em 21 de fevereiro de 2010. Crédito: Edmar Moreira.

Será funcional por seu papel no espetáculo esportivo a que se destina, ou seja, como um estádio de futebol que, regularmente, cumpre sua incumbência de abrigar partidas e campeonatos do esporte, de modo a perpetuar a sua marca de funcionalidade. E será material, por ser uma construção arquitetônica, um prédio concreto, uma edificação instalada no espaço urbano para acolher um evento esportivo. Os três aspectos que caracterizam os lugares de memória coexistem:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p.22).

Pierre Nora entende a necessidade de vontade de memória e a intencionalidade como importantes fundamentos para a criação de um lugar de memória. E, tece considerações a respeito das razões de sua existência e perpetuação na sociedade, a partir da intervenção do tempo, da lembrança e do esquecimento.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido

no mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. Parar o tempo, impedir o esquecimento, manter viva a memória do lugar, de uma prática, enfim, mesmo que aquele lugar não mais exista, torná-lo um lugar de memória é não permitir que ele efetivamente seja apagado da lembrança. (NORA, 1993, p.23).

A pluralidade dos lugares de memória permite uma amplitude de compreensões e, conseqüentemente, uma diversidade de lugares. Esses lugares não são, em exclusivo, aqueles dos grandes monumentos institucionalizados pela história oficial, que guardam ou tentam guardar uma memória nacional, podem ser também aqueles lugares, pessoas ou afazeres que, na tentativa de parar ou guardar o tempo, se constituíram como guardiões de memórias locais, da memória de uma comunidade local ou de uma prática cultural.

Outrossim a conjectura de Pierre Nora de que não haveriam mais “meios de memória” (NORA, 1993, p.3) não coaduna com nosso objeto de estudo, na medida em que as partidas de futebol, os eventos esportivos e os campeonatos sediados no Estádio do Maracanã se estabelecem de maneira múltipla como meios memoriais que ocorrem dinâmica e periodicamente ressignificando o lugar, o espaço, o estádio.

Seguindo as reflexões de Hussein sobre as sociedades de consumo contemporâneas onde até a memória torna-se um espetáculo, podemos inferir que os estádios de futebol e os complexos esportivos se constituem em espaços nos quais o esporte também se especulariza¹¹, ganha visibilidade e proporções desmesuradas através de megaeventos e da mídia e, assim, o futebol passa a ser assimilado como um bem de consumo, uma mercadoria. No entanto, Hussein acredita na importância da aceitação e assimilação profícua dos novos arranjos das sensações, percepções e vivências humanas em relação às alterações conjunturais do mundo hodierno.

¹¹ Guy Debord traça uma análise crítica sobre a sociedade de consumo e o lugar da mídia no que designa de ‘a sociedade do espetáculo’: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. [...] Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. [...] O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta de alienação” (1997, p.14). O autor descreve o movimento hodierno de especularização e de mercantilização das artes e da cultura: “O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem” (p.28) e “A cultura tornada integralmente mercadoria deve também se tornar a mercadoria vedete da sociedade espetacular” (p.126). Tal fenômeno também se manifesta na seara dos esportes, em especial naqueles que mobilizam um grande número expectadores com uma frequência quase que cotidiana. (DEBORD, 1997).

No caso do nosso objeto de estudo, sua aptidão para ser um lugar consagrado que, dialeticamente transita entre diferentes dimensões, do concreto e material ao intangível e etéreo, nos possibilita pensá-lo como um local propulsor de rememoração produtiva integrante do processo de construção de memórias. Entendemos que o Estádio do Maracanã, se configura num lugar de memória, pois, para além do quesito concretude, é marcado pelo traço do simbólico, do intangível, das experiências vividas e transmitidas de geração a geração.

1.2 De Estádio Municipal do Rio de Janeiro a Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho

O Estádio de Futebol Jornalista Mario Filho, conhecido como Estádio do Maracanã ou simplesmente - Maracanã, desde sua inauguração em 16 de junho de 1950, foi palco de memoráveis jogos de futebol e de variados espetáculos culturais, artísticos e religiosos. Shows como os de Frank Sinatra e de Paul McCartney - cuja presença de público foi superior a 180 mil pessoas e está registrada no Guinness Book, o Rock in Rio II e o Encontro com as Famílias, realizado durante a última visita do Papa João Paulo II pelo Brasil, aconteceram neste estádio¹².

Atualmente não é mais o maior estádio do mundo¹³, porém continua com grande notoriedade nacional e internacional, pois além de abrigar as mais expressivas partidas de campeonatos regionais e brasileiros, já sediou a final de uma Copa do Mundo e as cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos Pan-Americanos de 2007.

Grande parte dos jogos¹⁴ da seleção brasileira do 4º Mundial de futebol, no mês de julho de 1950, aconteceu neste estádio. E, bem significativo é que tal fato voltará a acontecer em 2014, já que o Brasil sediará a Copa do Mundo e a partida final será realizada neste

¹² Na sua primeira vinda ao Brasil, Paul McCartney se apresentou no Estádio do Maracanã nos dias 20 e 21 de abril de 1990, sendo que a segunda noite teve um público aproximado de 185 mil pessoas, e é considerado pelo Guinness Book o show de maior público pagante para um único artista em todo o mundo. Disponível em: <http://www.guinnessworldrecords.com/>. Acesso em: 20/08/2012, às 20h00.

¹³ Segundo o site World Stadium, o Maracanã passou a ser o 25º estádio do mundo em tamanho. Disponível em: <http://www.worldstadiums.com/>. Acesso em: 19/09/2012, às 21h00.

¹⁴ Foram seis os jogos da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1950, e destes, apenas o segundo jogo, na fase inicial, contra a Suíça, aconteceu no Estádio do Pacaembú, em São Paulo, terminando em empate de 2 x 2, em 28/06. Os demais foram disputados no Estádio do Maracanã: Brasil 4 x 0 México (24/06), Brasil 2 x 0 Iugoslávia (01/07), Brasil 7 x 1 Suécia (09/07), Brasil 6 x 1 Espanha (13/07) e Brasil 1 x 2 Uruguai (16/07).

estádio. Assim, ele será juntamente com o Estádio Azteca, na cidade do México, México, os únicos estádios a sediarem duas vezes uma partida final de Copas do Mundo.

No âmbito esportivo, o Maracanã é cultuado como o templo do futebol, lugar sagrado onde aconteceram partidas inesquecíveis como a do milésimo gol do jogador Pelé, finais de Campeonato Carioca, de Campeonato Estadual, de Copa Brasil, de Taça Libertadores, dos Jogos Pan Americanos e da Copa do Mundo. Bem mais que um estádio de futebol, o Maracanã tornou-se, com o passar dos anos, um dos símbolos do Rio de Janeiro, o cartão postal da zona norte carioca, constando no roteiro turístico oficial da cidade.

Sua construção teve início em 02 de agosto de 1948, com o propósito de sediar a Copa do Mundo de 1950.

Foi nomeado, inicialmente, de Estádio Nacional, visto que o Rio de Janeiro era, na época, Distrito Federal. Tal constatação pode ser averiguada em matérias e reportagens de jornais¹⁵ do ano de 1945 (Textos 2, 3 e 4), que noticiam o plano original e a comissão organizada pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra para conceber o estádio na localização em que foi realmente construído e inaugurado cinco anos depois. Contudo não encontrei qualquer alusão a esta designação de Estádio Nacional em nenhum dos livros ou textos acadêmicos utilizados nesta pesquisa.



Texto 2: A Manhã, 11 de setembro de 1945.

¹⁵ A Gazeta de Notícias, de 12 de agosto de 1945 destaca: *Uma verdadeira cidade olímpica*. O jornal A Manhã de 11 de setembro de 1945 e de 20 de setembro do mesmo ano traziam a notícia audiência do então prefeito Henrique de Toledo Dodsworth com o Presidente da República Gaspar Dutra para expor os planos de construção do estádio Municipal.

Director — HEITOR MONIZ

Gerente — OCTAVIO LIMA

O IMPORTANTE DISCURSO DO MINISTRO SOUZA COSTA EM PORTO ALEGRE ESCLARECE O TITULAR DA FAZENDA RELEVANTES ASPECTOS DA ATUALIDADE FINANCEIRA DO PAIS

PORTO ALEGRE, 19 (A. N.) — Agradecendo as homenagens que lhe foram prestadas pelo Sindicato dos Bancos Riograndenses do Sul, com o discurso de abertura das atividades econômicas, o Sr. ministro Souza Costa pronunciou o seguinte discurso...

Em suas palavras, o Sr. ministro afirmou que a situação financeira do Brasil encontra-se em fase de transição, com o governo trabalhando para superar as dificuldades atuais e preparar o terreno para um desenvolvimento econômico sustentável...

O MOMENTO POLITICO SAO PAULO PREPARA EXCEPCIONAIS HOMENAGENS AO GENERAL EURICO DUTRA, NO DIA 25 DO CORRENTE

Constituiu-se uma comissão de recepção ao general Eurico Dutra, em São Paulo, sob a presidência de Sr. Mario Travenço, vice-presidente em exercício da presidência do Conselho Democrático...

A "BOMBA ATOMICA" DO SENHOR OSWALDO ARANHA Não teve a repercussão que se esperava e Sr. Oswaldo Aranha, a "bomba atômica" que o governo tentava detonar...



Ministro Souza Costa

Ministro Souza Costa situação de guerra não admissível apesar de profunda em toda a ordem econômica. A situação atual do Brasil é extremamente grave...

Recebidos pelo ministro da Justiça O ministro Agamenon Magalhães recebeu, ontem, em seu gabinete, o general Eurico Gaspar Dutra, candidato do P.S.U. a governador de São Paulo...

O gen. Eurico Dutra com o gen. Góis Monteiro O general Eurico Dutra esteve ontem, pela manhã, em longa conferência com o general Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior...

Regresso de São Paulo ao sr. Rui de Almeida O sr. Rui de Almeida regressou de São Paulo, onde esteve durante alguns dias, com uma bagagem de novos interesses...

Constituiu-se a comissão de recepção ao general Eurico Dutra, em São Paulo, sob a presidência de Sr. Mario Travenço...

O gen. Eurico Dutra com o gen. Góis Monteiro O general Eurico Dutra esteve ontem, pela manhã, em longa conferência com o general Góis Monteiro...

Recebidos pelo ministro da Justiça O ministro Agamenon Magalhães recebeu, ontem, em seu gabinete, o general Eurico Gaspar Dutra...

O gen. Eurico Dutra com o gen. Góis Monteiro O general Eurico Dutra esteve ontem, pela manhã, em longa conferência com o general Góis Monteiro...

Regresso de São Paulo ao sr. Rui de Almeida O sr. Rui de Almeida regressou de São Paulo, onde esteve durante alguns dias...

Constituiu-se a comissão de recepção ao general Eurico Dutra, em São Paulo, sob a presidência de Sr. Mario Travenço...

O gen. Eurico Dutra com o gen. Góis Monteiro O general Eurico Dutra esteve ontem, pela manhã, em longa conferência com o general Góis Monteiro...

Recebidos pelo ministro da Justiça O ministro Agamenon Magalhães recebeu, ontem, em seu gabinete, o general Eurico Gaspar Dutra...

O gen. Eurico Dutra com o gen. Góis Monteiro O general Eurico Dutra esteve ontem, pela manhã, em longa conferência com o general Góis Monteiro...

Regresso de São Paulo ao sr. Rui de Almeida O sr. Rui de Almeida regressou de São Paulo, onde esteve durante alguns dias...

Vão ser reeditados os textos fundamentais da História da Educação Nacional

Em nome da História da Educação Nacional, o Sr. ministro Souza Costa anunciou a reedição dos textos fundamentais da obra...

PLANO DE PUBLICAÇÃO DE TEXTOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NACIONAL O Sr. ministro Souza Costa anunciou...

COM O PRESIDENTE DA REPUBLICA A COMISSÃO DO ESTADIO MUNICIPAL

O Sr. presidente da República viajou para São Paulo acompanhado pela Comissão do Estádio Municipal...

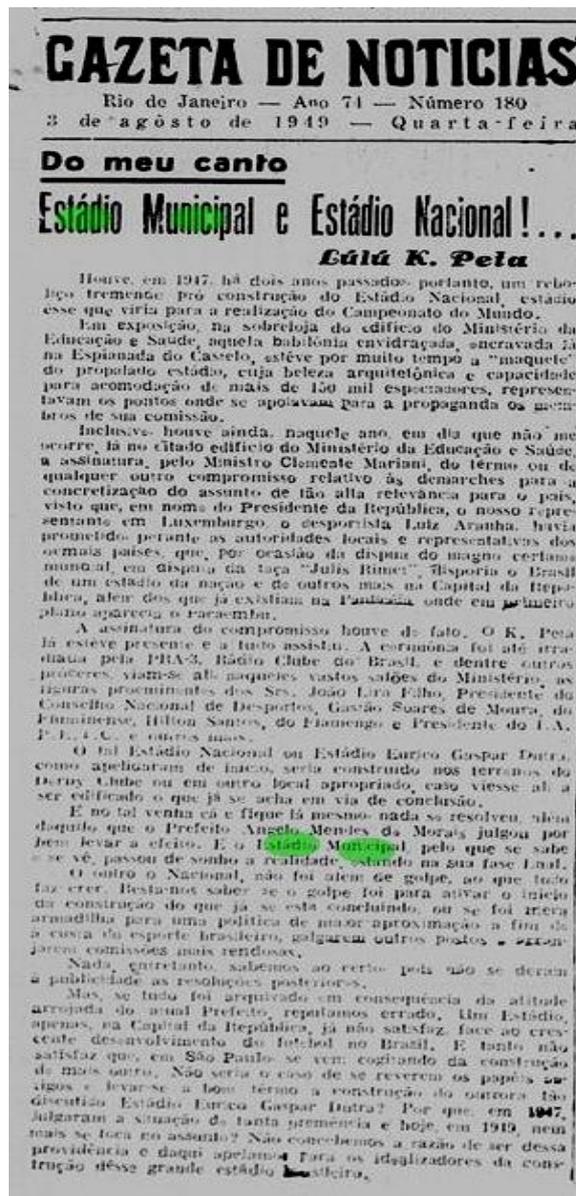
COM O PRESIDENTE DA REPUBLICA A COMISSÃO DO ESTADIO MUNICIPAL O Sr. presidente da República viajou para São Paulo...

Texto 4: A Manhã, 20 de setembro de 1945, publica a fotografia do Presidente da Cidade Gaspar Dutra junto com o então prefeito Henrique de Toledo Dodsworth numa audiência para expor os planos de construção do Estádio Municipal.

Os primeiros apontamentos que encontrei sobre a sua nomenclatura oficial o anunciam como Estádio Nacional, Estádio do Distrito Federal ou até Cidade Olímpica (Texto 5) Curiosamente, a partir do início de sua construção, os jornais pesquisados o nomeiam como Estádio Municipal e anunciam o na época prefeito da cidade, General Ângelo Mendes de Moraes, como o fomentador de toda empreitada.

enaltece o prefeito pela efetiva e concreta conclusão de um empreendimento inicialmente proposto, porém não posto adiante, pelo Presidente da República Gaspar Dutra. O texto diz:

O tal Estádio Nacional ou Estádio Eurico Gaspar Dutra como apelidaram de início, seria construído nos terrenos do Derby Clube ou em outro local apropriado, caso viesse ali a ser edificado, o que já se acha em via de conclusão. E no tal venha cá e fique lá mesmo nada se resolveu além daquilo que o Prefeito Ângelo Mendes de Moraes julgou por bem levar a efeito. E o Estádio Municipal pelo que se sabe e se vê, passou de sonho a realidade, estando na sua fase final. O outro o Nacional, não foi além de golpe, ao que tudo faz crer.



Texto 6: Gazeta de Notícias, de 03 de agosto de 1949.

Em 1950, o Estádio Municipal deslumbrou o mundo por sua originalidade, sua forma plástica e extrema funcionalidade. Ele viria a ser, por muitos anos, o maior estádio de futebol

do mundo. Mais tarde, na década de sessenta¹⁶, foi rebatizado de Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho¹⁷, numa homenagem póstuma ao renomado jornalista e um dos precursores do Jornal dos Sports, por seu incentivo à construção do estádio.

Em virtude da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo de futebol não era disputada desde 1938 e as competições previstas para 1942 e 1946 foram canceladas. Com o término da Guerra, a Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) começou a planejar a próxima copa, porém nenhum país europeu se interessou em sediar tal evento. Uma vez que, no pós-guerra, a maior parte daquele continente estava em ruínas, muitos governos acreditavam que o cenário mundial não favorecia a uma celebração esportiva e, também, era mais importante que os recursos financeiros fossem voltados para áreas fundamentais e emergenciais e não investidos numa Copa do Mundo.

O autor Teixeira Heizer contextualiza, sócio e historicamente, o processo de escolha da sede da quarta Copa do Mundo de futebol.

Se os bombardeios haviam cessado, a guerra ideológica ganhava contornos extremamente definidos – fixando, de um lado, os estados ditos democráticos e, de outro, os rotulados de socialistas. O mundo nunca mais seria o mesmo e, até no futebol, as consequências se manifestariam de modo acentuado. [...] As competições programadas para 1942 e 1946 foram apenas um buraco escuro na sequência cronológica dos Mundiais de Futebol. Agora, em 1950, eis o Brasil – diante dos incrédulos europeus – patrocinando o torneio, após missões de convencimento, durante o congresso da FIFA, realizado em Londres, em 1948, paralelamente às Olimpíadas (HEIZER, 2001, p.29).

A falta de interesse da comunidade internacional poderia provocar a extinção da competição, até que o Brasil apresentou uma proposta ao Congresso da FIFA de 1946,

¹⁶ Ver, nas referências: PINA, Sandra. *E assim surgiu o Maracanã*. São Paulo: Editora DCL, 2006. E Bernardo Buarque de Hollanda, em seu livro *O clube como vontade e representação* (2009), comenta a iniciativa de se homenagear o jornalista esportivo com a troca do nome do estádio: “A sugestão do radialista Valdir Amaral e do cronista Nelson Rodrigues, seu irmão mais novo, enviada à Câmara de Vereadores da cidade, culminou em 1968 com a mudança no nome do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, para Estádio Mário Filho, praça desportiva que ele tanto se empenhara em construir ao longo dos anos 40” (2009, p.163). Segundo José Carlos Marques, o Maracanã foi rebatizado com o nome do jornalista em 1968, após sua morte, numa homenagem ao seu persistente auxílio na construção naquele bairro do estádio para Copa do Mundo de 1950. MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ, 2012.

¹⁷ Mário Filho nasceu em 03 de junho de 1908, no Recife/PE. Transferiu-se para o Rio de Janeiro ainda criança, em 1916. Teve profícua carreira jornalística em diversos jornais: A Manhã, A Crítica, O Globo, fundou o primeiro jornal inteiramente dedicado ao esporte, O Mundo Sportivo. Em 1936, comprou o Jornal dos Sports, no qual em suas crônicas diárias, incentivou a construção do Estádio do Maracanã. É reconhecido pela inovação na imprensa esportiva, com o uso de fotografias e de uma linguagem que se aproximava com a dos folhetins. Autor de diversos livros, nos quais, em sua maioria o protagonista era o futebol: Copa Rio Branco (1932), Histórias do Flamengo (1934), O Negro no Futebol Brasileiro (1947), Romance do Football (1949), Copa do Mundo de 62 (1962), Viagem em Torno de Pelé (1964). Faleceu em 17 de setembro de 1966, aos 58 anos. Trecho adaptado da cronologia feita pelo jornalista Mario Neto, em parte anexa ao livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, Editora Mauad, 2010.

oferecendo-se como sede do evento, desde que fosse realizada em 1950. Brasil e Alemanha eram os principais candidatos à cancelada Copa do Mundo de 1942 e já que os torneios de 1934 e 1938 foram sediados na Europa, seria provável que o próximo evento acontecesse num país sul-americano.

Assim, a nova proposta brasileira, muito semelhante a de 1942, foi aceita e a disputa da IV Copa aconteceu no Brasil, fora do continente europeu, ainda em reconstrução e contou com a participação de 13 países. As partidas ocorreram em seis diferentes cidades brasileiras: Belo Horizonte, no Estádio Raimundo Sampaio, Curitiba, no Estádio Durival Britto e Silva, Porto Alegre, no Estádio dos Eucaliptos, Recife, no Estádio da Ilha do Retiro, São Paulo, no Estádio do Pacaembu e Rio de Janeiro, no estádio construído para celebrar, com magnificência, a competição, o Estádio Municipal do Rio de Janeiro.¹⁸

Em 16 de julho de 1950, diante de um público de, aproximadamente, duzentos mil espectadores, aconteceu a partida final desta competição, o Brasil precisava apenas empatar com o Uruguai para conquistar o primeiro lugar no pódio. Após vitórias arrasadoras contra Espanha e Suécia, parecia inequívoco que a seleção brasileira fosse ganhar o título, entretanto a equipe uruguaia venceu a partida e se tornou campeã mundial pela segunda vez.

O silêncio pairou no Maracanã às 16 horas e 50 minutos do dia 16 de julho, quando os quase 200 mil torcedores, inconsoláveis, demoraram mais de meia hora para deixar o estádio. Esta partida final, com placar inesperado, ficou conhecida como Maracanazo, palavra derivada de uma expressão latina usada pelos adversários para provocar os brasileiros.¹⁹

Apesar da frustração pela derrota no jogo final, o Brasil, em 1950, organizou um mundial inesquecível e com um público recorde que só foi superado décadas depois.

1.3 O Estádio de Futebol que abriga²⁰ o bairro

O bairro do Maracanã só recebeu, oficialmente, a nomenclatura de bairro após a construção do estádio. Anteriormente, aquela localidade era conhecida como Maracanã²¹ por

¹⁸ Ver, nas referências: HEIZER, Teixeira. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 30/31.

¹⁹ “No futebol, bem pequeno, experimentei a dor brasileira com a derrota da final da Copa do Mundo de 1950. Gardel e Le Pera não construíram tangaço de igual dramaticidade. Até o título, zombeteiramente criado pelos vencedores, Maracanazo, mexeu com a alma da gente do Rio de Janeiro” (Texto de Manolo Epelbaum, em HEIZER, Teixeira. *Maracanazo: 16 de julho de 1950 - tragédias e epopéias de um estádio com alma*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p.123).

²⁰ Utilizo o termo ‘abriga’ no sentido poético. A expressividade que o estádio tem para o bairro e para os moradores vizinhos torna-o a referência geográfica e um marco na vida cotidiana da região.

ser rota de deságue²² dos rios Maracanã, Joana, Comprido e Trapicheiros, porém fazia parte do bairro da Tijuca.

O nome Maracanã mereceu uma investigação minuciosa diante da minha vontade de entender melhor as razões que fizeram aquele estádio receber este apelido e assim ser nomeado a partir de então. Difícil diagnosticar o momento exato em que ele começa a ser referido pelo apelido e não pelos nomes oficiais das diferentes épocas.

Maracanã, de acordo com os dicionários e os vocabulários do conjunto de línguas Tupi-Guarani, tem significados variados.

Em geral listado na parte de topônimos brasileiros de origem Tupi, ou seja, os significados dos nomes geográficos e de regiões, pois além de nomear nosso estádio de futebol, segundo o Vocabulário Tupi-Guarani-Português, de Francisco da Silveira Bueno (1987, p.569), Maracanã também é o nome de um povoado do Estado de São Paulo, de outro do Estado de Minas Gerais e de uma ilha no Estado do Pará.

Entretanto, os significados reincidentes são os que fazem alusão à Maracá como o chocalho, feito de cabaça cheia de pedrinhas, que era usado para acompanhar os cantos rituais (TIBIRIÇÁ, 1985, p.179) e ao Marakanã ou Maracanã como pássaro psitaciforme, de plumagem verde-azulada, fronte escarlate (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p.102), ave da família dos psitacédeos, pouco maior que o periquito verde (TIBIRIÇÁ, 1985, p.179).

Para além da nomenclatura há muito de simbólico o local em que foi construído o Estádio do Maracanã. O terreno pertenceu, na primeira metade do século XIX, a um dos quatro hipódromos da cidade do Rio de Janeiro, o Derby Clube (Figura 5).

²¹ Maracanã é etimologicamente de origem Tupi-Guarani (maraka'nã). É o nome de uma ave da mesma família dos papagaios e das araras (psitaciformes), mas de tamanho menor, advindos da região norte do país que, posteriormente, veio a dar nome ao rio que atravessa a região da Grande Tijuca. Há outras propostas quanto a seu significado: 'semelhante a um chocalho' e 'ave solene'. Ver: Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural. Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultural, vol.16; e FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

²² Ver: Cambra e Coelho Netto. A cidade do Rio de Janeiro e as chuvas de março/93: (des)organização urbana e inundações. In: *Anuário do Instituto de Geociências*, volume 20, 1997, p. 55-74.



Figura 5: Vista aérea do terreno do Derby Clube. Fotografia publicada em O Globo, 30/11/2012, p.10.

No entanto, o registro, para o Estado do Rio de Janeiro, do Estádio do Maracanã no cartório para o Registro Geral de Imóveis (RGI) só aconteceu em março de 2011, em virtude da necessidade de financiamento para as suas obras. Até então o terreno estava registrado como de propriedade do Derby Clube. Como ressalta a reportagem (Texto 7) do jornal O Globo, de 06/08/2011, p.2, intitulada *Muito além da boa iniciativa*.

Muito além da boa iniciativa

Noticiar uma boa iniciativa não basta. É preciso ir além, aprofundando uma informação. Assim fez a repórter SELMA SCHMIDT ao longo desta semana, após saber que a prefeitura contratou uma empresa para fazer o recadastramento de todos os seus imóveis e montar, em 18 meses, um banco de dados moderno, com informações georreferenciadas. A Secretaria municipal de Fazenda estima que o atual cadastro, com nove mil imóveis, aumente em cerca de 20%, no fim do trabalho. Tantos imóveis fora do cadastro mostram que, ao longo de anos e anos, a prefeitura perdeu o controle de seu patrimônio, que inclui praças, parques, prédios públicos, salas, apartamentos e terrenos.

— A minha intenção era ter pistas desses imóveis públicos que ainda estão fora do cadastro do município. Soube que grande parte deles é de terrenos doados compulsoriamente por empreendedores, quando um loteamento é licenciado. Durante o recadastramento, possivelmente, os técnicos que forem a campo encontrarão terrenos públicos já invadidos, favelizados — diz Selma.

A repórter foi conferir também a situação do patrimônio estadual. Verificou que, diferentemente do município, não existem imóveis fora do cadastro. Mas o secretário de Planejamento e Gestão, Sérgio Ruy Barbosa, mostra que o controle do patrimônio estadual também é um desafio. Da lista, constam imóveis invadidos. Só que o mais curioso diz respeito ao Maracanã: —

— Para se ter uma ideia, somente em março deste ano o Maracanã foi registrado, em cartório, no nome do Estado do Rio de Janeiro. Até então, o complexo esportivo constava do Registro Geral de Imóveis (RGI) como de propriedade do Derby Club, que, no passado, man-

tinha no local o Hipódromo Hamaraty e a Vila Hípica. Sem a atualização do registro, o estádio não poderia contrair financiamento para fazer as obras no Maracanã — conta a repórter.

A reportagem sobre os patrimônios municipal e estadual será publicada amanhã na Editoria Rio.

• O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, acompanhado de assessores, visitou ontem O GLOBO, onde almoçou com editores e colunistas do jornal.

Texto 7: Notícia de O Globo, 06/08/2011, p.2, sobre o registro do Estádio do Maracanã no cartório de Registro Geral de Imóveis (RGI).

O turfe ²³ que, por muitos anos, foi um importante representante da vida esportiva do então Estado da Guanabara. Esporte de expressiva participação tanto na assistência como por

²³ Victor Melo, em seus estudos sobre a vida esportiva do Rio de Janeiro do século XIX, escreve sobre a experiência do turfe e corridas de cavalo: "Neste movimento, o turfe merece destaque. Em 1850 já existe no Rio de Janeiro uma pista situada

proporcionar apostas, porém foi-se perdendo o interesse e já na década de quarenta, o Derby Clube foi vendido e as instalações se deterioraram pelo abandono.

O Decreto-lei nº 9.906, de 17 de setembro de 1946 (Texto 8), determina e relata em minúcias o teor desta venda, na verdade, uma troca entre a Prefeitura do Distrito Federal e o Jockey Club.

Decreto-lei 9906/46 | Decreto-lei nº 9.906, de 17 de setembro de 1946
Publicado por Presidência da República (extraído pelo JusBrasil) - 67 anos atrás

Autoriza a permuta de terrenos entre a Prefeitura do Distrito Federal e o Jockey Club Brasileiro e dá outras providências.

O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e nos termos do art. 31 do Decreto-lei nº 96, de 22 de dezembro de 1937, considerando que a aquisição do terreno do antigo Prado do Itamarati não se efetivou na forma ajustada havendo caducado os Decretos-leis números 3.904, de 5 de dezembro de 1941, e 6.151, de 30 de dezembro de 1943, que abriram créditos especiais de Cr\$. para pagamento do preço; considerando que persiste o interesse da União, ou da Prefeitura em adquirir uma área contínua, dificilmente encontrada em pontos próximos ao centro urbano;

considerando que o Jockey Club Brasileiro se prontificou, em 1943, ceder o terreno, a título precário, ao Ministério da Guerra, por exigências de segurança nacional, sem qualquer remuneração para o capital imobilizado;

considerando que, ao invés de receber um preço em dinheiro, ainda que atendida a valorização posterior do imóvel, a Sociedade referida prefere obter uma área contígua ao seu atual Hipódromo da Gávea e que confinará com o alinhamento da avenida da, margem da Lagoa, Rodrigo de Freitas;

considerando que, com tal solução, coincidem os interesses urbanísticos no Rio de Janeiro, pois a edificação particular na dita faixa prejudicaria o panorama do Hipódromo da Gávea,

DECRETA:

Art. 1º - A Prefeitura do Distrito Federal efetuará com o Jockey Club Brasileiro a permuta dos terrenos do antigo Derby Club, a este pertencentes, e a que se refere o Decreto-lei nº 3.904, de 5 de dezembro de 1941, pela faixa do terreno existente entre o atual Hipódromo da Gávea e o alinhamento da Avenida Eptácio Pessoa, previsto no projeto nº 3.853, aprovado em 16 de janeiro de 1943, e compreendendo notadamente as quadras 6 a 11 e os espaços intersiciais tudo limitado pela Rua General Garzon e pela Avenida Olegário Maciel. Ver tópico

Art. 2º - A fixação dos valores atuais dos imóveis permutados será feita mediante acordo, por um só órgão ou comissão e obedecendo aos mesmos critérios, sendo a diferença, por ventura, encontrada, paga em dinheiro pela parte que receber o imóvel de maior valor.

Art. 3º - As repartições competentes lavrarão os termos necessários, que valerão como escritura pública e serão registrados sem emolumentos,

Art. 4º - A troca compreenderá os terrenos já existentes e os que forem ganhos com a execução do projeto 3.853 aludido, sempre nivelados e livres de intrusos, podendo ser imitado o Jockey Club Brasileiro, desde logo, na posse das porções que considerar aproveitáveis.

Art. 5º - Se, em virtude de novo alinhamento da Avenida Eptácio Pessoa for ainda acrescida a faixa ora permutada, o Jockey Club Brasileiro terá preferência para adquiri-la.

Art. 6º - Caso venham os terrenos do antigo Derby Club a ser utilizados pela União Federal, esta pagará, a Prefeitura do Distrito Federal a importância correspondente ao valor da troca, que for então ajustado.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1946, 125º da Independência e 58º da República.

EURICO G. DUTRA.
Carlos Coimbra da Luz.

Este texto não substitui o publicado no DOU de 17.9.1946

Texto 8: Disponível em <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126230/decreto-lei-9906-46>. Acesso em 18/09/2013.

entre Benfica e a Quinta da Boa Vista onde se realizam espetáculos turfistas com movimento de apostas, promovidos por ricos comerciantes, eles mesmos proprietários dos cavalos. A atividade evoluiu rapidamente, e no ano de 1868 se edifica por iniciativa privada um verdadeiro hipódromo (pista dotada de arquibancadas), o Prado Fluminense, próximo à estação ferroviária de São Francisco Xavier. Já no ano seguinte, são ali realizadas corridas que atraem até quatro mil pessoas e toda a elite imperial. Segundo Renault, em 1886 já existiam na cidade quatro hipódromos, com 63 páreos e grande movimento de apostas, além de uma revista especializada, O Jôquei." (MELO, Victor. Banhos de Mar e os Primórdios dos Esportes Náuticos no Rio de Janeiro. In: *V Encontro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física* -coletânea, p.227-234, UNICAMP/UFAL/ETFA, 1997).

Com a decadência deste esporte e a gradativa ascensão do futebol na preferência do brasileiro, deliberadamente (ou oportunamente) o espaço das corridas de cavalos, o Derby Clube (Figura 6), veio acolher o estádio em que aconteceriam as mais importantes partidas nacionais e mundiais de futebol do país. Este dois esportes, em momentos distintos, se estabeleceram como fortes referências no imaginário da cidade. Pode-se interpretar como uma vocação e não um fato casuístico, a localização do Estádio do Maracanã em uma área anteriormente utilizada para outra prática esportiva de forte significado para população brasileira da época.²⁴



Figura 6: Antigo Derby Clube. Fotografia encontrada no livro *Rio de Janeiro- uma viagem no tempo*, de Fernando da França Leite.

Benjamin (1995, p.239) escreve que a memória seria o meio para exploração do passado da mesma maneira como o solo seria o meio de se desenterrar as camadas onde nossos achados e lembranças se depositaram ao longo do tempo. O significado do presente muito se dá na análise do emboço que encobre os passados que nos fatos e coisas em si encontradas bem abaixo da aparente superfície presencial.

²⁴ Existem estudos que registram o teor simbólico dos espaços em que igrejas e santuários são construídos. Os terrenos escolhidos para sua construção eram locais onde, anteriormente, havia manifestações e cultos religiosos ou ligados às formas de interação de grupos sociais daquela região com suas divindades cultuadas. Ver nas referências: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. (BENJAMIN, 1995, p.239).

Assim, entendo que o conteúdo simbólico daquele espaço transcende a questão de logística urbana, de facilidade de transporte ou de comodidade na circulação das pessoas pelas zonas da cidade. Aquele terreno se manifesta com uma vocação para sediar instalações próprias àqueles esportes que, por tão grande apelo afetivo, se tornam emblemas sociais. Pois como reflete Benjamin “Se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho” (1995, p.239).

É considerável observar que nos depoimentos contidos nas entrevistas desta pesquisa, todos os entrevistados, que vivenciaram a década de cinquenta, têm claras lembranças do que representava e do que abrigava o terreno usado para a construção do Maracanã. Embora não se recordem, em virtude da pouca idade na época, da celeuma de cunho político que envolveu o episódio, conforme podemos comprovar nos trechos²⁵, a seguir:

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Você lembra como repercutiu a construção do estádio, na época Estádio Municipal, e de como aconteceu o embate político, já que o Carlos Lacerda não queria que ele fosse construído naquele local, e sim em Jacarepaguá?

Zagallo: **Não me recordo do lado político, porque na época eu era um garoto e não estava ligado nesse assunto.** Eu me recordo perfeitamente que em 1948, 1949, eu jogava no juvenil do América e **tive a felicidade de ver o Maracanã sendo construído, e antes disso havia o Derby onde guardava o cavalo para a corrida no Jockey Clube, e me recordo que na demolição eu joguei uma pelada, então participei de uma pelada no antigo Derby Clube antes da construção realmente começar.**

Entrevistadora: No terreno onde o Maracanã foi construído já havia uma instalação, na qual acontecia um movimento esportivo, um hipódromo.

Zagallo: Exatamente. **Os cavalos ficavam guardados nas cocheiras e dali iam para o Jockey Clube para correr.** Durante a construção fui ao estádio e pude ver que a arquibancada já estava construída, o gramado ainda não tinha sido feito, então eu participei de cada passo da construção do Maracanã.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Nessa época qual era a sua idade?

Francisco: **Quatorze anos.**

Entrevistadora: Você sabe o que havia no terreno antes de construírem o Maracanã?

²⁵ Todos os grifos, em negrito, nas transcrições das entrevistas foram feitos pela autora com a intenção de evidenciar as partes dos depoimentos que dialogam ou corroboram com os argumentos e conceitos apresentados nesta pesquisa.

Francisco: **Era uma sede de Jockey, o antigo Derby Clube.**

Entrevistadora: Houve um conflito político, pois o então vereador Carlos Lacerda era contra a construção do estádio naquele local, ele gostaria que fosse construído em Jacarepaguá, já o general Ângelo Mendes de Moraes era a favor.

Francisco: **Sim, o general Ângelo Moraes visitava as obras constantemente.**

Entrevistadora: Você teve a oportunidade de presenciar alguma visita?

Francisco: Não. Sabia das visitas, pois lia constantemente um jornal sobre esporte.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: O senhor lembra-se da construção do Maracanã?

Paoli: Não me recordo.

Entrevistadora: Lembra o que havia ali antes da construção?

Paoli: **Era o Derby Clube. Antigamente todos os jogos aconteciam no campo do Vasco da Gama, do São Januário, em São Cristóvão.**

Entrevistadora: Antigamente, a população gostava bastante de Turfe.

Paoli: **Exatamente. Havia dois lugares: o Derby Clube e o Jockey Clube. O Derby era como se fosse o Hipódromo do pobre e o Jockey do rico. Então aqui era o Derby Clube e lá era chamado de Hipódromo da Gávea.**

Entrevistadora: Aconteceu um conflito político no momento da escolha do local de construção do Maracanã. O senhor tem conhecimento desse fato?

Paoli: **Li na revista Veja [do ano de 2011] que o Carlos Lacerda queria que a construção fosse realizada em Jacarepaguá.** Nesse conflito o rival do Lacerda era o Ari Barroso, que era ligado a outro partido político.

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: **O senhor tem uma lembrança do terreno onde foi construído o estádio? Aliás, antes, o terreno abrigava também um esporte que era bem conhecido.**

Jaime: Pela elite. Era o turfe.

Entrevistadora: **Então me conta a questão do turfe.**

Jaime: Havia o Jockey Clube, na Zona Sul, na beira da lagoa e lá o Derby Clube, tanto que o local era chamado Derby Clube, enquadrava toda aquela parte, Mangueira, São Cristóvão. Toda aquela área era enorme, enorme, enorme. Vinha praticamente desde a Praça da Bandeira até quase na estação da Mangueira, que é hoje Mangueira. Então toda aquela área não havia nada, nada, nada, ali no meio que interferisse naquele terreno, que era enorme e ninguém por ali tomava conta daquilo. Então, como aquilo, com o tempo, foi abandonado e como a corrida de cavalo, que era considerada de elite, começou a se extinguir, foram omitindo aquela utilização, então ali passou a ser praticamente o pasto, digamos assim, e dali eles levavam os cavalos para o próprio turfe. Então, com o tempo, aquele local foi sendo negligenciado e não havia muita divulgação, conhecido como Derby Clube e aquele terreno ficou todo abandonado. Mas muita gente utilizava aquilo, principalmente nós, alunos, que às vezes até fazíamos gazeta para ir jogar futebol.

A escolha, com um teor político acentuado, foi muito bem estruturada na localização do terreno, sendo a proximidade com as linhas férreas e viárias (Figura 7), que ligavam os subúrbios ao centro da cidade, um importante aspecto observado.



Figura 7: Em destaque a rede ferroviária da cidade do Rio de Janeiro, tendo próximo, ao fundo, o Estádio do Maracanã. Data: 02/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Entretanto, a construção do Maracanã (Figuras 8, 9 e 10) sofreu duras críticas²⁶ tanto em relação aos gastos que não seriam revertidos em benfeitorias para a população e quanto à escolha de sua localização. A vontade do vereador Carlos Lacerda²⁷ era que a construção do estádio fosse no bairro de Jacarepaguá, na Zona Oeste, para que não tumultuasse a região central e imediações do centro da cidade. Havia um conflito de interesses entre o vereador, que posteriormente viria a ser governador do estado da Guanabara e o então, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, o general Ângelo Mendes de Moraes. Este, apoiado pelo jornalista Mário Rodrigues Filho, conseguiu levar o projeto à frente e o estádio foi construído no bairro do Maracanã.

²⁶ Ver nas referências: CURI, Martin. Tese de doutorado. *Espaços de emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. UFF/PPGAntropologia, 2012.

²⁷ Em 1947, na eleição para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, filiado à União Democrática Nacional (UDN), foi o candidato mais votado. E, 1960, com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília e sua transformação de cidade em estado da Guanabara, Lacerda se tornou, na eleição daquele ano, o primeiro governante do Rio de Janeiro eleito de maneira direta. Ver: Marly Silva da MOTTA. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado. In: *Nossa História*, Rio de Janeiro, nº19, p. 72-78, maio, 2005.



Figura 8: Construção do Estádio do Maracanã (1949). Fotografia encontrada no livro *Rio de Janeiro- uma viagem no tempo*, de Fernando da França Leite.

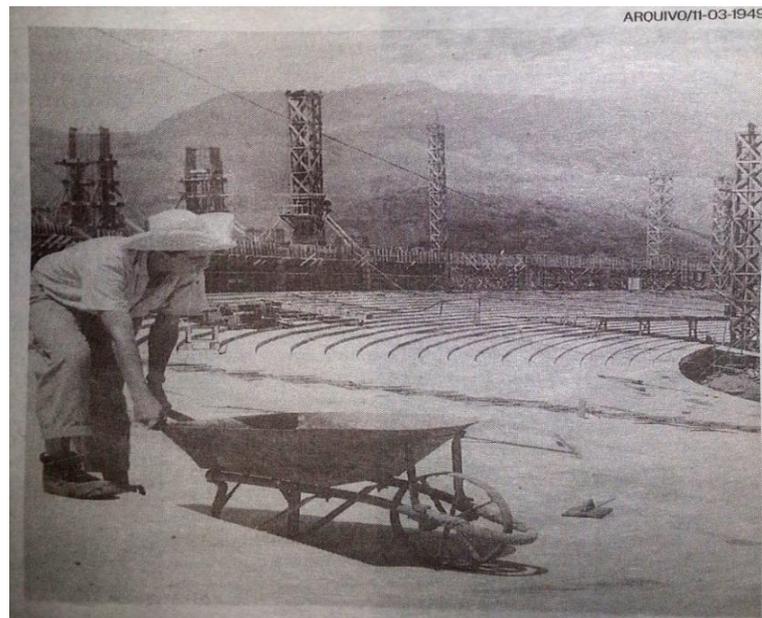


Figura 9: Operário na construção do Estádio do Maracanã (11/03/1949). Fotografia publicada em *O Globo*, 30/11/2012, p.10.

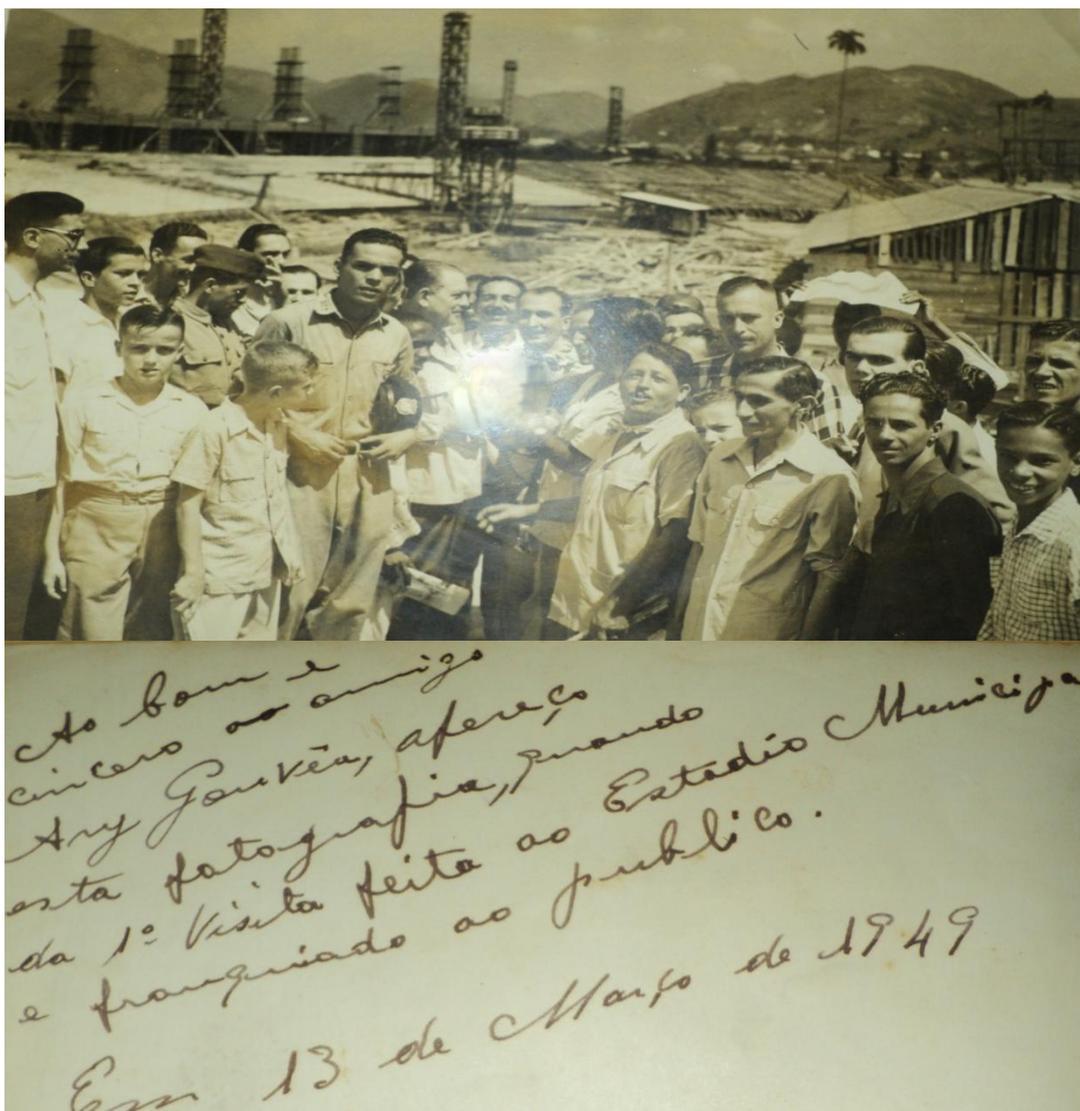


Figura 10: Visita à construção do Estádio do Maracanã (13/03/1949). Fotografia do acervo pessoal da família Gouveia com dedicatória datada do dia da primeira visita franqueada ao público às obras de construção do Estádio Municipal.

Um exemplo do teor das críticas no meio jornalístico pode ser observado no texto publicado na Gazeta de Notícias do dia 17/08/1947, p.02 (Texto 9), sob a crônica *Afinal, que é que há?*, de Fernando Sales, que comentava os sérios conflitos vividos entre Carlos Lacerda e o prefeito General Ângelo Mendes de Moraes, relacionados à escolha do lugar onde deveria ser construído o estádio municipal de futebol.

AFINAL, QUE É QUE HA ? . . . — É o caso de perguntar: que é que há, afinal, com . . . o **estádio de futebol**? Vai para Jacarepaguá ou fica, mesmo, aqui perto, no antigo Derby Clube? A história começa a complicar-se. Há os que decidem pleitear a coisa por lá e outros que entendem que deve ficar tudo mesmo aqui perto da gente. E não só isto: o Sr. Carlos Lacerda, por exemplo, exige que, por amor da democracia, se faça uma concorrência para a construção da coisa e "O Globo" afirma que não, que concorrência devia haver para tudo, menos para a escolha do projeto. Resulta, no entanto, que, aparentemente, pelo menos, o Sr. Carlos Lacerda confunde concorrência de maquetes com concorrência de obras a empreender. E a discussão começou. Forte. Decidida. Do tamanho de légua. E tome estádio. E tome este e aquele outro. E veja mais isto e mais aquilo. E você não tem razão, tal e coisa. Em suma e em resumo: enquanto se discute, o tempo passa e o estádio não começa. E o campeonato do mundo vem aí. Céere, como seria de esperar. Vem vindo! Já está perto! Já está chegando! Já chegou! E o estádio, afinal? Anda em discussões. Perde-se no "diz que disse" . . . E o futebol? Vive metido na política do estádio. E o campeonato? Só para outra vez. Agora não é possível. Não há lugar para a competição.

Longe por longe, eu acho que deviam fazer o estádio no alto do Pão de Açúcar. Ficaria mais perto da cidade. Mais no centro. E a concorrência se faria assim: quem acha que deve ficar o estádio lá em cima, levante o dedo. Aprovado, diria o juiz da contenda, que há um dedo em riste concordando com a história. Um só? Claro, um só. E basta. Não se pediu que ficassem sentados, nem nada, os que aprovassem ou não. Pediu-se, apenas, um dedo no ar. Consequentemente, aprovado!

Mas, permitam-me uma opinião: eu acho que o estádio pode mesmo ficar no antigo Derby Clube. Está mais no centro. E não vai valorizar terrenos alheios lá por longe. Nem melhorar nem piorar a sorte dos que já vivem ali no antigo Derby. Nem haverá necessidade de trens para o transporte. Nem de pingentes nos trens. Nem de nada.

Outra coisa: há muito problema nacional à espera de ser discutido. Deixemos, por umas vezes, em paz a história e vamos, depois, e enquanto isto, construir e preparar o local para o próximo campeonato do mundo. Que, com discussões, e o que mais vier, vem tudo, menos o estádio.

Texto 9: *Afinal, que é que há?*, texto de Fernando Sales. Gazeta de Notícias do dia 17/08/1947, p.02.

O vereador Lacerda lutou para que o estádio fosse construído na zona oeste da cidade, no bairro de Jacarepaguá e o prefeito empenhou-se na utilização do terreno do antigo Derby Clube para tal empreitada. E contou com o apoio do jornalista Mário Filho e,

consequentemente, do *Jornal dos Sports*, periódico que, naquela época, dirigia e também era o dono.

Cabe ressaltar o papel deste jornalista na vida jornalística esportiva do Rio de Janeiro do século XX. Nelson Rodrigues em diversas crônicas²⁸ se reporta ao irmão, Mário Filho, como expressivo personagem da imprensa esportiva e do mundo do futebol. O autor enaltece o seu empreendedorismo que possibilitou a iniciativa de diversos eventos voltados para os esportes nos anos quarenta e cinquenta, assim como o apoio de seu *Jornal dos Sports* que avalancou o repórter jornalístico a um patamar nunca antes visto.

Em sua coluna semanal *Meu personagem da semana* publicada na *Manchete Esportiva* de 19/10/1957, Nelson Rodrigues escreve sobre *Mário Filho*, o escolhido daquela semana.

Dele se pode dizer que foi, sozinho, a ‘Semana de Arte Moderna’ do nosso jornalismo esportivo. Hoje, a parte esportiva do jornal é uma potência. Um jogo de futebol só tem, na imprensa, o limite de sua importância. Dão-lhe primeiras páginas, manchetes, o diabo. Mas no tempo em que Mário Filho começou, tudo era diferente. O match mais transcendente merecia uma vaga notícia, uma notícia espremida num cantinho de página. O fato esportivo estava longe de merecer o relevo quase histórico que a imprensa, toda, lhe empresta, atualmente. Mário Filho fez do futebol, por exemplo, um assunto de tremendo interesse jornalístico. Operou uma revolução de alto a baixo, que alterou a forma gráfica, a expressão verbal, a cobertura fotográfica, a maneira de ver os jogos e de valorizá-los”. (RODRIGUES, 2007, p.285/286).

No entanto, apesar dos esforços demandados por Mário Filho, havia um descrédito sobre a validade de se empenhar tanto recurso financeiro na construção de um estádio de futebol de dimensões grandiosas como o governo anunciava num período em que a cidade necessitava de outras urgências prioritárias com saneamento básico. Como podemos perceber, no texto de Sebastião Fernandes publicado em *O Malho*, em fevereiro de 1948 (Texto 10), são levantados questionamentos quanto à importância de um estádio de futebol, já que este nem mesmo serviria para ajudar na promoção de saúde da população pois lhe que caberia apenas a assistência dos jogos de futebol e não prática de esportes ou de outra atividade física no local.

²⁸ Diversos são os textos em que Nelson Rodrigues enaltece seu irmão Mário Filho (Rodrigues, 2007, p.110-114). Além do texto de 19/10/1957 publicado na *Manchete Esportiva*, de novo na própria coluna *Meu personagem da semana*, de 27/09/1959 (Rodrigues, 2007, p. 448), o escritor o homenageia. Em outro texto do mesmo periódico, de 12/05/1956, Nelson Rodrigues escreve: “Vamos e venhamos: - Camões devia ser um estupefato diante dos lusos mares. Mas os ‘Jogos Infantis’ têm o seu poeta na pessoa do próprio Mário Filho. Duplamente poeta porque não se limita a transmitir o fato, mas a criá-lo.” (RODRIGUES, 2007, p.81).

FOOT-BALL

por SEBASTIÃO FERNANDES

ilustrações de LISBOA



problema da construção do Estádio Municipal ou Nacional tem sido assunto para muitos debates. Não nos vamos meter na luta do Legislativo e Executivo da mais nervosa cidade do mundo com a preocupação de falar dessa empreitada monumental.

Ainda mesmo que tal assunto provocasse outras discussões e outros problemas como são designados de salvação pública e grito nacional para o caso do pão, da carne e do transporte, para só falar nos mais importantes e não só voltar as atenções da Capital da República para um simples campo de ginástica. Pois o povo antes de fazer ginástica precisa de alimento.

De fato a cultura física foi pelos mais antigos povos tratada com atenção. Mas uma coisa é cultura física e outra é meia dúzia de profissionais da pelota serem tomados como engrandecimento dum povo por tal exercício. Também precisamos acabar com essa mania de que o Estado é infalível, que os chefes de gabinete jamais erram e a imposição e coação para a crítica, informando que só os técnicos podem dar parecer sobre transporte, finança e alimentação e esse rodário de calamidades que não atam nem desata e que nos assola e não pode iludir mais ninguém.

Os mais altos representantes do país já falam continuamente na calamidade da tuberculose, da falta de alimentos, da vida caríssima e outras autoridades administrativas informam que não temos dinheiro para construções de hospitais, contudo o dinheiro aparecerá para a

construção duma arquibancada para mais um campo de foot-ball.

Procurem um higienista e indaguem dele para saber se este foot-ball que temos é realmente para o bem da raça.

Aquele exercício em excesso, o desenvolver da musculatura, poderia ser um bem para a saúde; mas é que o profissional precisa fazer sempre exibição para que os clubes ganhem renda. Tudo isso, bem explorado em páginas de todos os jornais, também devia trazer para edificação das futuras gerações quantos deles conseguiram usufruir proventos com tal prática de esporte e quantos têm o organismo minado pelo exagero do esforço físico.

Aliás a grande popularidade desse esporte devia ser olhada com mais atenção com aplicação e finalidade para educação moral e física do povo; porém nada disso foi feito ou pensado até hoje.

Nenhuma iniciativa privada ou geral do povo teve ajuda por parte da imprensa ou do rádio, até o momento, uma acolhida mais larga, persistente e carinhosa do que o foot-ball.

Porque si este esporte é assim de capital importância dentro dos últimos trinta anos, como é que até agora os poderes públicos não se lembraram de lançar as bases de princípios pela educação da coletividade e vive tudo na displicência de diretores de grandes clubes a alicercar jogadores até o desrespeito e falta de vergonha pelas leis trabalhistas? Sendo o foot-ball uma ação de profissionais, ele é antes de tudo um negócio regido por leis. Aliás um negócio em que os jogadores assinam um contrato com os escandalo de "luvas", mostrando quanto um semi-analfabeto ganha enquanto um cientista ou professor é miseravelmente remunerado. E o ignorante, mesmo relativamente, é uma glória nacional...

Nenhum espetáculo de arte, nenhum comício político, com tanta persistência e em tão largo período conseguiria empolgar uma população e fascinar a multidão da forma que este jogo de bola o faz.



Mas uma partida de foot-ball não são os lances de vinte e dois homens em campo, porém as reações do público pela paixão clubista.

Seria interessante saber quantos os que vão ao campo assistir a um jogo são capazes de praticá-lo. Logo o estádio não será para prática de esporte, porém para uma meia dúzia de profissionais.

Porque uma coisa é esporte, praticar os exercícios físicos para ter saúde, outra; é a maioria pagar entrada, ficar espremido quatro horas numa arquibancada, berrando, só berrando, o que não é forçosamente um exercício para bem da saúde.

Sabemos que esporte é dignidade num homem que pratica um exercício por bem de sua saúde e não 80.000 apaixonados assistindo 22 profissionais que em sua maioria não têm sentimento nenhum de respeito pelo público, pelo juiz e muito menos pelo adversário.

Aliás é raro o espectador que pratica o atletismo.

Também não vamos trazer para aqui um fácil problema de psicologia das multidões em que o povo que passa fome, sobre nas filas, e não tem casa para morar e vê o fracasso dos políticos vá aos campos de foot-ball para desabafar e chamar o juiz de ladrão, dando saída aos recalques que sofreram durante a semana.

E talvez por falta de educação sejamos ambiciosos e egoístas e para nós todos os juizes são venais e como não sabemos perder, jamais perdoamos o vencedor. E por falta de princípios e por qualquer revés sofrido acaba tudo em pancadaria.

Na sensata, calma e equilibrada Inglaterra, já foi ventilado o assunto de serem proibidos jogos internacionais porque, longe de aproximar os povos, tal prática de esporte só tem feito desunião.

Forçosamente que as massas populares não têm a educação precisa para respeitar um juiz; mas os conflitos permanentes em todos os setores formam um desrespeito tal por um árbitro que a paixão aumenta e cega tudo.



Já os sociólogos mostraram que somos um povo de pouca educação política.

Pouca educação — vá lá.

Mas só política?

Atribuímos muito ao gênio esquentado do latino, fazendo sempre desordens, os espetáculos correm risco de não terminarem, o juiz recebe todos os palavrões e os jogadores e público esquecem sempre a bola por uma luta corporal. Os conflitos tornaram-se tão banais que os campos são sempre muito policiados para reprimir a falta de educação geral. A crise constante de arbitros é a prova da prepotência dos donos dos clubs e as paixões excessivas de quem não gosta ou não sabe nunca perder. E perda aí não é muitas vezes o simples ponto de goals, mas a colocação na tabela e portanto as futuras rendas. Resultado: egoísmo e falta de educação, pois quem perde tem sempre que censurar e é muito difícil reconhecer uma perda e nem se fala em esporte e bem da coletividade, saúde do povo e sim, renda do público, no fundo o vil metal.

Não sabemos quando faremos essa grande praça de esporte onde o povo, propriamente não praticará exercício para fortalecer o organismo e sim onde haverá profissionais que dão sempre tristes exemplos... Também há descaso de jornais por assuntos importantes que não são publicados para que todos os matutinos e vespertinos tenham uma página inteira de choques futibo-

lísticos, trainings, "luvas" e trapaças entre os próprios clubs por causa de levianos rapazes que assinam vários contratos por mais dinheiro; mas também há desleixo de pessoas de conceito que se deixam arrastar para os mais ínfimos papéis com gente de última classe numa paixão que depõe contra um país em que os homens deviam estar cuidando de coisas mais sérias...



Apesar da descrença, constatada no discurso dos jornais pesquisados, de alguns a respeito da construção do futuro estádio de futebol, a prefeitura do Rio de Janeiro, em 1947, abriu concorrência pública para o projeto arquitetônico do estádio que sediaria o próximo Campeonato Mundial (Figura 11).

O projeto vencedor foi de autoria da equipe de arquitetos²⁹ formada por Waldir Ramos, Raphael Galvão, Miguel Feldman, Oscar Valdetaro, Orlando Azevedo, Pedro Paulo Bernardes Bastos e Antônio Dias Carneiro. Sendo iniciados os trabalhos de construção em dois de agosto de 1948, com a colocação da pedra fundamental.



Figura 11: Os arquitetos Miguel Feldman e Antônio D. Carneiro diante da maquete do Maracanã, em 16/6/1949. Fotografia do acervo pessoal de Branca Feldman.

Naquela época os governantes já percebiam o robusto apelo que o futebol representava para o povo brasileiro e o utilizavam como estratégia política. O próprio uso de seus estádios como espaço promotor de eventos políticos foi recorrente neste período da história do Brasil.

²⁹ Ver nas referências, o artigo acadêmico *Recuperação Estrutural do Estádio do Maracanã*, sobre as ações emergenciais de recuperação ocorridas entre os anos de 1999 e 2001 e nos anos de 2005 e 2006, no qual os autores informam que o projeto do estádio foi realizado por seis engenheiros brasileiros e a “obra executada por um consórcio de quatro construtoras” (JORDY, SOUZA e MENDES, 2006, p.49).

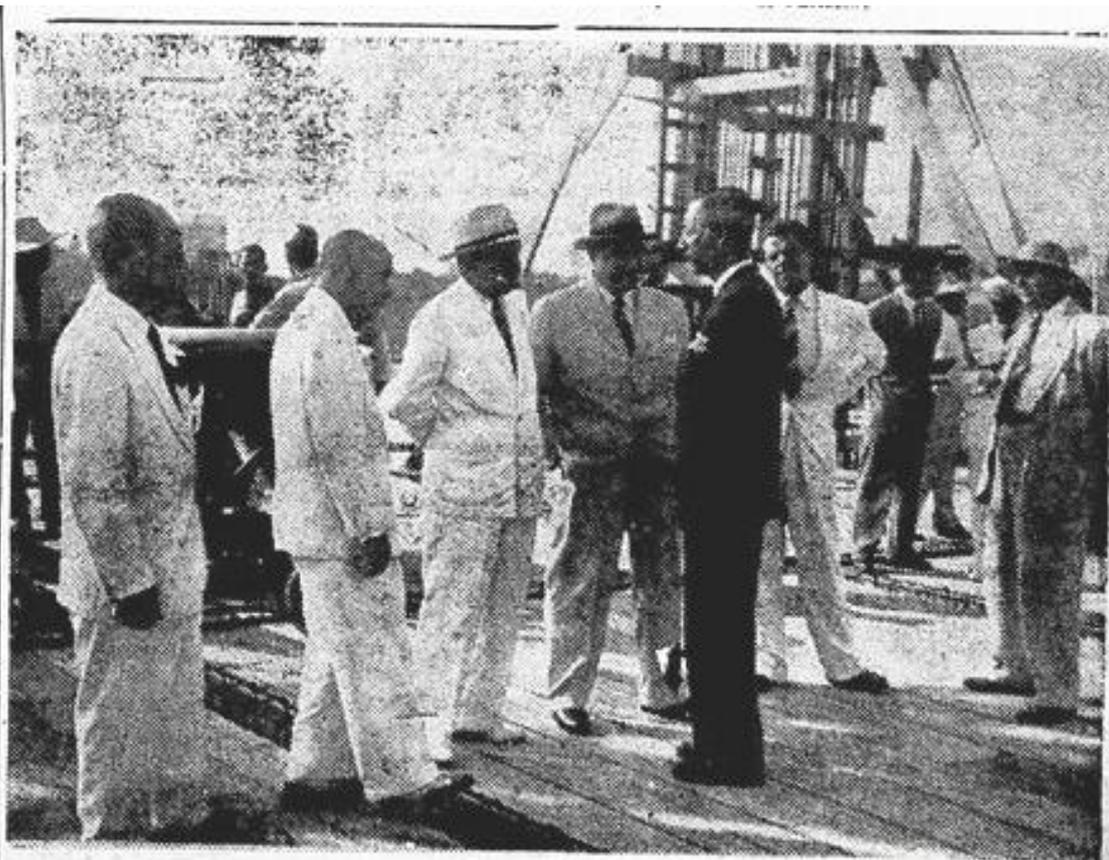
Durante o Estado Novo, diversas cerimônias do calendário cívico foram realizadas em estádios de futebol. Por exemplo, a partir de 1940, a Hora da Independência³⁰, evento de encerramento da Semana da Pátria, acontecia no Estádio de São Januário do Clube de Regatas Vasco da Gama, na época o maior estádio da cidade. Assim como muitos dos discursos proferidos pelo então Presidente da República Getúlio Vargas aconteceram neste mesmo estádio de futebol.

Constata-se que o sentimento evocado por este esporte foi utilizado, premeditadamente, pela classe governante. Um fato exemplar foi a escolha do Brasil para sediar o Campeonato Mundial de futebol de 1950 que propiciou aos dirigentes do país a possibilidade de empenhar esforços³¹, inclusive financeiros, de grande porte para adequação do espaço urbano às condições exigidas para tão importante evento. A construção de estádios grandiosos tornou-se uma das metas governamentais.

Com o Estádio Municipal do Rio de Janeiro não foi diferente, as autoridades de diferentes instâncias do Governo esforçavam-se para utilizar a visibilidade dada a esta construção em prol de suas próprias imagens públicas (Textos 11, 12 e 13).

³⁰ Segundo Maurício Parada, a Hora da Independência fora uma comemoração que consistira “numa exibição musical de canto orfeônico em que as músicas executadas eram frequentemente hinos de exaltação à nacionalidade. Estes corais reuniam milhares de estudantes e tiveram na figura de Villa-Lobos seu principal organizador”. (PARADA, M. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009, p.23)

³¹ A administração Mendes de Moraes (1948/50) além de construir o Túnel do Pasmado, se preocupou em melhorar os acessos aos pontos turísticos do Rio de Janeiro e concentrou seus esforços na construção do Estádio do Maracanã. Ver nas referências: ABREU, Maurício de A. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2008, p. 131.



O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU AS OBRAS DO ESTÁDIO MUNICIPAL. — O General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, visitou ontem às 7.30 horas, em companhia do General Angelo Mendes de Moraes, Prefeito do Distrito Federal, os trabalhos de monumental Estádio Municipal, situado no antigo Prado do Derby Clube, tendo percorrido demoradamente as obras, interessando-se vivamente pelo andamento das mesmas. A ocasião foi oferecido ao primeiro magistrado da Nação, um ligeiro "lunch". Acompanharam o General Eurico Gaspar Dutra, o Sr. Gualberto Marques Porto, Secretário Geral de Viação; Coronel Herculano Gomes, presidente das Obras do Estádio e vários jornalistas. No clichê acima vê-se um aspecto da visita presidencial.

Texto 11: Gazeta de Notícias, de 21/03/1949. Reportagem com registro fotográfico da visita do Presidente Eurico Gaspar Dutra às obras em andamento do Estádio Municipal.



EM FRANCO FUNCIONAMENTO AS OBRAS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL. — Teve lugar ontem nos terrenos do antigo Clube Urbe, o início das obras para a construção do Estádio Municipal. Com a presença do Prefeito da Cidade, Gal. Mendes

de Moraes, do Sr. Vargas Neto, José de Almeida Correia, Meier, do Vereador Levi Neves, representantes da Estrela e das entidades esportivas, as honráveis comissões a ditar a obra, marcaram a pedra inicial do novo estádio. No fim, um aspecto do acroscinário

Texto 12 ampliado: “Em franco funcionamento as obras para a construção no Estádio Municipal”.

Duas afirmativas: ORLANDO: "não

o Prefeito do Distrito Federal e as obras de construção do Estádio

O Estádio Municipal terá que ser entregue em março do ano vindouro, escrevem o Gen. Angelo Mendes de Moraes — Centenas de operários serão contratados — Empenhados os novos diretores da ADEM



Visita dos chefes de construção

Incorporando a General Angelo Mendes de Moraes, Prefeito do Distrito Federal, foi feita uma visita ao sítio de construção do Estádio Municipal, examinando-se detalhadamente.

IMPENHADOS OS NOVOS DIRETORES DA ADEM

A partir a Prefeitura entrará em sua gestão a administração da Administração dos Esportes Municipais. Bem como as respectivas comissões regionais das obras de construção do estádio. Nesta oportunidade dos pontos em questão, desportos de ADEM Sr. Viador Costa, Sr. Yrribarri e Paulo Guedes.

NAO SE OPERARIAM

O Prefeito aprovou a contratação para fazer as obras esportivas e culturais da ADEM que de obra de construção do estádio não poderá mais fazer de parte estabelecida desde de 1930, quando não se pôde que ser despendido os fundos pelo

Comissão da Maqui. Incorporando o Prefeito que foi de as providências deverão ser tomadas, contudo que as obras sejam feitas ou melhor o Distrito Municipal esteja pronto para as obras em tempo de sua realização. Foi isso e que a ad-

ministração dos Estádios Municipais irá contratar mais alguns contratos de operários para atender as obras em construção. O atual número de operários da ADEM que irá ser aumentado de várias centenas de 3.000.



Fracassou a 1.ª tentativa

Proseguirão, entretanto, os trabalhos de mediação dos Srs. Fábio Carneiro de Mendonça, Presidente do Fluminense e Dario de Melo Pinto, Presidente do Flamengo — Tudo para que seja conseguida a reaproximação VASCO-BOTAFOGO — Reforma do futebol metropolitano

O Sr. Fábio Carneiro de Mendonça, presidente do Fluminense e Dario de Melo Pinto, presidente do Flamengo, presenciam a reunião de mediação para conseguir uma reaproximação do Vasco da Gama com o Botafogo. Das mais difíceis é a tarefa que os intermediários estão sendo a cada passo clamarem a desistência do acordo hostilizar o futebol comum, está sendo o objetivo de paz, de concórdia, de compreensão inter-clubes de que tanto precisa.

NAO FOI A CHAVE, BASTA

De mediadores intermediários que o Vasco da Gama não teve sido no seu direito de não participar da temporada de competição entre do Maracanã. Desta forma os intermediários participaram de uma reunião com o Botafogo e, inclusive, pediram o seu estádio para a disputa dos jogos da temporada do Maracanã no Rio. Em consequência o Botafogo não irá mais jogar no Estádio Nacional do Desporto, relativamente a contratação de equipes por parte paulista. Desta forma o Vasco poderá participar, mesmo com o Botafogo que tem direito de não se desistir.

razão porque, desde muito tempo aos Srs. Fábio Carneiro de Mendonça e Dario de Melo Pinto para que deem pessoalmente aos seus trabalhos.

A próxima rodada do campeonato paulista

S. PAULO 27 (Apostol) — O campeonato paulista de futebol, que será a 4.ª de setembro iniciará as seguintes equipes — São Paulo e Corinthians, Botafogo e XV de Novembro, Nacional e Santos, Portuguesa e Fluminense e Ipatinga, e Juventus e Jaboticaba. Pedem desta 4.ª rodada, que serão jogos, e que deverão estar iniciados, são a Paulista e de Maracaná, pelas equipes mesmas mencionadas, de acordo com o calendário e pelo pedido da comissão que sepa a Prefeitura, mesmo com o Botafogo que tem direito de não se desistir.

PRE

OS VANGUARDEIROS CONTINUAM JOGANDO PROBLEMAS QUE FOI do pontilhado do Vasco de Gama realizado hoje 27/9



Mas o Vasco não virou a forma. Diferença não a disputa de que não existe subclube dentro da sua quadra local, para que o vencedor paulista participe da temporada do Maracanã, ou o estádio de São Januário seja usado para a realização de jogos não patrocinados pela a cargo do Botafogo. E a presença de outros clubes paulistas.

REFORMA BASTA NO FUTEBOL CARIOCA

Mas mesmo assim a presidente do Vasco que está

Texto 13: Reportagem sobre a visita inesperada do General Ângelo Mendes de Moraes em acompanhamento às obras de construção do Estádio Municipal. Gazeta de Notícias, 28/09/1949.

O projeto de se conceber o maior estádio de futebol do mundo num terreno em que a população, anteriormente, frequentava para assistir as corridas de cavalos tem um valor simbólico que permeia a memória social daquele espaço.

Parece que aquele local estava predisposto a abrigar instalações esportivas de significados que extrapolam a singela vontade de participar de um esporte, pois tanto o turfê

como o futebol, em diferentes momentos, se estabeleceram como fortes referências no imaginário da cidade.

E, mesmo em seu entorno, outras instalações esportivas foram edificadas ao longo do tempo até que se formasse o Complexo Esportivo do Maracanã, mais tarde cognominado Complexo Mendes de Moraes³², através da Lei estadual nº 856, de 17 de junho de 1985.

O Complexo Esportivo do Maracanã, marco referencial urbanístico da região, se constitui de quatro aparelhos esportivos distintos cujas construções, inclusive, datam de épocas próximas porém de anos diferentes. O Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho, de 1950, o Estádio de Atletismo Célio de Barros (Figura 12), de 1966, o Complexo Aquático Julio Delamare, de 1968 e o Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso, conhecido como Maracanãzinho (Figura 13), de 1968.



Figura 12: O Estádio de Atletismo Célio de Barros, com a rampa de acesso ao Estádio do Maracanã no canto direito inferior. Ao fundo a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Data: 01 fevereiro de 2007. Crédito: Edmar Moreira.

³² O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Assembleia Legislativa, promulgou e publicou em Diário Oficial, a Lei nº 856, de 17 de junho de 1985, que autoriza o poder executivo a cognominar Conjunto Esportivo Prefeito Mendes de Moraes o Complexo Esportivo do Maracanã. Disponível em: <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/149830/lei-856-85>. Acesso em 11 março 2014.

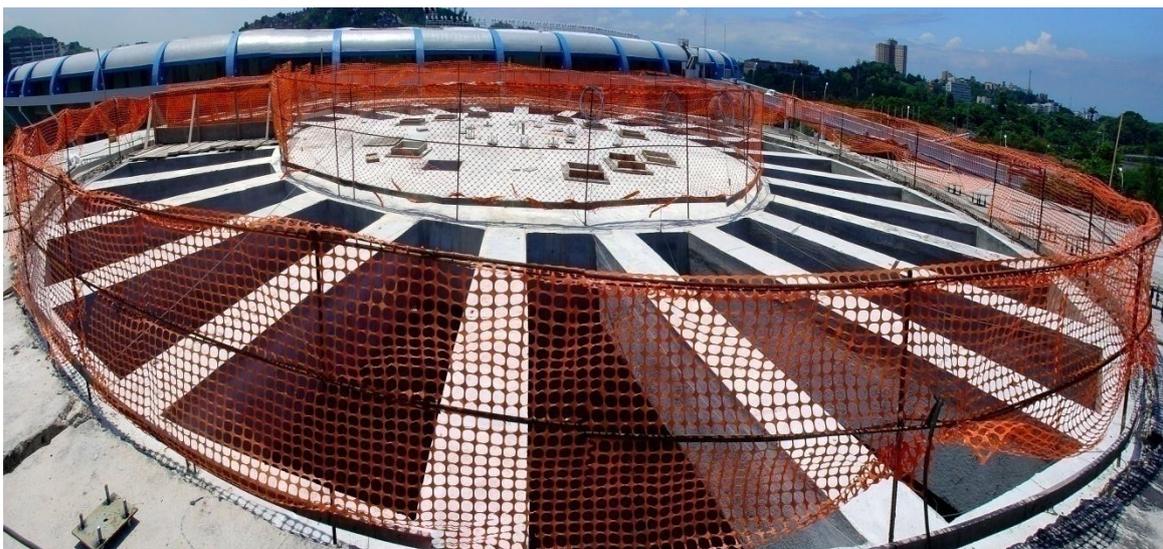


Figura 13: O Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso, conhecido como Maracanãzinho, em obras de reforma. Ao fundo pode-se ver o Estádio do Maracanã. Data: 01 fevereiro de 2007. Crédito: Edmar Moreira.

Outra importante referência na memória local é a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), construída em 1966, no terreno em que anteriormente se encontrava a Favela do Esqueleto, removida durante o Governo Carlos Lacerda.³³

Atualmente podemos perceber as maneiras a partir das quais o Estádio do Maracanã influencia a dinâmica de todo o bairro. No entorno, sua vizinhança sabe que deve se orientar em relação ao horário dos jogos pois, antes mesmo que o evento esportivo aconteça, várias transformações acontecem ao redor do estádio. Inicia-se a preparação para venda dos ingressos e a própria execução desta tarefa modifica a vida cotidiana dos que ali vivem, moram ou trabalham.

Há um conseqüente aumento de pessoas que circulam na região, advindas para a compra dos ingressos, assim, aumenta o volume do trânsito com carros parados (Figuras 14 e 15) em frente às bilheterias para uma pretensa agilidade e rapidez na compra.

³³ Ver nas referências: ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, 2008.



Figura 14: Congestionamento nas esquinas das ruas Visconde de Itamaraty e Eurico Rabelo (à frente vê-se o Maracanãzinho) em virtude da compra de ingressos para jogo que aconteceria horas mais tarde no dia 27/11/2013.



Figura 15: Congestionamento na Rua Eurico Rabelo, no entorno do Complexo do Maracanã, em virtude da compra de ingressos para jogo que aconteceria horas mais tarde no dia 27/11/2013.

As calçadas cheias de pessoas (Figura 16) que ficam em filas em volta do estádio e iniciando nas bilheterias. Estas também merecem atenção pois exigem uma série de cuidados

relativas às exigências funcionais. Como descreve minuciosamente um de nossos entrevistados em seu depoimento.



Figura 16: Bilheterias em frente ao Maracanãzinho, com as grades divisórias utilizadas na venda de ingressos de jogo de futebol no Maracanã do dia 09/04/2014.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: A venda dos ingressos no Maracanã funciona como? Já percebi que quando acontece evento no Maracanãzinho, as vendas são realizadas nessa bilheteria aqui fora, mas quando a venda é para jogos de futebol arma-se todo um cenário mais complexo. Fale sobre isso.

Paoli: Essa não é a minha área de trabalho, mas sei que quando há jogos quem entra em ação é a Federação de Futebol do Rio de Janeiro, a Federação contrata uma firma para fazer os ingressos. Antigamente os ingressos eram de papel, depois passou a ser cartão magnético. **De acordo com a estimativa de público, abre um determinado número de bilheterias, e quando há um grande jogo todas as bilheterias são abertas.**

Entrevistadora: Eles fazem tipo um curral.

Paoli: Isso é outro detalhe. **O número de bilheteiros em cada bilheteria varia de acordo com o jogo. Na rua para entrar na roleta é feito o que chamamos de curral, para o público se habituar a entrar um a um.**

Entrevistadora: Na compra dos bilhetes também acontece isso.

Paoli: Exatamente. Na compra é para o pessoal a se habituar a respeitar o direito de cada um. Isso tudo é organizado pela Federação, a SUDERJ entra paralela à Federação, ela fornece o material, as grades, junto a tudo isso ainda entram outras entidades como a Polícia, a CET-RIO para pensar a logística do trânsito, o Corpo de Bombeiros. **Tudo é pensado com antecedência, se o jogo acontecer no domingo, quinta-feira há uma reunião com todas as entidades envolvidas, Federação, SUDERJ, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Defesa Civil, CET-RIO, Juizado de Menores, e eu participava dessas reuniões. Formalizávamos todo o esquema do jogo, pensando a quantidade de ingressos a serem vendidos, por onde cada torcida ia entrar no estádio.**

Entrevistadora: Esse esquema da entrada de cada torcida existe há quanto tempo?

Paoli: Conheço esse sistema há dezoito anos, desde quando eu comecei a trabalhar no Maracanã. Tenho 25 anos de cargo no Maracanã, durante sete anos eu só tinha participação no Parque Aquático, posteriormente fui convidado a ir para lá também.

Entrevistadora: Então a logística de cada jogo é pensada a partir da estimativa de público.

Paoli: Exatamente. E depende da qualidade do jogo também, dos times que estarão envolvidos.

Entrevistadora: E como funcionava com jogo de Seleção Brasileira?

Paoli: Da mesma maneira. O que entrava a mais era a segurança de cada Seleção e, se fosse uma equipe estrangeira, a segurança era redobrada.

Assim, a ideia de que, atualmente, não é mais o bairro que abriga o estádio, como se engendrou em meados do século XX, e sim, o estádio que abriga o bairro, me parece mais apropriada ao analisar a repercussão e as intervenções do Estádio do Maracanã sobre a localidade em que está incrustado.

1.4 O triunfo de uma derrota: porque o Estádio do Maracanã nasce um mês depois de sua inauguração

Como já exposto, a vida do Estádio do Maracanã se inicia num local onde antes havia a sede de corridas de cavalos e ele vai se inscrever de maneira contundente na vida social daquele bairro.

Foi, no final da década de quarenta, realizado um edital para escolha do projeto arquitetônico para àquele que viria a ser o maior estádio de futebol do mundo, por muitos anos. Deste participou, sem ter sido o escolhido, o memorável arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (Figura 17) que anos mais tarde se pronunciou dizendo que o projeto vencedor era realmente o melhor, pois tinha uma concepção inovadora de arquibancadas nos 360º graus de sua estrutura.³⁴

³⁴ Cabe ressaltar que, diferentemente do trauma, para os brasileiros, decorrente da derrota da seleção de futebol na Copa do Mundo de 1950, o já então renomado arquiteto Niemeyer mostrou *fair play* frente ao fracasso na concorrência do projeto arquitetônico do estádio, inclusive enaltecendo a originalidade do projeto vencedor. Entrevista de Oscar Niemeyer, concedida à Geneton Moraes Neto, em 05/04/2004. Disponível em: <http://www.geneton.com.br/archives/000055.html>. Acesso em: 29 mar. 2014.

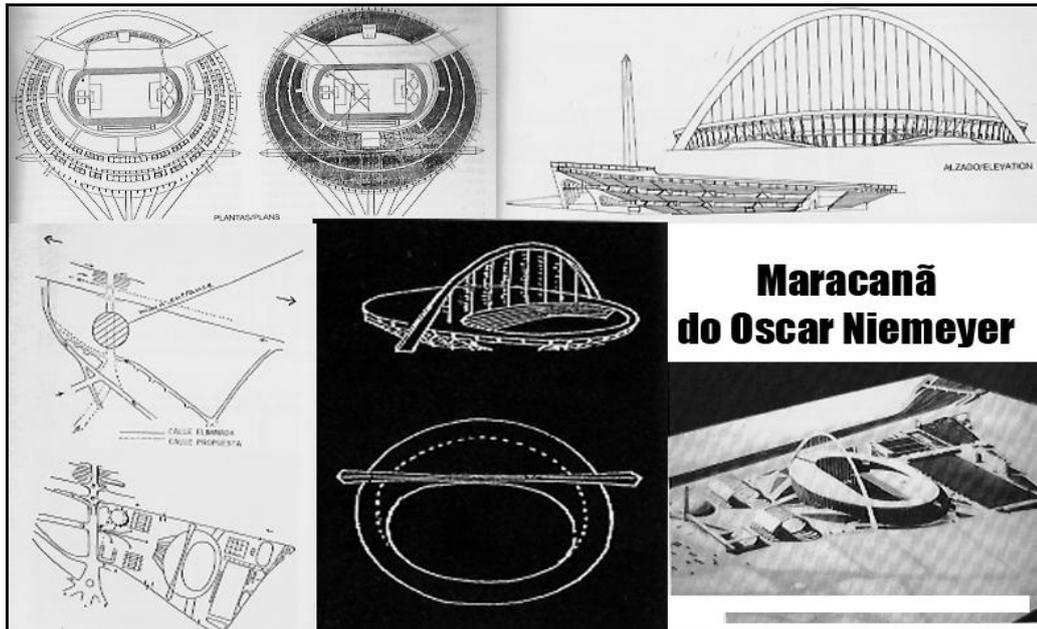


Figura 17: Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer para o edital do concurso realizado para a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, em 1948. (Acervo pessoal do arquiteto)

A data de sua inauguração deu-se em 16 de junho de 1950 (Figura 18), dia em que aconteceu “o jogo inaugural, um amistoso entre seleções de novos cariocas e paulistas, em 16 de junho, nove dias antes do início da Copa” (HEIZER, 2010, p.32), no qual o jogador Didi foi o autor do primeiro gol no campo do Maracanã.

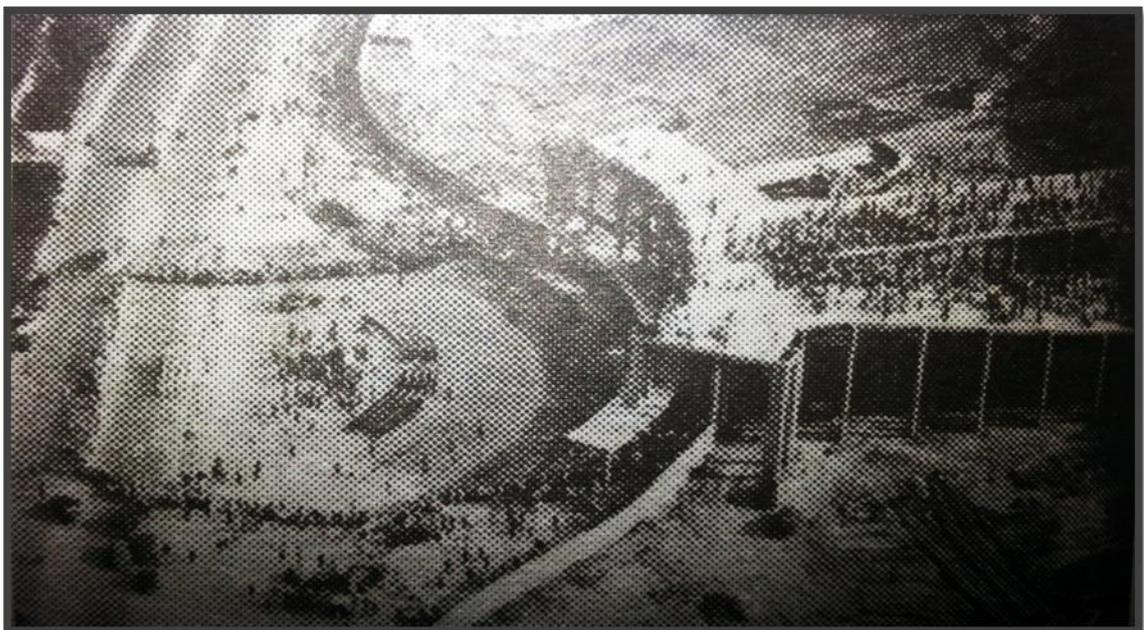


Figura 18: Fotografia da parte externa do estádio do Maracanã, mostrando o deslocamento dos torcedores no dia 16 de junho de 1950. Publicada em O Globo, 30/11/2012, p.10.

No entanto, considero que o dia 16 de julho daquele ano foi a data em que o Maracanã, até então Estádio Municipal, se registra definitivamente na história e na memória

dos brasileiros, dos amantes e apreciadores de futebol e mesmo daqueles que pouco se interessam pelo esporte ou pelo Brasil. Neste dia aconteceu a final da Copa do Mundo (Figura 19) e nesta partida, contra o Uruguai, a seleção brasileira, sofreu a derrota emblemática que, na minha concepção, tornou-se o acontecimento fundador³⁵, que efetivamente, inscreve³⁶ o estádio na rede de memórias e nos livros de história do futebol.



Figura 19: Jogo da final da Copa de 1950, no Estádio do Maracanã. Fotografia disponível em <http://www.rioquepassou.com.br> Acesso em: 11/09/2012, às 15h00min.

Certos depoimentos registrados por Heizer (2010), em sua obra intitulada *Maracanazo*, sobre a partida final da Copa do Mundo de 1950, sugerem ser o dia daquele jogo, a inauguração do estádio, como o de Epelbaum, que, em suas lembranças nomeia o estádio como Fênix, por seu poder de renascimento.

Templo único de imensas alegrias e de raras tristezas como aquela que simbolizou a derrota da final da Copa do Mundo de 1950 em sua opulenta inauguração, renasceria, tal qual Fênix, das suas próprias cinzas, dando, assim, um verdadeiro exemplo para as esperanças que um povo inteiro nele depositou, depois do dramático insucesso contra o Uruguai. (HEIZER, 2010, P.123).

³⁵ Ver, Paul Ricouer (2007), nas referências desta pesquisa.

³⁶ Arlei Sander Damo, em seu texto *Futebol e Estética*, nomeia a final da Copa do Mundo de 1950 como: “A tragédia do Maracanã - derrota do selecionado brasileiro para o uruguaio por 2 a 1 - recebeu este epíteto por ser irreparável.” (DAMO, 2001, p.85).

Nas entrevistas integrantes desta pesquisa, pude verificar relatos que corroboram com esta ideia e registram a data da final da Copa do Mundo como a mais relevante e, de certa forma, inaugural do estádio:

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: O Maracanã foi inaugurado um mês antes da final da Copa de 1950. A inauguração foi em 16 de junho e a final, em 16 de julho. É uma data importante, porém ninguém lembra dela, somente lembram a da derrota.

Zagallo: **Pois é, o que chama mais a atenção é a derrota** e hoje todo mundo sabe que o Brasil foi a única seleção que não conseguiu ganhar a Copa em casa, diferente da Argentina, Uruguai, Itália, França, Alemanha e Inglaterra.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: A final aconteceu no dia 16 de julho de 1950, mas a inauguração aconteceu no dia 16 de junho, ou seja, um mês antes. E a data que ficou gravada foi 16 de julho.

Francisco: **Sim, ficou gravada por conta do jogo final.** A Copa do Mundo dura aproximadamente trinta dias, com um jogo semanal em vários locais.

A partir desta data o Maracanã se consagra como um lugar de memória para nação brasileira da época. E, se perpetua como templo sagrado do esporte, reforçando o teor fundador desta data no imaginário e na memória social do brasileiro.

Assim, recorro às ideias de Paul Ricouer que, citando Benveniste, faz expressivas considerações a respeito da noção de acontecimento fundador e sua relação com a temporalidade:

Limito-me a recordar a distinção que dá Benveniste do ‘tempo crônico’, que eu chamava terceiro tempo por conta das necessidades de meu argumento: 1) referência de todos os acontecimentos a um acontecimento fundador que define o eixo do tempo; 2) possibilidade de percorrer os intervalos de tempo segundo as duas direções opostas da anterioridade e da posterioridade com relação à data zero; 3) constituição de um repertório de unidades que servem para denominar os intervalos recorrentes: dia, mês, ano, etc. (RICOUER, 2007, p.163).

Aquele jogo final da quarta Copa do Mundo, em 16 de julho de 1950, parece ser a referência no “tempo crônico” que nos permite percorrer o antes e o depois na reconstituição da trajetória do Estádio do Maracanã. De maneira que, tal dia traumático, se funda como a ‘data zero’, o acontecimento fundador na genealogia daquele estádio.

É significativo que, ao se falar do Estádio do Maracanã, uma das lembranças mais constante que emerge é exatamente a derrota na final³⁷ do Mundial de 1950, apesar dos mais

³⁷ A reportagem do Jornal do Brasil, 18 de julho de 1950, fala da decepção em relação à atuação da seleção brasileira na partida final da Copa do Mundo, ali nomeada de ‘Coupe Jules Rimet’. “Está terminada a disputa da ‘Coupe Jules Rimet’. Mais uma vez, sagram-se os campeões do mundo os uruguaios. Rendamos-lhes a homenagem a que tem direito. Seu triunfo foi lícito sendo ainda de inteira justiça que se reconheça o ardor, a fibra extraordinária com que se atiraram à luta sem se preocuparem com a superioridade técnica do adversário que lhe rondava, persistentemente o último reduto”. (Artigo 14)

de sessenta anos decorridos do fato. Importante frisar que, ao longo da minha busca e coleta de material sobre o Estádio do Maracanã, tal data foi recorrente tanto nos documentos, livros, sites da internet como em depoimentos e testemunhos dos que presenciaram a partida final da Copa de 1950 e dos que ouviram falar sobre o episódio.

10 — JORNAL DO BRASIL — TERÇA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1950

ESPORTES

Mais uma vez os uruguaiois triunfaram na "Coupe Jules Rimet"

Decepcionante a ação do quadro brasileiro — A Suécia garantiu o 3.º lugar vencendo o Espanho, em São Paulo, por 3 x 1

Mais uma vez os uruguaiois triunfaram na "Coupe Jules Rimet". Mais uma vez, a 4ª, após uma campanha de honra no torneio. Relembremos a homenagem a que tem direito. Sua vitória foi lida aos olhos de todos os brasileiros que se lembram o erro, a falta de atenção e a falta de interesse em jogar bem no campeonato. A decepção e a insatisfação com a atuação do quadro brasileiro, em especial a atuação do goleiro, foram as palavras mais ouvidas nos dias seguintes ao término do jogo. O erro do goleiro foi considerado o fator decisivo para a vitória uruguaia. Apesar do maior número de ataques dos brasileiros, os uruguaiois, com a ajuda de seus jogadores, conseguiram marcar quatro gols e vencer a partida por 4 x 1. A atuação do goleiro brasileiro foi considerada a principal causa da derrota. O erro do goleiro foi considerado o fator decisivo para a vitória uruguaia. Apesar do maior número de ataques dos brasileiros, os uruguaiois, com a ajuda de seus jogadores, conseguiram marcar quatro gols e vencer a partida por 4 x 1. A atuação do goleiro brasileiro foi considerada a principal causa da derrota. O erro do goleiro foi considerado o fator decisivo para a vitória uruguaia.

Os uruguaiois, campeões do mundo



Texto 14: "Decepcionante a ação do quadro brasileiro". Jornal do Brasil, 18 de julho de 1950, traz a fotografia da seleção do Uruguai, campeã do mundo.

COPA DE 1950

Memórias de uma dor que nunca vai passar

Filme traz depoimentos inéditos dos 11 jogadores da seleção derrotada pelo Uruguai naquela triste final

JOÃO MÁXIMO
maximo@oglobo.com.br

Mesmo quem acreditar que o tema esteja mais do que esgotado — ou simplesmente o achar inoportuno com 2014 tão perto — pode se surpreender com o documentário “Dossiê 50: comício a favor dos náufragos”, que a GloboNews estreia, às 20h30m, de amanhã. Seu realizador, Geneton Moraes Neto, é íntimo do que permanece como o mais dramático (para alguns, trágico) capítulo da história do futebol brasileiro, apesar de ele, Geneton, ter nascido seis anos depois.

Tendo colhido depoimentos dos 11 jogadores da seleção derrotada na final de 16 de junho, o repórter reuniu-os em 2000 no livro “Dossiê 50”, cuja segunda edição, revista e aumentada, sai agora com entrevista inédita do carrasco Ghiggia, autor do gol, no caso, da derrota. O rico material gravado para o livro é a matéria-prima do documentário. Em 80 minutos, desfilam vozes e imagens dos jogadores que viveram aquela final, com um ou outro trecho de sua fala enfatizado por atores profissionais. O recurso funciona perfeitamente quando, do jogador, só se tem foto.

O ponto de vista de Geneton — “É hora de anistiarmos os craques de 50” — está claro na epígrafe do livro e no título do filme, um poema de Walt Whitman traduzido por Geir Campos: “Vivas àqueles que levaram a pior!/E àqueles cujos navios de guerra/afundaram no mar!/E a todos os generais/das estratégias perdidas/que foram todos heróis!” De fato, cada um daqueles 11, uns mais, outros menos, carregou até o fim da vida o peso de uma culpa que não teve: a de perder um jogo que lhe bastava empatar.

O documentário, como tudo que já se disse ou



EFE/REPRODUÇÃO/16-7-1950

Tragédia. A bola nas redes do Brasil, no gol de Ghiggia

fez sobre a Copa do Mundo de 1950, não responde a pergunta fundamental: por que o Brasil perdeu a Copa do Mundo de 1950? Os jogadores ouvidos tentam respondê-la, mas o mais que fazem é falar de suas frustrações como perdedores, cada qual com uma parcela de “mea culpa”.

O documentário merece ser assistido pelos mais velhos que testemunharam o drama e também pelos que acham o assunto esgotado ou inoportuno. Sempre há o que se aprender sobre a Copa que o Brasil deveria ter ganhado. Os 11 depoimentos, agora acrescidos pelo de Ghiggia (cerca de US\$ 1.500, foi tudo que ele ganhou por aquele gol), reafirmam a complexidade daquele episódio. Há até quem considere que, com a derrota, o futebol brasileiro começou a construir uma geração de campeões do mundo. Talvez. Só não se espere que o documentário de Geneton Moraes Neto explique o inexplicável. Melhor há de ser, sempre, admitir que a seleção de Flávio Costa e Zizinho só perdeu para a de Jim Lopez e Julio Perez porque, naquele 16 de julho, marcou apenas um gol. E os uruguaios, dois. ●

Texto 15: A derrota que não consegue ser esquecida. O texto do jornal O Globo, de 02/11/2013, rememora a final do Mundial de 1950, sediado no Maracanã.

Na totalidade das entrevistas³⁸ realizadas são encontrados relatos dos entrevistados que pontuam esta partida final como uma experiência traumática e de repercussões negativas em suas vidas. Abaixo, trechos daquelas que corroboram com tal ideia.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Fale mais da emoção ao assistir a final da Copa de 1950 no Maracanã.

Zagallo: De fato, o Maracanã **foi o maior velório que eu já vi na minha vida**, vi duzentas mil pessoas chorando, a derrota foi uma comoção muito grande. Naquele momento estava ali como soldado e tive que me controlar. Lembro que os torcedores e os jogadores choravam compulsivamente, pois o Brasil era considerado o favorito da Copa. Lembro que a mídia já comemorava, havia uma festa antecipada pela vitória, mas acabou não ocorrendo, foi lamentável.

Entrevistadora: A vitória do Brasil era quase uma certeza.

Zagallo: Sem dúvidas. O Brasil estava jogando pelo empate também, e estávamos 1x0. Então isso tudo abalou a torcida, porque a vitória já estava dada como certa.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Você estava no Maracanã na final entre Brasil e Uruguai na Copa de 1950?

Francisco: Sim, estava trabalhando. Lembro que a quantidade de torcedores era maior que a que o estádio suportava, havia mais de 160 mil torcedores, alguns assistiram ao jogo na parte de cima do Maracanã, no anel.

Entrevistadora: Qual é a sua lembrança dessa final?

Francisco: Lembro que todos os brasileiros estavam muito entusiasmados e contando com a vitória, e **com a decepção da perda do jogo foi o maior silêncio que já se viu no Brasil**. Todos os torcedores se retiraram de cabeça baixa, alguns até chorando.

Entrevistadora: Qual a sua visão em relação ao estádio do Maracanã?

Francisco: Vejo o Maracanã como um grande estádio, principalmente com a reforma que está sendo feita agora.

Desde a final de Brasil e Uruguai na Copa de 1950 não consegui assistir a um jogo no Maracanã.

Entrevistadora: O Maracanã é utilizado para outros eventos também, acontecem shows, chegada do Papai Noel, atividades artísticas e religiosas. Qual é a sua opinião com relação a isso?

Francisco: Acho muito interessante. Inclusive meu filho já se apresentou ao lado do Roberto Carlos em um dos shows do Dia das Crianças [na década de 80], pois ele fazia parte do Coral da Universidade Gama Filho.

Entrevistadora: Você não visitava o estádio do Maracanã mesmo morando no bairro?

Francisco: Não. Até quando meu filho se apresentou não compareci, eu não consegui.

Entrevistadora: Você acredita que foi uma experiência traumática?

Francisco: Sim, foi para mim e para muitos brasileiros

Entrevistadora: Você teve acesso ou possui alguma flâmula “Brasil campeão de 1950”?

Francisco: Não. Se tivesse teria jogado fora, pois fiquei muito chateado.

Entrevistadora: Você tem interesse em futebol?

Francisco: **Depois desse jogo meu interesse acabou, tanto que não tenho time de futebol.**

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Ele [o pai do entrevistado] era muito ligado ao futebol?

Zico: Bastante. (...) Em 1941, meu pai foi goleiro, foi tricampeão, no Rio tinha a Liga profissional e a Liga amadora e ele era do melhor time da Liga Amadora. (...) De qualquer maneira, meu pai continuou apaixonado por futebol e esteve presente na final Brasil x Uruguai. **Ele conta que foi uma grande decepção.**

Entrevistadora: Você lembra o que ele falava sobre esse jogo?

Zico: **Ele não gostava muito de falar sobre essa decepção, então não perguntava.** Ele pode ter dito algo ao meu irmão Edu, pois meu pai frequentou bastante a casa dele antes de morrer.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: A vitória era dada como certa?

³⁸ A íntegra de todas as entrevistas encontra-se no Anexo I desta pesquisa.

Paoli: Sim, porque o Brasil precisava somente do empate. (...) O Brasil perdeu o jogo por uma infelicidade do Barbosa que não conseguiu agarrar a bola. **Lembro que houve uma choradeira, as pessoas demoraram a sair do estádio.**

Entrevistadora: Hoje em dia, antes dos jogos finais, já se imprime ‘Campeão Brasileiro’, naquela época existia isso?

Paoli: Sim. Todo mundo já contava com a vitória, ninguém esperava a derrota não.

Entrevistadora: O senhor esperou um bom tempo para sair do estádio, pois estava lá em cima, certo?

Paoli: Sim. Esperei um bom tempo para descer. Lembro que fui a pé para casa, pois não tinha condução.

Entrevistadora: Como foi a volta para sua casa?

Paoli: Meu pai e eu voltamos a pé e chorando. Lembro de ver pessoas sentadas no chão chorando.

Muitas são as particularidades envolvidas neste que poderíamos nomear de o *trunfo de uma derrota*. Primeiro aspecto a se considerar é que o estádio foi construído com a intenção primordial de sediar a primeira Copa do Mundo após a Segunda Guerra Mundial e o vácuo por ela deixado de mais de uma década sem Mundiais de futebol³⁹.

O segundo seria que, além de sediá-la, havia a intenção, nem um pouco velada, do estádio vir a ser o palco da final deste evento, numa partida que eternizaria o futebol brasileiro como o melhor do mundo, com uma seleção de ouro. Terceiro que, politicamente, era importante que o Brasil ganhasse aquela Copa, pois não apenas justificaria o dispendioso gasto econômico para construção do grandioso estádio, como reforçaria a ideia da importância daquele projeto sendo de interesse público nacional.

O quarto, porém não menos significativo, que a partir do término daquela partida, marcada com lágrimas e suor no povo brasileiro, o Maracanã inscrever-se-ia como um lugar de memória. Pois, segundo Ricouer, as vivências suscitadas em locais devotados às cerimônias, comemorações e ritos tradicionais se instauram em memória compartilhada e gradualmente em memória coletiva, promovendo o estabelecimento da ideia de um lugar de memória. (RICOUER, 2007, p.157).

Destarte é pertinente a ponderação da existência de uma conexão latente entre o Estádio do Maracanã e a dinamicidade da relação entre a lembrança e o esquecimento. Se por um lado o estádio é construído de cimento e ferro, sólido, rijo e perdurável, de outro, as

³⁹ Marcos Guterman, em seu livro intitulado *O futebol explica o Brasil*, descreve em que contexto foi engendrada a candidatura e realizada a escolha do Brasil como a sede da Copa de 1950: “Logo depois da Copa da França, ainda em 1938, o jornalista Célio de Barros, representante da Confederação Brasileira de Desportos em um congresso da Fifa realizado em Paris, sugeriu a candidatura do Brasil à Copa de 1942. A Alemanha já havia se oferecido e era favorita para organizar o torneio, deixando o pleito brasileiro com remotas chances. Mas aí veio a Segunda Guerra, em setembro de 1939, provocada pela própria Alemanha nazista. Como resultado, a disputa do mundial de futebol teria de esperar mais 11 anos. Ao final dos combates, com a Alemanha derrotada e responsabilizada pelo maior confronto militar da história, a Fifa foi levada a confirmar o Brasil como sede da primeira Copa do pós-guerra, inicialmente marcada para 1949 e, por sugestão brasileira, transferida para 1950.” (2010, p.84/85).

partidas de futebol, voláteis, imprevisíveis, com duração cronológica, de início, meio e fim, que se contrapõem a inabalável permanência da estrutura física que os abriga. A ligação profunda e intrínseca do lembrar e do esquecer parece estar presente na relação entre o estádio de futebol e a partida de futebol, o jogo em si.

O estádio se faz presente, cotidianamente, na vida de uma comunidade, tanto por seu aspecto imutável de instalação concreta incrustada na paisagem urbana, como por ser a edificação que deveras permite a materialização espetacular⁴⁰ dos eventos esportivos. Enquanto a partida, o jogo, é da natureza do esquecer por seu teor de efemeridade latente, pois mesmo com as inovações tecnológicas e as modernas e midiáticas técnicas de registro, a beleza dos chutes, o inusitado dos dribles e a incerteza⁴¹ de cada lance não podem ser captados em sua plenitude. Cabe às memórias pessoais e coletivas guardarem sensorialmente e revisitarem, de maneira subjetiva, estes jogos em suas lembranças.

Podemos, então, inferir que uma das razões da existência do estádio de futebol é exatamente a possibilidade de se constituir um espaço de rememoração, de guardar lembranças e, sobretudo, um modo de participar do processo de construção de memórias de um grupo social ou de um povo.

⁴⁰ Guy Debord, em sua obra intitulada 'A sociedade do espetáculo'(1997), desenvolve a concepção do espetáculo como uma forma de materialização da ideologia (p.137). No capítulo sobre o planejamento do espaço, o autor escreve: "A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário" (p.112). Tais escritos nos deram amparo para formular a noção de estádio de futebol como um aparelho de modelagem urbanística que abriga espetáculos e, portanto, materializa e subsidia performances esportivas que se constituem, em muitos casos, em megaeventos nos grandes centros urbanos. (DEBORD, 1997).

⁴¹ Ao explicar sobre a característica da imprevisibilidade como componente fundamental dos espetáculos esportivos, o autor Arlei Sander Damo relembra a final da Copa do Mundo de 1950: "O desfecho, naquele episódio, foi completamente diverso do esperado, foi um final surpreendente." (DAMO, *Futebol e Estética*, 2001, p.85).

2. DA MEMÓRIA SOCIAL E DO PATRIMÔNIO EM JOGO

Mas aquilo de que nos lembramos, é pela memória que o retemos; ora, sem nos lembrarmos do esquecimento não poderíamos absolutamente, ao ouvir esse nome, reconhecer a realidade que significa; se assim é, é a memória que retém o esquecimento. (SANTO AGOSTINHO, X, XVI, 24).

Este capítulo tem como objetivo aprofundar a compreensão do conceito de patrimônio cultural e de patrimonialização, a partir de alguns autores que contribuem com este campo do conhecimento, além de relacionar estes conceitos com o objeto de estudo desta pesquisa. Pretendo tecer análises que auxiliem a compreensão das questões específicas que envolvam o processo de patrimonialização⁴² do Estádio do Maracanã e suas repercussões sociais, culturais e políticas no Brasil.

Neste sentido, apresento as contribuições de Mário Chagas (2005 e 2009), com seus estudos acerca dos conceitos de patrimônio cultural, musealização, refuncionalização e ressignificação de bens culturais; de José Reginaldo Gonçalves (2003 e 2005), que problematiza os discursos sobre patrimônio cultural na sociedade contemporânea; de Walter Benjamin (1989, 1994, 1995 e 2007) sobre experiência aurática; e de Jean Pierre Vernant (1973 e 2000), estudioso das questões referentes aos mitos da Grécia antiga, suas simbologias e a relação com a memória.

O auxílio desses autores foi fundamental no esforço de entendimento do processo de construção da memória social do futebol, da mitificação de espaço urbano esportivo e da ritualização de lugares que abrigam espetáculos esportivos, como nosso objeto de estudo, o Estádio do Maracanã. E para tanto optei por utilizar uma linguagem que muitas vezes pode ser entendida como fronteira entre a esperada objetividade científica e minhas próprias experiências subjetivas de professora de Educação Física e pesquisadora.

⁴² O Estádio do Maracanã é um bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através do Processo de Tombamento nº 1094-T-93, conforme assinala Telles: "O estádio do Maracanã foi inscrito no livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, em 26/12/2000, consoante dispõe o art. 4º do DL 23/37, em reconhecimento ao seu excepcional valor etnográfico, sendo, assim, considerado oficialmente pelo Estado como patrimônio histórico e artístico nacional, logo patrimônio cultural." (TELLES, 2010, p.77).

2.1 Enigma, monumento, templo, patrimônio, estádio?

Todo dia ele me encarava sempre que eu olhava pela janela (Figura 20) do banheiro dos fundos do meu apartamento. Eu subia num banco para observá-lo melhor e ele revidava o olhar⁴³. Imponente e enigmático, tal como uma esfinge que nos provoca com o seu ‘deciframe ou devoro-te’, o Estádio de futebol do Maracanã me instigava a procurá-lo, a investigá-lo num ideal de, em termos finais, decifrá-lo como nunca ninguém o conseguira.



Figura 20: Vista, do Estádio do Maracanã, da janela do banheiro dos fundos do meu apartamento.
Data: 26/02/2014.

Eu percebia perfeitamente que não era um apelo e sim, uma exigência velada que emanava daquele ser. E, querendo ou não, eu me sentia obrigada a fazê-lo. Tudo, a minha volta, me impelia à tentativa vã de responder a questão original: decifrar aquele espaço, monumento, lugar, estádio, edificação, ritual, comemoração, ou qualquer outro vocábulo⁴⁴ que se queira utilizar para nomeá-lo. Na verdade, o que menos importava era o modo de

⁴³ Benjamin acredita que a experiência aurática é aquela em que a aura da obra de arte parece, num instante, retribuir o olhar do sujeito admirador. Assim, no ato de contemplação da *aura*, há uma troca de olhares, de reconhecimento entre objeto observado e pessoa que o contempla. Como afirma o autor: “Perceber a aura de uma coisa significa investi-la do poder de revidar o olhar.” (BENJAMIN, 1989, p.140).

⁴⁴ Aqui utilizo o termo vocábulo [‘Palavra considerada apenas quanto à forma, independentemente da significação que nela se encerra’ - Definição do Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa] com o propósito explícito de confessar que nenhuma palavra em si poderia conter ou exprimir os significados e a multiplicidade de sensações que o Maracanã suscita àquele que o aborda.

designá-lo, frente ao caudal de emoções, sentimentos, lembranças e alterações perceptuais e físicas que ele concedia ao bairro, à cidade, ao país e às pessoas que a ele se conectava.

Entendê-lo se tornou uma necessidade e também um prazer descortinado pelas experiências que esta empreitada estava me trazendo. Conhecer teóricos e textos clássicos e dialogar com eles. Tirar dúvidas e levantar questionamentos. Conversar animadamente sobre futebol, sobre o sentimento de torcer por um clube, reclamar das diversas mudanças (Figuras 21 e 22) que meu bairro sofria a cada partida de futebol naquele estádio, reclamar do trânsito conturbado por causa dos jogos, xingar os ambulantes que contribuía para sujeira da minha rua e mais, ficar na janela do meu apartamento observando a vida passar, tudo isso sem sentir a culpa de não estar dando atenção ao objeto de minha pesquisa, afinal aquele era meu objeto de pesquisa. Agora eu tinha uma justificativa plausível e cientificamente crível para fazer o que cotidianamente fazia, com o respaldo de uma pesquisa acadêmica. Isso era inacreditável. Pena que esta sensação tão amena foi passando.



Figura 21: Torcedores em volta do Estádio do Maracanã horas antes de iniciar o jogo.
Data: 10/11/2013



Figura 22: Encontro dos torcedores à frente da estátua do Bellini, em um dos acessos de entrada para o Estádio do Maracanã. Data: 27/04/2013.

Uma série de medos se apossava de mim, cada vez que eu o vislumbrava. Medo de não conseguir o que inicialmente me predispus a fazer ou de não ser capaz de fazê-lo e, enfim, por ele ser devorada. Cada vez que eu o olhava, e isto era todo dia e várias vezes no mesmo dia, ele parecia me desafiar, debochar de mim e de meus esforços. Parecia que ele escarnecia de mim e ria bem alto, vociferando: ‘quem você pensa que é pra me decifrar?’



Figura 23: Fotografia do modelo do novo Maracanã após as obras para Copa do Mundo de 2014. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.33.

Mesmo com as mudanças estruturais (Figura 23 a 26) que se seguiram e mesmo com o passar dos anos, ele não perdeu sua imponência. E esta particularidade não está na sua materialidade visível. Está em algo mais que não pode ser tocado, mas pode, e é muito bem sentido por admiradores ou não de futebol, brasileiros ou não, arquitetos ou não, historiadores ou não. Assim, é possível sentir a aura⁴⁵ mítica emanada dele.

⁴⁵ Walter Benjamin nos apresenta sua definição de *aura* para designar o caráter transcendente, fugaz, remoto e inesgotável de um objeto ou obra de arte. Inapreensível, independente da proximidade e indissociável do valor artístico na tradicional experiência estética. “Em suma o que é aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja.” (1994, p.101).



Figura 24: Visita às obras do Maracanã, em 18/06/2011. Vista central do campo de futebol.



Figura 25: Visita às obras do Maracanã, em 18/06/2011. Vista da lateral interno do campo de futebol.



Figura 26: Vista panorâmica do avanço das obras no Estádio do Maracanã, em 04/12/2012. Crédito: Edmar Moreira.

Estas memórias pessoais do início da minha jornada nesta pesquisa me remontam aos escritos de Benjamin sobre os espaços que suscitariam sonhos. “Espaços que levam a sonhar no imaginário coletivo: galerias, jardins de inverno, fábricas, gabinetes de figuras de cera, cassinos, estações ferroviárias.” (BENJAMIN, 2005, p.133).

No meu entendimento, os estádios de futebol pertencem a esta categoria de edificações de sonhos na ordem do coletivo. Em especial, o Estádio do Maracanã se harmoniza com as variadas sutilezas descritas por Benjamin ao detalhar as minúcias que caracterizariam os espaços de sonhos.

Uma das sutilezas necessárias é trazer a tona a lembrança da construção e das sucessivas obras (Figuras 27, 28 e 29) realizadas naquele estádio pois estas se associam intrinsecamente à memória dos megaeventos esportivos ali sediados e para os quais, de fato, tais obras e reformas aconteceram.



Figura 27: O campo de futebol ainda com gramado, em 27/10/2010, no início das obras de reforma do estádio para próxima Copa do Mundo de 2014. Crédito: Edmar Moreira.

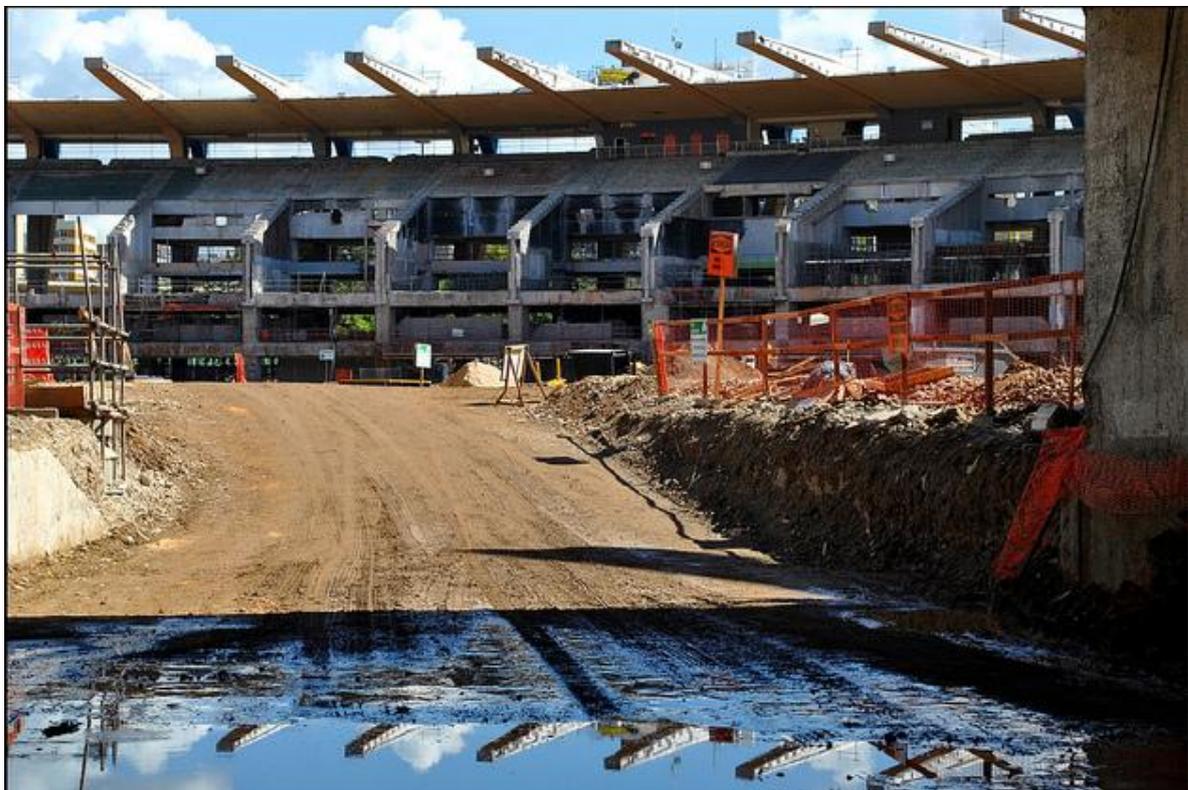


Figura 28: Obras na parte interna do estádio, em 11/08/2010. Crédito: Edmar Moreira.



Figura 29: Visão externa do avanço das obras no Estádio do Maracanã, em 04/06/2012.

Assim para que se possa imaginar que tipo de sensação acomete um visitante ao transpor os portões do Maracanã, é preciso rememorar que há sessenta e quatro anos antes, num terreno que abrigava corridas de cavalos, o turfe (outro esporte de forte expressão popular na época), aconteceu a construção daquela instalação esportiva para especificamente sediar a primeira Copa do Mundo de futebol no Brasil. É necessário revelar o valor social deste fato e sua repercussão para os brasileiros e lembrar a trágica e inesperada derrota da seleção brasileira, gravada inexoravelmente nas retinas e memórias dos torcedores com cores e sons fúnebres, naquela partida final do Mundial de 1950.

A interessante relação que Benjamin (2005, p.143) faz dos umbrais e portões (Figuras 30 a 34) de entrada de uma cidade como partícipes de ritos de passagem também pode ser percebida no Estádio do Maracanã. Seus grandiosos e monumentais portões, que trazem desenhos e figuras humanas retorcidas em ferro, provocam um amálgama de sentimentos aos visitantes e observadores passantes. E, somente através da passagem destes portões que os

ansiosos torcedores conseguem adentrar ao estádio e participar do aguardado ritual, a partida de futebol.



Figura 30: Fachada do Maracanã com seus portões de ferros e enormes vãos e colunas, Data: 10/09/2010.



Figura 31: Fachada do Maracanã com seus portões de ferros que exibiam os arcos simbólicos dos Jogos Olímpicos, em 10/09/2010.



Figura 32: Fachada da entrada, com a rampa de acesso, seus portões e colunas. Início das obras no Estádio do Maracanã, com a retirada das cadeiras (azuis, verdes e amarelas) que foram armazenadas atrás da fachada, na área externa do estádio. Fotografia realizada em 05/04/2011.



Figura 33: Fotografia da rampa de acesso ao Estádio do Maracanã após a última reforma para Copa do Mundo de 2014. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.32.

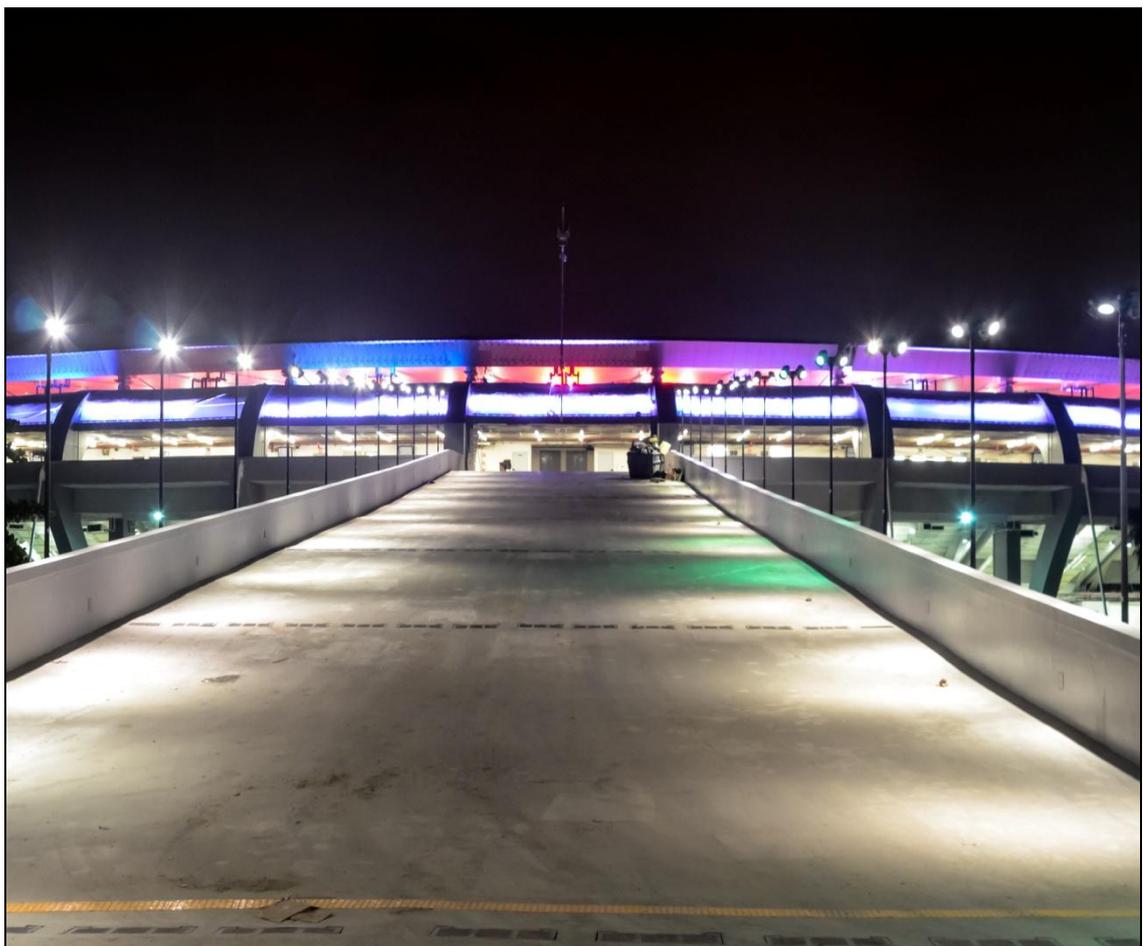


Figura 34: Fotografia da rampa de acesso ao Estádio do Maracanã após a última reforma para Copa do Mundo de 2014. Data: 22/05/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Os sons vindos da torcida, mesmo do lado de fora do estádio (Figuras 35 e 36), também nos fazem sonhar. Fechar os olhos e ouvir o uníssono grito dos torcedores ao perder um pênalti ou no momento que seu time faz um gol. É algo singular, uma sensação sonora indescritível, que nos transporta imediatamente para dentro do estádio.

Trecho da entrevista 8

Entrevistadora: E além da Copa de 1950, a senhora assistiu outros jogos no Maracanã?

Marilda: **Sempre. Assisti a muitos jogos. Porque quando ele [esposo da entrevistada] era vivo, era um hábito, nós íamos todo domingo lá.** Mas depois a idade vai chegando e fica difícil sair. Aí nós assistíamos na televisão, em casa mesmo. **E nós escutávamos quando era gol. Aquele som da torcida que ouvíamos de casa.**



Figura 35: Fotografia da chegada da torcida escoltada pela polícia, na Rua São Francisco Xavier, paralela à rua do Estádio do Maracanã. Data: 06/04/2014.

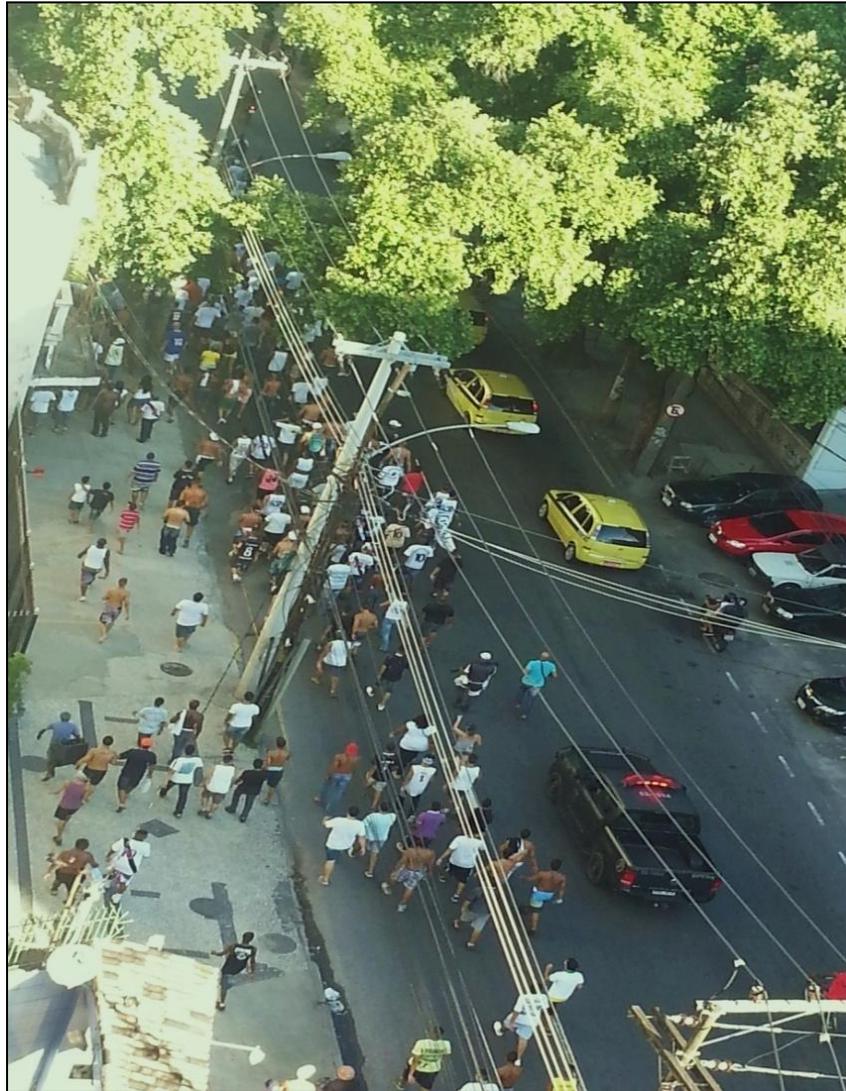


Figura 36: Fotografia da chegada da torcida de um time pela rua paralela à rua do Estádio do Maracanã. Data: 06/04/2014.

Já dentro do Maracanã, o torcedor tem que percorrer um trajeto que se inicia por uma ampla rampa em auge que o direciona para largos e compridos corredores. Estes corredores circundam todo o estádio e possuem vãos laterais abertos com visibilidade para as ruas adjacentes, o que permite a entrada da luminosidade externa. Após atravessar os corredores, o visitante chega finalmente às entradas que dão acesso a seus assentos; é neste momento que se tem a primeira visão completa do campo de futebol.

É uma visão deslumbrante que mistura e integra a multidão de pessoas (os torcedores sentados ao redor, como uma moldura viva) e, exatamente no centro, o espaço retangular coberto de grama de um intenso verde no qual acontecerá o jogo. Esta imagem (Figuras 37 a 40), do meu ponto de vista, assemelha-se ao que Benjamin descreve como “mito de galeria

com uma fonte lendária no centro” (2005, p.137). Os corredores do Maracanã são as galerias e ao atravessá-las chega-se à parte central, ao núcleo – o campo, o gramado - local onde o ritual principal se desenrolará e fará jorrar a magia do futebol.



Figura 37: O campo do Estádio do Maracanã ao centro da fotografia. Data: 12/06/2008.
Crédito: Edmar Moreira.

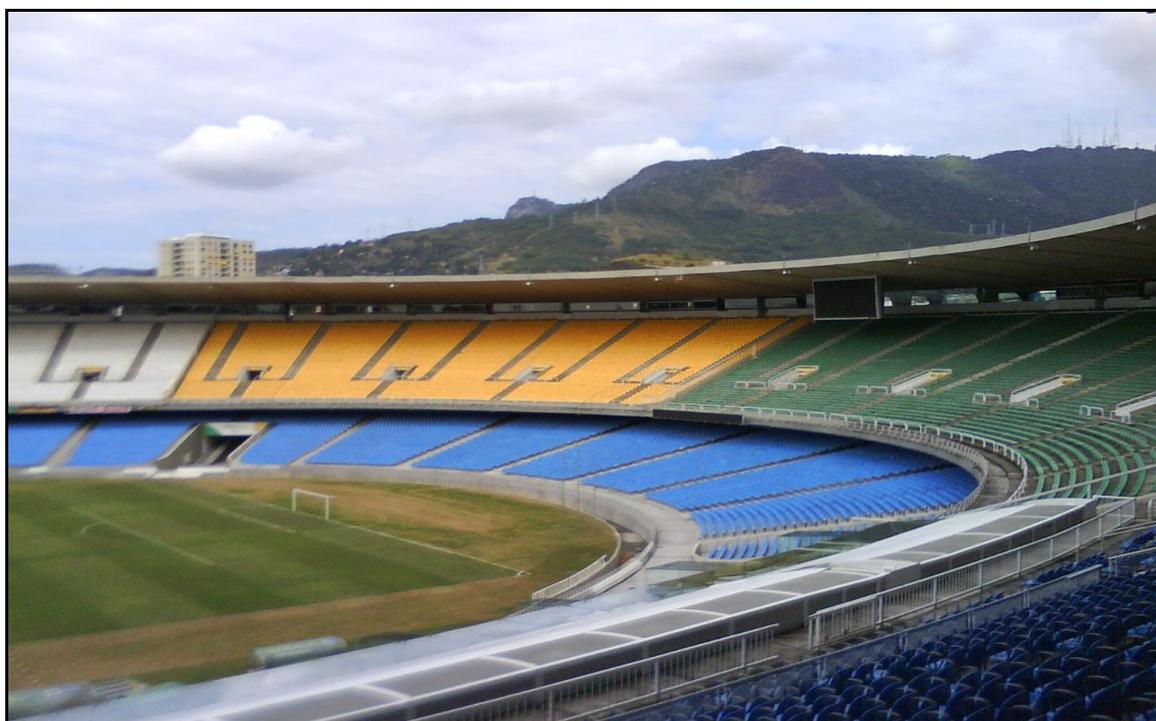


Figura 38: Vista do campo do Estádio do Maracanã, ao fundo no alto o morro do Corcovado com a estátua do Cristo Redentor. Fotografia registrada em 21/07/2009.



Figura 39: Vista das arquibancadas e ao centro o campo do Estádio do Maracanã. Registro do jogo Flamengo x Santos, no Campeonato Brasileiro de 2013, em 12/09/2013. Crédito: Martha Rocha.



Figura 40: O campo do Estádio do Maracanã durante o jogo da Copa das Confederações entre as seleções da Espanha e do Taiti, em 20/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Ao anoitecer as luzes (Figuras 41 a 44) que rodeiam todo campo e os refletores direcionados para o alto transbordam por cima e para fora do estádio, em direção ao céu, formando um círculo de luz etérea como uma auréola luminosa e resplandecente.



Figura 41: O Estádio do Maracanã, após a última reforma, iluminado a noite. Data:18/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

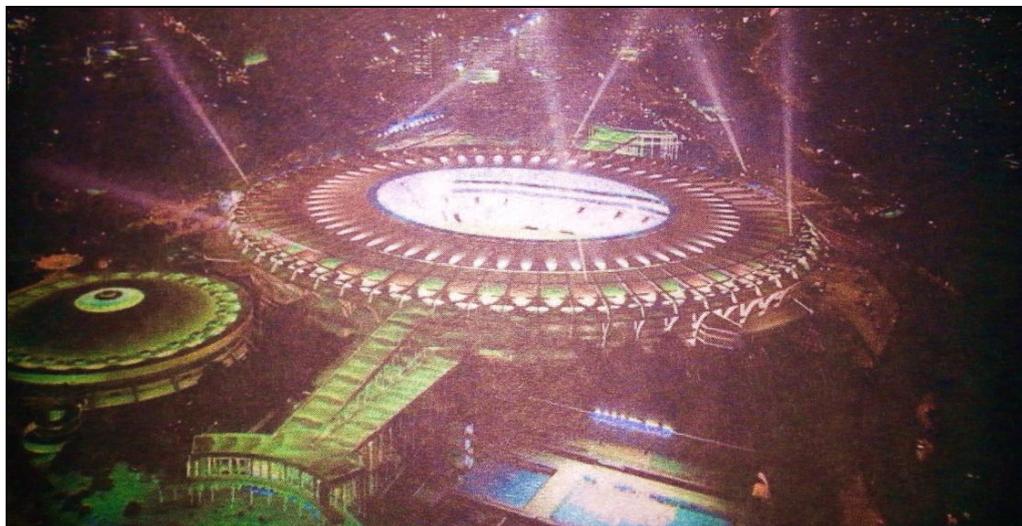


Figura 42: Fotografia aérea do Estádio do Maracanã iluminado. O Globo, 30/11/2012, p.6.



Figura 43: Fotografia do campo do Estádio do Maracanã com a nova iluminação para Copa do Mundo de 2014. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.33.



Figura 44: Fotografia do campo do Estádio do Maracanã após a última reforma para Copa do Mundo de 2014, com nova iluminação. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.32.

Uma de nossas entrevistadas comenta a luminosidade do Maracanã e como, para ela, parece um fascínio e um elemento de identificação do estádio.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: E por que a senhora tem vontade de ir?

Marilda: **Ah, porque eu assisti desde o começo. Eu acompanho. E ele está lindo como está. Está muito bonito. A gente vê daqui, a noite, as luzes. Eu, agora, já sei até que time vai jogar, pelas cores que estão iluminando o Maracanã no dia do jogo. Se é o Flamengo, ele fica vermelho, né? Porque ele agora acende as luzes conforme o time que vai jogar.**

A saída dos jogos (Figura 45) também faz parte do ritual que teve início anteriormente na compra dos ingressos, uma saída ruidosa em razão da quantidade numerosa de torcedores. Pois, mesmo em dias de público dito escasso, como no jogo entre Flamengo e Madureira, do Campeonato Carioca em 21 de julho de 2013, com o menor número de público pagante, 3.376 torcedores na assistência, o Maracanã continua sendo um espaço de confluência de pessoas. E necessita de um esquema especial para o deslocamento e segurança em razão do número relativamente expressivo de pessoas, muitas vezes exaltadas, seja pela alegria da vitória de seu time seja pela revolta e não aceitação da derrota, a saírem de um determinado lugar ao mesmo tempo, com a pressa característica dos grandes centros urbanos na contemporaneidade.



Figura 45: Torcedores na Avenida Maracanã, no dia do jogo oficial (Brasil x Inglaterra) de reinauguração do Maracanã. Data: 02/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Parece dominar espaços, lugares, vontades, sentimentos e comportamentos. O Maracanã vem sendo construído e reconstruído, no entanto sua aptidão para dominar não se deteriora com o tempo. Este estádio, com certeza, zomba daqueles que o acreditam parado e cristalizado no tempo ou num espaço, de tal maneira que se reinventa a cada partida de futebol.

2.2 O simbólico de um patrimônio

A palavra patrimônio, nas sociedades contemporâneas, tem sido utilizada nos mais variados contextos. A necessidade emergente de memória, citada nesta pesquisa no capítulo anterior, é um dos importantes fatores que propiciou a proliferação dos processos de patrimonialização e musealização dos mais diversos bens na atual história da humanidade. Porém, como indica Chagas (2009), ‘nem tudo será musealizado’, apesar da forte vontade das comunidades regionais e nacionais de fazê-lo, na tentativa de acessar uma memória esvaziada pelo soberbo volume de informações disseminadas e acessadas tanto nos grandes centros metropolitanos como nas regiões mais remotas do planeta.

E, por que nem tudo é patrimonializado? Quais as razões que possibilitam um determinado objeto ou lugar ser foco de intencionalidade de se patrimonializar e, de fato, conseguir percorrer todo processo, nas diversas estâncias do público e do jurídico, a se constituir, a posteriori, num patrimônio cultural legitimado tanto pela vontade da população quanto pelo poder público oficial? Tais questões se apresentam ao pensarmos num patrimônio cultural instaurado na nossa realidade e nosso prosaico cotidiano.

Patrimônio é um termo cercado de ambiguidade. A ambivalência desta categoria e a banalização do seu uso nas sociedades contemporâneas devem ser pensadas, tendo como referência o modo como conseguimos entender a relação do tempo (passado, presente e futuro) e da memória, pois um patrimônio tem a ver com o modo de representação do tempo.

No Brasil, o patrimônio é uma categoria eminentemente jurídica, na qual as leis e os modos de se preservar juridicamente os bens e as propriedades herdadas se apresentam na sua contextualização histórica. Nos anos setenta do século passado, durante o regime militar, ressalta-se um forte vínculo entre a ideia de patrimônio, a ideia de nação e de

identidade nacional. E os museus poderiam ser uma das instituições oficiais que auxiliariam na manutenção desta ligação.

Nesta época havia, nos clubes de futebol, uma vontade e preocupação em exibir a história oficial, propondo as datas das vitórias de campeonatos, os artilheiros dos times, os uniformes, as taças, as medalhas e as relíquias comemorativas como marcas identitárias clubistas.

Inicialmente existiam as Salas de Troféus, também conhecidas como Memoriais de Conquistas⁴⁶, nas sedes dos clubes de futebol e de esportes em geral. Que vêm a ser locais destinados à guarda e à exibição de objetos, como taças, troféus, bandeiras, flâmulas, antigos uniformes oficiais e fotos, que enaltecem as conquistas pretéritas do clube. A partir de então, a vontade de se guardar as lembranças esportivas como modo de perpetuação daquela memória, incentivou a construção de museus dentro dos estádios de futebol.

Esta tradição pode ser notada também nos estádios de futebol no exterior. Clubes como o Sport Lisboa e Benfica e seu Estádio da Luz que abriga o Museu Benfica Cosme e Damião, em Portugal, o Clube de Futebol do Barcelona com seu Estádio Camp Nou (Campo Novo), na Espanha, o Associazione Calcio Milan (AC Milan) e seu Estádio San Siro, o Clube de Futebol Bayern de Munique e sua Allianz Arena, na Alemanha, o Clube Atlético Boca Juniors com seu Estádio Alberto Jacinto Armando (La Bombonera), em Buenos Aires, na Argentina e o Estádio Centenário, no Uruguai, possuem museus⁴⁷ que contam a sua história. E tornaram-se, inclusive, reconhecidos como espaços de visitação para o turismo local e internacional. Mesmo no Brasil existem conhecidos museus de clubes de futebol abrigados exatamente no interior de seus estádios.

Selecionei alguns textos de jornais da década de setenta, listados no Apêndice C⁴⁸ da pesquisa, que se pronunciam a respeito da criação de um museu dentro do Estádio do

⁴⁶ STREAPCO, João Paulo França. Cultura material e a Sociedade esportiva Palmeiras. In: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

⁴⁷ No Estádio Centenário, em Montevidéu (Uruguai), encontra-se o Museu do Futebol, inaugurado em 1975, e conhecido por ser o primeiro museu com a especificidade de ser voltado à história do futebol. Foi, inclusive, eleito como patrimônio cultural da humanidade. Já o Estádio San Siro ou Estádio Giuseppe Meazza, em Milão (Itália), possui outra peculiaridade de ser nomeado diferentemente dependendo do time que joga lá. Nos jogos do Associazione Calcio Milan (AC Milan) chama-se San Siro, enquanto nos jogos do Clube de Futebol Internazionale de Milano (Inter de Milão), é designado como Giuseppe Meazza, mesmo tratando-se do mesmo estádio, da mesma edificação. E é nele que encontra-se o único museu em estádios da Itália.

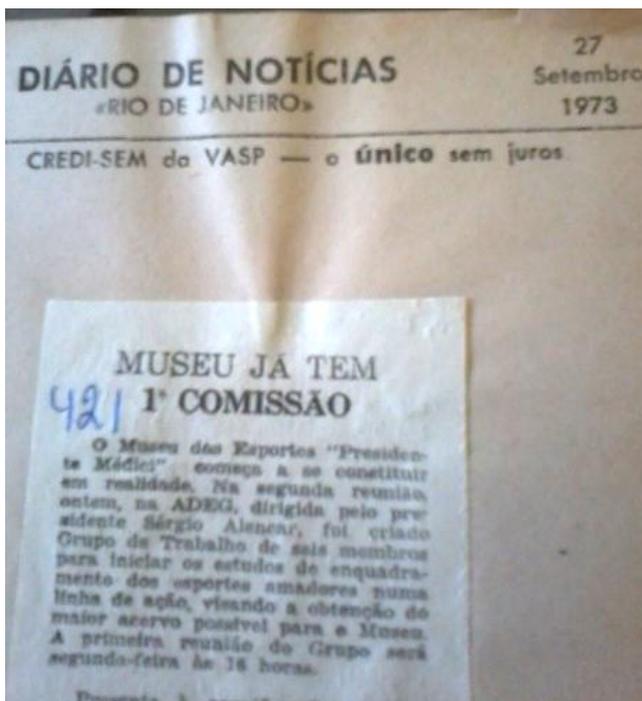
⁴⁸ O Apêndice C elenca, em ordem de aparição ao longo da pesquisa, os textos de jornais, de revistas e de periódicos coletados. Para facilitação da leitura, nomeei-os como *texto* e numerei-os em ordem crescente à medida que são expostos.

Maracanã, inclusive alguns se reportam ao local como Museu dos Esportes. O Texto 16, do Diário de Notícias, de 27/09/1973, que explicita a da criação do Museu dos Esportes Presidente Médici, no Estádio do Maracanã. O Texto 17 do Diário Popular, de 02/10/1973, que trata sobre a solicitação e recebimento do Instituto do Patrimônio Histórico Estadual, de doações para a primeira vitrine Museu dos Esportes, no Estádio do Maracanã. O Texto 18, do jornal O Dia, de 19/09/1973, sobre a inauguração do Museu dos Esportes, no Estádio do Maracanã.

Em 29/09/2008, com o intuito de focar o futebol como parte da cultura brasileira, foi inaugurado o Museu do Futebol dentro do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Estádio do Pacaembú, na cidade de São Paulo. Sob a curadoria Leonel Kaz, tornou-se uma referência brasileira de museu interativo na contemporaneidade.

No Estádio do Maracanã de fato foi criado, em 03 de abril de 2002, um museu nomeado Museu Mané Garrincha que teve um curto tempo de vida, inclusive logo após sua inauguração foi fechado, ficando por muitos anos desativado.

O Decreto 41.908, de 16/06/2009, publicado no Diário Oficial do Governo do Estado do Rio de Janeiro, estabeleceu a responsabilidade do Museu do Futebol Mané Garrincha para a Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj), vinculada à Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer. Com este procedimento, inaugurou-se um novo espaço chamado Museu do Futebol do Maracanã que receberia o acervo do antigo Museu Mané Garrincha.



Texto 16: Diário de Notícias, de 27/09/1973, publica reportagem sobre a criação do Museu dos Esportes Presidente Médici, no Estádio do Maracanã. (Acervo da Biblioteca Gustavo Capanema/IPHAN/RJ)



Texto 17: Diário Popular, de 02/10/1973, exhibe matéria sobre a primeira vitrine Museu dos Esportes, no Estádio do Maracanã. (Acervo da Biblioteca Gustavo Capanema/IPHAN/RJ)



Texto 18: O Dia, de 19/09/1973, publica reportagem sobre a inauguração do Museu dos Esportes, no Estádio do Maracanã. (Acervo da Biblioteca Gustavo Capanema/IPHAN/RJ)

Apesar da discussão acerca da criação de um museu dentro do Estádio do Maracanã ter-se iniciado ainda nos anos setenta (como constatado nos jornais citados), pode-se perceber que somente em 2007, com a sua reinauguração após as obras de reformas para os Jogos Pan-Americanos, tal museu começa a se fazer, de fato, presente no roteiro turístico do estádio.

Atualmente há na sala de exposições do Maracanã, a Calçada da Fama (Figura 46), estátuas de ex-jogadores importantes na história do futebol brasileiro e do Maracanã, como Arthur Antunes Coimbra, o Zico (Figura 47), maior artilheiro da história do estádio (com 33 gols computados), Mário Jorge Lobo Zagallo (Figura 48), ex-jogador com maior número de medalhas em Copas do Mundo como jogador (em 1958 e 1962), como técnico (em 1970) e como integrante da comissão técnica (em 1994). Entre as pessoas homenageadas encontra-se Mário Filho (Figura 49) que possui um busto em bronze exposto naquele local.



Figura 46: Calçada da Fama, dentro das instalações do Estádio do Maracanã. Data: 10/06/2011.
Crédito: Edmar Moreira.



Figura 47: Estátua do ex-jogador da seleção brasileira e artilheiro do Maracanã, Arthur , o Zico. Data: 18/06/2011.

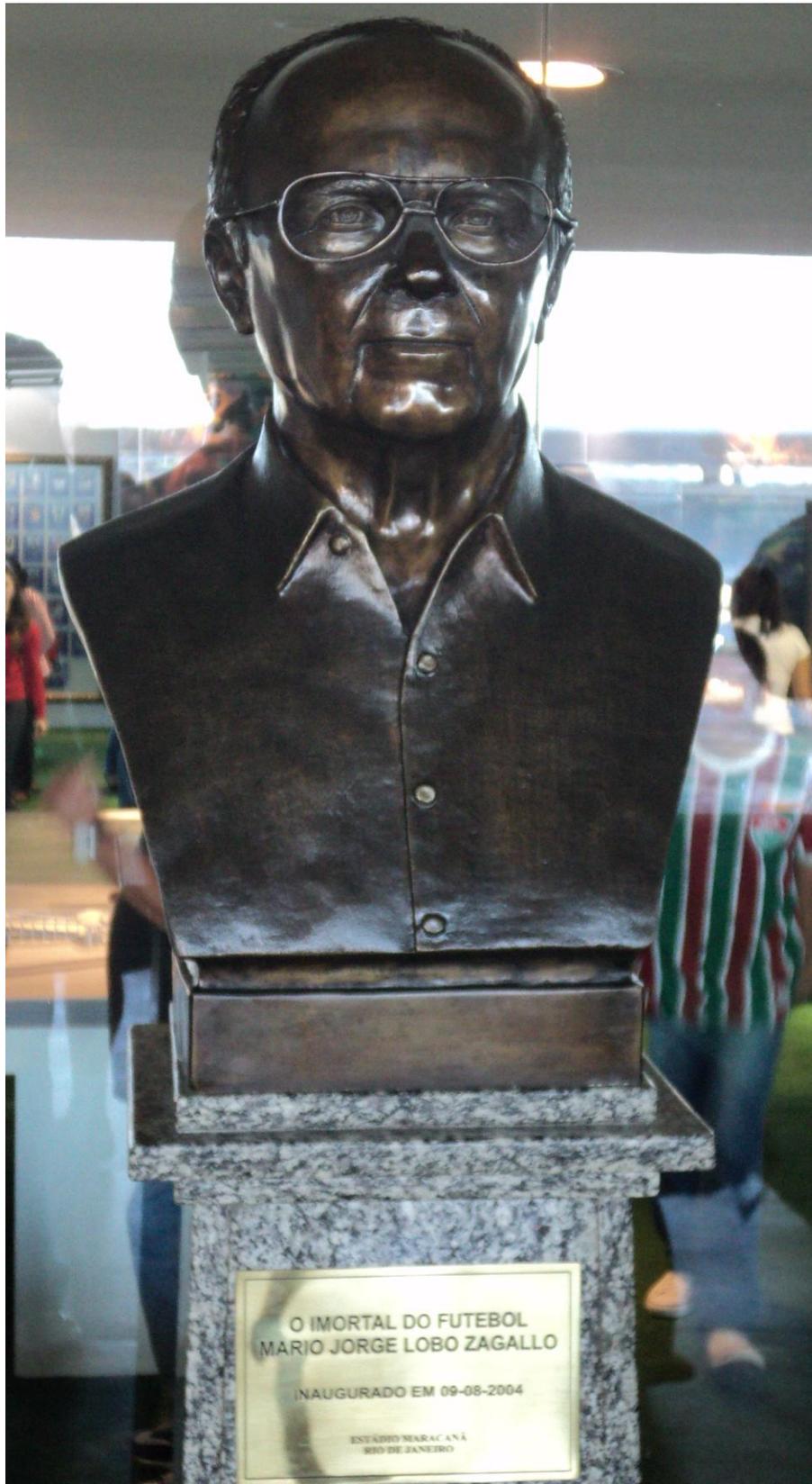


Figura 48: Busto do ex-jogador e ex-técnico da seleção brasileira de futebol, Mário Lobo Zagallo. Data: 18/06/2011.



Figura 49: Busto em homenagem àquele que dá nome ao estádio, Jornalista Mário Filho. Data: 18/06/2011.

Assim, tais espaços instituídos como lugares de perpetuação da memória a partir da exposição de objetos, figuras e obras de arte com significados para a instituição também são encontrados dentro dos estádios de futebol.

Pode-se dizer que a reaproximação dos museus e do patrimônio ocorreu especialmente, após o fim da ditadura militar, com a redemocratização do país. Nos anos oitenta, tal categoria – o patrimônio – entrou em pauta nas ciências sociais e humanas, e concomitantemente houve uma majoração de seu campo de abrangência, com a ampliação da diversidade (genético, intangível, digital, etc). (GONÇALVES, 2003).

Novos patrimônios ganham visibilidade e são postos em pauta.

As relações entre esse espaço nobre e as demais formas de cultura, no entanto, vêm sendo progressivamente desestabilizadas e suas fronteiras demarcatórias aparentemente enfraquecidas. Os produtos das culturas populares e da cultura de massa são incorporados naqueles espaços; enquanto produtos da chamada “cultura erudita” são igualmente incorporados, reinterpretados e difundidos pelos meios de comunicação. (GONÇALVES, 2007, p.83/84).

José Reginaldo Gonçalves aponta que, no Brasil, estudos acadêmicos e científicos acerca de patrimônio histórico e artístico nacional e sobre o entendimento do que viria a ser patrimônio cultural para determinados grupos sociais locais foram produzidos no final do século XX (décadas de oitenta e noventa). Estes trabalhos teriam participado de um processo maior de reflexão a partir do olhar mais atento da Antropologia, da Sociologia e da História para as chamadas “culturas populares” ou “cultura de massa” em oposição à “alta cultura” ou “cultura de elite”. (GONÇALVES, 2007, p.85).

Nos anos iniciais da década de oitenta do século passado, a imprensa divulga notícias sobre o possível tombamento do Estádio do Maracanã e, por conseguinte, sua transformação em patrimônio cultural. Como podemos conferir nos Textos 19, 20, 21 e 22 da pesquisa e seus sugestivos títulos. Texto 19 *Com o tombamento, o Maracanã pode ganhar reformas e prestígio*, publicado na coluna de Almir Boffa, do jornal Estado de São Paulo, de 25/09/1983, o Texto 20 intitulado *O tombamento do Estádio do Maracanã*, publicado na Folha de São Paulo, de 28/09/1983, o Texto 21 *Maracanã deverá ser patrimônio histórico*, do jornal O Globo, de 26/09/1983 e o Texto 22 *Vilaça decide pedir o tombamento do Estádio do Maracanã*, publicado no Jornal do Brasil, de 24/09/1983.

Com o tombamento, o Maracanã pode ganhar reformas e prestígio

Quando o Maracanã vive um dos seus piores momentos, com vazamentos de água, falta de material de conservação, goteiras e um gramado horrível, o Patrimônio Histórico, em Brasília, inicia estudos para tombamento do que resta da obra que completou, em junho, 33 anos de fundações de risos e lágimas do futebol brasileiro. O gramado, que nunca esteve tão ruim e abandonado — falase em oito anos "sem nenhum cuidado com a drenagem e o piso" — começa a ser recuperado amanhã porque houve muitas reclamações dos jogadores e ameaças da superintendência da Suderj, que toma conta do estádio. Mas, e o resto?

Para quem vai ao Maracanã nas "cadeiras especiais" do sexto andar das tribunas de imprensa, de honra ou dos "cartolas"?

completou, em junho, 33 anos de fundações de risos e lágimas do futebol brasileiro. O gramado, que nunca esteve tão ruim e abandonado — falase em oito anos "sem nenhum cuidado com a drenagem e o piso" — começa a ser recuperado amanhã porque houve muitas reclamações dos jogadores e ameaças da superintendência da Suderj, que toma conta do estádio. Mas, e o resto?

Para quem vai ao Maracanã nas "cadeiras especiais" do sexto andar das tribunas de imprensa, de honra ou dos "cartolas", a ideia que se tem do estádio é a melhor possível. Por isso, as agências de viagem só vendem aos turistas os ingressos para as "Especiais". Se, por acaso, o turista for de arqui bancada, cadeiras camaradas ou, pior, nas gerais, provavelmente terá uma síncope diante do estado de abandono e da sujeira que encontrará pela frente.

Se os banheiros das "Especiais" das tribunas são limpos e tem até papel higiênico e água corrente, nos outros não existem luz e até aparelhos sanitários, roubados inexplicavelmente. Não se tem conta do número de assaltos dentro dos banheiros, especialmente em jogos noturnos, isso para falar nos assaltos nas imediações do estádio, quando os torcedores saem dos jogos. Já houve até a morte de uma jovem torcedora do Flamengo, assaltada no Maracanã após um jogo.

O novo superintendente da Suderj, Robinson Gracie, que assumiu o cargo de 5 meses com o governo de Collor, dá-se "atormentado" com o

estado de abandono do Maracanã. Segundo Gracie, o estádio está totalmente largado há oito anos!

— Não se pode admitir que um complexo como o Maracanã, que pode dar lucro, esteja tão abandonado e dê tanto prejuízo.

Na verdade, as últimas obras importantes realizadas no Maracanã vêm do governo Carlos Lacerda, que diante de laudos ameaçadores dos engenheiros da Suderj, resolveu revestir toda a parte externa com pastilhas azuis e brancas. Algum tempo depois foram construídos canteiros em volta do gramado, os vestiários anexos transformaram-se em salas de aquecimento muito boas, mas acabou aí, nada mais foi feito e a maior novidade do Maracanã dos

últimos anos foi pintar o pé das balizas com tinta preta.

O gramado está um "verdadeiro chiqueiro", segundo o superintendente da Suderj, que chegou a sugerir a suspensão de todos os jogos do retorno do Campeonato Carioca, no Maracanã, "para salvar o pouco que ainda existe". Robinson Gracie pediu um laudo específico aos seus engenheiros e à empresa de conservação — "Ceres" —, que concluíram, preocupados.

— O piso está com baixa capacidade de absorção de água e formou-se um "estado plástico" (lama) em vários locais do gramado. Caso seja mantido o uso do Gramado do estádio, a situação vai piorar e o campo ficará com depressões, perigoso para a prática do futebol.

Nem assim, porém, o presidente da Federação Carioca, Otávio Furtado Guimarães, aceitou suspender os jogos do retorno, iniciado domingo passado, quando Botafogo e América jogaram num lamaçal. O máximo que Otávio admitiu — e contrariado

— foi suspender as preliminares do Campeonato de Juniores.

— Não dava para suspender os jogos no Maracanã porque o Campeonato seria esvaziado. E, na verdade, o gramado pode suportar porque só temos jogos nos fins de semana.

Otávio vai mais longe afirmando que o futebol não podia "pagar" o voleibol e o rock". Referia-se ao jogo de voleibol entre Brasil e URSS e ao show do conjunto "Kiss".

Mas sem conseguir parar o Campeonato Carioca, o jeito foi a Suderj providenciar junto à "Ceres" um projeto "a curto prazo" que será iniciado amanhã. Este projeto consiste em jogar terra adubada e abrir drenos verticais nos locais mais atingidos.

Otávio vai mais longe afirmando que o futebol não podia "pagar" o voleibol e o rock". Referia-se ao jogo de voleibol entre Brasil e URSS e ao show do conjunto "Kiss".

Mas sem conseguir parar o Campeonato Carioca, o jeito foi a Suderj providenciar junto à "Ceres" um projeto "a curto prazo" que será iniciado amanhã. Este projeto consiste em jogar terra adubada e abrir drenos verticais nos locais mais atingidos. As obras de recuperação geral do gramado do Maracanã estão orçadas, pela Suderj, em Cr\$ 10 milhões, mas só deverão ser feitas no final da temporada, em dezembro. E aí o superintendente da Suderj terá um novo problema a resolver, desta vez com a CBF, que pretende começar a Taça de Ouro em fins de janeiro.

O prazo para "fazer uma coisa perfeita", segundo a Suderj, tem de ser estendido até fins de fevereiro, com a retirada completa da grama atual, tida como "doente e irreparável". A Suderj diz que vai plantar um outro tipo de grama, "mais bonita, porém mais bonita e resistente", chamada "bermuda".

— Do jeito, que está e que não pode continuar — diz, furioso, Robinson Gracie.

O superintendente tem razão. Ou o Maracanã é reformado ou não merecerá mais o pomposo título de maior e mais belo estádio do mundo — o estádio de grandes festas — e agora o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional quer tombá-lo.

Altair Ruffa

Texto 19: Matéria do jornal Estado de São Paulo, de 25/09/1983, acerca das vantagens de um possível tombamento do Estádio do Maracanã.

Joel Rufino dos Santos

O tombamento do Maracanã

Muitos desportistas talvez não tenham
vd falar em Marcos Vilaça.

— Este rapaz é técnico da Prudentina
— arriscou Lula Siri.

Não é. Marcos Vilaça é secretário de
Cultura do MEC. Há duas semanas
atrás ele assistia a Brasil x Argentina,
no Maracanã, quando, no finalzinho,
Junior erra um passe e põe a bola nos
pés de um inimigo. (O gramado do
Maracanã, aliás, está indigno de uma
pelada de firma, dessas que se jogam
depois do churrasco e muito chope. Não
é de agora; é de antes do dilúvio
recente.) Pois o homem, naquele
momento teve um estalo. A vaia
compacta que puniu o lateral da Seleção
(mas devia ser punido o gramado, que é
o pior do Brasil) lhe deu a idéia de pedir
o tombamento do maior estádio do
mundo. Imediatamente determinou a
um assessor que providenciasse os
trâmites.

O instituto do tombamento (não sei se
sabe o leitor) visa a preservar,
colocando sob guarda do Estado, os
bens culturais de reconhecido valor
histórico, artístico ou etnográfico. Em
que categoria o secretário de Cultura do
MEC espera incluir o alquebrado está-
dio? Eis a sua declaração: o Maracanã
é "um símbolo sociológico marcante no
pluralismo cultural brasileiro e que
deve ser resguardado". Pluralismo
cultural brasileiro é uma dessas ex-
pressões da moda.

— Significa — esclareceu nossa dou-
toranda por Yale — que não somos
apenas ocidentais cristãos. Convivem,
em nosso universo, outras culturas,
negro-africanas, ameríndias, caboclas
etc. Significa reconhecer, também, que
apesar da mistura, essas culturas
mantêm suas características próprias.

O Maracanã é um símbolo do encontro
maravilhoso dessas culturas.

Marcos Vilaça, no final da entrevista
("Jornal do Brasil", 28/09) afirma que
"o Maracanã é apenas parte dos
diversos tipos de monumentos con-
temporâneos, e não elitistas, que de-
vemos resguardar". E deu como
exemplo o tombamento de um famoso
terreiro de camdombê baiano, o da
Casa Branca do Engenho Velho, onde
abençoa seus muitos filhos Mãe Teté. A
Casa Branca tem mais de 250 anos de
existência. O Maracanã só tem 22. Mas
é indiscutivelmente auspicioso que um
homem de governo venha a seu respeito
dizer coisas assim:

O tombamento do Maracanã "ajuda a
deselitizar a concepção de Cultura, que
não é apenas o barroco, mas também o
monumento contemporâneo, como o
Mário Filho, a Catedral de Brasília e
outros edifícios".

Como avançamos, né, meu caro Lula
Siri!

O secretário de Cultura do MEC pisa
na bola, porém, a certa altura da sua
entrevista. Não é o caso de vaia, como a
que pressionou o excelente Junior, na
batalha contra os argentinos.

— Por exemplo — pontificou a doto-
randa por Yale. Separar o jogador e o
torcedor brasileiro em apolíneo e dioni-
siaco é do mais puro etnocentrismo.
Outra coisa: se o Maracanã é um bem
cultural do povo brasileiro, digno de ser
preservado, é porque nele se produz
cultura. O secretário porém, cita escri-
tores (Zé Lins do Régis, Carlos Drum-
mond) para limitar esse bem cultural.
Eles que lhe ensinaram a ver o futebol
como cultura...

Contradição!

A esta altura, Lula Siri já tinha
desaparecido no WC.

JOEL RUFINO DOS SANTOS é jornalista e
escritor, autor de "A herança política do
futebol - o dilema", "O soldado que não era" e
"O dia em que o povo venceu", entre outras
livres.

Tombamento

A ideia de tombamento do Estádio do Maracanã, um edifício em funcionamento há 40 anos, é definitivamente sustentada com a preservação da memória nacional.

NÃO É necessário a um velho prédio servir a fins de destinação para que se reconheça o seu valor como patrimônio cultural de uma comunidade.

NO MARACANÃ está parte da vida e do modo de viver do carioca e, de certa forma, de todos os brasileiros.

SEU PROJETO arquitetônico poderá ser um dia ultrapassado, suas instalações talvez no futuro se revelem inadequadas, obsoletas.

MAS NA memória afetiva do povo seu lugar está garantido -- e disto o tombamento é a consequência lógica e indispensável.

Maracanã deverá ser patrimônio histórico

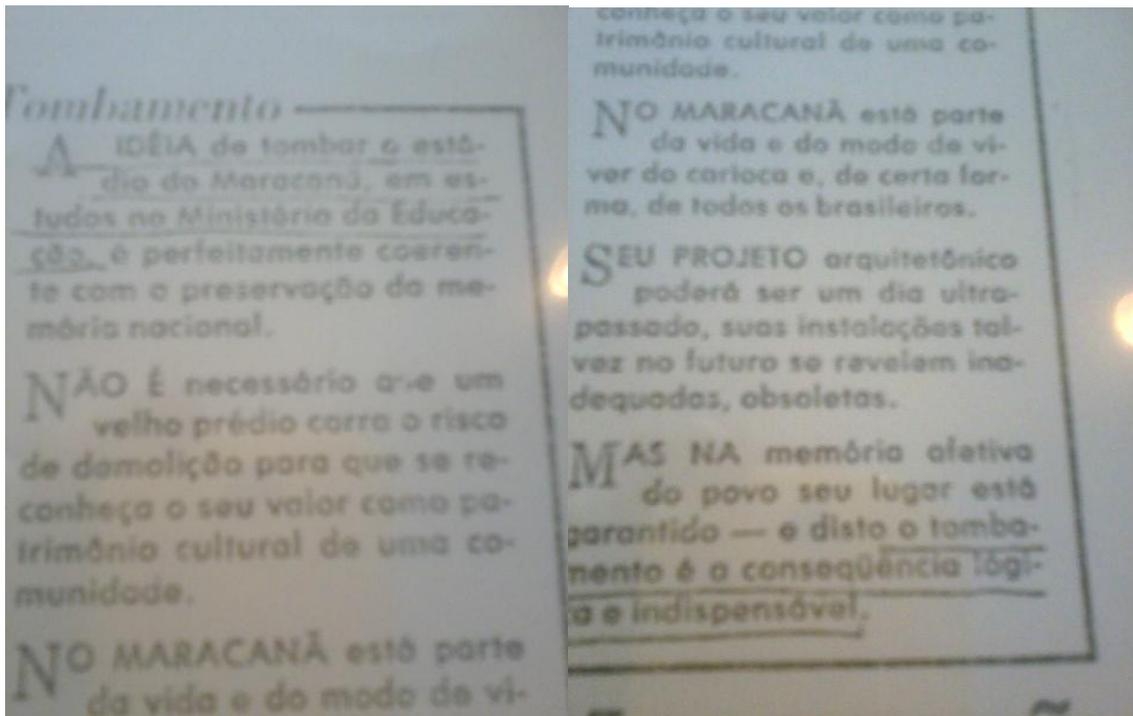
BRASÍLIA -- A Subsecretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) iniciará, esse mês, estudos para o tombamento do Estádio Mário Filho -- Maracanã. A medida foi proposta, ontem, pelo Secretário de Cultura do MEC, Marcos Vinícius Villaca.

— O Maracanã, o maior estádio do Mundo, não é um bem apenas dos torcedores cariocas. Ele é, antes de tudo, um patrimônio dos mais representativos para todo o País. Como seu tombamento, pretendemos preservar e salvar o pátio maior do futebol brasileiro -- disse Villaca.

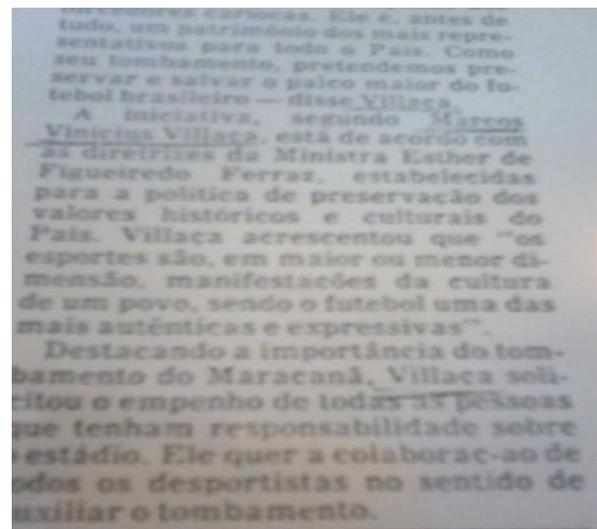
A iniciativa, segundo Marcos Vinícius Villaca, está de acordo com as diretrizes da Ministra Esther de Figueiredo Ferver, estabelecidas para a política de preservação dos valores históricos e culturais do País. Villaca acrescentou que "os esportes são, em maior ou menor dimensão, manifestações da cultura de um povo, sendo o futebol uma das mais autênticas e expressivas".

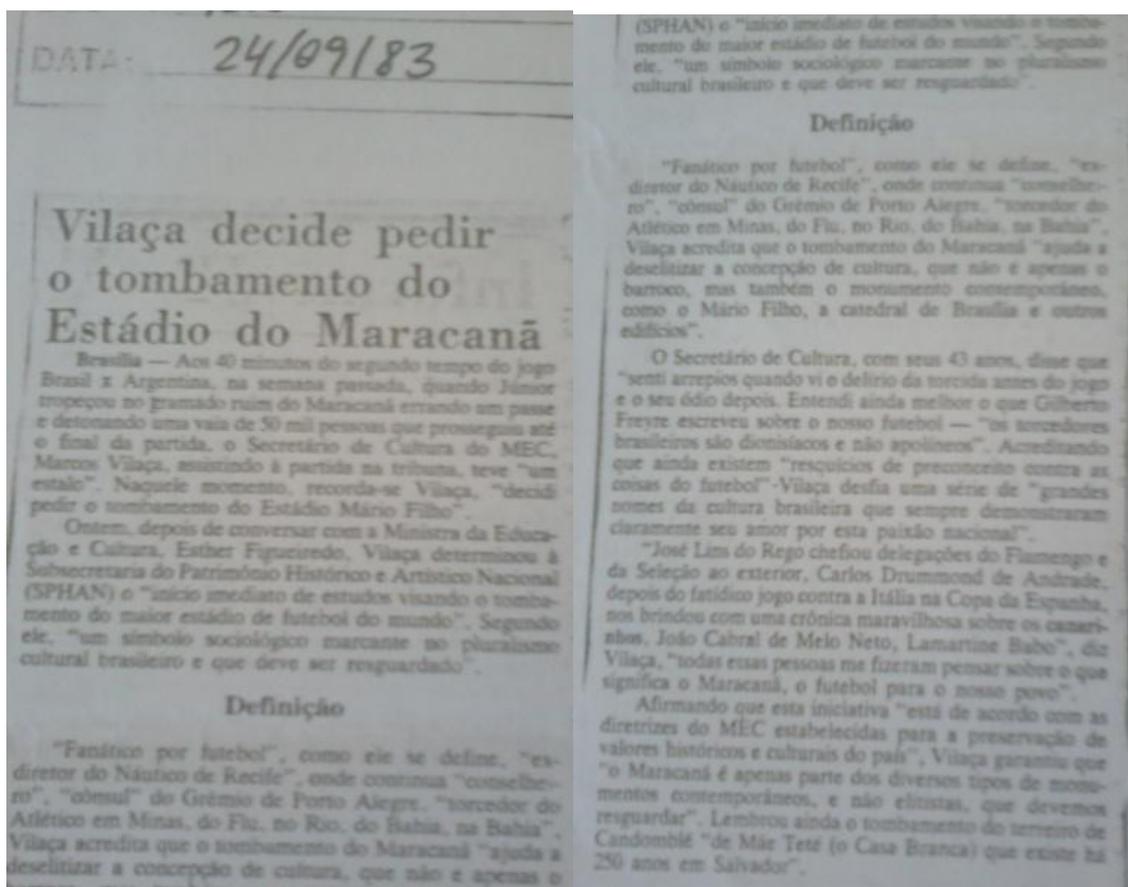
Destacando a importância do tombamento do Maracanã, Villaca solicitou o empenho de todos os órgãos que tenham responsabilidade sobre o estádio. Ele quer a colaboração de todos os desportistas no sentido de auxiliar o tombamento.

Texto 21: Reportagem publicada no jornal O Globo, de 26/09/1983, sobre o tombamento do Estádio do Maracanã.



Texto 21 ampliado para melhor visualização dos escritos: (O Globo, de 26/09/1983)





Texto 22: Jornal do Brasil, de 24/09/1983, publica matéria sobre o tombamento do Estádio do Maracanã.

O discurso da imprensa parece se esforçar no apoio ao processo de tombamento do Estádio do Maracanã. No texto 21, Joel Rufino traz a estória de como surgiu a proposta de fazer aquele estádio tornar-se oficialmente um patrimônio cultural. Na proposição, o jornalista e historiador descreve como o então Secretário de Cultura do Ministério da Educação e Cultura (MEC), Marcos Vilaça, durante a assistência de um jogo da seleção brasileira no Maracanã, ao ouvir a vaia da torcida, teve a ideia de sugerir o tombamento do estádio.

Interessante notar que não foi a materialidade do estádio que fomentou a vontade de fazer dele um patrimônio e sim algo da dimensão do intagível: a participação dos torcedores emitindo sua vaia nas partidas de futebol. Assim como aconteceu, naquela época, com outros bens culturais que a partir do seu significado e valor e não de seu aspecto material foram patrimonializados. Tal procedimento promove e dá visibilidade ao teor imaterial e transcendente dos bens culturais.

O próprio Joel Rufino teve importante participação nesse processo, atuando como parecerista do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) e como um dos diretores

da Fundação Pró-Memória. Ele foi o elaborador da proposta de tombamento da Pedra do Sal como um monumento histórico por testemunhar a antiga ocupação do centro da cidade do Rio de Janeiro pelos negros e suas tias baianas e também como monumento religioso por ser remanescente de um espaço ritual onde se faziam despachos e oferendas.

Na virada do século, a Saúde, como o velho centro do Rio, enxameava de templos afro-brasileiros; ialorixás, cambonos e alufás em cada quarteirão. Os templos católicos foram tombados e preservados. Nenhum afro-brasileiro o foi. (...) A Pedra do Sal é, em suma, mais que um bem cultural negro-brasileiro. É um monumento histórico e religioso da cidade do Rio de Janeiro.⁴⁹

Então, em 11 de maio de 1987, a Pedra do Sal teve seu tombamento definitivo através do processo número E-18/300.048/84 que fora iniciado, em caráter provisório, na data de 20 de novembro de 1984. E, consta atualmente na relação de bens tombados como patrimônio cultural do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural.⁵⁰

Desta forma, ao pensar em algo que tenha sido patrimonializado, acredito ser um caminho hábil iniciar com reflexões sobre o teor simbólico e sua intangibilidade de ser.

O material e o imaterial aparecem de modo indistinto nos limites dessa categoria. A noção de patrimônio cultural desse modo, enquanto categoria do entendimento humano, na verdade rematerializa a noção de "cultura" que, no século XX, em suas formulações antropológicas, foi desmaterializada em favor de noções mais abstratas, tais como estrutura, estrutura social, sistema simbólico, etc. [...] Muitos objetos podem ser certamente entendidos como "patrimônios", na medida em que, pela sua ressonância junto a grande parte da população brasileira, realizam mediações importantes entre o passado e o presente, entre o imaterial e o material, entre a alma e o corpo, entre outras. (GONÇALVES, 2005, p.50).

Pessoas e objetos são múltiplos de intenções, de capacidades e de sentidos, e percebê-los ou analisá-los a partir de uma perspectiva restrita contribui para uma visão limitada e limitante que se traduz numa percepção de realidade fragmentada e despolitizada. Fazer ponderações acerca de um objeto, lugar ou pessoa somente por sua utilidade ou modos de uso é reduzir as suas potencialidades e, de certo maneira,

⁴⁹ Proposta de tombamento da Pedra do Sal, por Joel Rufino. INEPAC, 1984. (FERRAZ, 1997).

⁵⁰ Pesquisado no site http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/20. Acesso em 02/05/2014 às 19h33min.

subestimar tal coisa ou pessoa. Aqui me articulo com Chagas e seus escritos a respeito da relação entre lugar social e o conceito de patrimônio.

Dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles estão na dependência do lugar social que ao corpo é destinado. Esse lugar social, contudo, é dado pelas relações dos indivíduos e dos grupos sociais com o referido corpo, do que decorrem o seu alto grau de volatilidade e seu baixíssimo grau de fixidez. A capacidade de os corpos patrimoniais encarnarem múltiplos sentidos contribui para a ampliação de tensões e conflitos. (CHAGAS, 2009, p.43/44).

Ao lidar com a complexidade do conceito de patrimônio cultural surge a necessidade de um aprofundamento sobre as questões concernentes à representação e ao imaginário da concretude física, da materialidade daquela edificação: o imaterial, o imaginado, o intangível, o que não pode ser visto nem tocado, mas que pode ser sentido. Em uma visão míope, um estádio poderia ser apenas uma construção arquitetônica com sua função e seus usos muito bem definidos pela comunidade que o constrói e o utiliza. Entretanto, ao longo desta pesquisa, ao me debruçar nos depoimentos, nas memórias, nos discursos e na contextualização histórica a respeito da construção e vida do Maracanã⁵¹, entendi que este estádio constituiu-se, com o tempo, numa marca de representação identitária para o povo do Rio de Janeiro e mesmo para o brasileiro.

No diálogo com Gonçalves e seus estudos a respeito da relação entre lugar social e o conceito de patrimônio, pode-se compreender que a questão simbólica e social de um bem cultural situa o pesquisador de maneira mais consciente do valor simbólico que o mesmo pode ter para o grupo social que por ele transita ou se relaciona.

Focalizando seus usos sociais e simbólicos, tenho problematizado as noções modernas de "patrimônio cultural", mostrando situações que se caracterizam pela inserção do patrimônio em totalidades cósmicas e morais, onde suas fronteiras são bem pouco delimitadas. Tenho sublinhado ainda que os "patrimônios culturais" seriam entendidos mais adequadamente se situados como elementos mediadores entre diversos domínios social e simbolicamente construídos, estabelecendo pontes e cercas entre categorias cruciais, tais como passado e presente, deuses e homens, mortos e vivos, nacionais e estrangeiros, ricos e pobres, etc. Nesse sentido, tenho sugerido a possibilidade de pensar o patrimônio em termos etnográficos, analisando-o como um "fato social total", seguindo a rica noção de Marcel Mauss e desnaturalizando seus usos nos modernos "discursos do patrimônio cultural". (GONÇALVES, 2005, p.45/46).

⁵¹ Seguindo a recomendação do parecer referente ao Processo de Tombamento (nº 1094 –T-83) do Estádio de futebol Jornalista Mario Filho, de Nestor Goulart Reis Filho, de 12/04/2000 e a Ata da 21ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural/IPHAN, o Estádio do Maracanã, em 26/12/2000, foi inscrito no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico sob o nº 125. Ver texto: *Preservação do Maracanã*, de Claudia Girão Barroso, 2011.

Um estádio de futebol extrapola qualquer pensamento advindo do senso comum, utilitarista e pouco aprofundado que se poderia ter sobre a questão de patrimonialização de um bem cultural. Ao promover rotineiramente partidas de futebol, um estádio evoca memórias e subjetividades com a mesma frequência em que sedia estes espetáculos esportivos. Conforme ressalva Pragmácio Telles, o Estádio do Maracanã, apesar de ser uma edificação, tem o “seu valor histórico e, sobretudo, etnográfico reconhecido como valor medular para o processo de tombamento” (TELLES, 2010, p.83) através do parecer técnico nº 08, do IPHAN, de 04 de fevereiro de 1997.

Sem a identificação de um valor qualquer (mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo), a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição. [...] Há uma hierarquia de valores, que é mobilizada politicamente para justificar a preservação ou a destruição dos chamados bens culturais. (CHAGAS, 2009, p.36).

Tais valores igualmente apontados por Chagas constituem um forte referencial para o processo de construção da memória social de um bem cultural na sociedade. Os valores que permeiam aquele espaço, lugar, monumento fortalecem o seu teor musealizante já que são a gênese e o alicerce de seu poder simbólico⁵² e, paradoxalmente, corporificam, na materialidade do bem, a vontade de memória que dele emerge para a comunidade e para grupos sociais vinculados àquela rede de memórias.

O Estádio do Maracanã, como descrito nesta pesquisa, com a aura e a rede de memórias que o envolvem pode se configurar como um importante espaço social, repleto de signos e rituais, no imaginário do brasileiro.

O campo de futebol é um terreiro de credices, úmido, poroso, elástico. Nele, tudo se mistura e se dissolve: o cuspe, o suor, o sangue, a chuva; um goleiro pode beijar a trave, benzer a rede; um jogador pode orar à grama, conversar com a bola. O campo de futebol é um dos únicos lugares onde todas as manias são perdoadas – e até mesmo incentivadas. Uma partida - 90 minutos suspensos no tempo – é um espetáculo ritualístico no qual jogadores e torcedores, bandeirinhas e juizes encarnam (ou encenam) tudo o que não vivem no cotidiano. (MÁXIMO, 2005/2006, p.20).

Assim, o bem ou objeto em sua dimensão poética e de ‘inutensílio’(CHAGAS, 2009, p.42) e o valor atribuído a ele, que deflagram o seu processo de patrimonialização. Interessante pensar nesta ideia de ‘inutensílio’ nas sociedades atuais que tanto prezam e

⁵² Ver nas referências BOURDIEU (1989) que conceitua *poder simbólico*.

bonificam as características de produtividade, de rendimento e de proatividade. Ou seja, conceber a não obrigatoriedade do bem, do objeto, ser útil ou necessário ou de ter um ou mais usos para que receba o aval de *poder de existência* ou pertinência no mundo hodierno. Ou mesmo propor a dispensabilidade da pessoa ter a obrigação social de ser produtiva e de mostrar-se integrante de um sistema maior de produção constante, incessante, de repetição alienante e despolitizada que fundamenta a concepção moderna capitalista de sociedade. Tal concepção de ‘inutensílio’ potencializa a percepção e amplia a gama de valores intrínsecos não palpáveis e impossíveis de serem registrados materialmente. O que deve ser posto é que o domínio patrimonial tem uma dinâmica que empreende conversas com memórias, lembranças, esquecimentos e, portanto, encontra-se numa zona de embates simbólicos e culturais.

No mundo contemporâneo, pode-se entender que tudo pode ser musealizado, entretanto nem tudo o será. Chagas propõe que “só se preserva aquilo que está investido de algum poder de mediação” (2009, p.219). Esta possibilidade de mediar mundos, tempos e espaços em distintas dimensões permite àquele bem cultural ser um suporte de memórias e, muitas vezes, um representativo instrumento social de poder.

A identificação de valores, dos mais diferentes âmbitos, nestes bens culturais e sua relação com os grupos sociais dependem do lugar social que ocupam naquela realidade e das tensões fomentadas em embates afetivos, sociais, econômicos e políticos. É necessário lembrar que, na contemporaneidade, a própria memória se torna espetáculo e objeto da sociedade de consumo, como atesta Huyssen.

Qualquer senso seguro do próprio passado está sendo desestabilizado pela nossa indústria cultural musealizante e pela mídia, a qual funcionam como atores centrais no drama moral da memória. A própria musealização é sugada neste cada vez mais veloz redemoinho de imagens, espetáculos e eventos e, portanto, está sempre em perigo de perder sua capacidade de garantir estabilidade cultural ao longo do tempo. (HUYSSSEN, 2000, p. 29/30).

A percepção que não é a materialidade do estádio que fez dele um patrimônio, pois para além desta, o encontro de pessoas, a aura emanada deste encontro, a ritualística promovida, o espetáculo esportivo, as comemorações⁵³ e a mítica envolvida, tudo isso e um

⁵³ Maurício Parada, em seu livro sobre cerimônias cívicas e o Estado Novo, descreve a mudança do cotidiano, que carrega em si o sentimento de interrupção das atividades diárias e comuns, como uma importante característica das comemorações: “A suspensão do cotidiano é o que permite a intensidade da comemoração – desta e de qualquer outra -, pois é neste ‘vazio de significados’ que novas formas de ordenamento social podem ser encenadas, partilhadas e tornaram-

algo mais a ser desvendado, nos possibilita depreender que esta amálgama faz do Estádio do Maracanã, um patrimônio.

2.3 Mnemosyne e Maracanã: a memória e o estádio de futebol

Ao se falar de simbologia relacionada aos estudos da memória social, mostra-se pertinente se reportar à Grécia Antiga e à mitologia a ela associada.

Vernant traça importantes considerações a respeito do culto dos gregos, na antiguidade, e as funções de rememoração e a divinização da memória.

Há no panteão grego uma divindade que tem o nome de uma função psicológica: *Mnemosyne*, Memória. [...] A memória é uma função muito elaborada que atinge grandes categorias psicológicas, como o tempo e o eu. Ela põe em jogo um conjunto de operações mentais complexas, e o seu domínio sobre elas pressupõem esforço, treinamento e exercício. O poder de rememoração é, nós o lembramos, uma conquista; a sacralização de *Mnemosyne* marca o preço que lhe é dado em uma civilização de tradição puramente oral como foi a civilização grega, entre os séculos XII e VIII, antes da difusão da escrita. (VERNANT, 1973, p. 72).

A partir dos estudos do autor constata-se a significativa presença da memória, personificada na deusa titã Mnemósine (*Mnemosyne* ou *Mnemósina*), com uma função que extrapola a ideia de memorização. Já que ela concede aos seus escolhidos o dom da onisciência que os possibilitará conhecer o passado.

Mnemósine além de ser a divindade que personifica o poder da memória, também gerou as Musas, cujo nascimento é um ato de celebração de Zeus, o rei do céu e da terra, por sua vitória sobre Cronos (*Kronos* ou *Crono*), seu pai e anterior soberano dos deuses e do mundo. Para celebrar de maneira inesquecível tal acontecimento, o rei do Olimpo escolhe e une-se a Mnemósine, pois tudo nascido sob o signo da Memória seria eternamente lembrado. Assim nascem as Musas⁵⁴, protetoras das artes, das letras e das ciências, aquelas que inspiram e ofertam a criatividade aos humanos⁵⁵.

se significativas para a maior parte da população” (2009, p.22). Algo que é partilhado nos espetáculos esportivos contemporâneos que ganham visibilidade midiática e alteram a relação espaço-temporal da comunidade envolvida nos mesmos.

⁵⁴ “Os poetas as designavam também por Piérides, por terem nascido no Monte Piero” (VICTORIA, Luiz Augusto Pereira. *Dicionário básico de mitologia: Grécia, Roma e Egito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p.100).

⁵⁵ BULFINCH, Thomas. *O Livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro publicações, 2005.

Existem diversas versões sobre seu nascimento porém a mais difundida é esta, de Hesíodo (século VII a.C.), que as enumera como nove divindades⁵⁶ com encargos num ramo específico das artes, literatura ou ciências: Calíope, musa da poesia épica, Clio, musa da história, Euterpe, musa da poesia lírica, Melpômene, da tragédia, Terpsícore, da dança e do canto, Érato, da poesia erótica, Polínia, da poesia sacra, Urânia, musa da astronomia e Talia, musa da comédia.

A exemplo de Homero (século IX a.C.) que as venera e as solicita para inspirá-lo em seus poemas *A Ilíada* e *A Odisséia*, os poetas acreditavam que ao se deixarem possuir pelas Musas, conseguiam dar voz a Mnemósine, e por ela serem inspirados, com o poder de ver o passado, de ver o invisível e inclusive perceber os acontecimentos anteriores, sem correrem o risco de faltarem à verdade, mesmo que esta fosse fantasiosa.

O poeta tem uma experiência imediata destas épocas passadas. Ele conhece o passado porque tem o poder de estar presente no passado. [...] Presença direta no passado, revelação imediata, dom divino, todos estes traços, que definem a inspiração pelas Musas, de modo algum excluem ao poeta a necessidade de uma dura preparação e como que de uma aprendizagem do seu estado de vidência. (VERNANT, 1973, p.74).

Acreditava-se na intervenção da titã (titânia ou titânica) para inspirar os poetas, porém estes também necessitavam de um treinamento da memória, com exercícios exaustivos de rememoração e de repetição de longos trechos recitados. Os poetas teriam a capacidade e a função social de transmitir o prontuário de conhecimentos que os permitissem entender ou adivinhar o passado.

Entretanto, assim como Mnemósine possibilitaria a rememoração do passado, auxiliando no trabalho de rememoração, também contribuía para o esquecimento do tempo presente e portanto auxiliava no benigno esquecimento dos males e das experiências negativas.

O eleito que se beneficia dela [Mnemosyne] encontra-se também transformado. Ao mesmo tempo que se revela aos seus olhos a verdade do devir – estabelecimento definitivo da ordem cósmica e divina, desordem progressiva entre as criaturas mortais -, a visão dos tempos antigos libera-o, em uma certa medida, dos males que oprimem a humanidade de hoje. (VERNANT, 1973, p.78).

⁵⁶ RAPOSO, Maria Izabel A. Musas – Graças, Sátiros – Faunos. In: *Mitologia*, São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973, p.370.

Na mitologia grega, que em Mnemósine traz a tona a ligação inequívoca dos mitos e das memórias, consegui inspirações favoráveis ao descortinamento do objeto de estudo de minha pesquisa.

A imagem do Estádio do Maracanã tem a força e a imponência que suscita a lembrança de uma divindade ou da presença do divino na Terra.

Muitas metáforas já foram e, recorrentemente, ainda são feitas em relação a este estádio: o ‘templo do futebol’, termo exposto em placas (Figuras 50 e 51) colocadas na entrada da exposição durante a visita às obras do Maracanã o ‘coração do Brasil’ (LEITE LOPES, 1998), ‘monstro sagrado’ (depoimento de Zagallo – Entrevista 1 do Anexo I) e outras referências conotativas reveladas na análise das músicas coletadas e apresentadas nesta pesquisa. Em geral, atreladas ao seu caráter mítico e ritualístico ou a sua grandiosidade e monumentalidade.



Figura 50: Placa colocada à entrada da exposição sobre futebol, no Estádio do Maracanã, em 18/06/2011.

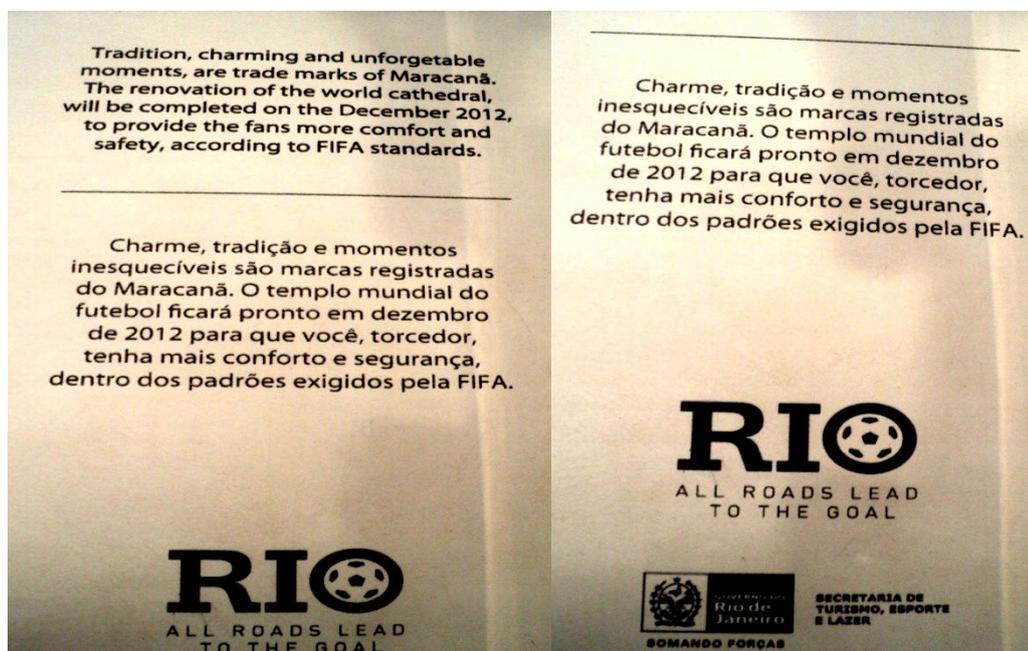


Figura 51: Placa na entrada da exposição sobre o Maracanã, durante as obras do estádio. Fotografia realizada, em 18/06/2011.



Figura 52: Folheto de divulgação oficial do Maracanã entregue aos visitantes, em 18/06/2011.

Nas Figuras 50, 51 e 52, o estádio é nomeado como Templo do Futebol. Esta ideia do Maracanã como um espaço de ritual pode ser encontrada em variados períodos de tempo, sendo perpetuada tanto em diversos discursos pessoais, como os de alguns dos entrevistados na pesquisa, quanto em discursos da mídia que a reforçam e parecem querer estabelecer o Maracanã como, de fato, o templo do futebol nacional.

Vernant (2000) sugere que o mito só se perpetua quando narrado e memorizado pelas gerações. Segundo o autor, as palavras mito e mitologia são de origem grega e se reportam à história e a certos traços desta civilização, entretanto um relato mítico é reconhecido de imediato como tal, pois se apresenta como originário do final dos tempos, sendo sua existência anterior a qualquer contador que pudesse ter iniciado sua narração.

Neste sentido, o relato mítico não resulta da invenção individual nem da fantasia criadora, mas da transmissão e da memória. Esse laço íntimo e funcional com a memorização aproxima o mito da poesia, que, originariamente, em suas manifestações mais antigas, pode se confundir com o processo de elaboração mítica. [...] O mito também só vive se for contado, de geração em geração, na vida cotidiana. O relato mítico, por sua vez, [...] sempre comporta variantes, versões múltiplas que o narrador tem à sua disposição, e que escolhe em função das circunstância, de seu público ou de suas preferência, podendo cortar, acrescentar e modificar o que lhe parecer conveniente. (VERNANT, 2000, p. 12/13).

Assim, infiro que o Estádio do Maracanã ao apresentar-se como um guardião de uma memória desempenha uma incumbência monumental de abrigar, no imaginário do brasileiro,

o mundo do futebol ao longo dos tempos, das obras e das reformas, a partir, inclusive, das duas Copas do Mundo ali sediadas; constituindo-se num espaço mítico na memória social do futebol.

Sua monumentalidade original, sua grandiosidade impar para época em que foi construído, seguidas da notoriedade advinda de um acontecimento traumático inaugural são os primeiros traços de seu legado e são os sinais prematuros do lugar social e do lugar de memória que ele se revelaria ao abrigar o mundo do futebol brasileiro e todo o imaginário que dele emana.

Mesmo na época de sua construção e inauguração certos signos e símbolos são postos no sentido de construir tal ideia de espaço mítico.

Numa visitação a uma exposição temporária nas instalações do Estádio do Maracanã, em 18 de junho de 2011, tive a oportunidade de ver algumas flâmulas e bandeiras da Copa do Mundo de 1950. Uma delas me chamou a atenção por trazer uma figura feminina que flutuava a frente de um Brasil dividido por estados, todos sobrevoando acima do Estádio do Maracanã.

Nesta flâmula (Figura 53) há a pintura da imagem de uma mulher sobreposta ao mapa do Brasil, de modo a parecer que ela levita ou plana no ar, como uma alegorização da vitória remetendo a ideia de ascensão ao divino já que a mulher flutua no ar.

Este emblema⁵⁷, tal como desenho alegórico, vem acompanhado de um texto explicativo inscrito numa faixa verde com frisos amarelos que anuncia “O Campeonato Mundial de 1950. O Brasil oferece ao mundo”.

A figura feminina veste um maiô verde e amarelo, sem alças, e porta na cabeça uma tiara nas mesmas cores. Nos pés, calça sapatos femininos na cor verde e bem a frente de seus joelhos traz uma bola de futebol.

Encontra-se de braços abertos, afastados, estendidos e erguidos lateralmente pouco acima da altura de sua cabeça. Na mão direita segura a longa faixa verde com frisos laterais na cor amarela que desce e envolve seu corpo inteiro ultrapassando a linha dos pés, com os

⁵⁷ Segundo Daniele Nunes Caetano (2007, p.74), os emblemas são “desenhos alegóricos acompanhados de um epigrama explicativo, destinados a simbolizar um vício ou uma virtude e a traduzir uma verdade moral. O mote e o epigrama são chamados de ‘alma’ do emblema e o componente gráfico de ‘corpo’. O epigrama é o texto que explica o conteúdo semântico da figura e não deve ser confundido com o mote, ou título do emblema, que indica o conteúdo simbólico-ideológico preponderante, ou seja, enuncia a tópica moral, religiosa ou política em que se deve centrar a interpretação analógica do que está representado” (CAETANO, 2007, p.74).

dizeres que anunciam a Copa do Mundo de 1950 e faz um convite ao apresentar a competição esportiva como um presente, uma oferta do Brasil ao mundo.

A faixa traz, em parte de sua lateral inferior, as bandeiras dos países participantes da competição que tremulam ao sabor do vento e exibe em sua ponta, abaixo da figura feminina, um formato de seta voltada em direção à imagem do Estádio do Maracanã localizado no plano mais abaixo da pintura.

E, em sua mão direita, ela segura outras duas bandeiras na cor azul, uma com o desenho dos dois hemisférios do mapa mundi e a outra com duas faixas amarelas em interseção formando uma cruz e sobreposta há uma cruz de malta na cor branca.

No terço inferior da imagem, como fundo, há uma vista panorâmica da cidade do Rio de Janeiro, com destaque central para a imagem do Estádio do Maracanã. Logo atrás do estádio há o desenho da Baía da Guanabara que toma grande parte da metade inferior da flâmula, na extensão da sua borda direita até a esquerda. Ao lado esquerdo do estádio aparece um mastro vertical que exibe a bandeira do Brasil e no canto inferior direito do desenho há a inscrição em letras vermelhas e contorno branco: O Estádio Municipal.



Figura 53: Flâmula da Copa do Mundo de 1950, em exposição no Estádio do Maracanã. Fotografia realizada em 18/06/2011.

A figura feminina estampada nesta flâmula, como imagem alegórica da vitória, parece ter sido inspirado no quadro (Figura 54) *A Noite com os gênios do Estudo e do Amor* (1883), do pintor Pedro Américo, que se encontra exposto no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Esta pintura também traz a figura de uma mulher em pé que flutua no céu e tem os braços igualmente abertos e estendidos e a mão esquerda segurando e levantando um objeto

(que parece ser uma baixela prateada com pé) similar a imagem da flâmula da Copa do Mundo de 1950.



Figura 54: A Noite com os gênios do Estudo e do Amor. Tela em óleo de autoria do Pedro Américo, de 1888. Em exposição no Museu Nacional de Belas Artes (RJ).

Interessante notar que a outra flâmula (Figura 55) de comemoração da Copa do Mundo de 1950 retrata exatamente a alegoria masculina na imagem de um homem que ergue com as mãos o Estádio do Maracanã, até então Estádio Municipal.

Do céu, crivado de bandeiras dos países participantes daquela edição do Mundial que parecem cair, também desce, com aparente velocidade, uma bola em direção ao campo de futebol. Em cada rampa de entrada do desenho do estádio há uma bandeira do Brasil e no

plano de fundo aparece a Baía da Guanabara, importante paisagem geográfica da cidade do Rio de Janeiro.

A inscrição ‘O Brasil oferece ao mundo o Estádio Municipal para o Campeonato Mundial de 1950’ também aparece nesta flâmula, estando os dizeres ‘Estádio Municipal’ em cor vermelha, assim como na flâmula anteriormente comentada.

Nesta imagem há a assinatura do autor Beppi Spolaor⁵⁸, um dos artistas mais importantes de Veneza, Itália, no campo da arte visual contemporânea. Conforme pesquisa realizada sobre este pintor, detectei que foi criado um prêmio com seu nome ofertado aos finalistas do Concurso Nacional de Artes anualmente em Veneza, e, em 1999, uma exposição retrospectiva em sua homenagem, na Comuna de Mira, região italiana em que nasceu.

Outra curiosidade é que atualmente de acordo com o anunciado no sítio eletrônico de compras pela Internet, coisas.com, esta flâmula, pintada pelo artista italiano Spolaor, pode ser adquirida pelo valor de noventa dólares. O texto lá publicado informa que este teria sido um dos últimos trabalhos do pintor, o que provavelmente seja verídico visto que o mesmo faleceu, em São Paulo, naquele ano de 1950.

⁵⁸ Beppi Spolaor (1910-1950) - Autor da pintura de tempera, com 50 metros de largura, feita no teto da Igreja Maria Madalena, na cidade de Veneza, em que foram retratadas Maria Madalena no jardim de Cristo rodeado pelo anjo da guarda, o demônio alado, o Espírito Santo e Todo-Poderoso. (VIVIAN, Valerio. Catálogo Beppi Spolaor / curadoria de Luigino Cazzagon. Mira: Comune di Mira, 1999. - Comune di Mira. - [24] p. : ill. ; 24 cm)

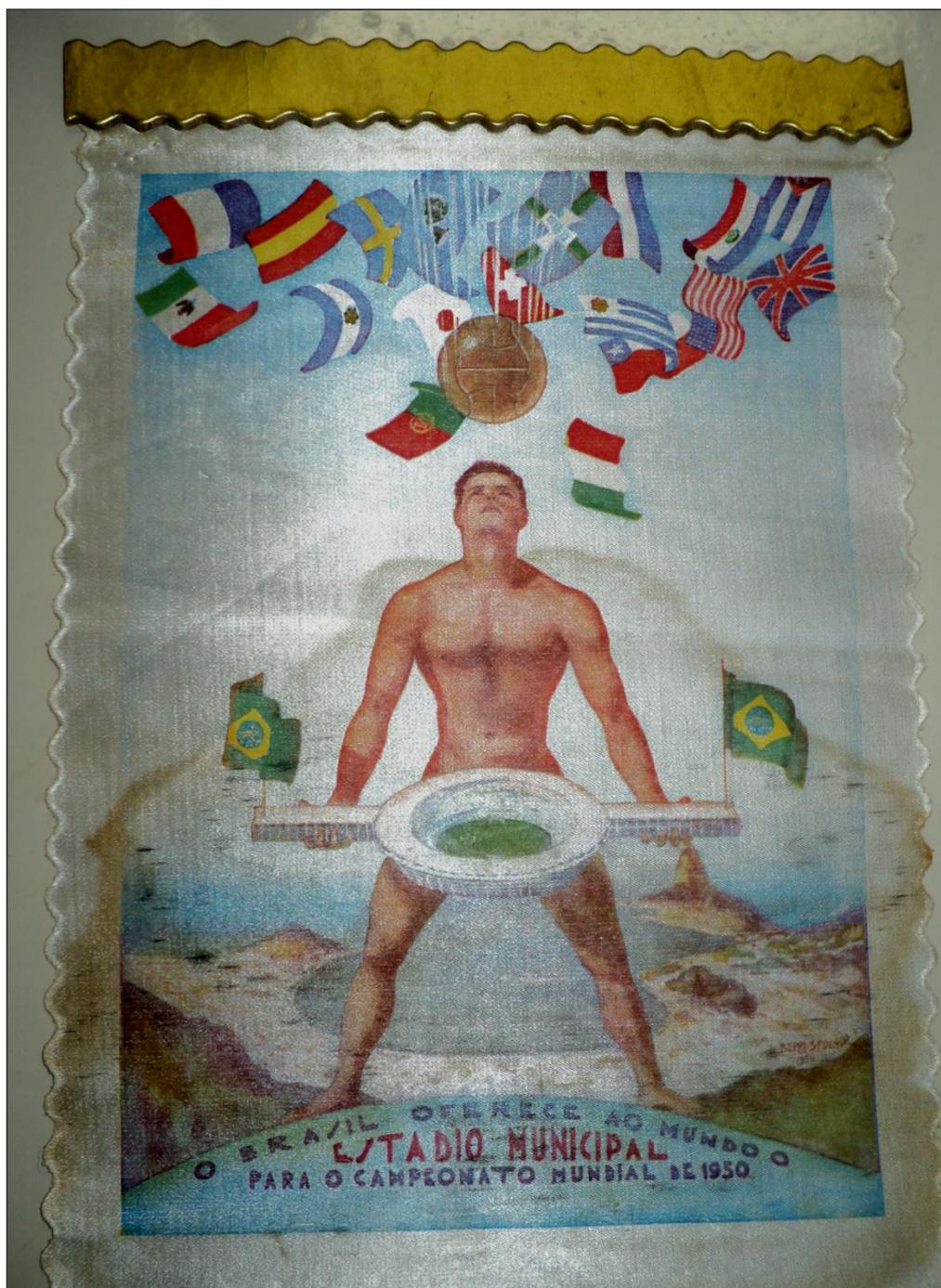


Figura 55: Flâmula comemorativa da construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro para a Copa do Mundo de 1950. (Acervo pessoal de Paoli)

Esta flâmula, assim como seu par na figura feminina, retrata os mesmos símbolos da bola de futebol, as dezoito diferentes bandeiras, a bandeira do Brasil em destaque, o próprio Estádio do Maracanã no centro e o desenho da Baía da Guanabara como fundo em toda parte inferior dos desenhos.

Estas imagens são emblemáticas e revelam a ideia exposta nesta pesquisa, do Maracanã como um espaço mitificado que abriga, imponente e perenemente, o mundo do futebol brasileiro, possuindo também a visibilidade e o enaltecimento de outros países.

A vontade de se construir um país se reflete ou é reforçada pela construção de obras apoteóticas. O maior estádio do mundo construído para receber a maior e mais importante competição do mundo esportivo do futebol tem a força midiática que mobiliza a população. Assim o povo brasileiro também poderia e deveria sentir-se forte, poderoso e grandioso.

A reportagem da Gazeta de Notícias de 22 de agosto de 1948 trazia a imagem (Texto 23) de um esportista, em cima do estádio de futebol, com uma lança na mão direita, numa posição de movimento como se fosse efetuar o lançamento naquele momento. E o texto conclama todos os torcedores, independente de qual time torciam, a ajudar a construir o estádio municipal, comprando as cadeiras cativas.



ISTO SERÁ UMA REALIDADE

VOCÊ pode contribuir para a
grandeza do nosso ESPORTE!

Você é "torcedor" do Vasco? Do Flamengo? Ou de outro clube? Não importa qual seja o seu favorito... O que importa é que, dentro em breve, Você poderá vê-lo jogar num dos maiores estádios da América do Sul... se Você - e todos os "torcedores" que amam realmente o esporte - emprestar seu apoio àqueles que tencionam construir-lo. O Estádio de futebol da E.N.S.A., com capacidade para 100.000 espectadores sentados, a situar-se em terrenos distantes menos de 20 minutos da Avenida Rio Branco, constituirá uma Vila Olímpica monumental, contendo estádios para basquetebol, voleibol, 2 piscinas para natação e saltos, 4 quadras para tênis, estádios para atletismo e pugilismo, velódromos para ciclismo, frontão stand de tiro, auditório, enfermaria, restaurante, bars, etc. Colabore na construção desse verdadeiro monumento ao esporte brasileiro, trazendo a sua pedra para os alicerces do Estádio da E. N. S. A., que também será seu Capital: Cr\$ 100.000.000,00. Ações de mil cruzeiros, pagáveis à vista ou em dez prestações. Informações na sede da E. N. S. A.

Uma ação da E. N. S. A. representa: Uma grande realização — Uma perfeita garantia do capital empregado — A vitória do espírito esportivo brasileiro.



EN.S.A.

ESTADIO NACIONAL SOCIEDADE ANÔNIMA
RUA 7 DE SETEMBRO, 65 — 3.ª — FONE: 43-9033
Incorporador: FAUSTO MATARAZZO

Texto 23: Gazeta de Notícias, 22 de agosto de 1948

Como descrito nesta pesquisa, erigido para sediar a final da Copa do Mundo de futebol de 1950, o Estádio do Maracanã iniciou sua vida esportiva se inscrevendo na memória do brasileiro a partir da derrota da seleção canarinho.

Criado com o caráter monumental, pois nasce com a intenção de evocar o passado e de comemoração. Este estádio, eivado de intencionalidade e de querer ser, torna-se com o passar do tempo, um documento⁵⁹. O documento de uma época já que dialeticamente está marcado, mas também é um registro da situação histórica e o contexto social.

Na contemporaneidade, se constitui um espaço promotor de megaeventos culturais e esportivos, provocador de experiências concretas e subjetivas, que desperta lembranças e rememorações e que motiva narrativas biográficas.

O Maracanã carrega em si uma rede de memórias revelada em depoimentos, fotografias, textos jornalísticos e de periódicos, ou seja, fontes importantes que ajudam a construir a memória social de um esporte, o futebol brasileiro.

⁵⁹ O autor Jacques Le Goff entende que na memória coletiva há dois diferenciados tipos de materiais, os documentos e os monumentos. Os primeiros selecionados a partir da opção do pesquisador e os outros herdados pelo passado; assim “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” (1985, p.95). Ele ainda analisa a concepção documento/monumento atentando para a importância de se abordar de maneiras múltiplas o conceito de documento e ressalva a ideia do monumento se constituir primeiramente como “uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem” e, portanto seria necessário fazer-se a análise “das condições de produção dos documentos-monumentos” (LE GOFF, 1985, p. 104).

3. UMA REDE DE MEMÓRIAS DO MARACANÃ: FRAGMENTOS, TENSÕES E ESQUECIMENTOS

[...] e para distinguir o exterior de um aquário é preferível não ser peixe (MALRAUX, 2011, p.15).

Na seara dos estudos sobre memória social, uma das fundamentais noções evocadas ao se analisar um discurso é a de rede de memórias⁶⁰. Um entrelaçado de lembranças, um emaranhado muito bem interligado que se forma ao longo do tempo, sobre determinado acontecimento, fato, coisa ou pessoa, e que paulatinamente ajuda a forjar a memória social.

Neste momento faz-se oportuno salientar a presença e a participação de Mnemósine no elaborado exercício da memória. A deusa que no seu sentido lato engloba tanto a função de rememoração como a do esquecimento, ambas fundamentais no delicado funcionamento da memória humana, proporcionaria o ajuste do processo único do lembrar e do esquecer que constrói uma rede de memórias.

Desta maneira o bailado do lembrar/esquecer vai tecendo as intermináveis mantas de redes de nossa memória. Conexões não elaboradas conscientemente, recordações afetivas, apagamentos impostos e aqueles convenientes ou mesmo necessários, lembranças que emergem a partir de flashes ou analogias do nosso cotidiano, todos estes se constituem importantes nós e entrelaces que compõem uma rede de memórias.

Neste capítulo, a Memória Social do Maracanã e as memórias individuais e coletivas a seu respeito do estádio do Maracanã serão as protagonistas.

A partir do conceito de Museu Imaginário cunhado por Andre Malraux⁶¹, elaboro a ideia do Maracanã Museu Imaginário de todos nós e de cada um de nós. Um Maracanã mutante que é construído mentalmente de maneira própria e particular, pois se constitui a partir das impressões, lembranças e experiências individuais e coletivas, porém internalizadas e elaboradas de maneira intrínseca e única. O lugar mental que este estádio ocupa dentro de cada um de nós, brasileiros.

⁶⁰ PÉCHEUX, Michel em seus livros *O Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre ET all. *Papel da memória* (São Paulo: Pontes, 1999) e *Discurso - Estrutura e acontecimento* (São Paulo: Ed. Pontes, 2005). Ver também ORLANDI, Eni. *Discurso e textualidade*. São Paulo: Pontes, 2006.

⁶¹ MALRAUX, André. *Museu Imaginário*. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2011.

Entretanto entendo que a ideia do Museu Imaginário Maracanã, apesar de poética, possa suscitar certas indagações, dúvidas e incertezas. E é justamente isto que procuro, decerto no intuito de ampliar as possibilidades de apreensão da memória social do Maracanã e das percepções variadas acerca desse estádio. Maulraux mesmo é contundente e esclarece que “o museu era uma afirmação, o Museu Imaginário é uma interrogação” (2011, p.174). E uma interrogação é múltipla de possibilidades, é inconclusiva e, sobretudo, aberta e receptiva a diferentes perspectivas e a mundos polissêmicos. Dessa mesma maneira, gostaria que minha pesquisa se apresente como uma provocação cheia de interrogações que, se não desestabilize pré-concebidos cristalizados, ao menos nos motive a reflexão sobre os possíveis Maracanãs.

Que provas poderiam ser elencadas para demonstrar que o Estádio do Maracanã se constitui forte presença no imaginário social do brasileiro? Esta foi, inclusive, uma das primeiras perguntas que me fiz a respeito desta pesquisa. Quais fatos poderiam ser indicadores da presença do Maracanã nas lembranças e recordações de uma pessoa?

Um dos caminhos encontrados foi o uso de testemunhos, de depoimentos, isto é, as entrevistas poderiam me dar fortes indícios destas marcas do Maracanã na vida do brasileiro. As instituições da mídia⁶² foram outro espaço importante utilizado como fonte de coleta, pesquisa e análise das informações e dos conteúdos simbólicos por elas produzidos e transmitidos em jornais, periódicos, programas televisivos, sítios e blogs da internet, e disseminados amplamente na sociedade contemporânea. E, ainda, as diversas formas de expressão da cultura popular, como as artes, a música, o carnaval, o teatro, o cinema.

Assim, neste capítulo nos embreamos na rede de memórias traçada pelos depoimentos coletados, pelos textos jornalísticos e crônicas a respeito do Maracanã e pelas manifestações artísticas referenciadas, mais especificamente, na música popular brasileira.

⁶² “Instituições da mídia, que se orientam para a produção em larga escala e a difusão generalizada de formas simbólicas no espaço e no tempo, [...] forneceram bases para a acumulação dos meios de informação e comunicação, como também os recursos materiais e financeiros, e forjaram os meios com os quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e distribuídos pelo mundo social.” (THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, 2005, p.24).

3.1 Museu Imaginário Maracanã: o lugar mental mutante

Um estádio de futebol que habita minha memória. Esse é o Maracanã que eu apresento nessa pesquisa. A justaposição em que ele se encontra ecoando dentro de mim, em minhas lembranças, muitas das quais já existiam muito antes de eu ter podido visitá-lo e adentrá-lo fisicamente na concreta realidade. Recordações advindas de notícias de jornais e revistas, de reportagens de televisão ou de livros escolares nas aulas sobre a cidade do Rio de Janeiro ou, mesmo, das conversas de meu pai e de meu padrinho falando de futebol e dos jogos no Maracanã.

Estas impressões formaram em mim um acervo imagético, sonoro e memorial que emerge, certas vezes até contra minha vontade, e me contata com esse estádio através de outros caminhos que não são somente o dos textos acadêmicos e técnicos.

Um lugar mental⁶³. O lugar mental que o Maracanã ocupa em mim. E o lugar mental que ele ocupa nos brasileiros.

De fato seria ingênuo pensar que um pesquisador conseguiria se despir de suas convicções e de sua memória sobre seu objeto de estudo ao iniciar uma pesquisa, assim como quem retira o casaco ao adentrar à casa alheia. Talvez seja essa uma firme vontade daquele que se embrenha numa nova pesquisa, porém como escreve Benjamin, priva-se do melhor aquele que apenas inventaria e cataloga suas descobertas e estudos.

E se ilude, privando-se do melhor, quem faz inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (BENJAMIN, *Rua de Mão Única*, 1995, p.239-240).

Um dos prazeres de se fazer pesquisa está justamente em poder atravessar estas tais camadas que eventualmente outros, antes de nós, perpassaram na tentativa de olhar de perto o objeto estudado. Lembrar que estas camadas que o encobrem não são a superfície da pesquisa

⁶³ André Malraux, ao cunhar o conceito de Museu Imaginário, alude à ideia da existência de um lugar mental. Esse seria o espaço interior onde todo ser humano manteria um acervo de imagens e de experiências que viriam a se constituir parte de sua memória individual. Cabe ressaltar que o lugar mental não está atrelado à concepção de mente enquanto expressão da cognição e sim à dimensão afetiva e sensorial da humanidade.

e, sim, o próprio processo de pesquisa. E que fazem parte do ser estudado, destas camadas ele se origina, já que tiveram que ser reveladas, deslocadas e até removidas no intuito forçado de se iluminar o estudado.

Esta concepção de Benjamin se conecta a outra cunhada por André Malraux ao descrever seu Museu Imaginário tanto como um museu de imagens como também um museu do imaginário. Ambas as definições se remetem as camadas da memória que encobrem determinado objeto ou obra de arte e que necessitam ser desveladas para que se façam iluminar.

André Malraux delinea o conceito de Museu Imaginário em seu livro *Tête d'Obsedienne* (1974) e na obra homônima *O Museu Imaginário* (2011) na qual explica e exemplifica detalhadamente a abrangência e os domínios de tal conceito. Para o autor a eterna incompletude do acervo de todo museu é superada no Museu Imaginário.

Conhecia-se o Louvre (e algumas das suas dependências), que cada um recordava como podia; hoje, dispomos de mais obras significativas, capazes de colmatar as falhas da memória, do que as que um grande museu é capaz de conter. Na verdade, criou-se um Museu Imaginário, que vai aprofundar ao máximo o incompleto confronto imposto pelos verdadeiros museus. (2011, p.13)

O Museu Imaginário constitui-se das imagens visualizadas por meio de outros canais que não necessariamente o encontro com a presença física e original da obra de arte, objeto ou coisa musealizada. No mundo hodierno altamente globalizado e conectado pela tecnologia da informação e virtualidades, tem-se contato cotidiano com tais elementos artísticos e culturais a partir de suas representações, réplicas, cópias ou mesmo imagens virtuais veiculadas pelos meios de comunicação, a mídia. Assim, a partir de caminhos diversificados, pode-se conhecer e entrar em contato com uma vastidão de objetos musealizados e peças de arte. É notório que muitas pessoas do mundo inteiro conhecem o quadro La Gioconda (Monalisa), de Leonardo Da Vinci, mas quantas delas já estiveram frente a frente com original desta tela, no Museu do Louvre, em Paris, na França?

Há mais de um século que a nossa convivência com a arte não cessa de se intelectualizar. O museu impõe a discussão de cada uma das representações do mundo nele reunidas, uma interrogação sobre o que, precisamente, as reúne. Ao prazer do olhar, a sucessão e a aparente contradição das escolas vieram acrescentar a consciência de uma busca apaixonada, de uma recriação do universo frente à Criação. Afinal, o museu é um dos locais que nos proporcionam a mais elevada ideia do homem. Mas os nossos conhecimentos são mais extensos do que os nossos museus. [...] Onde a obra de arte não tem função senão a de ser obra de arte, numa

época em que a exploração artística do mundo prossegue, a reunião de tantas obras-primas, e a ausência de tantas outras obras-primas, convoca, em imaginação, todas as obras-primas. Como poderia este possível mutilado não apelar para todo o possível? De que é que o museu está inevitavelmente privado? (MALRAUX, O Museu Imaginário, 2011, p.11).

Desse modo, Malraux entende que a percepção e a memória conseguem recheiar o imaginário com lembranças de obras de arte, objetos musealizáveis e de lugares memoráveis que ultrapassam qualquer acervo possível de qualquer museu ou coleção jamais concebidos.

Exatamente a incompletude inerente aos museus mostra-se a reveladora da amplitude e da profusão de objetos não apresentados naquele espaço. É a ausência reveladora da existência totalizante ou a ausência que deflagra a consciência da amplitude de existências não reveladas a priori. Assim, a falta torna-se flagrante do excesso não mostrado. O Museu Imaginário se constitui da adição do revelado nos museus mais todo aquele ‘não exibido’ em suas salas de exposição.

Se o quadro que foi uma aba de um retábulo já não se refere ao retábulo, nem à igreja, nem mesmo ao sobrenatural, e se deixou de se referir à Natureza, refere-se à totalidade das obras conhecidas, originais e reproduções. Mas, se um labum consagrado ao Louvre se destina a reproduzir o Louvre (embora pretenda reproduzir apenas as obras-primas, o que é muito diferente, pois o Louvre de 1956 é ordenado pela História, e talvez as suas obras-primas o sejam pela confusa noção de obra-prima...) o conjunto das obras consagradas à arte não reproduz um museu que não existe: sugere-o – e, mais rigorosamente, constitui-o. Não é o testemunho ou a recordação de um local, como o álbum consagrado à catedral de Chartres, ao Museu dos Ofícios ou a Versalhes: cria um lugar imaginário que só existe por si. O mais vasto domínio de imagens que a humanidade conheceu exige um seu santuário, como o sobrenatural exigia uma catedral.” (MALRAUX, 2011, p. 250-251)

A sugestão de um museu não construído fisicamente advém tanto da possibilidade de existência deste local intangível do imaginário que reúne a totalidade das imagens recordadas e como da impossibilidade dele se constituir concretamente no mundo e nos museus tradicionais que conhecemos. Afinal que edificação ou prédio poderia conter todas as obras de arte e bens culturais que a vontade de lembrar da humanidade clama?

Não obstante o autor vai mais além e indaga por que, então, determinados objetos e obras de artes foram os escolhidos para habitarem este espaço privilegiado do museável? Se existem tantos outros que ali não se encontram e que, particularmente ou para determinado grupo social, teriam mais valor para serem ali apresentados, por que não estão?

O autor indica que o Museu Imaginário existe pela metamorfose. Na verdade a metamorfose é relacionada à pertença dos objetos, ou seja, sua origem, sua datação

cronológica, sua razão de ter sido criado, todas essas, características ligadas ao conhecimento erudito e específico que delimitam um *campo*⁶⁴ e cerceiam o entendimento mais amplo sobre o objeto estudado. A supressão da ideia de pertença do objeto é a metamorfose revolucionária do Museu Imaginário.

Dizer que as santas, as Dánae, os mendigos e os pincheis se tornaram quadros, que os deuses e os Antepassados se tornaram esculturas, é dizer que todas estas figuras abandonaram, no nosso mundo da arte (que não é apenas o mundo da nossa arte) aquele em que tinham sido criadas; que o nosso Museu Imaginário se baseia na metamorfose da pertença das obras que contém. [...] A vida que as obras ali perdiam era precisamente a sua pertença, ao santuário ou ao palácio; e é por isso que muitos museus continuam a ser palácios, e o Louvre não pode acolher a arte africana. ‘Peixes retirados de um aquário’, afirmou-se, algo apressadamente dos quadros reunidos nos museus da América, na ignorância de que esta metamorfose conduzia menos peixes à morte do que à imortalidade. (MALRAUX, 2011, p.238)

O que Malraux expressa como grande metamorfose remete-se a ideia de lugar de memória de Nora. Se um descreve as técnicas utilizadas pelo artista para realizar aquela obra, a razão (ou intenção) para qual aquele objeto de arte se prestou em sua gênese e a aura emanada do objeto de arte escolhido para ser colocado em um museu, o outro fala dos diversos domínios do lugar de memória, o material, o funcional e o intangível. Decerto tais domínios descritos por Nora têm um diálogo próximo com a ideia de André Malraux ao descrever o conceito de Museu Imaginário.

Entretanto, para este autor “o Museu Imaginário não lhes restitui o templo, o palácio, a igreja, o jardim que perderam; mas liberta-as da necrópole. Porque as isola; sobretudo, importa insistir, pela maneira como as ilumina” (2011, p. 120), dessa maneira, Malraux transcende a percepção limitada de concretude do objeto e não o entende como âncoras de um tempo. Diferentemente de Nora que declara a necessidade do Lugar de Memória de reter o trabalho do tempo (NORA, 1993), diluindo a função do esquecimento no processo de construção da memória.

Malraux salienta o importante trabalho do esquecimento e de uma rememoração produtiva⁶⁵ pois o trabalho de tempo não pode ser detido.

Se a alma de uma civilização está ligada à sua relação fundamental com o universo, não será absurdo afirmar que, no essencial, o mundo é feito de esquecimento. Contudo, as obras capitais das civilizações desaparecidas, até as estátuas dos Faraós, às estátuas ofídias das trevas da Suméria, às feras pré-históricas, todas estas figuras que, ainda ontem, pertenciam, também elas aos reinos do esquecimento, estão vivas

⁶⁴ Ver nas referências: BOURDIEU, 1989.

⁶⁵ HUSSEYN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

para nós, ou trazem consigo o germe da sua ressurreição. O imenso movimento de nuvens que arrasta as civilizações para a morte e que, aos poucos, foi apagando os astros da Caldeia e a estrela dos pastores, parece hoje passar em vão sobre a primeira constelação das imagens... A todas as obras de arte que elege, o Museu Imaginário confere, quando não a eternidade pedida pelos escultores da Suméria e da Babilônia, a imortalidade que Fídias e Miguel Ângelo lhes exigiam, pelo menos uma enigmática libertação do tempo. E, se suscita um Louvre invadido e não deserto, é porque o verdadeiro Museu é a presença, na vida, do que deveria pertencer à morte. (MALRAUX, 2011, p.254).

A metamorfose que o autor cita se faz na seara do esquecimento e pelo poder de ressurreição dessas obras de arte de antigamente, agora, habitando o mundo contemporâneo. Assim, o Museu Imaginário ofertaria mais que a possibilidade de retenção do tempo, almejada por um lugar de memória, mas a liberação das algemas do tempo e a consequente certeza, na contemporaneidade, da sua eternização. Tal eternização se dá sobretudo pela factibilidade do esquecimento e por sua interação com o movimento do lembrar.

O medo da perda da memória, fenômeno proeminente nas sociedades hodiernas, de certa maneira obstrui o próprio esforço de rememoração. Não seria o esquecimento um impeditivo e sim a ânsia da busca pelo lembrar tudo e a angústia advinda desta ansiedade que interrompem o incessante trabalho de Mnemósine no intuito de auxiliar o processo de construção de uma memória.

No entanto a metamorfose, que Malraux aponta como importante integrante da atualidade, propicia a ressignificação dos objetos, coisas e pessoas de modo a que estes, mesmo criados ou nascidos em tempos antigos, se perpetuem ao longo do tempo cronológico. Investidos por um manto intangível de significados que os ascende a um patamar sacralizado e mítico tornam-se, assim, constituintes do acervo universal imaginário da humanidade.

[...] o mundo em que cada obra-prima tem por testemunhas todas as outras e se torna obra-prima de uma arte universal cujas obras, reunidas em assembléia, estão a criar valores ignorados. Uma obra capital da arte bizantina não é apenas um *Profeta* mais completo do que seus rivais, mesmo na ordem espiritual, é também uma obra digna de todas as que admiramos. Embora saibamos o que as obras capitais devem ao seu nascimento, elas atingem-nos, através a metamorfose, como *semelhantes*; e, em muitos aspectos, o mundo da arte que, para nós, sucedeu à natureza. [...] O mundo no qual estas imagens falam uma língua diferente, e a mesma língua; uma língua de estátuas e uma língua de esculturas. E, neste mundo que a metamorfose substitui simultaneamente pelos do sagrado, da fé, do irreal ou do real, o novo domínio de referência dos artistas é o Museu Imaginário de cada um; o novo domínio de referência da arte é o Museu Imaginário de todos. (MALRAUX, 2011, p.250).

Assim, pode-se inferir que o Museu Imaginário de todos não contém somente obras designadas como de arte mas também a ele pertencerá aquele signo que tenha se tornado referência para sua sociedade e nela ocupe um lugar mental.

Diante desta ideia apresentada, o Estádio do Maracanã, certamente, compõe parte do acervo do Museu Imaginário de cada um de nós, brasileiros.

3.2 Minhas memórias: meu Maracanã concreto-imaginário

Fazia dois dias que eu sentia algo estranho no ar. Fui correr em volta do Maracanã e vi que eles haviam colocado as tais grades que formam um ziguezague para fila de compra dos ingressos dos eventos. Este fato já dava mostra de que em breve, naquela mesma semana, haveria jogo no estádio. Sabia que seria uma partida de futebol porque a arrumação das grades estava justamente nas bilheterias em que se faz a venda para estes jogos.

Às vezes, também, utilizavam este procedimento nos eventos musicais ou culturais, porém as bilheterias usadas eram sempre outras. Aquelas eram quase que especificamente para compra da entrada para o futebol. Isto me chamava atenção e eu me perguntava o porquê da preparação para jogos de futebol ser diferente de outros eventos ocorridos no Maracanã?

Eu já estava me acostumando. Havia percebido as constantes mudanças na dinâmica do bairro. Há anos havia me mudado para aquela região e neste mesmo tempo, rotineiramente, tinha como hábito correr cinco voltas em torno do estádio como atividade física aeróbica. O que me permitia presenciar e analisar as alterações ambientais e os diversos estados de espírito das pessoas, nas distintas situações, que podíamos encontrar no Maracanã.

São variadas as perspectivas para se observar este estádio de futebol além de, também variados, os momentos e as conjunturas. Às vezes únicos e outras vezes que se repetem ciclicamente. Existem noites em que ele aparenta estar abandonado de tão silencioso e sem luz, entretanto mesmo nestas ocasiões é quase impossível não notá-lo em sua imponência e rigidez que fala tão alto quanto qualquer torcida de um grande clube de futebol.

De fato, nas noites de lua cheia e ela o ilumina, cresce um sentimento de respeito que se tem ao estar perto de um lugar sagrado. Pois dele exala uma força que predispõe à contemplação geralmente oferecida às edificações consagradas para a realização de ritos religiosos. O silêncio raro naquele bairro, aliado à imagem de sua silhueta iluminada pela

luminosidade lunar, causa um efeito sensorial peculiar. Sem falar do temor real de encontrar um mendigo ou homem urinando nas pilastras e recantos mais escuros ou, mesmo, de esbarrar num assaltante de bicicleta. Todos estes casos, extremamente costumeiros de acontecer em volta do estádio e que eu já havia presenciado em várias circunstâncias.

Mas, as noites de jogos, estas são as inesquecíveis. Ao longe já se pode avistá-lo e aquele fecho de luz, projetado em direção ao céu, que sai por cima do anel das arquibancadas junto ao gramado do campo é encantador ao olhar. Naquela aura instaurada, pode-se ouvir um crescente ruído que vai aumentando ao se aproximar do estádio.

O que antes, parecia um espetáculo de forte impacto visual, porém silencioso ao se contemplar de longe, vai se transformando, gradativamente em um, também poderoso, apelo auditivo. Pois já se pode ouvir os sons típicos dos torcedores chegando em grupos ou das torcidas organizadas que percorrem seu trajeto pelo meio da pista dos carros, cantando e gritando canções ou partes dos hinos esportivos e se amontoam para entrar pelo portão de entrada que lhe é destinado (Figura 56). Já que cada torcida tem o lado predeterminado para entrar no estádio e ocupar seus assentos. Esta recomendação, segundo informações colhidas⁶⁶, foi deliberada pelas autoridades policiais com o intuito de evitar o confronto de torcidas organizadas e torcedores de torcidas de times contrários, propiciando a diminuição do risco de situações de enfrentamento ou encontros agressivos que abalariam a segurança do evento.



Figura 56: Chegada de torcedores ao portão de entrada do Estádio do Maracanã, em 23/03/2003, final do Campeonato Carioca. Ao fundo a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁶⁶ Ver, no anexo I desta pesquisa, Entrevista 5, com Orlando Paoli, realizada em 29 de junho de 2012.

No início, eu ficava perplexa com tantas mudanças efêmeras e, ao mesmo tempo constantes e cíclicas, no ritmo e na dinâmica do bairro (Figura 57), mais precisamente na circunvizinhança do estádio. Agora, passados seis anos, eu me habituei, porém não deixo de me encantar com toda esta aura que transcende a vida cotidiana do bairro.

Como escreve Benjamin “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN, 1995, p.73). Para mim requer, a intuição e talvez a sabedoria de notar que aquela cidade, aquele bairro, aquelas ruas nunca são as mesmas, elas se renovam numa constância que dura a eternidade. Perder-se no entorno do Maracanã, justamente momentos antes de um grande clássico de futebol que lá acontecerá, isso sim, exige maestria.



Figura 57: Fotografia da chegada, de carro e a pé, dos torcedores, em 23/03/2003, final do Campeonato Carioca de 2003). Retrata as mudanças, no trânsito e no bairro, advindas dos jogos que acontecem no Maracanã.

Da inicial perplexidade, meu atual encantamento cresce na proporção em que me perco e me oriento nas múltiplas e peculiares mudanças dos arredores deste estádio.

Tais alterações começam dias antes do jogo, com a colocação das grades (Figura 58) que pretensamente organizam as filas. As bilheterias nas quais muitos passam a noite na fila para conseguir seu ingresso. Acampados, deitados no chão ou sentados em cadeiras de praias que trazem para suportar a espera de uma longa noite antes que se inicie a venda dos ingressos.

Vão chegando, vão telefonando para os amigos, vão fazendo amizades ali mesmo, na fila. Eles vêm sempre chegando e não param de chegar, os torcedores, uniformizados ou não,

para realizar a compra dos ingressos (Figura 58). Parece uma atitude frugal, porém a partir daí inicia-se o combate.

É uma guerra, no sentido lato da palavra, em que a pessoa necessita atravessar várias etapas para alcançar sua meta - o ingresso, assim como no campo, os jogadores terão que atravessá-lo para atingir a meta - o gol. Isto me faz recordar de um jogo da minha infância (War) no qual o objetivo era conquistar determinados territórios do mundo, de maneira gradativa e planejada, mas sempre contando com a sorte dos dados.

Há que se ter uma estratégia, uma tática, diferentes técnicas e muitas vezes, agir em grupo. Então a batalha não se inicia na hora da partida de futebol, diria que a partir do anúncio dos locais de venda dos ingressos que ela é deflagrada.



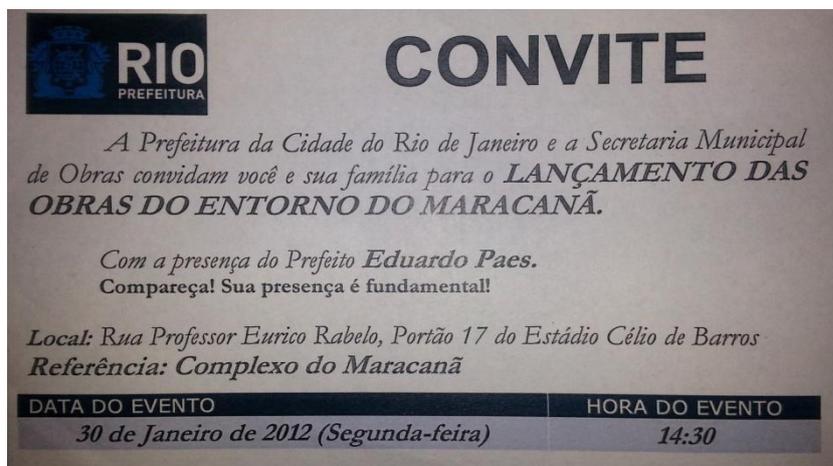
Figura 58: Fachada do Maracanã, em 10/09/2010, com a colocação das grades para as bilheterias.

Ligar para os amigos, colegas e conhecidos para saber quais têm a intenção de ir ao jogo seria o primeiro passo da estratégia, logo após, resolver quem prosseguirá na segunda etapa de ir ao estádio, muitas vezes na madrugada anterior, para guardar lugar na fila (Figura 59). Amanhecendo, outras são as dificuldades encontradas: o sol ou a chuva, os alagamentos constantes naquela região, os cambistas que insistem em abordar os possíveis compradores com o valor dos ingressos três vezes maior que o preço oficial. Ou seja, também nesta batalha fictícia, como no meu jogo de infância, necessita-se dos desígnios da sorte para se chegar ao objetivo final.



Figura 59: Fila para compra de ingressos para o jogo (Flamengo x Santos) do dia 05/09/2011, última partida no Maracanã antes de seu fechamento para obras de reforma para Copa de 2014.

Todas estas são lembranças de um passado recente. Já que nos anos de 2011 e 2012 o Estádio do Maracanã ficou, em provisório, fechado (Texto 24) para obras, e me foi possível observar o andamento destas obras.



Texto 24: Convite da Prefeitura do Rio de Janeiro conclamando a população ao evento oficial de início das obras de reformas do Estádio do Maracanã.

Via os operários chegarem, a fila que faziam para troca de turno e observei a agitação contínua durante as noites e madrugadas, de máquinas e homens trabalhando incessantemente. O que contrastava com a realidade dos meses iniciais do seu fechamento, quando as obras

permaneceram paradas por vários dias em virtude de greves⁶⁷ realizadas pelos operários ou do ritmo lento que se estabeleceu desde o início do processo, de tal maneira que me fazia pensar que provavelmente não conseguiriam finalizá-lo a tempo da Copa do Mundo que estava por vir.

A demora nas obras e o não cumprimento do prazo de término prescrito inicialmente, assim como as notícias sobre o excessivo gasto financeiro nas obras não foi exclusividade do Estádio do Maracanã. Todos os estádios construídos ou reformados para servirem de sede à Copa do Mundo de 2014 também participaram desse processo.

E diferentemente do primeiro Mundial ocorrido no Brasil, em 1950, no qual foram apenas sete cidades-sede⁶⁸, o próximo Campeonato que acontecerá no mês de junho de 2014, terá doze cidades servindo como sedes, a saber: Belo Horizonte com o Estádio Mineirão, Brasília com o Estádio Nacional Mané Garrinha, Cuiabá com a Arena Pantanal, Curitiba como a Arena da Baixada, Fortaleza com o Estádio Castelão, Manaus com a Arena da Amazônia, Natal com o Estádio das Dunas, Porto Alegre com o Estádio Beira-Rio, Recife com a Arena Pernambuco, Rio de Janeiro com o Estádio do Maracanã, Salvador com a Arena da Fonte Nova e São Paulo com a Arena Corinthians.

⁶⁷ No ano de 2011, a mídia noticiou detalhadamente a paralisação das obras do Maracanã. Texto 25: *Greve dos operários do Maracanã é considerada abusiva por Tribunal*, reportagem publicada no Jornal do Brasil, em 16/09/2011. E o Texto 26: *Operários do Maracanã entram em greve*, na revista Veja de 17/08/2011.

⁶⁸ Os estádios utilizados no Mundial de 1950 foram: Estádio Ademar da Costa Carvalho apelidado de Ilha do Retiro (Recife), Estádio Raimundo Sampaio conhecido como Estádio Independência (Belo Horizonte), Estádio Durival de Britto e Silva apelidado de Vila Capanema (Curitiba), Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho conhecido como Estádio do Pacaembu (São Paulo), Estádio Jornalista Mário Filho conhecido como Estádio do Maracanã (Rio de Janeiro) e o Estádio dos Eucaliptos (Porto Alegre). A exceção deste último que foi demolido, todos os outros estádios continuam ativos e sendo usados nas competições regionais e nacionais de futebol.

Greve dos operários do Maracanã é considerada abusiva por Tribunal

Igor Mello

A 1000 dias da Copa do Mundo, o Tribunal do Trabalho do Rio de Janeiro decidiu sobre o abuso da legitimidade da greve de operários que paralisa as obras do Maracanã há 16 dias. Com isso, a greve foi declarada ilegal.

Mais de 50 trabalhadores do consórcio responsável pelas obras do Maracanã, que estão em greve há 16 dias, fizeram uma vigília em frente ao prédio do Ministério do Trabalho, na Avenida Presidente Antônio Carlos, esperando a audiência.

Os trabalhadores realizaram apitaços e até mesmo orações à frente da sede da Justiça do Trabalho, tentando sensibilizar os magistrados. Eles manifestaram a vontade de continuar com a paralisação, mesmo com a decisão desfavorável na Justiça: "Se a Justiça mandar a gente voltar a trabalhar, não pegaremos em uma ferramenta", afirmou Roberto Gomes da Silva, montador de andaimes.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Construção Pesada Intermunicipal do Rio de Janeiro (Sintraicp), Nilson Duarte Costa, no entanto, afirma que os trabalhadores acatarão a decisão judicial, independentemente de qual seja. "O sindicato vai respeitar a decisão do Tribunal. A nossa função é dizer para o trabalhador a verdade e eles têm que cumprir. Isso dói, mas uma atitude desse tipo pode acarretar em coisas seríssimas, como justa causa e multas ao Sintraicp".

Costa questionou a escolha da turma recursal que julgou o caso. Segundo ele, embora tenha que haver um sorteio, foi a mesma responsável por determinar a improcedência de uma outra greve organizada pelo sindicato esse ano, mesmo com um parecer contrário emitido pelo Ministério Público. Ele afirmou ainda que as negociações devem continuar, mesmo com a derrota na Justiça.

"Tenho certeza que o consórcio não vai ser burro o suficiente de continuar fechado como uma ostra, sem negociar. Vamos seguir a vida. Estamos há mil dias da Copa. Em vez de estarmos comemorando, estamos fazendo greve. Mas isso é da vida. quando você é maltratado tem que procurar um meio de chegar ao bem estar de todo mundo".

"Comemos com cheiro de fezes", afirma presidente do sindicato

A Vigilância Sanitária não constatou nenhuma irregularidade nas dependências do restaurante instalado para atender os trabalhadores, em vistoria realizada logo assim que começaram as denúncias de distribuição de comida estragada e falta de condições de higiene. Apesar disso, Nilson Duarte Costa afirma que a situação é de calamidade.

"A greve não foi algo planejado. Os trabalhadores pararam a obra às 4h da manhã e impediram os companheiros de entrar pela manhã depois de receberem comida estragada pelo terceiro dia seguido. Há até hoje um cano da tubulação de esgoto estourado bem ao lado do refeitório, criando uma vala a céu aberto. Comemos com cheiro de fezes. Será que a Vigilância Sanitária não viu isso? Eu estive lá para cobrar uma solução. Eles dizem que vão consertar, mas até agora nada".

Trabalhadores reclamam de falta de condições de trabalho

Diversos trabalhadores se queixaram das condições de trabalho oferecidas pelo Consórcio Maracanã Rio 2014, responsável pela execução das obras. Entre as principais reclamações, estava a qualidade da comida e a falta de segurança para o exercício das suas atividades. "Já tiveram vários acidentes lá no canteiro de obras. Teve um rapaz de se machucou e o socorro demorou mais de 50 minutos para chegar. Convivemos com péssimas condições", denunciou Gilvan Gomes, que trabalha como armador.

Outros funcionários reclamavam da falta de um plano de saúde. De acordo com o relato deles, confirmado por membros do Sintraicp, o Consórcio afirmou que concederia o benefício, mas até hoje não entregou os cartões para possibilitar o uso do benefício. "Se alguém passar mal vai para o hospital público", disse Roberto Gomes da Silva.

Em discurso, um dos sindicalistas afirmou que outros empregados das empresas, com cargos superiores, já gozam desse tipo de benefício. "O pessoal do setor administrativo já tem plano de saúde, os mestres de obra também. E nós, que ganhamos bem menos e temos mais necessidade, continuamos sem receber? É um absurdo".

Texto 25: *Greve dos operários do Maracanã é considerada abusiva por Tribunal*, Jornal do Brasil, 20 /08/ 2012.

Nova greve de trabalhadores no Maracanã completa seis dias



Foto: Consórcio Maracanã 2014/Divulgação

A greve dos trabalhadores da reforma do estádio do Maracanã, possível palco da final da Copa do Mundo de 2014, completou o sexto dia hoje. Essa é a segunda paralisação em menos de um mês. De acordo com informações do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Pesada Intermunicipal do Rio de Janeiro (Sitraicp) o consórcio responsável pela obra não pagou o aumento do valor da cesta básica negociado na última greve, o que provocou a nova paralisação.

O Consórcio Maracanã 2014, formado pelas empresas Odebrecht Infraestrutura, Delta Construção e Andrade Gutierrez, negou em nota oficial que não tenha pago o valor acordado após a negociação para cesta básica para os trabalhadores.

O Tribunal Regional do Trabalho (TRT) realizou uma audiência nesta segunda-feira, 5, entre o sindicato e o consórcio que terminou sem acordo. O TRT determinou um prazo de cinco dias para que as partes cheguem a um acordo. Caso isso não se concretize, o tribunal julgará o caso.

Segundo o presidente do Sintraicp, Nilson Duarte, o cumprimento do cronograma para a Copa pode ter prejuízos se a paralisação se estender. Ele alertou que, se os próximos meses forem chuvosos, os dias perdidos com a greve poderão fazer falta no futuro.

A primeira greve começou no dia 17 agosto, depois de um acidente que deixou um trabalhador ferido, e terminou no dia 22 do mesmo mês. Além do reajuste da cesta básica, de R\$ 110 para R\$ 160, o acordo incluía melhorias na segurança de trabalho e uma agenda de discussão para a inclusão de familiares dos trabalhadores no plano de saúde.

Texto 26: *Operários do Maracanã entram em greve*, reportagem da revista Veja de 17/08/2011.

É notável como os Jogos Olímpicos de 2012, em Londres, impulsionaram, de maneira visível, a continuação das obras no Maracanã. Percebi que ao longo destes Jogos, a mídia, impressa e televisiva, focalizou com mais assiduidade⁶⁹ este estádio, o que repercutiu numa

⁶⁹ Em períodos de eventos esportivos aumentam as reportagens relacionadas aos esportes. Como aponto em minha dissertação sobre Futebol Feminino no Brasil: “Uma visibilidade diferenciada é dada ao Futebol Feminino brasileiro nos períodos de grandes competições” (ALMEIDA, 2009, p. 59).

maior visibilidade e aumentou a pressão da opinião popular, o que me parece, também alavancou e deu maior fôlego ao poder público em finalizar as obras a contento e no prazo estabelecido.

Então, após mais de dois anos fechado⁷⁰, no dia 28 de abril deste ano de 2013, o Maracanã foi reaberto, ainda com as obras inacabadas, para o primeiro evento teste, um jogo entre Amigos do Ronaldo versus Amigos do Bebeto. Na sua reabertura, também nomeada pela imprensa carioca como reinauguração, o Maracanã enfrentou uma série de protestos (Textos 27, 28 e 29) contra a sua privatização e concessão à iniciativa privada, o dispêndio excessivo do dinheiro público nas obras do estádio (Texto 30) e a demolição dos prédios e instalações esportivas no seu entorno, como a Escola Municipal Friedenreich, o antigo Museu do Índio (Figura 60), o Estádio de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare.



Figura 60: Prédio do Antigo Museu do Índio. Data: 15/01/2013. Crédito: Edmar Moreira.

⁷⁰ O Estádio do Maracanã ficou fechado para obras de reforma por dois anos e nove meses, de 08/09/2010 a 28/04/2013. Inicialmente orçada em R\$ 705 milhões de reais, o custo final da obra do estádio ficou em mais de R\$ 1,100 bilhão de reais, ou seja, 48% acima do orçamento inicial previsto. Segundo dados colhidos e disponibilizados pela imprensa (O Globo, de 29/05/2013, p.03 e de 19/06/2013, p.06).

Este espaço (Antigo Museu do Índio) tem sido protagonista de uma luta entre os integrantes da Aldeia Maracanã e o poder público. Houve, em 2013, a tentativa de demolição do prédio com uma anterior remoção de seus residentes, os índios daquela comunidade. A população se mobilizou contra tais atitudes e ingressou na luta pela sua permanência naquele local. Assim, as forças policiais do Estado entraram num conflito armado que ganhou visibilidade através da mídia no período que antecedeu a Copa das Confederações (junho/2013) e mesmo durante esta competição.

A dissertação de mestrado de Marcos Rodrigues Barreto, do PPGMS/UNIRIO, intitulada *Vultos na névoa: índios urbanos no cenário fluminense* (BARRETO, 2014), em seu capítulo 3, aborda a questão histórico-política do prédio do Antigo Museu do Índio (1962-1977) ocupado posteriormente, em 2006, pela Aldeia Maracanã até os dias atuais. O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) iniciou o processo de tombamento, como patrimônio cultural, do Antigo Museu do Índio, sob o número de processo: E-18/001.128/2013 que encontra-se atualmente no aguardo do tombamento definitivo.⁷¹

⁷¹ Pesquisado no site http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/20 Acesso em 02/05/2014 às 19h33 min.

Cambistas e protestos no primeiro evento-teste

Cinco pessoas são detidas pela venda irregular de ingressos. Durante a partida, manifestantes protestam contra a privatização e demolições no complexo



Protesto. Manifestantes ergueram uma faixa contra a concessão do estádio à iniciativa privada e as demolições dentro do complexo do Maracanã

Texto 27: Reportagem sobre protestos contra as demolições dos prédios do entorno do Complexo Esportivo, no jogo amistoso da seleção brasileira durante a reinauguração do Estádio do Maracanã. O Globo, de 02/06/2013.

ESPORTES

MARACANÃ RENASCE À ITALIANA

Com aplausos da torcida brasileira para Pirlo, que completava cem jogos por sua seleção, e Balotelli, cujo nome chegou a ser entoado pelo público de 73.123 pessoas, a Itália venceu o México por 2 a 1 na estreia do Maracanã na Copa das Confederações. O estádio passou no teste, apesar do som ruim, da mobilidade dificultada pelo pequeno espaço entre os assentos e da falta de sinalização. Do lado de fora, a PM reagiu com bombas de gás, spray de pimenta e balas de borracha a um protesto pacífico de cerca de mil jovens contra os gastos com a Copa. No outro jogo de ontem, a Espanha, muito vaiada pelos pernambucanos, derrotou o Uruguai por 2 a 1, em Recife.

Lá fora... PMs do Batalhão de Choque reprimem com bombas de gás a manifestação pacífica dos jovens, que não reagiram

O Brasil e o mundo de olho em São Paulo

Protestos contra o aumento das tarifas de ônibus estão marcados para hoje em quatro capitais. Em São Paulo, desta vez, o governo promete não usar a Tropa de Choque. Ato de apoio acontecerá ontem

Texto 28: Reportagem sobre enfrentamento da Polícia Militar com a população durante as manifestações ocorridas no Rio de Janeiro durante a Copa das Confederações. O Globo, de 17/06/2013.

PROTESTO

Polícia lança gás e spray de pimenta contra manifestantes

PMs usam força para evitar fechamento de ruas e assustam crianças na Quinta

O protesto pacífico que começou em frente à estação do metrô de São Cristóvão, a poucos metros do Maracanã, acabou em violência. Os manifestantes estavam sentados numa via interditada e negociavam com oficiais da Polícia Militar quando agentes do Batalhão de Choque surgiram lançando bombas de efeito moral e atirando com balas de borracha. Acusados, os cerca de mil jovens que participavam do protesto se dispersaram. Essa cena se repetiu várias vezes entre as 15h30m e as 18h.

O primeiro confronto ocorreu a apenas meia hora do início do jogo entre México e Itália. Os poucos torcedores que ainda chegavam ao Maracanã não estavam tendo dificuldade para passar até que as bombas foram disparadas. Alguns disseram que passaram mal e não conseguiram chegar ao estádio.

O repórter fotográfico Luiz Roberto Lima, que trabalha para as agências GLOBO e Estado, precisou do auxílio de um bombeiro após passar mal com as bombas de efeito moral lançadas pela polícia. Após o tumulto, o fotógrafo **gostou de trabalhar** em uma das agências.

guns domingos do ano. A polícia chegou jogando bomba de efeito moral. Minhas filhas ficaram desesperadas, eu não sabia o que fazer. Moro em Madureira e não sei como vou pegar o trem para chegar a casa — disse Alessandra Santana, que estava acompanhada das filhas de 13 e 7 anos, ambas muito nervosas. A mais nova esbia no rosto o resíduo de pó branco do spray de pimenta usado pela polícia.

O garçom Frederico Júnior também disse ter se assustado com o confronto entre manifestantes e a polícia. Ele passeava com cinco crianças e a mulher grávida pelo parque quando o conflito começou.

— Estou agora com as crianças e a minha mulher grávida nervosas e passando mal. As pessoas podem protestar, fazer o que quiserem, mas eles e a polícia precisam lembrar que aqui é um parque com crianças — disse ele.

Já o metalúrgico José Carlos Gomes, de 60 anos, foi com o filho para o aniversário do pai em sua casa no Maracanã. Gomes mora em Belford Roxo e saiu **mais cedo de casa** com o filho.



Sobre rodas. Um skatista e manifestantes fogem da ruvem de fumaça. O grupo, acouado, foi para a Quinta da Boa Vista, assustando visitantes do parque.



Truque final. Segundo a Polícia Militar, a ação firme do Batalhão de Choque conseguiu impedir que os manifestantes fechassem ruas no entorno do Maracanã.

Texto 29: Reportagem mostra adjacências do Estádio do Maracanã, a Quinta da Boa Vista, onde ocorreram as manifestações populares reprimidas pela Polícia Militar. O Globo, de 17/06/2013

COPA-2014

Valores de obras são revistos, e Mundial já custa R\$ 28 bilhões

Gasto com infraestrutura e estádios — que era de R\$ 25,5 bilhões em abril — está dentro do teto previsto, de R\$ 33 bilhões, segundo Ministério do Esporte



Templo da bola. Reforma do Maracanã já custou R\$ 1.049 bi. No último dado do Ministério do Esporte, obra estava orçada em R\$ 800 milhões

Os investimentos para a Copa do Mundo de 2014 já chegaram a R\$ 28 bilhões, de acordo com o secretário-executivo do Ministério do Esporte, Luiz Fernandes. A diferença entre o valor divulgado agora e o divulgado em abril (R\$ 25,5 bilhões), é de cerca de 9,8%. Em nota, o ministério afirma que os valores representam "ciclos de investimentos" programados pelo governo, que incluem verbas para estádios, mobilidade urbana e melhorias em portos, e que os gastos estão dentro do teto de R\$ 33 bilhões, até 2014. Em julho será divulgada uma nova atualização do valor.

A maioria dos investimentos é em mobilidade urbana. São 51 obras ao todo, espalhadas pelas 12 cidades que vão receber a Copa — disse o secretário, ontem, durante coletiva sobre programas de sustentabilidade.

AINDA SEM DATA PARA O JULGAMENTO

AÇÃO NO STF CONTRA BENEFÍCIOS PARA A FIFA

CAROLINA BRIGIDO
carolina@bh.globo.com.br

SABÁLIA. O procurador-geral da República, Roberto Gurgel, entrou com uma ação direta de inconstitucionalidade no Supremo Tribunal Federal (STF) contra artigos da Lei Geral da Copa. Ele quer acabar com benefícios concedidos à Fifa no país-sede do torneio e prêmios pagos ao público para ex-jogadores da seleção brasileira que atuaram em 1958, 1962 e 1970. O processo foi sorteado para a relatoria do ministro Ricardo Lewandowski. Não há previsão de data para o julgamento.

Constituição Federal, "Contrariamente ao dispositivo constitucional, o artigo 23 da Lei Geral da Copa edota a Teoria do Risco Integral, pois impõe à União a assunção da responsabilidade por danos que não foram causados por seus agentes", escreveu.

A subprocuradora também contesta a isenção de gastos com despesas processuais, que violaria o princípio de isonomia tributária previsto na Constituição. "Não é possível vislumbrar nenhuma razão que justifique o tratamento diferenciado da Fifa e de seus relacionados", argumentou. A ação também questiona o emprego de recursos públicos para o pagamento de ex-jogadores. Para ela, o fato de ter atuado

Texto 30: Reportagem acerca do gasto excessivo das obras dos estádios para cumprir as exigências da FIFA. O Globo, de 02/06/2013.

Apesar dos protestos da população, o ritmo das obras continuou acelerado visto que o grande evento – a Copa das Confederações – que promoveria a abertura e reinauguração do Maracanã como palco do futebol mundial estava próximo, com início em 15 de junho de 2013. E, uma semana antes deste evento, também aconteceria o jogo amistoso entre a seleção brasileira de futebol e a seleção da Inglaterra, no dia 02 de junho (Figuras 61, 62 e 63).



Figura 61: Interdição da Rua Eurico Rabelo que margeia um dos lados do estádio do Maracanã, em 02/06/2013, dia da reinauguração do Estádio do Maracanã.



Figura 62: Esquema de segurança com grades que limitam a entrada dos torcedores ao Estádio do Maracanã. Data: 02/06/2013.



Figura 63: Aparato de segurança, com a presença maciça do Corpo de Bombeiros, em 02/06/2013, dia da reinauguração do Estádio do Maracanã.

A Copa das Confederações, o evento reconhecido como o grande teste (Texto 31) para se observar como o Estádio do Maracanã, após as obras de reforma, se comportaria em relação a megaeventos. Foi um evento permeado de manifestações da população no entorno do estádio e mesmo em outros bairros da cidade.



Texto 31: Reportagem sobre o jogo amistoso da seleção brasileira na reinauguração do Estádio do Maracanã. O Globo, de 02/06/2013.

Em virtude dos jogos que aconteceram no estádio, a prefeitura do Rio de Janeiro promoveu um esquema diferenciado de trânsito (Textos 32, 33 e 34), com mudanças no sistema de mão única ou dupla dos veículos, impedimento de circulação de veículos em várias ruas do entorno e mesmo interdição de ruas a pedestres, salvo se tivessem o ingresso para o jogo do dia.

Jogo no Maracanã fechará ruas no sábado

Prefeitura pede a torcedores que deixem o carro em casa e usem transporte público como trem e metrô

NAIANAI DAMASCENO
naianai@globo.com.br

A prefeitura anunciou ontem a tarde o esquema especial de trânsito para o primeiro jogo no Maracanã, no próximo sábado, depois das obras de reforma do estádio. Várias ruas no entorno serão interditadas. De acordo com o secretário municipal de Trânsito, Carlos Roberto Osorio, o evento será o primeiro teste para os grandes eventos esportivos que acontecerão na cidade. Segundo ele, serão testados aspectos da operação de trânsito, como pontos de bloqueio, rotas alternativas, controle de trânsito e acesso dos pedestres. Ele explicou ainda que o esquema é resultado de uma série de reuniões com a RHA e deve ser repetido, com pequenos ajustes, no jogo entre Brasil e Inglaterra, primeiro da Copa das Confederações, no dia 2 de junho.

A partida, um jogo entre os times dos amigos dos ex-jogadores Ronaldo e Fehreto, às 19h, terá a presença dos trabalhadores que ajudaram a reerguer o estádio e de convidadas especiais, cerca de 27 mil pessoas são esperadas, um terço da capacidade do estádio.

A operação especial de trânsito no entorno do Maracanã começa à 17h de amanhã com a implantação de áreas em que haverá proibição de estacionamento. Às 18h de sábado as ruas serão interditadas e só serão liberadas depois das 22h. Entre as novidades anunciadas pela prefeitura, está a interdição do Viaduto Octaviano Cozzi ao tráfego de veículos para que os pedestres que descerem barcarem nas estações de trem e metrô de São Cristóvão possam chegar ao estádio sem ter que atravessar a Avenida Radial Oeste, que terá apenas a circulação de veículos.

Também serão interditadas a rua Professor Manoel de Azevedo, no trecho entre a rua São Francisco Xavier e a Avenida Radial Oeste; e rua Professor Eurico Rabelo, entre a Avenida Professor Manoel de Azevedo e Viaduto de São Cristóvão; a Rua Paula e Souza; a Rua Maria Machado; e Rua Luís Guimarães; a Rua Visconde de Hamarati; a Rua João de Figueiredo; e Rua Artur Menezes; e a Rua Conselheiro Olegário. Monitores serão alocados às ruas pelas Generalistas e a Polícia Militar. Mas o secretário recomenda que se evite circular de carro na região durante o evento. E como não haverá holofos de estacionamento, Osorio recomenda que o público prefira se deslocar de trem ou de metrô.

— Como este jogo, começamos a levar os grandes eventos esportivos por este caminho, que é a chegada do público exclusivamente pelo transporte público, neste caso o trem e o metrô, e a sinalização para os pedestres desde a entrada das estações até o ponto de acesso, e total conforto e segurança tanto pra casuar quanto pra quem quiser ir de carro não vai chegar ao Maracanã.

— Todo o entorno estará bloqueado para veículos de passeio. Quem quiser parar mais longe vai encontrar restrições de estacionamento, não vai

encontrar vagas, ou terá o carro rebocado. Por isso, convidamos o torcedor a utilizar o transporte público — disse o secretário.

Para garantir a operação, a prefeitura levou a cabo agentes da Secretaria da Ordem Pública (Seop), da CET-Rio e da Guarda Municipal para garantir a ordem no entorno do Maracanã. Também serão usados 30 pontos de mensagens variadas para dar informações aos motoristas sobre as alterações de trânsito, as rotas alternativas e as condições de tráfego. Além disso, rebocará o serviço da Seop e reprimirá o estacionamento irregular. Como vem acontecendo desde 2008, não será permitida a venda de bebidas alcoólicas nas ruas do entorno do estádio. Segundo o da prefeitura, serão trabalhados há alguns dias no entorno do estádio para garantir a ordem pública e a mobilidade dos torcedores.

Antecipamos o trabalho identificando e eliminando as funções de trânsito no entorno do estádio. Removemos 24 outdoors, notificamos quiosques e bares a respeito das restrições quanto à venda de bebidas, rebocamos dois veículos, trailers que vendiam lanches, toldos para que cheguemos no sábado com tudo liberado. Vamos evitar a ação de ambulantes, que não poderão atuar no entorno do Maracanã. Não vamos permitir o estacionamento irregular e vamos ter 13 rebocadores para tirar os veículos que estiverem parados em locais proibidos. Além disso, vamos estar atentos ao sinal nas ruas — disse Alex Costa.

Antecipamos o trabalho identificando e eliminando as funções de trânsito no entorno do estádio. Removemos 24 outdoors, notificamos quiosques e bares a respeito das restrições quanto à venda de bebidas, rebocamos dois veículos, trailers que vendiam lanches, toldos para que cheguemos no sábado com tudo liberado. Vamos evitar a ação de ambulantes, que não poderão atuar no entorno do Maracanã. Não vamos permitir o estacionamento irregular e vamos ter 13 rebocadores para tirar os veículos que estiverem parados em locais proibidos. Além disso, vamos estar atentos ao sinal nas ruas — disse Alex Costa.

Antecipamos o trabalho identificando e eliminando as funções de trânsito no entorno do estádio. Removemos 24 outdoors, notificamos quiosques e bares a respeito das restrições quanto à venda de bebidas, rebocamos dois veículos, trailers que vendiam lanches, toldos para que cheguemos no sábado com tudo liberado. Vamos evitar a ação de ambulantes, que não poderão atuar no entorno do Maracanã. Não vamos permitir o estacionamento irregular e vamos ter 13 rebocadores para tirar os veículos que estiverem parados em locais proibidos. Além disso, vamos estar atentos ao sinal nas ruas — disse Alex Costa.

Texto 32: Reportagem descreve a preparação do trânsito para o jogo de reinauguração do estádio do Maracanã. O Globo, de 25/04/2013.

COPA DAS CONFEDERAÇÕES

Carros não são bem-vindos à festa

Esquema de trânsito para jogo no Maracanã inclui interdições de vias e fiscalização por 850 agentes

O ESQUEMA ESPECIAL PARA DOMINGO

ÔNIBUS/METRÔ
Alterações em linhas saindo da Barra, da Rodoviária e dos aeroportos Santos Dumont e Galeão, para deixar passageiros perto de estações de metrô

Linhas 614 (Terminal Alvorada x Metrô Dal Castilho)
Reforço da linha 805 (Jardim Oceânico x Terminal Alvorada)
Reforço da linha 133 (Rodoviária x Metrô Estácio)
Linha Especial Galeão x Metrô Dal Castilho
Linha Especial Santos Dumont x Metrô CineLândia

CIRCULAÇÃO DE ÔNIBUS
Para quem vem das zonas Norte e Oeste passando pelo Centro
Para quem sai ou vai em direção a São Cristóvão
Para quem vem do Centro ou da Grande Tijuca

METRÔ
Das 7h às 23h

TREM
Na volta do jogo, a partir das 19h, quatro trens extras sairão da estação São Cristóvão para os ramais Japeri, Santa Cruz, Belford Roxo e Saracuruna. A estação Maracanã ficará fechada a partir do meio-dia

RUAS INTERDITADAS
Das 10h às 20h de domingo, está proibida a circulação de táxi, ônibus e veículos de passeio sem credencialmento

BILHETERIAS
PONTOS DE ÔNIBUS

SETORES
OESTE (Livre)
NORTE (Viaduto de São Cristóvão)
LESTE (Estádio do Belini)
SUL (Rua Prof. Eurico Rabelo)
Verde Nível 1 e 2
Azul Nível 1
Amarelo Nível 1 e 2

ESTACIONAMENTO PROIBIDO
A partir das 17h do dia 16/6 até duas horas após o final da partida. A prefeitura recomenda que os torcedores usem transporte público

Texto 33: Esquema de mudança no trânsito ao redor do Estádio do Maracanã, em virtude da Copa das Confederações. O Globo, de 13/06/2013.



Texto 34: Mapa do esquema de mudança no trânsito ao redor do Estádio do Maracanã, em virtude da Copa das Confederações. O Globo, de 20/06/2013.

Tais procedimentos do poder público, juntamente com a insatisfação, já demonstrada anteriormente, quanto às políticas de reforma e demolição de prédios do entorno, impulsionaram a população a se manifestar durante a Copa das Confederações, visto que o acontecimento deste evento de repercussão internacional colocou em evidência não somente o Estádio do Maracanã como também as demandas da cidade como um todo. Outrossim, pudemos observar que a imprensa, à medida que narrava os jogos da competição também relatava as manifestações ocorridas nas ruas.

3.3 A Memória impressa e gravada: entrevistas, depoimentos, jornais e crônicas

Paul Ricouer ao escrever sobre o que ele nomeia de ‘a memória feliz’⁷² afirma que nos estudos fenomenológicos da memória, a ideia de ser fiel ao passado deve ser reconhecida como uma promessa visto que, por mais vontade que se empenhe, ela pode ser descumprida.

⁷² Epílogo do livro: *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricouer, 2007, p.467-512.

E partindo dessa concepção, todo discurso, conseqüentemente, está atrelado à noção de cumprimento de um voto de fidelidade ao passado, podendo ou não lograr êxito.

O autor entende que, a priori, essa vontade de fidelidade ao tempo passado mostra-se como um chamado, uma necessidade de marca da presença mesmo na ausência espacial e no distanciamento temporal presente, que suscitaria a vicissitude da relação presença e ausência.

A fidelidade ao passado não é um dado, mas um voto. Como todos os votos, pode ser frustrado, e até mesmo traído. A originalidade desse voto é que ele consiste não numa ação, mas numa representação retomada numa sequência de atos de linguagem constitutivos da dimensão declarativa da memória. Como todos os atos de discurso, os da memória declarativa também podem ter êxito ou fracassar. Nessa condição, esse desejo não é primeiro vislumbrado como um voto, mas como uma pretensão, uma reivindicação – um *claim* – onerado por uma aporia inicial cujo enunciado me agradou repetir, a aporia que constitui a representação presente de uma coisa ausente marcada pelo selo da anterioridade, da distância temporal. Ora, se essa aporia constitui um real embaraço para o pensamento, ela nunca foi erigida em impasse. Assim a tipologia das operações mnemônicas foi, do princípio ao fim, uma tipologia dos modos de ultrapassagem do dilema da presença e da ausência. (RICOUER, 2007, p.502).

No decorrer desta pesquisa alguns aspectos se mostraram proeminentes ao estudar o Estádio do Maracanã, na teoria estudada foram esmiuçados e se revelaram tanto nos depoimentos obtidos a partir das entrevistas como nos textos jornalísticos e nas crônicas esportivas coletadas. Os conceitos e ideias explicitados nos capítulos 1 e 2 e no item 3.1 também se evidenciam na memória discursiva emergente nos relatos das entrevistas, nos textos jornalísticos e nos textos das crônicas estudadas.

Assim, a possibilidade de reconhecimento e de lembrança de fatos e experiências anteriormente vivenciados possibilita a própria rememoração do tempo vivido, uma das constituintes do processo de construção da memória.

Considero o reconhecimento como o pequeno milagre da memória. Enquanto milagre, também ele pode faltar. Mas quando ele se produz, sob os dedos que folheiam um álbum de fotos, ou quando do encontro inesperado de uma pessoa conhecida, ou quando da evocação silenciosa de um ser ausente ou desaparecido para sempre, escapa o grito: ‘É ela! É ele!’ E a mesma saudação acompanha gradualmente, sob cores menos vivas, um acontecimento rememorado, uma habilidade reconquistada, um estado de coisas de novo promovido à ‘reconhecimento’. Todo o fazer-se memória resume-se assim no reconhecimento. (RICOUER, 2007, p.502).

O reconhecimento descrito por Ricoeur como um componente milagroso no trabalho da memória, também se faz presente nos acontecimentos rememorados sobre o Maracanã, como podemos comprovar ao longo deste sub-capítulo.

A partir das entrevistas, dos textos jornalísticos e de crônicas⁷³ esportivas pude reconhecer também importantes aspectos teorizados na literatura acadêmica utilizada como suporte desta pesquisa. Para tanto, realizei um total de oito entrevistas que se encontram transcritas em sua íntegra no Anexo II. Coletei imagens e textos de jornais dos seguintes períodos: construção do Estádio do Maracanã, Copa do Mundo de 1950, processo de patrimonialização do estádio, obras de reestruturação, Jogos Pan-americanos, escolha do Brasil como sede da próxima Copa do Mundo de 2014, obras de modificação para adequação das normas exigidas pela FIFA, reinauguração em 2013, com a intenção de que servissem de apoio aos conceitos teóricos adotados e à memória discursiva revelada nos depoimentos; e, no decorrer da pesquisa, nos auxiliaram na revelação de certas evidências do contexto social vivido.

Também fiz uso da literatura brasileira, mais especificamente, da crônica esportiva das décadas de cinquenta e sessenta do século passado, como um importante esteio ao entendimento do processo de construção da memória social do Maracanã.

Em diferentes épocas, nomes como José Lins do Rego, Stanislaw Ponte Preta, Mário Filho, Thomaz Mazzoni, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Amando Nogueira aparecem como referenciais⁷⁴ no modo de retratar a vida esportiva no cotidiano do brasileiro, através da imprensa e da literatura. Elegi para o estudo do gênero literário crônica, os textos do autor Nelson Rodrigues⁷⁵. A princípio por sua inata proximidade com aquele que nomeia o

⁷³ As crônicas se constituíram importante tradutor da vida cotidiana brasileira do século XX e, no nosso caso, as crônicas esportivas se mostram reveladoras do contexto social e político em que aconteciam os jogos e campeonatos de futebol nos anos cinquenta, sessenta e setenta daquele século. Mario Filho ficou conhecido como um dos precursores desse tipo de crônica. Escrevia diariamente textos sobre futebol no *Jornal dos Sports* assim como seu irmão Nelson Rodrigues. No livro *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* (1987), os dois escritores tiveram publicadas algumas de suas crônicas sobre um dos principais clássicos do futebol carioca, o jogo entre os times do Flamengo e do Fluminense, que o próprio Mario Filho batizou de Fla-Flu, ajudando assim a criar a mítica relacionada a este confronto futebolístico que perdura até os tempos atuais.

⁷⁴ Ver nas referências: CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, 2007. E NEGREIRO, Plínio J. L. de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: *História: questões e Debates*. Curitiba: Editora UFPR, n.39, p.121-151.

⁷⁵ Nelson Rodrigues, consagrado escritor e dramaturgo, de fato foi um dos que mais ajudaram a reforçar a ideia do Estádio do Maracanã como um emblema de nossa brasilidade, ou seja, do que é ser brasileiro. Escreveu crônicas em diversos periódicos e jornais, como *Manchete Esportiva* (entre os anos de 1955 e 1959), *Cruzeiro*, *O Globo* (no qual manteve uma coluna diária de 1962 a 1980) e *Jornal dos Sports* (final de 1950 até 1966). E algumas destas foram compiladas e publicadas

Maracanã - Jornalista Mário Filho, seu irmão. No entanto, tão significativo quanto o já mencionado, minha escolha foi influenciada por seu declarado fascínio pelo estádio de futebol do Maracanã, que figura em grande parte das crônicas publicadas nos seus dois livros selecionados para este estudo: *O berro impresso das manchetes* (2007) e *A pátria das chuteiras imortais* (2013).

O diálogo entre discurso teórico utilizado, os depoimentos dos entrevistados e as crônicas nos revela significativos pontos de confluência. Ideias e conceitos como lugar de memória, acontecimento fundador, data emblemática, experiência traumática, sacralização do espaço construído, local mítico, lugares consagrados e o processo de construção da memória social do Maracanã mostram-se tanto nas teorias estudadas como nos discursos dos entrevistados e nos textos das crônicas.

Não obstante, possivelmente, desconhecerem o conceito cunhado por Pierre Nora (1993), diversas vezes tanto os textos dos jornais e das crônicas, como os informantes entrevistados se reportam a ideia do Maracanã como um lugar de memória.



Texto 35: A reportagem do jornal O Globo, de 29/05/2013, p.17, traz a foto do milésimo gol do jogador Pelé no Maracanã e a foto do gol do jogador Ghiggia, da seleção uruguaia, na final da Copa do Mundo de 1950.

em forma de livros. Ver nas referências: MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ, 2012. O Estádio do Maracanã foi rebatizado com seu nome em 1968, após sua morte, em sua homenagem por seu auxílio na construção do estádio para Copa do Mundo de 1950.

Trecho da Entrevista 1⁷⁶

Entrevistadora: Você lembra como repercutiu a construção do estádio, na época Estádio Municipal, e de como aconteceu o embate político, já que o Carlos Lacerda não queria que ele fosse construído naquele local, e sim em Jacarepaguá?

Zagallo: Não me recordo do lado político, porque na época eu era um garoto e não estava ligado nesse assunto. Eu me recordo perfeitamente que em 1948, 1949, eu jogava no juvenil do América e **tive a felicidade de ver o Maracanã sendo construído, e antes disso havia o Derby onde guardava o cavalo para a corrida no Jockey club, e me recordo que na demolição eu joguei uma pelada, então participei de uma pelada no antigo Derby Clube antes da construção realmente começar.** Quando o Maracanã foi construído, eu era um garoto de 18 anos, e **fiquei abismado vendo aquele monstro sagrado, e não entendia como aquele estádio ia ficar repleto de torcedores,** porque o estádio era um mundo. Tínhamos o América, o Bonsucesso, o São Cristovão, Madureira, Olaria, mas eram estádios pequenos, **e aquele era o majestoso Maracanã.** A construção ocorreu até 1950 que foi quando aconteceu a Copa do Mundo no Brasil.

Entrevistadora: Você lembra se existe alguma história sobre o Maracanã que tenha se tornado um marco? O Maracanã já é um marco por ser o primeiro estádio 360°.

Zagallo: Sem dúvidas, **isso foi uma mudança radical. É um marco no tamanho, na beleza.** E eu fiz uma história, porque eu era um reserva, estreei em um jogo amistoso contra o Paraguai no Maracanã, ganhamos de 5x0, fiz dois gols, esse jogo foi antes de começar a Copa. Lembro que depois fomos para a Itália e fizemos dois amistosos, isso foi em 1958. **Lembro de um marco que aconteceu no último treino amistoso no Maracanã, o Pelé foi para um gol e eu fui para o outro, porque naquela época os onze jogadores não tinham substitutos, se alguém se machucasse a equipe ficaria com dez jogadores apenas, isso aconteceu um mês antes da Copa de 1958.** Eu até machuquei o meu braço, e joguei dois jogos amistosos assim, com o braço na tipóia.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Que lembrança você tem do Maracanã?

Zico: Minha primeira lembrança é o primeiro jogo que assisti no Maracanã em 1961, foi Flamengo x Corinthians. O Flamengo foi campeão do Rio – São Paulo, o autor do gol que levou o time ao título foi o Dida. Outro momento que lembro muito bem é a chegada ao Maracanã, meu pai tinha duas cadeiras perpétuas na Tribuna de Honra e quando chegávamos, eu, meu pai e meus dois irmãos saltávamos no sexto andar, e dava para ver lá de cima **o estádio cheio, lotado, a torcida do flamengo, essa imagem nunca vai sair da minha cabeça. Gostaria de poder me ver jogando desse local. E essa imagem eu nunca tive: eu jogando e era uma imagem fantástica que nunca sai da minha cabeça.** Em 1962, presenciei a decisão Flamengo x Botafogo, lembro que o Garrincha estava jogando e o Flamengo perdeu de 3x0, **lembro do estádio lotado, chegamos no sexto andar e saímos do elevador e vimos de um lado preto e branco, do outro preto e vermelho, é uma imagem maravilhosa. A imagem que se tinha do elevador na chegada ao sexto andar era maravilhosa, tinha gente que chegava atrasado de propósito para ver as cadeiras e arquibancadas cheias, é bonito ver o estádio com as cores.** É uma coisa linda, fantástica. Gosto quando é Fla x Flu, verde e vermelho, ou preto e vermelho, e já vi Vasco e Botafogo também é bacana, pois fica todo branco e preto e o contraste com o verde do gramado.

Entrevistadora: Na entrada do Maracanã está escrito “O Templo do futebol”. Você o considera assim?

Zico: Sim. Principalmente no Brasil, acredito que levou-se muito tempo para as pessoas valorizarem o estádio. Eu tive oportunidade de conhecer outros estádios e o Maracanã deveria ser um local de visitação constante, pois é um evento ir até ao estádio, deveria ter um museu com a história do futebol brasileiro, ter restaurantes, bares, deveria ser um local onde a pessoa passaria o dia todo, um dia de lazer. Os grandes estádios possuem essa estrutura e aproveitam isso, a Turquia é um exemplo, já o Maracanã nunca foi aproveitado desta forma.

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: Então vamos lá, qual é a sua primeira lembrança a respeito do estádio do Maracanã?

⁷⁶ Todos os grifos, em negrito, nas transcrições das entrevistas foram feitos pela autora com a intenção de evidenciar as partes dos depoimentos que dialogam ou corroboram com os argumentos e conceitos apresentados nesta pesquisa.

Jaime: Bom, **minha primeira lembrança é anterior ao estádio do Maracanã.** Em que eu frequentava aquela área quando eu ainda era aluno do Colégio Pedro II, ali da Av. Marechal Floriano. Então, **nós tínhamos as quintas feiras, nós íamos jogar futebol no antigo Derby Clube, em que ali tinha um terreno muito grande, e eram demarcados como se fosse campo de futebol. Então ali nós íamos fazer nossas peladas, sem compromisso.** Basicamente, isso.

Trecho da Entrevista 7

Entrevistadora: Eu queria que a senhora falasse a sua percepção de como o brasileiro vê o Maracanã?

M^a Helena: Como uma propriedade sua, como uma coisa importante que ele tem, melhor do mundo inteiro, que ninguém tem um estádio como nós temos, não é isso? Eles acham isso e que todo mundo conhece. **O brasileiro tem certeza que o mundo inteiro conhece o Maracanã.** Em geral, **todo o brasileiro é capaz de dizer que é o melhor e o maior estádio de mundo. Eles acham que você tem que conhecer o Maracanã, qualquer pessoa, um amigo, que chegue de fora, você tem que levar para conhecer. Eles consideram um negócio importante, uma referência pro país.** O país se orgulha de ter o Maracanã. Nenhum outro estádio é assim porque todo brasileiro já ouviu falar. Mesmo que seja em outro estado, Ceará, Pará, Acre, não tem ninguém que não saiba o que é o Maracanã e onde é que fica. Realmente é uma coisa de se vangloriar: o brasileiro de ter o Maracanã.

Entrevistadora: Como a senhora falou, mesmo a pessoa sem nunca ter entrado, conhece o Maracanã.

M^a Helena: **Conhece, já ouviu falar. O mundo inteiro já ouviu falar do Maracanã.**

Falas como “fiquei abismado vendo aquele monstro sagrado” (Entrevista 1), “a imagem que se tinha do elevador na chegada ao sexto andar era maravilhosa, tinha gente que chegava atrasado de propósito para ver as cadeiras e arquibancadas cheias” (Entrevista 3), “o brasileiro tem certeza que o mundo inteiro conhece o Maracanã” (Entrevista 7) realçam o simbolismo que este estádio tem para o brasileiro. O autor Pierre Nora cita a dimensão de natureza simbólica, que constitui um dos atributos dos lugares de memória, como aquela que oferece um significado, um valor, a partir da concretude, da materialidade do local posto em evidência.

As crônicas de Nelson Rodrigues também ajudam a consolidar a ideia do Estádio do Maracanã como um lugar de memória, a começar pelo o quantitativo de vezes em que figura em seus textos. Tal fato já demonstra a valorização e a visibilidade dada ao Maracanã pelo futebol brasileiro e pela sociedade da época. Caso exemplar é o livro *O berro das manchetes* que das suas cento e sessenta e três crônicas publicadas, o Maracanã aparece em setenta e duas delas.

Outra verdade eterna: - como bom brasileiro, o Maracanã nasceu com a vocação da vaia. Tenho dito: - lá, vaia-se até minuto de silêncio. Sem maldade, sem premeditação. A vaia rebenta sem querer, por um desses automatismos inapeláveis. Mas repito: - o doce escrete vai partir. É preciso que as vaias emudeçam. **Imaginem vocês se todo o Maracanã, de pé, aplaudir o escrete. A seleção há de ter uma sensação de onipotência.** (RODRIGUES, 2013, p.49/50).

A onipotência comentada por Nelson Rodrigues advém dessa crença do Maracanã visto como um ser mítico onde qualquer manifestação que ali aconteça reverbera para além das suas fronteiras físicas e concretamente delimitadas. No imaginário do brasileiro, a força da mítica que envolve o Maracanã traz a tona a percepção dele como lugar consagrado pelo povo, local em que, a cada partida de futebol, um ritual se manifesta.

Várias matérias de jornais utilizam esta designação para nomearem o Estádio do Maracanã. Como no texto do jornal O Globo de 30/11/2012, p.09, que inicia com o título em letras destacadas *Templo sagrado no país do futebol* (Texto 36).



Texto 36: O Globo, 30/11/2012, encarte especial Rio 2016, p.9.

Nossos entrevistados em diversos momentos se reportam ao Maracanã como um templo, um lugar a ser cultuado, um solo sagrado.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Fale de sua atuação no Maracanã.

Zico: A primeira vez que pisei no gramado, acredito que tenha sido em 1969. Foi através de um rapaz que morava na minha rua, no bairro de Quintino, ele era funcionário da SUDERJ que na época era chamada de ADEG. Lembro que fomos para assistir ao jogo Flamengo x Vasco, mas para poder pisar no gramado teria que chegar bem antes do início da partida, então chegamos às 17h e o jogo começou somente às 21h, **foram quatro horas de espera, mas valeu à pena pisar no gramado.** Lembro que foram alguns amigos que são médicos, o Pedro e o Cirilo. Havia um funcionário no Maracanã que era muito chato, uma ‘mala sem alça’, o seu Lima, ele tomava conta do estádio e não deixava ninguém entrar no campo, com isso o Ivo teve que desviar a atenção dele para podermos entrar no campo, **tiramos os sapatos e fomos rapidamente até o gramado, quando estávamos indo até o gol,** o seu Lima gritou “Sai daí moleque”, então o Ivo disse que queríamos apenas pisar, e o seu Lima falou “Pisa logo e sai”. Depois assistimos ao jogo e o Flamengo ainda perdeu de 4x0 para o Vasco, mas valeu a

pena. Encontrei com o seu Lima alguns anos depois quando comecei a jogar no Maracanã, e brincava com ele perguntando se ele ia me barrar.

Entrevistadora: O Maracanã não é mais o maior estádio do mundo, mas ainda há uma magia. Você concorda?

Zico: Claro. Conheci diversos estádios pelo mundo, eles tinham uma magia para o país de origem, o San Siro⁷⁷ na Itália era chamado de Scala, o estádio de Wembley⁷⁸ dos ingleses, tinha também o estádio de Munique⁷⁹ na Alemanha que, aliás, acabou e depois foi criado o Paris Saint-Germain⁸⁰, na França, mas todo mundo destes lugares queria jogar no Maracanã, essa magia do Maracanã é mundial. Os jogadores italianos que jogaram nele falavam: “Puxa, eu vou jogar no Maracanã. Eu nunca joguei lá!”. Sabe, tinha aquela magia do Maracanã. E a magia do Maracanã é mundial, extrapola o território brasileiro. Fui técnico em um estádio na Índia que era do tamanho do Maracanã, tinha a mesma capacidade, era bem parecido, acredito que foi inspirado no Maracanã.

Trecho da Entrevista 7

Entrevistadora: É. Era um modo de você localizar, determinar onde era o estádio. Mas na verdade o estádio teve seu nome mudado para Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho para homenagear esse jornalista e cronista esportivo. Mas Maracanã é um nome que ‘pegou’, né?

M^a Helena: É. Qualquer coisa gigantesca agora a gente diz: é o Maracanã. Você diz: É um Maracanã de gente. Você logo pensa que é muito grande. Quando queriam falar que uma coisa é muito grande, majestosa, o pessoal usa muito esse termo.

Na fala dos entrevistados, “foram quatro horas de espera, mas valeu à pena pisar no gramado” e “todo mundo destes lugares queria jogar no Maracanã, essa magia do Maracanã é mundial” (Entrevista 3) e “qualquer coisa gigantesca agora a gente diz: é o Maracanã. Você diz: É um Maracanã de gente. Você logo pensa que é muito grande. Quando queriam falar que uma coisa é muito grande, majestosa” (Entrevista 7) podemos inferir que o Estádio do Maracanã é percebido como um lugar sagrado e majestoso.

Para corroborar como o acima descrito, trago os escritos de Jacques Le Goff ao desenvolver seu estudo sobre a memória. Nele o autor aborda a concepção da memória se manifestando nas comemorações que, nos espaços e locais onde ocorrem, trazem um “laço simbólico de memória” (LE GOFF, 1985, p.28). Desta maneira, os túmulos dos heróis e mártires, as igrejas com seus dias santos, se mostram como espaços de rememoração, locais consagrados para comemoração, assim como o Estádio do Maracanã.

⁷⁷ O Estádio de futebol Giuseppe Meazza, também conhecido como San Siro, situa-se na cidade de Milão, na Itália.

⁷⁸ O Estádio de futebol de Wembley é o estádio nacional da Inglaterra, localizado no subúrbio londrino de Wembley Park.

⁷⁹ O Estádio Olímpico de Munique, na Alemanha, foi construído entre 1966 e 1972 para os Jogos Olímpicos de Verão de 1972.

⁸⁰ O Estádio Parc des Princes, localizado a oeste de Paris, na França, é predominantemente utilizado pelo clube de futebol Paris Saint-Germain, o que acarreta uma forte ligação entre o time e o estádio que informalmente é conhecido pelo nome do clube de futebol.



Texto 37: Capa do encarte especial *Rio 2016* do jornal O Globo de 30/11/2013.

No livro *A História do Brasil em 50 frases* (KLINTOWITZ, 2014) há uma citação do ex-jogador de futebol Pelé que explicita a força presencial desse estádio no imaginário do brasileiro e seu apelo incontestável no mundo do futebol: “Maracanã é Maracanã. Uma vitória ali vale por duas em qualquer lugar do mundo”.

Em *O tapa celestial*, publicada em 30/06/1956, na *Manchete Esportiva*, o autor Nelson Rodrigues valoriza a grandiosidade do estádio que, na época comportava até aproximadamente duzentas mil espectadores.

Duzentas mil pessoas significam uma multidão astronômica. Basta dizer o seguinte: oitocentos gatos pingados fizeram a Revolução Francesa. Que não fariam duzentas mil pessoas desencadeadas? Mas uma tal massa não precisaria agir. Mesmo imóvel, mesmo calada, mesmo passiva, mesmo como simples testemunha de qualquer coisa – é apavorante. Um sujeito que lambe um chicabon diante de

tamanha platéia há de tremer os seus alicerces. **Sim, duzentas mil pessoas representam quatrocentos mil olhos! Ora, quatrocentos mil olhos devastam, dizem, desnudam e humilham qualquer um.** (RODRIGUES, 2007, p.101/102).

O Estádio do Maracanã é visto como um lugar consagrado pelo povo, por suas características de singularidade e grandiosidade que extrapolam a dimensão material. Faz tempo que perdeu o título de maior estádio do mundo mas preserva-se como referência de magnitude, exuberância e pioneirismo. Sua mítica e as histórias vividas naquele espaço dão forma ao que nossos entrevistados reiteradamente ratificam: o pensamento uníssono desse estádio de futebol como um símbolo da cidade do Rio de Janeiro.

Como pode ser observado nas falas: “pessoas do mundo inteiro querem conhecer o Maracanã, os turistas chegam aqui e querem conhecer o primeiro maior estádio do mundo [...] o Maracanã é um símbolo, era o maior estádio do mundo” (Entrevista 3) e “Ele passou a ser um ícone da cidade. Ele foi construído, mas parece que quando a gente consegue realmente patrimonializar um local, um espaço, uma construção, é quando ele é legitimado pela população, ganha uma força que fica registrado na história. Muitos espaços públicos e particulares foram patrimonializados, porém não tiveram essa repercussão e não foram aceitos e amados pela população” (Entrevista 4) que, inclusive dão visibilidade a outro importante aspecto construído ao longo do tempo, do Estádio do Maracanã participar e ajudar a fomentar o turismo na cidade e no país.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Com essas mudanças o público do Maracanã diminuiu.

Zagallo: Sim. **Nesse momento não há jogos no Maracanã por conta da obra, e está fazendo falta, pois o público está acostumado com o estádio.** Temos o Engenhão, mas a venda de ingressos é fraca comparando com o Maracanã, pois o público não se habituou ainda. Acho que o Maracanã tem que ser feito ali mesmo, é um local adequado para esse desenvolvimento histórico e tenho certeza que essa mudança é para melhor.

Entrevistadora: O Maracanã se tornou um local turístico. O que você acha disso?

Zagallo: É verdade, **pessoas do mundo inteiro querem conhecer o Maracanã, os turistas chegam aqui e querem conhecer o primeiro maior estádio do mundo.** E esse interesse em conhecer os famosos estádios é comum em outros países também, como na Espanha, Inglaterra.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: O que você sente quando dizem que você é o maior artilheiro do Maracanã?

Zico: A imprensa paulista me tachou **de jogador do Maracanã**, eles acharam que esse título ia me chatear, mas pelo contrário achava um elogio, **pois o Maracanã é um símbolo, era o maior estádio do mundo.** Naquela época o Flamengo não tinha estádio, por isso jogava no Maracanã. **Talvez eu seja o jogador que mais jogou no Maracanã, que mais fez gols, que mais fez gol em uma partida no estádio, e que ganhou mais títulos. Talvez tenha sido o jogador que jogou entre os dez maiores públicos da história do Maracanã, acredito ter jogado em cinco jogos ou seis destes jogos.** O jogo do Campeonato Brasileiro Flamengo x Santos bateu recorde de público, foram 155 mil pessoas, e eu estava nele. Nunca ninguém tinha feito seis gols no Maracanã e eu fiz contra o Goytacazes. Então bati alguns recordes individuais no estádio e acho difícil alguém me superar.

Trecho da Entrevista 4

Entrevistadora: O Maracanã se tornou uma instituição no imaginário do povo.

Roberto Kopp: Ele passou a ser um ícone da cidade. Ele foi construído, mas parece que quando a gente consegue realmente patrimonializar um local, um espaço, uma construção, é quando ele é legitimado pela população, ganha uma força que fica registrado na história. Muitos espaços públicos e particulares foram patrimonializados, porém não tiveram essa repercussão e não foram aceitos e amados pela população.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: O Maracanã tem um histórico, foi o primeiro maior estádio do mundo, com visibilidade de 360 graus.

Paoli: Exatamente. E o campo de jogo do Maracanã possuía a maior medida técnica permitida, 110x75, e será reduzido para o tamanho menor que a FIFA permite, 100x52. Essa redução será feita para colocar a arquibancada até lá em baixo.

Entrevistadora: Tudo isso traz repercussões para quem está assistindo.

Paoli: E principalmente para quem joga, pois tecnicamente o jogo fica mais fechado.

Mais que um símbolo da cidade, a entrevistada 8 vê o Estádio do Maracanã como uma espécie de museu, pois conforme ela própria anuncia “a pessoa vem pro Brasil e quer ver o Maracanã, se vem ao Rio, quer conhecer o Maracanã. Mesmo quem nunca o viu, sabe que ele existe. Também, porque na televisão, a pessoa vê e pensa: que lindo”.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: O Maracanã, a senhora acha que tem algo de diferente dos outros estádios? Por que será que todo mundo fala dele?

Marilda: Ah, é um símbolo do Rio de Janeiro. Um símbolo do Brasil. Por exemplo, ele é como se fosse um museu. Não é? É um museu de histórias. Está lá até hoje. E vai ser preservado e muito. Porque mais do que está não é possível fazer. Ele está lindo, perfeito. Fizeram rampa pra trás dele. Rampa que vai direto pra Quinta.

Entrevistadora: Então a senhora vê o Maracanã assim, como se fosse um museu?

Marilda: Sim. Eu o vejo como um museu. Porque a pessoa vem pro Brasil e quer ver o Maracanã, se vem ao Rio, quer conhecer o Maracanã. Mesmo quem nunca o viu, sabe que ele existe. Também, porque na televisão, a pessoa vê e pensa: que lindo.

É interessante observar que uma das entrevistadas, ao falar do Maracanã, o enaltece utilizando diferentes adjetivos ou substantivos de maneira a adjetivá-lo: lindo, perfeito, símbolo do Rio de Janeiro, símbolo do Brasil. Mas o surpreendente é como ela, sem de fato conhecer, estabelece uma comparação muito aproximada do conceito de Museu Imaginário (MALRAUX, 2011) ao denominar o estádio como “um museu de histórias”. Ela o percebe e o sente como “se fosse um museu” pois “a pessoa vem pro Brasil e quer ver o Maracanã, se vem ao Rio, quer conhecer o Maracanã. Mesmo quem nunca o viu, sabe que ele existe”. No meu entender, esta é uma concepção muito ajustada do que seria o Museu Imaginário de Malraux relacionado ao Estádio do Maracanã.

As obras para construção do Maracanã também se revelam como uma lembrança que ancora a memória social desse estádio. Os entrevistados se reportam com clareza aos

acontecimentos dos dois anos que antecederam a inauguração e a realização do Mundial de 1950. A disputa política pelo local em que seria construído também é lembrada.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Houve um conflito político, pois o então vereador Carlos Lacerda era contra a construção do estádio naquele local, ele gostaria que fosse construído em Jacarepaguá, já o general Ângelo Mendes de Moraes era a favor.

Francisco: Sim, o general Antônio Moraes visitava as obras constantemente.

Entrevistadora: Você teve a oportunidade de presenciar alguma visita?

Francisco: Não. Sabia das visitas, pois lia constantemente um jornal sobre esporte.

Trecho da Entrevista 4

Entrevistadora: O senhor teve conhecimento dos conflitos políticos que aconteceram no momento da escolha do local de construção do Maracanã?

Roberto Kopp: Na época da pré-construção o governo era do General Eurico Gaspar Dutra, nós estávamos saindo da ditadura do Getúlio Vargas, e era uma época de pós-guerra. Havia muito dinheiro americano para construir a Siderúrgica de Volta Redonda. E, **foi uma ideia de Brasil crescendo, Brasil grande, então essa foi uma motivação, mas foi uma construção mal acabada, mal feita e super explorada, não havia um planejamento, mas ninguém estava ligando.**

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: Então nem existia a possibilidade de se construir um estádio lá, nessa época, né?

Jaime: Não, não. Nessa época não era nem imaginável isso. Depois, eu me lembro que somente depois que eu terminei a faculdade, em 1948, que começou-se falar nisso.

Entrevistadora: É quando se inicia, exatamente, a construção. Agosto de 48.

Jaime: Justamente, naquela época eu morava em Copacabana. E por um acaso – essa parte que eu vou falar é meio comprometedor. Por um acaso, eu era vizinho de uma cantora portuguesa Ester de Abreu e ela tinha um namorado que era o prefeito Mendes de Moraes, justamente, **foi na gestão do prefeito Mendes de Moraes que começaram a construção do Maracanã. Então começaram... Inclusive, havia aquela séria polêmica com o governador Carlos Lacerda.**

Entrevistadora: Exatamente.

Jaime: Justamente ele preferia que fosse para o lado de Santa Cruz.

Entrevistadora: Zona Oeste, Jacarepaguá.

Jaime: Jacarepaguá. Bem afastado da cidade, justamente prevendo esse problema de concentração e tal. Então é assim na minha lembrança, de uma maneira geral, foi isso.

Os entrevistados se recordam, em especial, do terreno em que foi construído o Estádio do Maracanã e o que tal local abrigava em época anterior ao início das obras – o antigo Derby Clube. O que corrobora com a ideia disponível nesta pesquisa de que aquele espaço teria a vocação para sediar instalações esportivas emblemáticas para a população brasileira.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: No terreno onde o Maracanã foi construído já havia uma instalação, na qual acontecia um movimento esportivo, um hipódromo.

Zagallo: Exatamente. Os cavalos ficavam guardados nas cocheiras e dali iam para o Jockey clube para correr. **Durante a construção fui ao estádio, e pude ver que a arquibancada já estava construída, o gramado ainda não tinha sido feito, então eu participei de cada passo da construção do Maracanã.**

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Você sabe o que havia no terreno antes de construírem o Maracanã?

Francisco: Era uma sede de Jockey, o antigo Derby Clube.

Entrevistadora: No início da construção do Maracanã.

Francisco: Exatamente. Foi uma obra acelerada com grande movimento, foram dadas todas as facilidades às empresas construtoras. Lembro que havia uma grande quantidade de operários nordestinos, quando ia trabalhar no Maracanã via as redes dos nordestinos que moravam naquele local.

Entrevistadora: Eles moravam no local?

Francisco: Sim. Acredito que 80% dos operários nordestinos não pagavam aluguel, moravam ali mesmo, depois houve uma expansão e criaram a favela do esqueleto⁸¹.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: A senhora viu a construção acontecendo?

Marilda: Vi. **Era uma grande obra. Um canteiro de obras. Começaram a fazer, cercaram tudo antes. Só que ele não é o que estava antes. O Maracanã que estava antes não era igual a esse de hoje, de agora.**

A iniciativa governamental de vender cadeiras cativas para auxiliar no financiamento das obras do estádio também foi lembrada nas nossas entrevistas. O que revela não só a visibilidade midiática dada na época da construção do estádio como a repercussão deste evento na memória individual dos entrevistados.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Qual é a sua primeira lembrança do Maracanã?

Francisco: Minha primeira lembrança é a grande quantidade de operários que trabalhavam no Maracanã, a maioria era nordestino. Nessa ocasião eu viajava do centro do Rio para Vila Isabel, onde eu morava e via aquela grande quantidade de operários e materiais. **Depois fui induzido pela empresa que eu trabalhava a adquirir uma cadeira cativa no estádio do Maracanã,** se não me engano o posto custava cinco mil cruzeiros e pagava através de parcelas na sede da Prefeitura, na época ficava localizada no Largo da Carioca.

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: Daí, em 48, inicia-se a construção do estádio. O senhor lembra-se disso? Lembra dessa movimentação?

Jaime: Lembro, lembro. **Inclusive naquela época, também já no final, já havia muita polêmica, que isso já não era nem citado, do desvio de material utilizado na construção do estádio.** Isso não, eu nunca vi isso, por escrito, mas só se ouvia falar em que os caminhões entravam com material, havia anotação, saíam pelo portão lateral, carregados e eles davam entrada como material para construção.

A inauguração do estádio ainda inacabado é uma lembrança citada em vários trechos de diversos dos depoimentos colhidos. Foi um incômodo na época e denotava a falta de estrutura do Brasil em sediar aquele Mundial de 1950. Outro fato recordado a respeito dessa precariedade estrutural do estádio na época de sua inauguração foi a existência de um serviço de aluguel de almofadas para o público assistente, pois senta-se no chão sem nenhum conforto.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Você visitou ou teve alguma participação na construção do Maracanã?

⁸¹ Favela removida no ano de 1965, durante o Governo Carlos Lacerda, para a posterior construção da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (ABREU, 2008)

Francisco: Não. Mas assim que o Maracanã ficou pronto **comecei a trabalhar em uma empresa que fazia aluguel de almofadas para o torcedor ter melhor acomodação ao assistir o jogo.**

Entrevistadora: **As almofadas eram acopladas à cadeira ou eram vendidas?**

Francisco: Eram alugadas. Quando o jogo terminava fazíamos a retirada, era cobrada uma taxa de dois reais por almofada.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: **O Maracanã da época de 1950, a senhora está falando dele?**

Marilda: Sim. O primeiro. Sim, **era tudo assim: laje. Tudo de cimento. Não tinha essas cadeiras não. A gente ficava sentada assim no chão, de cimento.**

Entrevistadora: **A senhora lembra que, naquela época, havia aluguel de almofadas para se sentar no Maracanã?**

Marilda: Tinha. **Porque ficar sentado horas naquele cimento doía. Eu levava travesseiro. Porque eu era magrinha e nós chegávamos cedo para pegar um bom lugar.** Ninguém gosta de ficar atrás do gol, gosta de ficar dos lados. Porque naquela época não havia cadeira numerada, nem nada disso. **Então tinha que chegar cedo e a gente ficava esperando horas e horas para o jogo começar. E você não podia encostar porque tinha as pernas dos outros atrás, nas suas costas. Não tinha encosto, lugar para encostar. Você sentou ali, não saía mais. Ficava todo mundo grudado, esperando pra começar tudo, o jogo.**

Entrevistadora: **Então todo domingo vocês estavam lá na Maracanã?**

Marilda: **Sim, todo domingo. Não importava qual era o time. A gente ia lá assistir.** E até hoje eu assisto, na televisão. Nem sei que campeonato é, que times são.

Nas entrevistas fica clara a precariedade das instalações do Maracanã em na época de 1950, “era tudo assim: laje. Tudo de cimento. Não tinha essas cadeiras não. A gente ficava sentada assim no chão, de cimento. [...] Porque ficar sentado horas naquele cimento doía. Eu levava travesseiro. Porque eu era magrinha e nós chegávamos cedo para pegar um bom lugar” (Entrevista 8) e “comecei a trabalhar em uma empresa que fazia aluguel de almofadas para o torcedor ter melhor acomodação ao assistir o jogo” (Entrevista 3). No entanto a falta de conforto parece não ter desanimado o público a frequentar o estádio, como no seguinte relato da Entrevista 8: “Entrevistadora: Então todo domingo vocês estavam lá na Maracanã? Marilda: Sim, todo domingo. Não importava qual era o time. A gente ia lá assistir”.

Na crônica *Os nossos irmãos suecos* mais uma vez Nelson Rodrigues escreve sobre uma partida de futebol ocorrida no Maracanã. No texto ele flagra a força do hábito do carioca ir todos os domingos ao Maracanã, não por seu gosto pelo esporte, nem por seu amor ao time de coração mas pela força do hábito. É quase uma sina determinista que forçosamente encaminha o torcedor àquele estádio.

Para o futebol carioca o último domingo foi, na verdade, extraordinário. Íamos ver o AIK, time sueco que, segundo nós, da imprensa, do rádio e da TV, é o campeão do seu país. Mas o título pouco importa. O que vale, no AIK, é a sua cordial, amorável e loura condição sueca. [...] Pois bem: - essa visão lírica do homem e do futebol suecos devia ter enchido o Maracanã, domingo. Mas um espetáculo esportivo comporta ironias inesperadas e cruéis. **O maior estádio do mundo apanhou um público de pelada. Os que lá compareceram eram movidos pelo hábito, pelo vício, pelo automatismo futebol musical.** (RODRIGUES, 2007, p.185).

Esse hábito pelo qual o torcedor carioca é impulsionado a comparecer ao Maracanã todos os domingos parece resultar do poder emanado do emblemático estádio para seu público em geral, equipes e jogadores que ali podem presenciar tal sensação advinda do estádio.

Na análise das entrevistas, na leitura das crônicas e no discurso dos jornais, a partida final do Mundial de 1950, em 16 de julho, parece ser o acontecimento que eterniza o Maracanã. Podemos perceber que é a lembrança mais recorrente e é rememorada continuamente como uma experiência traumática⁸². Esse é um dos componentes do pós-trauma que necessita ser esquecido, mas para tanto é exteriorizado e, paradoxalmente, verbalizado de maneira persistente e forma estafante como se assim revivida pudesse ser expurgado da memória da pessoa.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Você não visitava o estádio do Maracanã mesmo morando no bairro?

Francisco: Não. Até quando meu filho se apresentou não compareci, eu não consegui.

Entrevistadora: Você acredita que foi uma experiência traumática?

Francisco: Sim, foi para mim e para muitos brasileiros.

Entrevistadora: A final aconteceu no dia 16 de julho de 1950, mas a inauguração aconteceu no dia 16 de **junho, ou seja, um mês antes. E a data que ficou gravada foi 16 de julho.**

Francisco: Sim, ficou gravada por conta do jogo final. A Copa do Mundo dura aproximadamente trinta dias, com um jogo semanal em vários locais.

Entrevistadora: Você teve acesso ou possui alguma flâmula “Brasil campeão de 1950”?

Francisco: Não. Se tivesse teria jogado fora, pois fiquei muito chateado.

Entrevistadora: Você tem interesse em futebol?

Francisco: Depois desse jogo meu interesse acabou, tanto que não tenho time de futebol.

Entrevistadora: Qual a sua visão em relação ao estádio do Maracanã?

Francisco: Vejo o Maracanã como um grande estádio, principalmente com a reforma que está sendo feita agora. Desde a final de Brasil e Uruguai na Copa de 1950 não consegui assistir um jogo no Maracanã.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Ele [o pai do entrevistado] era muito ligado ao futebol?

Zico: Bastante. Ele chegou ao Brasil com nove anos de idade, o primeiro jogo que ele assistiu foi Flamengo x América, o Flamengo perdeu, mas ele gostou da camisa do time e começou a torcer por ele, e houve uma coincidência, pois os filhos foram jogar justamente no Flamengo e no América. Em 1941, meu pai foi goleiro, foi tricampeão, no Rio tinha a Liga profissional e a Liga amadora e ele era do melhor time da Liga Amadora. Ele trabalhava em uma padaria e o Flamengo foi atrás dele, era para ele ser o goleiro do Flamengo nos campeonatos de 42,43,44, mas o patrão não autorizou a saída dele, pois poderia perder o emprego, em vista disso ele parou de

⁸² O autor Levi pondera sobre esta necessidade compulsiva de explicitar o trauma vivido para as outras pessoas. “Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar aos outros, de tornar os outros participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi concebido para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade e liberação interior. Daí seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência”. (LEVI, 1998, p.7-8). Ver nas referências: LEVI, Primo. Conversations et entretiens. Paris: Robert Laffont, 1998.

jogar. Ele indicou um goleiro para jogar no lugar dele, o Jurandir. **De qualquer maneira, meu pai continuou apaixonado por futebol e esteve presente na final Brasil x Uruguai. Ele conta que foi uma grande decepção.**

Entrevistadora: Você lembra o que ele[o pai do entrevistado] falava sobre esse jogo?

Zico: Ele não gostava muito de falar sobre essa decepção, então não perguntava. Ele pode ter dito algo ao meu irmão Edu, pois meu pai frequentou bastante a casa dele antes de morrer.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: Além da Copa de 50, tem alguma estória marcante que o senhor gostaria de relatar?

Paoli: A mais marcante foi a Copa mesmo, mas já presenciei muitas brigas, agressões, torcedores jogando foguete nos jogadores.

Entrevistadora: Fale um pouco sobre o seu trabalho com o Barbosa, goleiro da final da Copa do Mundo de 1950.

Paoli: Trabalhamos juntos por muitos anos, ele era meu auxiliar e era responsável pela parte da Ginástica feminina. Nós nunca conversamos sobre a final da Copa de 50, conversamos sobre os outros jogos, mas não se tocava na final da Copa. Era algo que ele nunca se recuperou, ele não conseguia falar sobre o assunto porque senão chorava muito.

Entrevistadora: Ele não trabalhava especificamente com futebol?

Paoli: Não. Ele era meu auxiliar no Parque Aquático.

Trecho da Entrevista 7

Entrevistadora: A senhora se recorda da repercussão desse jogo final? Na sua família, entre as pessoas conhecidas.

M^a Helena: Bom, durante muito tempo, durante muitos dias, foi o assunto das conversas. Foi sim. **Muitos comentários e, querendo ou não, eu participava.** Em especial os homens que falavam muito no assunto, no jogo e tal.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: E para senhora, como foi?

Marilda: Fiquei chateada, né? Porque eu sou brasileira. E todo mundo animado fazendo essas coisas. Aí termina o jogo e não ganha. Foi uma decepção. O pessoal deixa, vai apagando com o tempo mas a tristeza o pessoal não esquece.

É uma memória que, mesmo nos dias atuais, passados sessenta e quatro anos, permanece presente nas falas dos entrevistados e no discurso da imprensa e da mídia. O que fica flagrante nas seguintes falas: “Desde a final de Brasil e Uruguai na Copa de 1950 não consegui assistir um jogo no Maracanã” (Entrevista 2), “meu pai continuou apaixonado por futebol e esteve presente na final Brasil x Uruguai. Ele conta que foi uma grande decepção. Ele não gostava muito de falar sobre essa decepção, então não perguntava.” (Entrevista 3), “Nós nunca conversamos sobre a final da Copa de 50, conversamos sobre os outros jogos, mas não se tocava na final da Copa. Era algo que ele nunca se recuperou, ele não conseguia falar sobre o assunto porque senão chorava muito.” (Entrevista 5), “durante muito tempo, durante muitos dias, foi o assunto das conversas. Foi sim. Muitos comentários e, querendo ou não, eu participava.” (Entrevista 7) e “Foi uma decepção. O pessoal deixa, vai apagando com o tempo mas a tristeza o pessoal não esquece.” (Entrevista 8).

O silenciamento, a dificuldade e a falta de vontade de se comentar o assunto evidenciam o teor traumático daquela derrota na final de 1950 para os brasileiros. Ao mesmo

tempo em que a grande visibilidade dada ao acontecimento também expõe a impossibilidade de se esquecer um momento que se tornou emblemático e integra a rede de memórias sobre o Estádio do Maracanã.

Atualmente há filmes, especiais de televisão, encartes especiais em jornais e revistas sobre este episódio da história do futebol e das Copas do Mundo: a derrota que jamais foi esquecida. E o retorno desta competição de abrangência internacional, que nos anos hodiernos se apresenta como um megaevento esportivo, ao Brasil e à cidade do Rio de Janeiro como uma das sedes dos jogos, realça o significado daquele jogo de 16 de julho de 1950.



Texto 38: MARACANAZO, encarte especial sobre a Copa do Mundo de 1950. Publicado no jornal O Globo, em 02/05/2014.

Três momentos específicos desta data aparecem como nevrálgicos na rede de memória formada: a esfuziante e alegre expectativa que antecedeu ao jogo, a decepção inesperada e inimaginável da derrota e o retorno para casa após o jogo.

O primeiro, pela certeza da vitória, revela-se no contexto previamente preparado para a vitória do Brasil naquele Mundial que estava sediando. A população exaltada e certa do final feliz, os governantes se vangloriando publicamente por antecipação, os jogadores

relaxados pela despreensão dada por uma obviedade da superioridade frente aos adversários, assim o cenário era positivo.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Tenho informações de que o senhor participou não só da construção do Maracanã, mas também da inauguração e a assistiu.

Zagallo: Exatamente. Assisti ao jogo da Iugoslávia, no qual o Brasil ganhou de 2x0, vi o jogo do Brasil contra a Espanha, no qual ganhou de 7x1. Estava servindo ao exército quando o estádio ficou totalmente pronto, e lá dentro eu participava da equipe de futebol, eles sempre escolhiam os melhores jogadores de futebol, vôlei, basquete, de todas as modalidades de esporte para representar nos jogos militares, e todo ano nós ganhávamos. Pertencia ao sexto pelotão e teve um momento em que houve uma determinação, na qual tínhamos que ir ao Maracanã ajudar a retirar as madeiras da arquibancada, participei desse momento enquanto soldado. **Em seguida assisti a final da Copa, o jogo era Brasil contra Uruguai, foi uma festa grandiosa, lembro que foi um delírio quando a seleção brasileira entrou em campo, havia duzentas mil pessoas no Maracanã, todas sacudindo lençinho branco.** E eu estava lá uniformizado com capacete, cassetete, e tudo que tem direito, mas não fiquei de costas para o campo, porque confusão não ia acontecer já que só tinha brasileiro no estádio. **Foi uma grande festa o início do jogo, lembro que depois que o Brasil fez 1x0 a festa foi maior ainda, mas infelizmente todo mundo sabe o que aconteceu, o Uruguai empatou, fez o segundo gol e venceu o jogo.**

Entrevistadora: A vitória do Brasil era quase uma certeza.

Zagallo: Sem dúvidas. **O Brasil estava jogando pelo empate também e estávamos 1x0. Então isso tudo abalou a torcida, porque a vitória já estava dada como certa.**

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Você estava no Maracanã na final entre Brasil e Uruguai na Copa de 1950?

Francisco: Sim, estava trabalhando. **Lembro que a quantidade de torcedores era maior que a que o estádio suportava, havia mais de 160 mil torcedores, alguns assistiram ao jogo na parte de cima do Maracanã, no anel.**

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: Naquela época já existia a cultura de vender flâmulas, bandeirinhas?

Paoli: Sim.

Entrevistadora: Hoje em dia, antes dos jogos finais, já se imprime 'Campeão Brasileiro', naquela época existia isso?

Paoli: Sim. **Todo mundo já contava com a vitória, ninguém esperava a derrota não.**

Entrevistadora: Então o senhor estava presente no estádio?

Paoli: Sim. **Lembro que fui com meu pai, ficamos na arquibancada, bem lá em cima, e para chegar lá subimos impresados contra a parede, pois havia muita gente no estádio.**

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: Eu fico imaginando assim com que tava assim o clima do início da Copa do Mundo. Como era a sensação?

Jaime: **Era a euforia naturalmente. E havia bandeiras e bandeirolas e aquilo tudo, essas coisas todas. Mas não havia esses tumultos criados hoje me dia.**

Entrevistadora: Claro.

Jaime: Até porque **a torcida era toda a favor, praticamente toda a favor**, mas não havia todo esse problema. Eu me lembro daquela rampa de subida, eu lembro que se criticava que não tinha segurança nenhuma. Naturalmente aquilo era um perigo e tal e depois a consertaram. Mas eu me lembro da subida e da onde se podia entrar por cima ou ia pela metade tinha aqueles acessos todos para as arquibancadas e lá embaixo que era o popular, era a geral, tinha aquele fosso que todo mundo dizia que era um perigo. Achavam que a pessoa podia cair lá dentro, mas aí, de fato, muita gente caiu, mas não houve nada. Então havia justamente esse problema, as arquibancadas eram todas de cimento, mas o pessoal só sentava quando começava a entrar, quando estava vazio, depois quando enchia não havia condição de sentar e todos ficavam em pé.

Entrevistadora: Era em pé o jogo todo?

Jaime: **Todo mundo em pé e cada degrau daqueles que era para uma pessoa sentar, tinha duas, três, quatro no lugar de uma só, aquilo amontoou e ninguém sabia de nada, todos queriam torcer e brincar.**

Trecho da Entrevista 7

Entrevistadora: Nessa época havia uma certeza de que o Brasil ia ganhar.

M^a Helena: É. O negócio era esse, a gente pensava que ia.

As falas “Era a euforia naturalmente. E havia bandeiras e bandeirolas e aquilo tudo, essas coisas todas. (...) a torcida era toda a favor, praticamente toda a favor (...). Todo mundo em pé e cada degrau daqueles que era para uma pessoa sentar, tinha duas, três, quatro no lugar de uma só, aquilo amontoou e ninguém sabia de nada, todos queriam torcer e brincar.” (Entrevista 6), “Todo mundo já contava com a vitória, ninguém esperava a derrota não. (...) Lembro que fui com meu pai, ficamos na arquibancada, bem lá em cima, e para chegar lá subimos imprensados contra a parede, pois havia muita gente no estádio.” (Entrevista 5), “Lembro que a quantidade de torcedores era maior que a que o estádio suportava, havia mais de 160 mil torcedores, alguns assistiram ao jogo na parte de cima do Maracanã, no anel.” (Entrevista 2) e “assisti a final da Copa, o jogo era Brasil contra Uruguai, foi uma festa grandiosa, lembro que foi um delírio quando a seleção brasileira entrou em campo, havia duzentas mil pessoas no Maracanã, todas sacudindo lençinho branco. (...) Foi uma grande festa o início do jogo, lembro que depois que o Brasil fez 1x0 a festa foi maior ainda, mas infelizmente todo mundo sabe o que aconteceu, o Uruguai empatou, fez o segundo gol e venceu o jogo.” (Entrevista 1) tornam evidente não só a grandiosidade do evento dada a quantidade de pessoas que lotavam o estádio como a alegria eufórica que se apossava dos torcedores brasileiros naquele jogo final do Mundial.

O segundo momento: o susto da derrota. A seleção brasileira sendo abatida pela seleção uruguaia, num jogo que inicialmente estava vencendo e que valia o título do Mundial, no campo do Estádio que foi construído para aquela partida de futebol, para aquela data e com uma torcida favorável de aproximadamente duzentos mil expectadores.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Fale mais da emoção ao assistir a final da Copa de 1950 no Maracanã.

Zagallo: De fato, o Maracanã foi o maior velório que eu já vi na minha vida, vi duzentas mil pessoas chorando, a derrota foi uma comoção muito grande. Naquele momento estava ali como soldado e tive que me controlar. Lembro que os torcedores e os jogadores choravam compulsivamente, pois o Brasil era considerado o favorito da Copa. Lembro que a mídia já comemorava, havia uma festa antecipada pela vitória, mas acabou não ocorrendo, foi lamentável.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Qual é a sua lembrança dessa final?

Francisco: Lembro que todos os brasileiros estavam muito entusiasmados e contando com a vitória, e com a decepção da perda do jogo foi o maior silêncio que já se viu no Brasil. Todos os torcedores se retiraram de cabeça baixa, alguns até chorando.

Entrevistadora: E você ainda teve que ficar para retirar as almofadas.

Francisco: Sim, tive que fazer o recolhimento, já que caso contrário não receberia o meu pagamento.

Trecho da Entrevista 4

Entrevistadora: Alguém da sua família relatou como foi a construção, ou algo sobre a Copa de 1950?

Roberto Kopp: Me lembro de muita coisa. **Lembro que o Brasil era imbatível**, houve um jogo contra a Espanha. **Havia uma euforia bastante grande, uma expectativa fantástica de que o Brasil seria imbatível. No jogo final o Uruguai era visto sem muita chance de ganhar, o Maracanã estava repleto, com uma lotação muito maior da que tem hoje, se eu não me engano cento e quarenta mil pessoas, hoje a capacidade é de setenta mil pessoas. Lembro da multidão decepcionada, chorando bastante.**

Entrevistadora: De onde vêm essas lembranças que o senhor está relatando?

Roberto Kopp: Conversas com meu pai, com tio, primo.

Entrevistadora: Seu pai presenciou a final?

Roberto Kopp: Não. Tenho primos que presenciaram. **O Rio de Janeiro era bem menor nessa época comparado a hoje, mas sei que foi uma convulsão com grandes proporções, quase que um estado de guerra, com grandes acidentes, foi uma coisa catastrófica.**

Roberto Kopp: Na verdade a data da final da Copa do Mundo ficou muito sacramentada na memória das pessoas, aconteceram outros jogos no Maracanã antes da final, mas essa data se tornou emblemática, e se perpetua nas memórias sobre o Maracanã.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: **Fale um pouco sobre suas lembranças da construção do Maracanã e da Copa de 1950.**

Paoli: Na Copa de 50 eu tinha 28 anos e assisti três jogos no Maracanã. Assisti Brasil x Iugoslávia. Lembro do momento em que a Iugoslávia entrou em campo, a seleção era composta por jogadores altos e fortes, na entrada do Maracanã havia uma cobertura de metal que podia ser removida quando não aconteciam jogos, um dos jogadores da Iugoslávia, ao entrar, bateu com a cabeça na cobertura de ferro e se machucou, isso é um detalhe que recordo desse dia. **O segundo jogo que assisti foi Brasil x Espanha, o Brasil foi vitorioso, lembro do estádio inteiro cantando. E o terceiro jogo foi, infelizmente, a derrota do Brasil.**

Entrevistadora: **A vitória era dada como certa?**

Paoli: Sim, porque o Brasil precisava somente do empate. **No primeiro tempo do jogo ele abriu o placar com um gol, depois deixou empatar**, e houve uma coisa muito importante naquele jogo que poucas pessoas lembram, tínhamos um jogador que era Lateral Esquerdo, o nome dele era Bigode, ele era do Fluminense. Em jogos normais do Fluminense dava para constatar que ele era um jogador super agressivo, violento nas marcações, e aconteceu um fato interessante, o Uruguai tinha um capitão chamado Obdulio que era o senhor absoluto da equipe, em um jogo ele brigou com o Bigode e deu um tapa nele, logo esperava-se uma reação do Bigode, visto que era um cara violento, mas ele não reagiu. Se ele agredisse o jogador uruguaio, os dois iam ser expulsos, seria um grande golpe no Brasil, poderia ter uma briga, mas não aconteceu. **O Brasil perdeu o jogo por uma infelicidade do Barbosa que não conseguiu agarrar a bola. Lembro que houve uma choradeira, as pessoas demoraram a sair do estádio.**

Trecho da Entrevista 7

Entrevistadora: **Mais homens, não é?**

M^a Helena: É. A maioria sim. Eles eram muito chegados, iam. Eles queriam ir e me chamavam. Então eu fui a alguns jogos, mas para dizer a verdade nem sei quais jogos, contra quem não sei. **O que eu me lembro mais, que me marcou mais, foi o último jogo. Foi o jogo final. Até minha mãe foi. Eu me lembro saindo com minha mãe de lá.**

Entrevistadora: **E a senhora se recorda da chegada e da entrada para esse jogo?**

M^a Helena: A entrada foi como as outras. Nós fomos, procuramos o lugar, sentamos, todo mundo animadíssimo. **Na entrada, eu me lembro tava todo mundo comentando, todo mundo alegre. Foi uma quebra abrupta de alegria pra desespero, de alegria pra tristeza. Acho que foi por isso que me marcou tanto. Uma euforia muito grande e uma tristeza muito grande num período tão curto de tempo, num jogo.**

Todos os depoimentos colhidos se remetem ao episódio, do término daquela partida final, como o mais difícil de esquecer e sua característica mais marcante parece ser a mudança do estado de euforia explícita para o de incrédulo estupor frente à derrota, seguido de

profundo sentimento de tristeza e abatimento: “o Maracanã foi o maior velório que eu já vi na minha vida, vi duzentas mil pessoas chorando, a derrota foi uma comoção muito grande. (...) Lembro que os torcedores e os jogadores choravam compulsivamente, pois o Brasil era considerado o favorito da Copa. Lembro que a mídia já comemorava, havia uma festa antecipada pela vitória, mas acabou não ocorrendo, foi lamentável.” (Entrevista 1), “Lembro que todos os brasileiros estavam muito entusiasmados e contando com a vitória, e com a decepção da perda do jogo foi o maior silêncio que já se viu no Brasil. Todos os torcedores se retiraram de cabeça baixa, alguns até chorando” (Entrevista 2), “Lembro que houve uma choradeira, as pessoas demoraram a sair do estádio. (Entrevista 5), “O que eu me lembro mais, que me marcou mais, foi o último jogo. Foi o jogo final. Até minha mãe foi. Eu me lembro saindo com minha mãe de lá. (...) Foi uma quebra abrupta de alegria pra desespero, de alegria pra tristeza. Acho que foi por isso que me marcou tanto. Uma euforia muito grande e uma tristeza muito grande num período tão curto de tempo, num jogo.” (Entrevista 7).

E o terceiro momento, o amargo retorno ao lar. Ao término do jogo, a longa caminhada dos torcedores na saída do estádio do Maracanã para voltarem às suas residências. O percurso de descida das rampas do estádio e das ruas repletas de pessoas estupefatas ainda descrentes da derradeira derrota e a conscientização acontecendo ao longo do percurso de volta a casa.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: O senhor esperou um bom tempo para sair do estádio, pois estava lá em cima, certo?

Paoli: Sim. Esperei um bom tempo para descer. Lembro que fui a pé para casa, pois não tinha condução.

Entrevistadora: Como foi a volta para sua casa?

Paoli: Meu pai e eu voltamos a pé e chorando. Lembro de ver pessoas sentadas no chão chorando.

Trecho da Entrevista 7

Entrevistadora: E aí me conta como foi esse dia.

M^a Helena: Foi emocionante. Muito emocionante o jogo. Eu me lembro de ter participado, porque mesmo que eu não seja muito ligada em futebol, aquele negócio mexe com você mesmo que não queira, né?! Então o jogo foi emocionante até o final, quando a gente não ganhou. Então o que eu me lembro mesmo nitidamente foi da saída. Foi uma coisa assim de dar vontade de chorar. Todo mundo mudo, triste, descendo uma rampa. Não sei mas tinha uma rampa com as laterais abertas que a gente descia.

Entrevistadora: E era muita gente?

M^a Helena: Muita gente. Muita gente mesmo. Todo mundo num silêncio, numa coisa assim deprimente. Eu me lembro principalmente desse pedaço. O resto do jogo eu nem guardo lembranças específicas mas eu me recordo muito dessa saída, essa sensação de desânimo, de tristeza, de luto. É, foi uma coisa que eu guardei mesmo, essa saída em profundo silêncio.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: E a senhora se lembra da saída após esse jogo?

Marilda: Ah, todo mundo triste, muito triste. Eles preparam as ruas, pintaram o chão as paredes, as ruas todas de bandeirinhas verdes e amarelas, em todos os bairros. E depois veio essa ducha de água fria. Foi triste.

Após a leitura desses depoimentos parece compreensível o porquê de designar aquele jogo final da Copa do Mundo de 1950 como o triunfo de uma derrota e necessário assimilar que o Estádio do Maracanã nasce um mês depois de sua inauguração, ou seja, naquele dia 16 de julho. Aquele evento esportivo forjado para ser a apoteose de desfecho do primeiro Mundial realizado no Brasil crava-se na memória do brasileiro como uma cicatriz. A marca de um trauma jamais esquecido que inaugura um espaço mítico e triunfa soberana tornando-o um emblema, símbolo de um país, de um jeito de ser, do que é ser brasileiro.

Nas crônicas estudadas também fica flagrante a intensidade da lembrança daquela derrota de 16 de julho de 1950 marcada na rede de memória impressa. Em textos de datas distintas, várias são as passagens em que Nelson Rodrigues alude àquele jogo.

Numa crônica escrita e publicada na *Manchete Esportiva* de 30 de junho de 1956, ao relatar um jogo entre Brasil e Uruguai que acontecera na véspera, Nelson Rodrigues mais uma vez alude a outra partida, final do Mundial de 1950, entre essas duas seleções.

Outra reflexão sobre o episódio de ontem comporta: - nós somos uns anjos, uns bucólicos, uns idílicos. [...] Aqui Obdulio Varela⁸³ pôde ganhar o Mundial no grito, e, ontem, nós vimos a Celeste dizimar, devastar, ceifar a pescoções um juiz brasileiro. Eu, numa melancolia digna de Casimiro de Abreu, digo a um companheiro: - 'Foi por isso que eles ganharam a Copa de 50'. (RODRIGUES, 2007, p.102).

Nas duas crônicas publicadas na *Manchete Esportiva*, *Luta contra a 'máscara'*, em 30/03/57 e *A pobre derrota*, em 06/04/57, Nelson Rodrigues disserta sobre o Campeonato Sul-Americano de 1957, sediado na cidade de Lima no Peru, no qual a seleção brasileira vivenciou duas vitórias consecutivas, uma sobre o Equador (7x1) e outra sobre a Colômbia (9x0) e logo em seguida, sofreu uma derrota para a equipe uruguaia. Este revés trouxe a tona, mais uma vez, aquela partida final da Copa do Mundo de 1950 eternizada pela decepção de uma vitória que nunca se efetuiu.

Trecho da crônica *Luta contra a 'máscara'* (*Manchete Esportiva*, 30/03/57)
Explico: de uma maneira geral, a goleada não constitui um estímulo para o brasileiro. Qualquer um de nós está sempre a um milímetro da máscara. Um êxito, sobretudo o êxito fácil, dá ao homem brasileiro a ilusão da invencibilidade. Por exemplo: O Mundial de 50, que perdemos aqui. E por que perdemos? Justamente

⁸³ Capitão da seleção uruguaia que teve um papel fundamental de liderança na partida final da Copa do Mundo de 1950, em que o Uruguai sagrou-se campeão.

porque, na penúltima partida, derrotamos de banho, derrotamos de lavagem a Espanha. Se tivéssemos vencido duramente, por um escore apertado, a partida final viria a ser, inevitavelmente, uma apoteose. Teríamos batido a ‘Celeste’ de seis, de sete, de oito. Mas foi a goleada que quebrou a flama brasileira, que nos matou o impulso para a batalha decisiva. (RODRIGUES, 2007, p.217).

Trecho da crônica *A pobre derrota* (Manchete Esportiva, 06/04/57)

O que houve com o Brasil x Uruguai, quinta-feira, tem nítida e taxativa relação com o Mundial de 50. Perdemos o título máximo por quê? Porque tínhamos vencido, dias antes, a Espanha, de sete. A goleada subiu-nos à cabeça, deu-nos uma euforia suicida. Ao entrarmos, para o último compromisso, que devia ser uma mera formalidade, éramos campeões, para todos os efeitos. E perdemos da maneira mais inesperada, brutal e humilhante. Passam-se os anos e a situação se repete, com pequenas variantes. Enfrentamos a mesma ‘Celeste’ depois de outra goleada. Os 9x0 contra a Colômbia, realmente, pareciam cobrir de condecorações o peito do escrete. Com em 50, tudo parecia antecipar a vitória brasileira. (RODRIGUES, 2007, p.219).

E mais uma o autor relembra o episódio da final do Mundial de 1950 na crônica intitulada *O Brasil desencadeado* publicada originalmente na coluna ‘Nelson Rodrigues dá bom dia’, no Jornal dos Sports, de 16/06/1962. Neste texto ele ressalta o valor que tem o futebol para o brasileiro e compara uma Copa do Mundo com uma batalha como a de Canudos. Em ambas as situações, na sua concepção, quem ganha ou perde não é tão somente o jogador ou o combatente é também todo povo brasileiro.

Eis por que a batalha do escrete implica toda a nação. Até os xavantes, que põem em cima da nudez aquele casto cinto de barbante, até o xavante, dizia eu, está pessoalmente interessado no bi, Em 50, não foi apenas um time que fracassou no Maracanã. Foi o homem brasileiro, como em Canudos. Em 58, quem venceu? O Brasil. Quando Bellini apanhou o caneco de ouro, era o novo homem brasileiro que se proclamava. (RODRIGUES, 2013, p.25/26).

Nas falas dos entrevistados revela-se um embate de dois sentidos que auxiliam a construção de uma rede de memória sobre o Maracanã. É o embate entre a Mítica do Antigo Maracanã (Figura 64) e a Magia do Novo Maracanã. Tensão que advém de conceitos estudados no campo do Patrimônio, o saudosismo do passado em conflito com revelação no presente da promessa do futuro. A dicotomia: Tradicional/antigo e o Novo/ contemporâneo. O discurso do original como o certo. Aquele imbuído de tradição em conflito com a renovação que traz em si a modificação do já posto, o desarranjo do instituído e do estabelecido.



Figura 64: Fotografia do entorno do Estádio do Maracanã de 1950, publicada no jornal O Globo no dia de 29/05/2013, p. 16.

Então se evidencia o sentido da perda da magia que somente no Velho Maracanã pode ser encontrada. Este sentimento evocado em vários momentos e por diferentes entrevistados, nos remete as ideias saudosistas que leva a humanidade acreditar que o passado sempre é melhor do que o presente. O tempo passado é o tempo vivido, são as experiências por quais eu já passei e, portanto me são familiares e me proporcionam segurança.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: O Maracanã já sofreu algumas reformas. Como você enxerga essas mudanças?

Zico: Hoje o Maracanã é mais um estádio, perdeu aquela magia. Não tem mais condição de manter a estrutura de antes para esse tipo de competição. **Por mais espetacular que fique não haverá mais aquela magia.** Recentemente participei de uma matéria na Revista Veja, o tema era sobre os últimos vinte anos, e tinha que dizer vinte coisas importantes, uma delas era dizer o que faz falta no Rio que poderia voltar, falei que seria a geral do Maracanã. Era maravilhoso fazer um gol e ir vibrar com os torcedores que estavam na geral.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: Como o senhor avalia as obras que estão acontecendo no Maracanã?

Paoli: Acredito que está havendo uma descaracterização do Maracanã, ele deixou de ser o maior estádio do mundo, passou a ser um estádio idêntico a todos os estádios do mundo. Acho que o brasileiro abaixa a cabeça para muita coisa. Acredito que nosso dirigente errou em aceitar o que a FIFA quer, pois há um interesse muito grande por trás disso. Ou seja, comercialização, hotelaria, propaganda e muito dinheiro que entra, então ele fecha os olhos para as coisas certas para se beneficiar de outras coisas. Sei que ficará um estádio bonito, moderno, com muita novidade, mas não será o antigo Maracanã, não será o Maracanã de 160 mil pessoas, **não será o Maracanã com Geral.** A capacidade do Maracanã era de 160 mil pessoas, depois foi reduzida para 105 mil, e chegou a 103 mil. Tenho anotado aqui: arquibancada branca – 11 mil. Antigamente não tinha cadeira, ficava um colado com o outro. Hoje tem cadeira branca, cadeira amarela, cadeira comum, cadeira especial, tribuna de honra, e camarote. **Outra coisa que descaracterizou foi a retirada da Geral,** com isso a capacidade passou para oitenta e poucas mil pessoas, depois passou para setenta e poucos mil, e o intuito é chegar a sessenta

e oito mil. Na época em que eu trabalhava no estádio presenciei jogos com 80 mil torcedores, havia invasão, porque ficava gente na rua querendo entrar, porém não tinha mais ingresso para vender. Com isso fico imaginando o que pode acontecer quando houver um clássico que normalmente comporta mais de 70 mil pessoas, com essa capacidade de 68 mil. Vai haver muitos problemas, acredito que eles irão aumentar bastante o valor do ingresso, porque o torcedor de pé no chão que enche o estádio não vai poder ir, pois não terá condições financeiras, não sei se irei presenciar isto, mas você que é jovem com certeza.

Trecho da Entrevista 9

Entrevistadora: Que sensação o Estádio do Maracanã lhe traz?

Cleber: Alegrias e Tristezas. Mas a tristeza maior foi terem mexido num monumento histórico como o Maracanã. Ouço muita gente dizer que o Estádio está lindo. Claro, com o dinheiro que foi gasto não poderia estar feio. **Mas o antigo Maraca era muito mais belo, imponente e inigualável. Hoje se transformou num estádio comum. Essa maldita Copa acabou com o Maracanã.**

Entrevistadora: Que outras lembranças ou ideias você tem sobre o Maracanã que gostaria de relatar?

Cleber: Infelizmente o Maracanã se foi, Rosângela.

Porém nessa rede de memórias outro sentido se apresenta: o da eterna mítica do Velho Maracanã que se reinventa a cada obra estrutural nele realizada e, paradoxalmente, se preserva no Novo Maracanã (Textos 39, 40 e 41).



Texto 39: *Belo e pronto para manter a mística*, O Globo, de 29/05/2013, p. 13.



Texto 40: Texto do historiador Bernardo Buarque de Hollanda, no Caderno Prosa & Verso de O Globo, de 18/05/2013, p.8.

Tanto nas matérias jornalísticas como nas entrevistas podemos constatar que o valor simbólico do Estádio do Maracanã se perpetua ao longo desses sessenta e quatro anos, nos quais a presença física desse monumento-estádio foi se reconfigurando de modo a se constituir, então, num documento-estádio. (LE GOFF, 1985).

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Com essas mudanças o público do Maracanã diminuiu.

Zagallo: Sim. Nesse momento não há jogos no Maracanã por conta da obra, e está fazendo falta, pois o público está acostumado com o estádio. Temos o Engenhão, mas a venda de ingressos é fraca comparando com o Maracanã, pois o público não se habitou ainda. **Acho que o Maracanã tem que ser feito ali mesmo, é um local adequado para esse desenvolvimento histórico e tenho certeza que essa mudança é para melhor.**

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: A senhora já entrou nesse atual Maracanã remodelado?

Marilda: Então não fui! Fui sim. Está lindo. Maravilhoso. Tudo muito bem acabado, tudo de primeira. **Banheiros limpos, com chuveiro, arrumados. Tudo muito perfeito.** As entradas, as saídas. Não saiu uma briga lá dentro. Eles botaram bastante policiamento.



Texto 41: Reportagem com destaque para fotografia do Estádio do Maracanã após as obras de adequação para Copa do Mundo de 2014. O Globo, de 29/05/2013, p.1. Crédito: Genilson Araújo.

Uma gama de lembranças dos entrevistados ajuda a construir a rede de memórias a respeito do Maracanã. Episódios que marcaram a vida pessoal deles e que, algumas vezes, repercutem na vida social do carioca e do brasileiro.

Uns vivenciaram experiências inesquecíveis e únicas e guardam recordações materiais desses momentos, como a moeda (Figuras 65 e 66) confeccionada para comemoração da primeira Copa do Mundo disputada no Brasil. Outros têm lembranças de gols inesquecíveis

que fizeram ou vaias que receberam de torcidas adversárias. E existem ainda aqueles que nunca entraram no Estádio do Maracanã, nunca o visitaram ou foram assistir algum jogo ou evento naquele local, no entanto, também conseguem garimpar lembranças tão vívidas e marcantes quanto se ali estivessem ido.



Figuras 65 e 66: Frente e verso da moeda comemorativa da Copa do Mundo de 1950. (Acervo pessoal: Paoli)

O autor Le Goff alerta para a apropriação de diferentes suportes de memória, em especial, nas comemorações, onde se proliferam as “moedas, medalhas, selos de correio” e “monumentos, placas de paredes” que se apresentam como inscrições para memória e símbolos da história oficial dos países.

Esses objetos, entendidos como novos suportes da memória, participam do processo de construção da memória social do Estádio do Maracanã e são evocados nos depoimentos coletados.

Porém outras memórias, além daquelas estritas ao mundo esportivo e ao futebol, emergem quando analisamos as entrevistas.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: Você vivenciou alguma história pitoresca no Maracanã?

Zagallo: Perdi minha aliança em uma partida no Maracanã. Procurei durante o jogo, voltei no dia seguinte, mas não achei.

Entrevistadora: Isso foi em que ano?

Zagallo: Casei em 1955. Deve ter sido uns dois anos depois.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Você vivenciou alguma história pitoresca no Maracanã?

Francisco: No dia da final entre Brasil e Uruguai na Copa de 1950, o Maracanã estava tão lotado que um o torcedor caiu lá de cima e desceu rolando pela cabeça das pessoas, isso aconteceu porque pertencia à outra torcida ou estava atrapalhando o outro, e tinham alguns torcedores que estavam com radio de pilha no ouvido.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Fale da sua estreia como profissional.

Zico: Não senti muita emoção no meu primeiro jogo no Maracanã, pois foi muito rápido, cada escolinha jogou vinte minutos, não tinha muita gente no campo, pois o jogo era às nove horas e nós jogamos às cinco, na realidade não teve status de jogo. **Em 1971, fiz meu primeiro gol**, foi em uma preliminar Flamengo x Botafogo, **lembro que o Maracanã estava lotado**, e na época o Botafogo era o melhor time da categoria juvenil. O Botafogo estava ganhando por 1x0, nos quinze minutos finais do segundo tempo houve um pênalti para o Flamengo, **bati e fiz o gol, foi uma grande emoção ver a vibração da torcida do Flamengo, uma sensação indescritível, tremi, fiquei arrepiado**. Tive sorte, pois fiz gol em todos os jogos preliminares da categoria juvenil, com isso criei uma afinidade com a torcida. O primeiro jogo como profissional foi Flamengo x Vasco, lembro que dei o passe para o Nei fazer o gol. **Outro grande momento foi um pênalti que marquei em um jogo do Flamengo contra o Vasco, jogava na ponta direita, lembro que todos estavam com medo de bater, então o Fred me convocou para bater, o goleiro era o Andrada**.

Entrevistadora: Há outra memória?

Zico: Lembro que em 1982 jogamos três partidas contra o Grêmio, primeiro jogamos no Maracanã e a final seria em Porto Alegre, mas naquela época não havia gol fora, se houvesse dois empates iria para o terceiro jogo com qualquer resultado. O Grêmio estava ganhando de 1x0, **mas aos 44 minutos do segundo tempo fiz o gol de empate, que considero hoje o gol mais importante que fiz no Maracanã e pelo Flamengo, se perdêssemos aquele jogo, o Grêmio ia jogar pela vantagem do empate no segundo jogo em Porto Alegre**, e seria difícil ganhar do Grêmio em Porto Alegre. O segundo jogo foi 0x0, e no terceiro jogo, lá mesmo, ganhamos de 1x0 e fomos campeões. **Então, a imagem desse gol ficou na minha memória, no final da partida. E por ter jogado diversas vezes no Maracanã já conhecia muito bem o estádio, sabia me localizar. No Maracanã tinha uma coisa muito importante, muito boa, por eu ter jogado tantas vezes lá, eu tinha uma noção do espaço. Onde eu estivesse, no campo, eu sabia onde eu estava, eu conhecia o Maracanã. Mesmo que eu estivesse de costas, eu sabia pela localização de um jornalista, de uma bandeira, eu sabia onde eu estava**.

A perda da aliança de casamento dentro do campo do Maracanã (Entrevista 1), os gols memoráveis vivenciados naquele estádio (Entrevista 3) nos indicam que por mais que nossas recordações e lembranças sejam individuais, elas se entranham nas memórias dos outros permitindo uma diferente elaboração da experiência vivida e ajudando a construir uma memória coletiva.

Assim como escreve Maurice Halbwachs “a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva. Este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ocupo e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (2006, p.37).

Atualmente, após a reinauguração do Estádio do Maracanã, em meados de 2013, o mesmo tem sido utilizado como local de eventos não relacionados ao futebol. Eventos particulares nos quais diferentes espaços do estádio são alugados com uma tabela diferenciada de preços que relacionam o tamanho e a infraestrutura utilizada. Assim podemos entender que até mesmo o estádio em momentos não-esportivos tem seus espaços hierarquicamente valorados, na medida em que há uma variação dependendo do lugar alugado. O Texto 42 de

nossa pesquisa, publicado no jornal O Globo de 04/05/2014, traz a matéria de Renato Lemos sobre as festas que atualmente acontecem no Estádio do Maracanã, que tem sido alugado pelo consórcio que o administra desde sua nova inauguração em 2013. Onde até cerimônias de casamentos tem sido realizadas no estádio, possibilitando experiências diversas das proporcionadas por eventos esportivos habituais àquele espaço e proporcionando outra rede de memória diferenciada daquela que evidencia o sentimento ligado ao futebol.

Hoje a festa é sua, hoje a festa é nossa, hoje a festa é no Maracanã

- Estádio já tem 150 eventos confirmados para este ano.
 - Preço de aluguel de um espaço pode chegar a R\$ 31.580.
- Renato Lemos. Publicado: 4/05/14 - 7h00



A jornalista esportiva Aline Bordalo, que casou no Maraca na semana passada, posa com o buquê tendo o campo como pano de fundo: "Isso aqui é o meu templo" Custódio Coimbra / Agência O Globo

RIO - Faltam 15 minutos para o início da cerimônia quando Aline Bordalo caminha até a pontinha do camarote que dá vista para o gramado do Maracanã e dá um suspiro alto. Ela está enfiada num vestido delicado da Casa Assuf, usa uma tiara discreta na cabeça e carrega pelo menos duas horas de maquiagem no rosto. À sua frente está um estádio em silêncio, com o gramado verdinho, as luzes azuis na marquise, as cadeiras de plástico duro e um mundo inteiro de histórias para lembrar: os dribles, os gols, o grito da torcida, o barulho dos morteiros, a ôla, a descida na rampa, o empurra-empurra na entrada, o cachorro-quente Geneal, o saquinho da mostarda que não abre, o hino do time, o cheiro de xixi, o suor, a arquibancada de cimento quente, a cerveja quente, a batucada, a mãe do juiz, a porradaria, a chuva de vento, o abraço no desconhecido do lado, o surdo de marcação, o frio na barriga, as muitas vitórias, as muitas derrotas e a emoção que naturalmente vem junto disso tudo. Aline dá dois passos pra trás, respira fundo e depois fala baixinho, naquele português descontraído das modernas noivas de arquibancada.

— Putz, agora só falta eu chorar antes do negócio começar e borrar toda a maquiagem. Isso aqui é um templo — diz ela, girando o buquê nas mãos, como se comemorasse um gol do Botafogo no último minuto. — O meu templo.

Desde o dia 16 de junho de 1950, quando o primeiro torcedor colocou os pés nas arquibancadas do velho estádio Mário Filho para assistir ao amistoso inaugural entre as seleções do Rio e de São Paulo, a coisa funciona mais ou menos assim. Ninguém fica indiferente ao Maracanã. O estádio é um lugar de oração, reza, mandinga e reverência — fé, em última instância. Passados 64 anos, o lugar — mesmo diminuído, modificado, "arenizado", multiusado, plastificado, repaginado e recolorido — continua, de muitas maneiras, sendo o que sempre foi. Mas o

casamento de Aline e Alexandre Araújo, celebrado na última segunda-feira na área de camarotes do Setor Leste (antiga rampa do Bellini), aponta para novas tendências de ocupação do antigo templo. A moda agora é fazer evento no Maracanã.

O casamento de Aline fez parte de uma festa promovida pela revista “Inesquecível casamento” e foi realizado no espaço Bossa Nova, uma das 22 opções de aluguel oferecidas pelo consórcio que administra o Maracanã. É um salão de 135 metros quadrados com capacidade para até 160 pessoas. Um dos camarotes laterais virou camarim para a noiva. O altar foi montado numa espécie de varanda no espaço de convivência entre os camarotes. Dali se tem uma visão privilegiada do estádio, bem próximo ao campo de jogo. Após a cerimônia, o lugar é rapidamente tomado por uma barreira de convidados fazendo selfies como se estivessem à beira do gramado. As fotografias tendo o estádio como fundo são mais disputadas que os bem-casados no fim da festa.

— Qualquer um quer estar associado a uma marca como o Maracanã — explica Fabiano Nieredauer, da 3R Studio, organizador da festa, que evita dizer quanto gastou na noite. — É segredo de contrato, mas posso garantir que é um ótimo investimento.

Na cerimônia, o pastor recorreu às inevitáveis metáforas sobre jogo, time e vitória coletiva. Os noivos, que já viveram muitas histórias ali dentro, seguiram o mesmo tom. Aline (alvinegra, repórter da Band Sports e que já escreveu um livro infantil sobre os quero-queros que habitam o gramado) disse que Alexandre (tricolor e apresentador do Pôpôla na Rádio Bradesco FM) era sua maior conquista. Ele disse que o casamento era um gol de placa.

Iniciativa segue tendência mundial de arenas multiuso

Depois veio a festa com ar-condicionado tinindo, arranjos de flores, bufê com jantar, espumante nacional, uísque escocês, meninos de terno escuro, garotas de vestido curto, bateria de escola de samba e orquestra com seis músicos e dois cantores. Tudo padrão Fifa.

— Espumante e Maracanã, tudo a ver — brindava uma das convidadas, que comentava jamais ter pisado no estádio em dia de jogo.

A estratégia de alugar espaços para eventos privados faz parte de uma tendência cada vez maior em todo o mundo: transformar tradicionais estádios em arenas multiuso. É o que acontece no Camp Nou, do Barcelona, no Estádio do Dragão, do Porto, e em Wembley, em Londres. O Maracanã, sobretudo este ano, está rezando na mesma cartilha. De agosto a dezembro de 2013, foram realizados apenas 25 eventos no lugar. Em 2014 já estão confirmados mais de 150. Tem de tudo.

Nos últimos 60 dias já houve aniversário de criança e festa à beira do gramado regada a Veuve Clicquot. Já rolou show de samba (para 1.500 pessoas, com ingressos a R\$ 80) e Bar Mitzvah animado pelo Gabriel o Pensador. Não é só. Na última terça-feira, 11 mil candidatos faziam prova de seleção para a Marinha espalhados pela arquibancada. O preço médio para alugar um pedaço do Maracanã — só o espaço físico, sem nenhum acessório, nem café — está em torno de R\$ 25 mil.

— Alugamos desde pequenos espaços interiores para 20 pessoas, com preço inicial de R\$ 1.430, até o maior de todos, no Lado Oeste, a R\$ 31.580 — informa a gerente de eventos Viviane Campano, explicando que o preço varia de acordo com o tamanho e com a proximidade do gramado. — O gramado é o nosso mar. É como ter um apartamento com vista para a praia: todo mundo quer olhar o campo, a grama exerce esse fascínio. Mas é proibido pisar no gramado. Nada pode prejudicar a nossa atividade fim. A nossa vocação é o futebol.

Concessionária Maracanã fechou 2013 no vermelho

A opção pelos eventos segue, além da tendência mundial, uma necessidade de reforço no caixa. O demonstrativo divulgado em março passado pela Concessionária Maracanã (grupo formado por Odebrecht, IMX e AEG) mostra que até dezembro de 2013 o balanço simples (receitas menos custos) fechou no vermelho, com um prejuízo bruto de R\$ 34 milhões. Em 2014, a Copa do Mundo alavancou a procura pelos espaços para eventos, mas a entrega do estádio à Fifa, entre 22 de maio e 13 de julho, acabou brechando um pouco o ritmo. Até lá — e depois da Copa —, a ideia é continuar investindo na mágica que a simples pronúncia da palavra Maracanã provoca nas pessoas.

— É uma marca muito forte, com caráter. Não existe um novo Maracanã, existe o Maracanã de sempre, só que mais confortável. É um lugar seguro para levar a família — diz o gerente de marketing Marcelo Hargreaves, que se baseia, entre outros dados, em pesquisa da DataFolha que diz que 82% do público acham que o estádio melhorou depois da reforma. — E também é irreal essa história de que os preços estão maiores. Se você pegar o valor que se pagava para assistir aos jogos em pé na geral há 20 anos e atualizar, vai ver que é o mesmo que se paga de meia-entrada para ficar confortavelmente sentado na arquibancada.

O preço do ingresso é estabelecido pelos clubes. O consórcio tem contratos diferentes com Botafogo, Flamengo e Fluminense. O Campeonato Estadual esvaziado e a precoce desclassificação dos clubes cariocas na Copa Libertadores da América jogaram as receitas de bilheteria ainda mais para baixo. O custo continua alto. Para um jogo de lotação máxima (78 mil pessoas) é prevista a escalação de 800 seguranças patrimoniais (de colete verde) responsáveis, entre outras funções, por proteger o campo e, educadamente, pedir que os torcedores tirem os pés do encosto dos assentos nas arquibancadas. Fora do estádio podem ficar até 650 orientadores de público (de roupa e bonés vermelhos), que auxiliam no acesso dos torcedores. São os “Posso ajudar?”

— A gente ouve de tudo — conta Maicon Santos, designado para dar ajuda aos torcedores que chegavam à ala Sul, no último domingo, dia de Botafogo x Internacional. — Teve um cara que respondeu “Depende, se você for canhoto vai ajudar muito se botar o uniforme e entrar no lugar do Júlio César na lateral esquerda”. A maioria só quer mesmo é ver o time ganhar.

Oskar Metsavaht, dono da grife Osklen, também quer. Ele não é exatamente um entusiasta do futebol. Nos dias de domingo, sempre preferiu o surfe e a praia. Mesmo não tendo uma história pessoal com os jogos realizados ali, Oskar tem uma paixão íntima pelo Maracanã e um time para comandar. No mês de fevereiro, ele escolheu um dos auditórios do estádio para reunir e motivar seus vendedores enquanto apresentava a nova coleção. Mais: depois da palestra, os funcionários foram levados ao vestiário, onde as peças estavam expostas em araras, como obras de arte, nos armários destinados aos jogadores.

É em torno dos vestiários — principalmente em torno dos armários de Fred e Neymar — que se aglomera a maior parte das pessoas que fazem o tour pelos bastidores do estádio. As excursões no Maracanã, que eram tímidas antes da reforma, transformaram-se numa nova fonte de receita. Turistas brasileiros, estrangeiros, estudantes de escolas públicas, adolescentes loucos por futebol e grupos de idosos se espalham da tribuna à beira do gramado. Só no domingo de Páscoa foram 3.200 visitantes. Os ingressos saem a partir de R\$ 15, a meia-entrada. Na última terça-feira, o estudante Bernardo Raposo aproveitou o cochilo dos seguranças e deixou um recado, escrito num papel de caderno, embaixo da camisa 10 de Neymar: “Sou seu maior fã. Joga a Copa por mim!”

O pedido de Bernardo nem é o mais inusitado. A utilização de múltiplos espaços para promover os eventos tem levado a propostas do fundo do baú. Já teve gente querendo fazer festa nas cabines de transmissão da Globo. Há os que imaginam instalar uma tirolesa entre as marquises. Outros queriam utilizar a banheira de hidromassagem dos vestiários para uma pool party. Sem contar os muitos que sonham simplesmente em fazer a pelada de fim de ano da firma no campo principal, com direito a churrasquinho e cerveja gelada à beira do gramado.

— Posso dizer que quase tudo é negociável — ri a gerente Viviane Campano. — Estamos estudando até o aluguel do campo de jogo no período entre o fim do Campeonato Brasileiro e o início do Carioca, quando não há prejuízo para os jogos da competição.

É começar a treinar.

Texto 42: O Globo, 04/05/2014. Matéria de Renato Lemos sobre as festas que atualmente acontecem no Estádio do Maracanã.

E durante a pesquisa, outros momentos pessoais e ditos como inesquecíveis são revelados nos depoimentos do jogador Zico na Entrevista 3, como a lembrança “do Maracanã lotado” ao entrar em campo ou quando se recorda da época em que seu filho nasceu e ele estava se recuperando de uma das cirurgias no joelho: “e nós ganhamos o jogo, lembro que estava no vestiário e ouvi a torcida gritando o meu nome, foi emocionante, voltei para o campo para dar a volta olímpica, foi a última grande emoção como jogador no Maracanã”.

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Há mais alguma história marcante?

Zico: Joguei na Itália durante dois anos e quando voltei um jornalista publicou que eu tinha voltado ‘bichado’, nessa época o Fluminense tinha sido tricampeão carioca, e o primeiro jogo do ano de 1986 foi Flamengo x Fluminense. **O Maracanã estava lotado** e quando entramos em campo, a torcida inteira do fluminense gritou ‘bichado’, achei essa gozação pesada, mas consegui calar a torcida, pois fiz três gols, e ganhamos de quatro. A torcida acreditou nos dois jornalistas, que inclusive eram flamenguistas, mas não aceitavam a minha venda para a Itália. Depois disso nenhuma torcida mexeu comigo.

Entrevistadora: Há alguma outra lembrança marcante do Maracanã?

Zico: O Campeonato de 1987. Meu filho mais novo nasceu em 1983, nesse período eu tinha ido para a Itália, então ele não tinha noção do que eu representei para o Brasil jogando no Flamengo, e eu queria encerrar minha carreira com um título dedicado a ele. Então teve o campeonato de 1987 que inclusive foi bastante desgastante para mim, pois estava com um problema no joelho, fiz algumas cirurgias. **Em um dos jogos no Maracanã contra o Santa Cruz fiz três gols e na comemoração de um deles arrebentei os pontos do joelho e tive que fazer outra cirurgia. Entretanto continuei jogando, já que queria o título para oferecer ao meu filho Tiago**, então não treinava, jogava apenas o primeiro tempo dos jogos. A final foi emocionante, foi contra o Internacional, lembro que o jogo quase não aconteceu, pois teve uma enchente no Rio. Estávamos ganhando a partida de 1x0, no segundo tempo tive que sair, e **nós ganhamos o jogo, lembro que estava no vestiário e ouvi a torcida gritando o meu nome, foi emocionante, voltei para o campo para dar a volta olímpica, foi a última grande emoção como jogador no Maracanã**. No dia seguinte estava novamente na mesa de operação em Belo Horizonte.

As lembranças acerca da história do Estádio do Maracanã também compõem as memórias pessoais dos entrevistados. O estádio cheio de torcedores, as arquibancadas e a extinta geral são situações rememoradas nas falas, como: “Já assisti jogos na cadeira, na

arquibancada, na geral, mas não dava para assistir direito na geral, era ruim” (Entrevista 3), “Já presenciei um vascaíno com a camisa e bandeira do Vasco entrando na torcida do Flamengo e sendo morto em poucos minutos, ele foi jogado da arquibancada até as cadeiras que ficam em baixo sem encostar o pé no chão. O sujeito deveria ser louco, porque é loucura entrar com a camisa de seu time na torcida adversária” (Entrevista 4) e “inclusive há um caso de um jogador de Iugoslávia que ao entrar em campo se machucou, eu estava lá presente, quer dizer, não vi quando aconteceu mas eu estava lá assistindo esse jogo” (Entrevista 6).

Trecho da Entrevista 3

Entrevistadora: Você vivenciou bastante o Maracanã como espectador.

Zico: Sim. Já assisti jogos na cadeira, na arquibancada, na geral, mas não dava para assistir direito na geral, era ruim.

Trecho da Entrevista 4

Entrevistadora: Por muitas décadas o futebol teve um cunho agregador, porém há um tempo ele vem sendo palco de muitas brigas de torcidas, não só aqui no Brasil, mas no mundo. O senhor já presenciou alguma briga de torcida no Maracanã?

Roberto Kopp: Muitas vezes. Já presenciei um vascaíno com a camisa e bandeira do Vasco entrando na torcida do Flamengo e sendo morto em poucos minutos, ele foi jogado da arquibancada até as cadeiras que ficam em baixo sem encostar o pé no chão e não teve como acusar ninguém, porque não tinha como identificar o agressor, foi uma torcida.

Entrevistadora: Quando?

Roberto Kopp: Há vinte ou vinte e cinco anos atrás. O sujeito deveria ser louco, porque é loucura entrar com a camisa de seu time na torcida adversária.

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: Eu queria saber se, por ventura, o senhor assistiu algum jogo no Maracanã, nessa Copa de 50?

Jaime: Assisti, assisti todos com exceção do último, que eu estava de plantão naquele dia. Eu acompanhei a transmissão, mas não assisti. Aos outros jogos, todos, Brasil e Espanha, Brasil e México, Brasil e Iugoslávia, Suíça não.

Entrevistadora: Suécia, se não me engano.

Jaime: Suécia sim, Iugoslávia, inclusive há um caso de um jogador de Iugoslávia que ao entrar em campo se machucou, eu estava lá presente, quer dizer, não vi quando aconteceu mas eu estava lá assistindo esse jogo. Isso foi noticiado, esse jogador se chamava Mític, era o melhor jogador da Iugoslávia, ele, quando subiu para o campo, bateu com a cabeça na cobertura e me parece que chegou a levar uns pontos na testa. Sim, eu me lembro desse lance nesse dia.

Aqui, retorno aos escritos de Paul Ricouer sobre a noção de lugar de memória, em que aponta duas operações que fazem da memória algo admirável. A primeira seria sua amplitude e a segunda é relacionada às noções que não seriam tão somente as “imagens das coisas que voltam ao espírito, mas os próprios inteligíveis”. A memória de mim e a memória do que é lembrado coincidem de modo que “encontro também a mim mesmo, lembro-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz e da impressão que tive ao fazê-lo. Sim, grande é o poder da memória, a ponto de eu me lembrar até de ter me lembrado” (RICOUER, 2007, p.06).

Certas passagens das entrevistas trazem as lembranças individuais, particulares e únicas. Como as falas: “a gente comprava na hora. Não tinha tumulto. Chegava e comprava na hora. [...] Atravessávamos a rede ferroviária e não tinha aquela rampa que tem hoje não. [...] A entrada era aquela principal e só. Só tinha aquela entrada. Aquela que hoje tem a estátua do jogador Bellini (Figura 67). Só que não tinha a estátua” (Entrevista 8) e “o gol do Tita na final do Carioca de 1987. Roberto dominou no peito e rolou para o chute do Tita. Vascão Campeão. [...] O espetáculo das torcidas reprisadas no Canal 100 são emocionantes” (Entrevista 9) revelam como as lembranças de cada um auxiliam na formação da memória de todos.

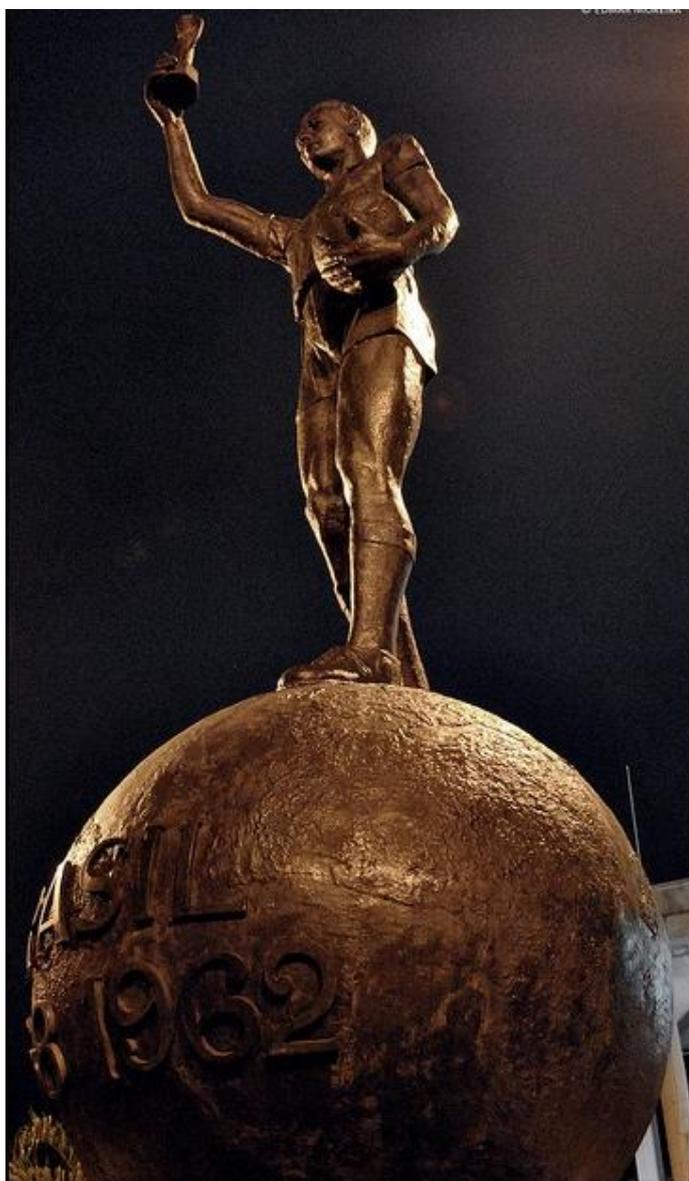


Figura 67: Estátua do Bellini (Capitão da seleção brasileira campeã no Mundial de 1958 e de 1962), disposta à frente da entrada para o Estádio do Maracanã, na Avenida Maracanã. Tornou-se, com o tempo, ponto de encontro dos torcedores antes dos jogos. Data: 15/07/2010. Crédito: Edmar Moreira.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: Na Copa de 1950, a senhora lembra como foi que vocês compraram os ingressos? Se foi com antecedência. Se tiveram que ir dias antes para comprá-los?

Marilda: Nada. **A gente comprava na hora. Não tinha tumulto. Chegava e comprava na hora.**

Entrevistadora: A senhora está me dizendo que os ingressos para Copa do Mundo a senhora e seu namorado compravam na hora?

Marilda: É. **Na hora. Não era essa baderna de hoje não.** Aquilo é que foi tempo. Ai, eu tenho uma saudade, do meu passado.

Entrevistadora: Em 1950, logo após a inauguração, teve a Copa do Mundo. A senhora chegou a ir a algum jogo dessa Copa?

Marilda: **Fui. Fui a todos os jogos dessa Copa. Mas só os jogos daqui, do Maracanã.** Eu morava perto, na Rua São Luiz Gonzaga, perto da Cancela, em São Cristóvão. A gente vinha a pé, a gente atravessava a Quinta e vínhamos a pé até a entrada. **Atravessávamos a rede ferroviária e não tinha aquela rampa que tem hoje não.**

Entrevistadora: A senhora lembra desses jogos, se tinha muita gente assistindo, se as pessoas vinham caminhando a pé, como era isso tudo naquela época?

Marilda: **A entrada era aquela principal e só. Só tinha aquela entrada. Aquela que hoje tem a estátua do Belini. Só que não tinha a estátua.**

Trecho da Entrevista 9

Entrevistadora: Qual é a sua primeira lembrança a respeito do Estádio do Maracanã?

Cleber: **O gol do Tita na final do Carioca de 1987. Roberto dominou no peito e rolou para o chute do Tita. Vascão Campeão.** Chora urubuzada.

Entrevistadora: Mesmo sem nunca tê-lo visitado, que memórias você tem sobre o Maracanã? De vê-lo na televisão, revistas, jornais e etc.

Cleber: **O espetáculo das torcidas reprisadas no Canal 100 são emocionantes. Mas as lembranças mais presentes em minha memória foram dois jogos. O primeiro foi a partida dos dois gols do Romário contra o Uruguai nas eliminatórias para a Copa de 1994. Depois foi o show que o Edmundo proporcionou a todos os vascaínos em 1997. Foram três gols, recorde batido, vascão na final. Ainda por cima a goleada (4x1) foi em cima do Flamengo. Não tem preço.**

Outro significativo assunto comentado por alguns dos entrevistados foi a pouca participação de mulheres na assistência dos jogos de futebol no Maracanã do século XX. Sabemos que o futebol, mesmo nos tempos atuais, continua sendo um espaço onde predomina o masculino entretanto a busca das mulheres por espaços anteriormente hegemônicos dos homens, as tem trazido tanto à prática esportiva quanto à assistência do jogo.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: O senhor disse que foi assistir a final da Copa com seu pai. Sua mãe foi? Nessa época as mulheres frequentavam estádio de futebol?

Paoli: **Minha mãe não foi. Nessa época a frequência de mulheres no estádio era bastante pequena. A Copa do Mundo abriu espaço para as mulheres, porque até então mulher ficava em casa.** A vida naquela época era diferente, a mulher era mais caseira, hoje ela é trabalhadeira, ela trabalha tanto quanto o homem, se não está em posição igual a ele, está acima.

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: E tinha muitas mulheres assistindo futebol no Maracanã, naquela época?

Marilda: **Tinham poucas mulheres. Eles não gostavam que a gente fosse por causa das brigas e porque também os homens falavam muito palavrão. Eles gritavam. Era um espaço pra homens. Mulheres, pouquíssimas iam.** Mas como eu queria acompanhar ele, meu namorado, eu ia. Então era todo domingo. **Eu nem gostava de futebol, ia por causa da companhia dele.**

Entrevistadora: Mas me conta como era ir no Maracanã naquela época?

Marilda: Era tranquilo. Mas iam pouquíssimas mulheres. Eu estava entre essas poucas. Não queriam que mulheres fossem ao estádio por causa das brigas. E não tinha esse policiamento que tem hoje. Aí, abria aquele clarão no meio da torcida. **Havia brigas porque não havia essa separação de torcidas que há hoje em dia. Era tudo misturado, todo mundo sentado no cimento.** Brigavam muito.

Finalizo a análise das entrevistas com a prospecção de como será a próxima Copa do Mundo de 2014. Os entrevistados falaram das repercussões estruturais e urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro ao ser escolhida para sediar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos de 2016. E alguns ainda fizeram uma avaliação da escolha do Rio de Janeiro para sediar os dois megaeventos esportivos e alegam ser uma injustiça a cidade ter apenas um jogo no Maracanã, e este somente acontecer se a Seleção Brasileira chegar à final da competição. O que mostrou ser também uma reivindicação da população. (Texto 43)



Texto 43: Folheto convidando a população para uma manifestação no intuito de exigir um jogo da seleção brasileira, excetuando-se a final, na próxima Copa do Mundo de 2014.

Trecho da Entrevista 1

Entrevistadora: O que você acha da Copa do Mundo no Brasil?

Zagallo: Acho muito importante ter uma Copa do Mundo aqui no Brasil. Nossa seleção tem que ganhar, queira ou não queira, pois acho inadmissível não levantarmos o hexa em 2014. Não sei se o técnico será o Mano Menezes, mas seja quem for temos que ganhar essa Copa, já perdemos uma, não podemos perder outra. É o ano da Copa, é o ano do Brasil, e eu espero estar vivo para ver essa grande vitória. E com as Olimpíadas muita coisa vai melhorar também, nossas ruas, as redes de hotelaria, aeroporto, tudo. Essa é a grande oportunidade para acontecer melhorias. Gostaria de estar com o coordenador técnico colaborando para a Copa de 2014, mas a minha fase já passou, não que eu não tenha condições de realizar tal função, mas sei que as coisas dentro do futebol brasileiro não são como na Europa. Possuo até uma mágoa por não poder colaborar com uma Copa no meu país, e eu possuo condições já que sou um tetra campeão do mundo, tive a felicidade de ganhar Copa América, entre outros títulos. Isso que estou falando é um desabafo, aqui no Brasil não é aproveitado quem tem condições e que fez pelo próprio país.

No depoimento acima, apesar do forte sentimento de orgulho por ter seu país sediando uma Copa do Mundo, percebe-se no entrevistado uma clara sensação de desgosto por perceber que não poderia participar mais efetivamente da organização do evento ou colaborar de maneira oficial com o esporte brasileiro, como, em diferenciadas posições estratégicas (como jogador, técnico e auxiliar técnico), o fez durante tantos anos.

Trecho da Entrevista 2

Entrevistadora: Como você avalia o fato de o Rio de Janeiro ser escolhido para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas?

Francisco: Acho muito importante, pois vai valorizar todo o estado do Rio de Janeiro, principalmente na zona portuária, na Rua do Livramento, onde inclusive eu já resido. Já estão fazendo uma construção no quartel do exército em Deodoro para as Olimpíadas. Acredito que haverá uma valorização dos imóveis no bairro do Maracanã.

Entrevistadora: Você acredita que trará coisas positivas para a cidade?

Francisco: Sim. A valorização será muito grande.

Trecho da Entrevista 4

Entrevistadora: Como o senhor enxerga a repercussão na cidade do Rio de Janeiro ao ser escolhida para sediar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos?

Roberto Kopp: A repercussão na cidade teoricamente deveria ser apenas de melhorias, mas acredito que estamos bastante atrasados, a FIFA. E teve alguns aspectos muito negativos, por exemplo, a especulação imobiliária desmedida, quando não há nenhuma justificativa para isso, **o Brasil não vai jogar aqui, se jogar será apenas uma vez na final da Copa, ele deve jogar em Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília, então não há motivo para os imóveis duplicarem de valor.** Como aspecto positivo, vejo a construção da BRT, foi uma certa modernização da cidade. Em termos econômicos estamos num grande apuro como aconteceu nos EUA muitos imóveis ficaram encalhados.

Trecho da Entrevista 5

Entrevistadora: O que o senhor acha do fato das Olimpíadas e a Copa de 2014 acontecerem, aqui no Rio de Janeiro? Vai mudar toda a dinâmica da rotina da cidade.

Paoli: Sim. E o pior de tudo é que os dirigentes brasileiros aceitaram a decisão de que o Brasil só jogará no Maracanã se chegar ao jogo final, isso é o maior absurdo que já vi. Depois de ler no jornal que João Havelange e mais não sei quem deram um golpe de 45 milhões na FIFA, perde-se toda a credibilidade.

Entrevistadora: Realmente é complicado, porque o futebol é um dos poucos esportes que o povo participava de fato. Tinha a Geral que comportava as pessoas com baixa condição financeira, o acesso é fácil, já que tem o trem. E agora vamos ver cada vez mais o povo deixando de participar ativamente.

Paoli: Exatamente. Acredito que, se o Brasil chegar ao jogo final, muitos problemas irão acontecer. O ingresso será caríssimo, acho que vai ter muito quebra-quebra, com essa capacidade de apenas 68 mil lugares.

Trecho da Entrevista 6

Entrevistadora: Agora o senhor pode falar um pouco sobre a Copa do mundo de 2014?

Jaime: Hoje em dia existe crítica, inclusive, porque a próxima Copa do Mundo, o Rio de Janeiro, que é praticamente o pai de todos os jogos, só terá jogo mesmo da seleção brasileira só no finalzinho, se chegar ao final que vai jogar lá. Na verdade terão vários jogos mas não serão jogos do Brasil.

Entrevistadora: Brasil só jogará na final, caso chegue.

Jaime: Se chegar! Mas eu pessoalmente acho isso um absurdo. Um desrespeito ao carioca. Um desprestígio que não justifica por abaixo um estádio e reconstruí-lo. Embora naquela época, na disputa de 1950, eram poucos países naquela época, se não me falo, eram 13 países. Não sei, não me lembro quantos eram ao certo, então havia a visão de 6 capitais mas os principais jogos eram no Rio de Janeiro. O Brasil chegou a fazer uma partida aqui, contra a Suíça, que houve um empate de 2 a 2. Houve um desânimo total de acharem que o Brasil não chegaria à final, mas ele despontou com aqueles jogos todos.

Apesar do sentimento positivo a respeito da escolha do Rio de Janeiro como sede do próximo Mundial de Futebol de 2014 (haja vista a quantidade de torcedores que prestigiaram o evento de reinauguração, em 02/06/2013. Figura 68), muitos dos entrevistados lamentam e mesmo mostram-se indignados com a possibilidade da seleção brasileira só vir a jogar no Maracanã caso chegue à final. Certas falas denunciam tal sentimento: “o Brasil não vai jogar aqui, se jogar será apenas uma vez na final da Copa, ele deve jogar em Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília” (Entrevista 4), “E o pior de tudo é que os dirigentes brasileiros aceitaram a decisão de que o Brasil só jogará no Maracanã se chegar ao jogo final, isso é o maior absurdo que já vi” (Entrevista 5) e “o Rio de Janeiro, que é praticamente o pai de todos os jogos, só terá jogo mesmo da seleção brasileira só no finalzinho, se chegar ao final que vai jogar lá. Na verdade terão vários jogos mas não serão jogos do Brasil. [...] Se chegar! Mas eu pessoalmente acho isso um absurdo. Um desrespeito ao carioca. Um desprestígio que não justifica por abaixo um estádio e reconstruí-lo” (Entrevista 6).

Trecho da Entrevista 8

Entrevistadora: E o que a senhora pensa que vai acontecer nessa próxima Copa do Mundo? E senhora está receosa quanto à segurança?

Marilda: Não. Segurança eu sei que vai ter. Porque vai ter até polícia que vem do federal. **Como na inauguração dele, você viu como tinha policiamento? Teve muita gente, uma multidão. E não teve nenhum problema porque tinha muito policiamento nas ruas. Eu já estou pensando se o Maracanã como está, se vai dar, se vai caber tanta gente lá.**

Entrevistadora: Não, não vai. Porque reduziu muito a quantidade de lugares e o limite de pessoas. Não tem mais a geral, a arquibancada tem cadeiras. E no espaço de uma cadeira cabiam umas cinco ou seis pessoas a mais.

Marilda: Mas a empolgação que está com esse Maracanã. É impressionante. O povo está muito animado. E nem precisa de Copa não. Qualquer jogo com nossos times já fica o maior alvoroço aqui. Parece uma final de Copa do Mundo. Agora você imagina os torcedores que vem de fora para o Brasil para assistir essa Copa, não vai caber lá dentro!

Entrevistadora: E como a senhora está vendo essa próxima Copa do Mundo que vai acontecer daqui a poucos meses?

Marilda: Pelos jogos que eu estou vendo hoje em dia, não sei, acho que o Brasil não vai bem. Eu assisto os jogos, aqui em casa, na televisão. Vejo os amistosos e não vai bem não.

Entrevistadora: O Maracanã irá sediar outra Copa do Mundo, agora, em junho, pela segunda vez.

Marilda: Eu tinha vontade de ir lá.



Figura 68: Chegada dos torcedores na entrada da Avenida Maracanã, no dia do jogo oficial (Brasil x Inglaterra) de reinauguração do Maracanã. Data: 02/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Após tantas memórias comentadas, no meu entendimento torna-se evidente que o Estádio do Maracanã participou, desde antes de sua construção, e participa, mesmo após tantas reformulações estruturais e físicas, da vida social do carioca e do brasileiro.

Todas estas memórias fazem parte do elenco que forma o Museu Imaginário. Conforme André Malraux nos indica que o “o novo domínio de referência dos artistas é o Museu Imaginário de cada um; o novo domínio de referência da arte é o Museu Imaginário de todos” (2011, p.250) e cada uma dessas memórias aqui reveladas também compõe o que se pode nomear de Museu Imaginário do Maracanã.

3.4 Memória Social poético-sonora: o Maracanã nas artes e na música popular brasileira

Para mim, um questionamento recorrente ao longo de toda pesquisa foi como diagnosticar as maneiras com que o Maracanã se apresenta na vida social do brasileiro? E a resposta revelou-se em outras das minhas fontes de prazer e lazer, as artes, a música.

Inicialmente, com a intenção de responder tal pergunta, fiz uma busca abrangente a respeito do meu objeto de estudo em âmbitos relacionados às artes em geral: poesia, música, artes visuais, dança e cinema.

Encontrei a obra ‘Dínamo’, um espetáculo de dança contemporânea da Companhia de Dança Deborah Colker, apresentado inicialmente na Alemanha, em janeiro de 2006 e posteriormente estreado no Brasil em julho do mesmo ano, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. A segunda parte deste espetáculo chamava-se ‘Maracanã’⁸⁴, na qual dezoito bailarinos dançavam, de maneira estilizada e em diversos momentos suspensos por cabos de aço, coreografias alusivas aos movimentos e fundamentos técnicos do futebol, como dribles, carrinhos, passes. No cenário, ao fundo, havia uma parede vertical com uma linha branca tracejada em referência ao meio de campo do futebol.

Segundo a coreógrafa da companhia esta parede teria “Uma função diferente, é como uma continuação do proscênio, como se fosse um fundo infinito. Quis dar aos espectadores a sensação de um raio de 360º graus. Além disso, queria que os bailarinos flutuassem, pois no futebol se tem que sair do chão!”. A trilha musical do espetáculo mixava funk carioca com música clássica. Colker avaliou que apesar de não gostar de funk, o estilo musical adequou-se bem ao espetáculo: “É uma música energética e tem tudo a ver com futebol, pois ambos são manifestações de massa: o futebol é uma atividade coletiva, assim como um baile funk. Tentei recriar os sons de um estádio de forma artística, sem descambar para o barulho”.⁸⁵

A dissertação de mestrado sobre arte contemporânea e museu, de Mariana Estellita Lins Silva (2013) faz a análise de parte do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), onde se encontra uma obra intitulada “Maracanã”, de Chelpa Ferro (coletivo de artistas Barrão, Luiz Zerbini e o produtor de vídeo Sergio Mekler), que participou do projeto “Intervenção”, em 2003.

⁸⁴ De acordo com a coreógrafa Deborah Colker, o espetáculo foi uma ideia de um Centro Cultural de Hamburgo, na Alemanha, que inscreveu o projeto na FIFA e este foi aprovado.

⁸⁵ Trecho retirado do texto *Caixas de Surpresas*, de O Globo, 11 de junho de 2006.

Maracanã é uma instalação composta por dezoito caixas de som que, emparelhadas, formam uma grande parede circular que envolve o visitante. Essas caixas de som reverberam os ruídos do ambiente que são captados por microfones e distorcidos por uma mesa de som. O espectador adentra o círculo monumental, e o som que ele produz ao andar, falar, etc. retorna como massa física. (LINS SILVA, 2013).

Interessante salientar a dimensão intangível desta obra à medida que a mesma pertence ao acervo do MAM-Rio, no entanto não existe fisicamente na reserva técnica do museu. Segundo LINS SILVA há, na ficha catalográfica, o registro fotográfico e as especificações detalhadas dos equipamentos e instrução para montagem do projeto pois a obra pode ser montada temporariamente e após a sua exposição, deve ser desmontada.

Nas artes visuais, na literatura, no cinema, na dança, consegui identificar marcas de memórias do Maracanã na vida social do brasileiro, porém é na seara da música e do cinema⁸⁶ que elas se revelam com maior intensidade. E mesmo nos exemplos descritos: o “Maracanã” - espetáculo de dança e “Maracanã” - instalação artística, a força e a participação intrínseca da acústica, do som, da música são sobremaneira salientadas.

Diversos são os escritos e os livros que falam da relação entre a música e o futebol. Como o *Futebol no País da Música* (BETO XAVIER, Panda Books, 2009), o livro *A Presença do Futebol na Música Popular Brasileira*, de Assis Ângelo e o *No compasso da bola*, de Paulo Luna (Irmãos Vitale Editores, 2011).

No Brasil, pode-se perceber que há uma aproximação entre a música popular e o futebol gerada, acredito, por ambos serem manifestações da cultura do povo. Inevitavelmente há similitudes e divergências, contudo o repertório de variados artistas evoca o futebol em suas obras. E o Maracanã tem seu lugar nestes repertórios, como podemos comprovar nas letras das músicas listadas e descritas na íntegra no Anexo II desta pesquisa.

Numa pesquisa mais aprofundada pude constatar que na música popular brasileira a presença do Maracanã, de formas variadas, conotativas e metafóricas ou não, é altamente perceptível. Assim, listo cinquenta e cinco músicas⁸⁷ que o nomeiam ou fazem analogias ou metáforas, adjetivando este sujeito-estádio. No Anexo II encontram-se a íntegra das letras de todas as

⁸⁶ Existem importantes estudos e discussões acadêmicas sobre o vínculo do cinema com os esportes e, em especial, com o futebol (Ver nas referências: MELO, Victor Andrade. Futebol e Cinema: relações. In: *Revista Port. Ciências do Desporto*, vol.6, nº3, p.362-370, 2006), assim como há o Festival de Cinema de Futebol (CINEFoot), que acontece desde 2010, evento promotor e evidenciador desta conexão na contemporaneidade. No entanto optei por utilizar e analisar a contribuição do cancionário brasileiro para alicerçar minha pesquisa.

⁸⁷ Com o intuito de facilitar a apreciação do acervo sonoro coletado, disponibilizo um exemplar de Compact Disc (Anexo III) com as músicas gravadas, com exceção das músicas 2, 4, 6, 14 e 55.

músicas coletadas, exceto a última, listada como Música 55. E o Anexo III se constitui de um Compact Disc com estas músicas gravadas, excetuando-se as de números: 2 (Eixo Rio-São Paulo/Nuno Geraes), 4 (O Massacre Continua/Geração do Rap), 6 (Maracanã/Valdavan Martins), 14 (Pipoca e Guaraná/Belladona e Adriano Eliezer) e 55 (Maracanã/Márcio Lott), que apesar dos esforços não consegui encontrar nenhum registro fonográfico que me possibilitasse gravá-las sonoramente.

Algumas destas músicas têm o próprio nome do estádio, Maracanã, como a Valdavan Martins (Música 6) e a de Francis Hime e Paulo Cesar Pinheiro, que prestam uma homenagem, em forma de samba, ao estádio.

Trecho da Música 3⁸⁸
Maracanã (Francis Hime / Paulo Cesar Pinheiro)
Maracanã,
Sou torcedor,
E resolvi fazer um samba em seu louvor. [...]
Maracanã, Da festa popular, [...]
Maracanã, É nossa catedral,
E com a Mangueira do seu lado, é bom sinal.

Nesta mesma música, de Hime e Pinheiro, o Maracanã é nomeado como a ‘nossa catedral’, apesar de ser também ‘da festa popular’. Ou seja, evocando uma questão que é reincidente, no imaginário do brasileiro, de percepção do Maracanã como um ‘lugar sagrado’, um lugar de ritual.

Na música Rio de Janeiro, de Guinga (Música 9), os versos ‘Em tardes azuis reza no Maracanã, A oração do futebol’, de novo evocam a conotação ritualística do Maracanã e de suas partidas de futebol, aproximando a imagem do Maracanã como um espaço sacro.

Assim como na letra da música Babba Ragga (Música 38), do grupo Surto, que diz ‘E foi no domingo do culto do Maracanã, quando o povo acendia as velas, para o grande Xamã’, na qual a relação do estádio e sua manifestação (o jogo de futebol) como um culto de igreja.

Outra conotação amplamente revelada é a de superlativo, de grandiosidade do Maracanã. Muitas músicas fazem referência ao estádio para adjetivar um sentimento como enorme, gigantesco, monumental. Como na música de Valdavan Martins:

Trecho da música: Maracanã (Valdavan Martins)
Gigante de cimento
Palco de acontecimento
Seu gramado verde é
Lindo tapete
Onde a bola deita e rola

⁸⁸ Os grifos, em negrito, nas letras das músicas são para ressaltar as partes que revelam o que está sendo apontado na pesquisa.

Onde o craque faz história [...]
Fez o povo brasileiro
Se calar e sentir dor
Maracanã
Tu és lindo gigante
Maracanã
Cinza cor de elefante
Maracanã
É cenário de amor
Desse povo sofredor
Num país que falta escola
E criança pede esmola
Tú revelas
Vencedor

E na música do grupo Barão Vermelho que utiliza Maracanã para conotar a ideia de intensidade e grandiosidades de emoções:

Trecho da música: Círculos, Loops e Repetições (Barão Vermelho)

Redonda hóstia da igreja
O ciclo da natureza [...]
O Sol é uma bola de fogo
A Terra também é redonda
A bola é a alegria do jogo
A Lua que não se esconda
Porosa, esfera terrestre
Em movimentos de rotação
Passeios de roda gigante
Um Maracanã de emoções
O mundo girando em torno do Sol

Outro aspecto encontrado nas músicas é o desejo de identificar o Maracanã com as ‘coisas’ do Brasil e do Rio de Janeiro, ou seja, como uma marca identitária do brasileiro e daquele que nasceu ou mora na cidade do Rio de Janeiro. Então, entende-se que faz parte de ‘ser carioca’ a ida a jogos no Maracanã aos domingos. Como a música de George Israel que cita o bairro carioca de Copacabana e outros aspectos da cidade:

Trecho da música: Curados Ao Sol de Copacabana (George Israel)

Te imagino subindo num barco fugindo sem querer partir
Olhando pra quem te ama pela última vez
Virando a esquina de casa pra nunca, nunca mais voltar [...]
A luz do fim do Atlântico se iluminou e de presente nos deu
O céu de abril se coloriu e se vestiu das cores do Brasil
Pão de Açúcar, manga sobre a mesa
Bossa nova, feira, sorriso sem dente
Biquíni indecente
Curados ao sol de Copacabana
Tropicália, Jorge Mautner, minas, Niemeyer
Sonhos de Darcy, **Maracanã**, Gabeira, Erasmo
Namoro cheirando a Jasmim
Nas madrugadas batucadas
Abrem súbitas estradas
De luz sonora em nosso coração
Cada nota musical é a luz celestial de estrelas invisíveis

Assim como também a música Rio Elétrico, do grupo Asa de Águia que exalta os símbolos da cidade do Rio de Janeiro, dentre os quais, o Estádio de futebol do Maracanã, demonstra este mesmo ensejo de sentimento de identificação do estádio com a cidade:

Trecho da música: Rio Elétrico (Asa de Águia)

Tudo nessa vida tem um jeito de ser
Por isso eu digo que na vida
Tudo é bom de viver
Não fique à tôa
Dê um jeito maneiro
De abraçar a cidade maravilhosa
Suba na colina toda cheia de flor
Maracanã, corcovado
E o Cristo Redentor
E a galera do Pepino vai de asa
Até o Arpoador
Por isso eu digo que hoje
Eu vou, brincar até fevereiro
Vou balançar a cidade
E mostrar que eu sou brasileiro
Eu vou brincar no rio
Eu vou brincar no rio

Pude, então, constatar que as marcas e a presença do Estádio do Maracanã no imaginário do brasileiro tornam-se bem aparentes ao se examinar as letras das músicas aqui elencadas, portanto acredito que elas mereçam um aprofundamento analítico nesta pesquisa.

Roberto DaMatta escreveu importante ensaio⁸⁹ sobre as letras das músicas de carnaval no Brasil. Neste texto ele ressalta a importância da música popular no entendimento de como *funcionaria* a sociedade brasileira, e mais, em como essa se revelaria a partir das letras e melodias de seu cancionário popular.

A sociedade seria uma estrutura capaz de segmentar-se internamente, permitindo a percepção de si mesma como constituída de muitas partes em conflito e complementaridade; e também de diferenciar-se externamente, por meio do contraste com outras unidades sociais do mesmo teor ou significado, o que sistematicamente conduz a uma visão (re)integrada de si mesma. (DAMATTA, 1993, p.61).

Segundo o autor, a sociedade pode e deve ser estudada de maneiras diversas e heterogêneas, pois não se constitui tão somente num apanhado estatístico de dados objetivos a serem conectados e entendidos. Nesse sentido, ela pode e deve ser observada e apreendida de diversas maneiras já que possui um tipo especial de qualidade que transcende o visível, o

⁸⁹ O conto *O poder mágico da música de carnaval (Decifrando Mamãe eu quero)* é apresentado no livro *Conta de Mentiroso*, de Roberto Da Matta, de 1993, Rio de Janeiro, Editora Rocco.

palpável, e necessita, assim, de uma diversidade apropriada de entremeios para ser entendida e razoavelmente captada.

A música popular, especificamente no Brasil, mostra-se como um significativo espaço de leitura da sociedade. Tal fenômeno se dá muito em virtude da música ser usada como um aparato de representação da vida social, possibilitando certa visibilidade dos costumes e hábitos que, a priori, podem parecer sem significado em si, porém numa análise mais aprofundada, revelam-se carregados de um valor específico e próprio para aquele grupo social. DaMatta ilumina com intensidade este pensamento ao evocar a importância da música popular no estudo da sociedade brasileira.

No caso da sociedade brasileira, a música popular tem uma importância capital como instrumento de dramatização da vida política, dos valores sociais, dos papéis sexuais, do poder, dos infortúnios, da morte e da doença, do amor, do ciúme, da vingança e da indiferença, do trabalho, do trabalhador, da boemia e da *malandragem*, da cidade e do campo etc. Importância que, nas sociedades burguesas tradicionais, é desempenhada pela literatura. Basta mencionar um tema para encontrar uma canção popular que o comentou – e o fez com inteligência e sofisticação, pondo em foco e/ou relativizando algumas de suas *verdades*. Diante disto não deve ser por acaso que, num país com altas taxas de analfabetismo, a música popular seja um veículo tão importante quanto a literatura nos países cuja cultura é hegemonicamente burguesa. Prova disso a implacável e maciça censura à música popular nos momentos mais negros do regime militar. Ou seja, importava mais vigiar quem podia *ouvir* (e ‘entender’) as mensagens da música do que propriamente *ver e ler* (que não implica necessariamente enxergar). (DAMATTA, 1993, p.61).

Desse modo, analisar o trabalho realizado na e através da música popular brasileira pode ser uma particular tradução de como a própria sociedade se representa. Pois entendo que a concretude extrínseca retrata, de maneira idealizada ou não, o intrínseco constitutivo daquela sociedade. Como explica DaMatta, a música popular é uma importante leitura específica da sociedade brasileira por si própria. (1993, p.62).

Nesse momento, eu me aproximo dessa ideia ao recuperar no cancioneiro brasileiro as músicas que trazem, em suas letras, o Estádio do Maracanã. A partir desta perspectiva demandando esforços de reflexão sobre as possíveis razões e maneiras pelas quais o Maracanã participa da vida social e se embrenha no imaginário social do brasileiro.

Seguindo as estratégias traçadas por DaMatta, elegi uma música para realizar um estudo analítico da letra e seus possíveis significados. A música *O Campeão (Domingo eu vou ao Maracanã)*, listada como a número 16 do Anexo III desta pesquisa, foi o exemplar escolhido a ser mais profundamente estudado por uma razão específica e por suas características peculiares. Ela não foi escrita com o intuito inicial de ser cantada no carnaval,

porém foi eleita pelo povo para tanto e atualmente é um canto sempre presente nos bailes de carnaval, nos blocos de rua e em festas carnavalescas.

Este samba muito popular, escrito em 1979, pelo cantor e puxador de samba Neguinho da Beija-Flor tornou-se emblemático para seu compositor que alia em sua figura, duas fortes manifestações da vida social brasileira: o futebol e o carnaval. Esta aliança se evidencia tanto por ele (o autor) ser de modo estreito vinculado, pessoal e profissionalmente, ao carnaval, como por esta música versar sobre o tema esportivo, mais especificamente, o futebol. E, misteriosamente, ou não tão misteriosamente assim visto o que acabamos de citar, ao se perguntar para um brasileiro se ele conhece alguma música que fale do Maracanã, ela (a música) por muitas vezes será a primeira, e talvez única, a ser lembrada. De fato, tornou o hino não-oficial das torcidas no Maracanã.

Com alternativa para melhor entendimento de como o Maracanã se apresenta na vida social do brasileiro, eu realizei uma enquete em uma rede social da Internet. A enquete intitulava-se ‘Música do Maracanã’ e constava de duas perguntas. A primeira era: Você conhece alguma música sobre o estádio do Maracanã? E tinha como opções de resposta: *sim* ou *não*. A segunda pergunta foi: Qual a primeira música que lhe vem à cabeça, sobre o Maracanã? (Escreva o título ou parte da letra ou nome da cantor/autor).

Houve um total de cento e quarenta (140) participantes, dos quais 90% (representando 126 pessoas) respondeu que sim, lembrava de alguma música a respeito do Maracanã e 10% (ou seja, 14 pessoas) respondeu que não.

Em resposta a segunda pergunta, na qual deveriam colocar o nome da música que primeiro se lembravam sobre o Maracanã, a maciça maioria nomeou a música *O campeão*, que começa com o seguinte verso: *Domingo eu vou ao Maracanã*. Dos cento e quarenta (140) participantes da enquete, 78% (109 pessoas) lembrou e colocou essa música como resposta, informando, inclusive, o verso inicial da letra e não o título correto pouco conhecido pelo público, haja visto que somente três pessoas escreveram corretamente o nome do título da música. Em resumo, cento e nove (109) pessoas nomearam tal música como a que as lembravam do Maracanã.

Interessante perceber que das catorze pessoas que escreveram *não* em resposta a primeira pergunta, nove dessas, ainda assim, colocaram o nome de uma música que as lembravam o Maracanã. E dessas nove pessoas, três escreveram a música *O campeão*.

Após a análise desses dados acima descritos e coletados a partir da enquete, tive mais uma robusta razão em escolher tal música como exemplar a ser aqui melhor estudado.

Música 16
O Campeão (Neguinho da Beija-Flor)

Domingo, eu vou ao Maracanã
Vou torcer pro time que sou fã,
Vou levar foguetes e bandeira
Não vai ser de brincadeira,
Ele vai ser campeão
Não quero cadeira numerada,
Vou ficar na arquibancada
Prá sentir mais emoção
Porque meu time bota pra ferver,
E o nome dele são vocês que vão dizer
Porque meu time bota pra ferver,
E o nome dele são vocês que vão dizer
Ô, ô !

O compositor Neguinho da Beija-Flor⁹⁰, como seu próprio nome esclarece e não nos deixa esquecer, provém de uma escola de samba do Rio de Janeiro, e no ano de 1979 gravou, pela gravadora Top Tape, um compacto simples⁹¹ com as músicas "Meu Rio de Janeiro" e " O campeão". Esse samba se tornou seu maior sucesso e atualmente é cantado recorrentemente em todos os estádios de futebol do país, onde as torcidas alteram uma parte da letra se referenciando a seu time de coração⁹².

Numa entrevista realizada a um programa esportivo de televisão, Neguinho da Beija-Flor relatou a história de como compôs a música:

Eu peguei um ônibus na Praça Mauá pra ir até Nova Iguaçu, onde eu morava. Da Praça Mauá, no ônibus, eu fiz a música pro cara: '*Domingo, eu vou ao Maracanã, vou torcer pro Vasco que sou fã...*'. Apesar de ser flamenguista. Aí uma hora eu estou vendo o samba... '*Domingo...*' Eu conheço isso. Ih, é a minha música. Eu digo: Ô, vou tirar o Vasco e vou botar o time que sou fã, meu... E vou pegar aí todas as torcidas. Vou tirar esse Vasco aí da parada. (GLOBO, Globo Esporte, 28/05/2013).

⁹⁰ Nome artístico pelo qual ficou conhecido Luis Antônio Feliciano Marcondes.

⁹¹ Ao longo do século XX a mídia mais utilizada como recurso para se colecionar e ouvir músicas era o disco de vinil também conhecido como Long Play(LP). Existiam, de fato, as versões de long play (munidos de uma coletânea musical) ou de compactos simples, nos quais era gravada apenas uma música em cada face do disco de vinil, perfazendo assim duas músicas por cada compacto simples.

⁹² CRAVO ALBIM, *Dicionário Houaiss Ilustrado – Música Popular Brasileira*, 2006.

Ou seja, de forma sagaz, ele teve a percepção de que se suprimisse o nome do time, a música ganharia múltiplas possibilidades de atuação nas diversas torcidas de futebol, ao não eleger somente um para prestigiar. O que inicialmente seria uma encomenda específica para o time do Vasco da Gama, na qual a letra constaria do seguinte verso “Domingo, eu vou ao Maracanã, vou torcer pro Vasco que sou fã”, ganhou outra visibilidade ao ser alterada pelo autor com o intuito de incluir todas as possíveis torcidas dos diferentes times e tornou-se um hino popular do futebol carioca e do Maracanã, entoado aos altos brados por todo torcedor e, não obstante, também utilizado fartamente em situações não futebolísticas.

No carnaval é cantada várias vezes pelos foliões independente do time de futebol que torçam. Revela-se como um tipo de duelo em que todos poderão ser campeões, já que estão para brincar o carnaval, desde que gritem bem alto. A partir do verso “E o nome dele são vocês que vão dizer”, esta música conclama ao embate para se identificar qual seria a maior torcida presente naquele local em que é entoada. O público é convocado a clamar o mais alto possível o nome do time que torce e não se nega a fazê-lo. Repetidas vezes a música é cantada para que, a cada diferente vez, determinada torcida tenha a preferência de se autonear torcedora de seu time e que este será, então, o campeão.

Domingo é dia de descanso. Dia do sagrado. Dia de ir à missa, ao culto. Todavia é, também, dia do lazer e do profano. De louvar seu craque, seu time, de cultuá-los no seu templo. Por isso ‘Domingo, eu vou ao Maracanã’ pois lá é o templo do futebol. E eu irei “torcer pro time que sou fã”. Ou seja, meu time é o espaço mítico dos meus deuses profanos (os deuses da bola, os jogadores de futebol) e dele sou fã, portanto sou seu seguidor e devo louvá-lo.

Assim como no carnaval, levarei “foguetes e bandeiras” pois é uma festa e quero ficar alegre e possivelmente brincar e ser feliz. Entretanto, em oposição, “Não vai ser de brincadeira”, sim, eu irei me divertir, brincar, pular e torcer mas dentro do campo não será brincadeira, será jogo muito sério: “Ele será campeão” e junto ao meu time eu também serei vencedor. Na rua eu sou povo, trabalhador assalariado que perde cotidianamente para o patrão, mas no estádio eu me torno vencedor.

E faço questão de mostrar de onde vim e quem eu sou, “Não quero cadeira numerada, vou sentar na arquibancada” lugar em que fica o povo, quem de fato ama e venera esse esporte e esse templo. Lá, nas arquibancadas, que eu me sentarei “prá sentir mais emoção” porque lá estarei com os meus pares, com aqueles com quem me identifico, e também, porque

lá, naquele lugar cheio de calor humano, pois não há a separação por cadeiras, todos se sentam colados, encostados no corpo um do outro, sentindo o suor do outro escorrendo pelo corpo, lá “meu time bota pra ferver” no campo, no calor emanado do corpo do torcedor sentado ao lado e na sensação que só lá tenho vendo meu time jogar.

E que time é esse? “E o nome dele são vocês que vão dizer” porque a voz do povo, segundo a cultura popular, é a voz dos deuses. E nós, torcedores já estamos pegando fogo, de calor e de emoções, no campo nosso time “bota pra ferver”, nós devemos, de maneira recíproca, retribuir calorosamente entoando quem será o campeão.

Esta canção se configura tal qual um cântico de ritual em que todos os personagens envolvidos podem participar entoando os versos e compactuando com o ritmo do próprio espetáculo vivido.

Assim, mais uma vez uma partida de futebol se revela como um momento ritualístico onde o Maracanã apresenta-se, para o brasileiro, como seu templo maior de consagração desse esporte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA

Finalizar uma pesquisa não é tarefa fácil. Talvez demande tanto ou mais esforço que o usado para iniciá-la. Assim sendo, elaborar uma conclusão para uma pesquisa sobre o Estádio do Maracanã é trabalho hercúleo. Como concluir o estudo de monumento que extrapola qualquer concepção descuidada ou ligeira dada a uma edificação esportiva em geral?

O Maracanã. Nem necessita apontar que é o estádio de futebol e não o bairro que está se falando. Nem precisa colocar seu prenome enunciativo de seu uso e função na seara esportiva, afinal é um estádio de futebol. Nem precisa dizer que não é mais o maior do mundo. Nem é necessário explicitar seu nome oficial, Estádio de futebol Jornalista Mario Filho.

De 1950 até 2014, são sessenta e quatro anos, período em que foi nomeado de diversos formas: Estádio Nacional, Estádio Municipal do Rio de Janeiro, Estádio Jornalista Mario Filho, Arena Maracanã. E, juntamente com seus coirmãos, outras importantes instalações esportivas vizinhas, o Ginásio Gilberto Cardoso (o Maracanãzinho), a Pista de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare, formou-se o Complexo Esportivo do Maracanã.

Entorno do próprio estádio foi se organizando um complexo poliesportivo o que fortalece a ideia de se perceber o Maracanã abrigando metaforicamente o bairro, apesar da impossibilidade concreta de tal fato ocorrer.

Sua valorização e seu espaço privilegiado na memória coletiva da população são tamanhos que o tornaram uma referência local e nacional. A ponto do ginásio esportivo, construído na década seguinte à sua inauguração, vir a ser conhecido e nomeado como Maracanãzinho. Infere-se, então, que o estádio de futebol procriou sob a forma de outra instalação esportiva conexa, em escala física reduzida.

Assim, o Estádio do Maracanã tornou-se figura mítica que reina no mundo do futebol? Ou é patrimônio nacional? Sua aura transcende o tempo cronológico ou dizer que depois de tantas reformas não é mais o mesmo? Tem o novo Maracanã e tem o velho Maracanã? A aura se perdeu? É outro Maracanã? São muitos os questionamentos.

No entanto, na incessante luta da humanidade contra o tempo e na ansiosa busca pela rememoração, o processo de construção da memória social se faz por meio da dialogicidade do lembrar e do esquecer.

Concepções relacionadas às dimensões do tempo e do espaço, à memória individual e coletiva, ao esquecimento, ao silenciamento e aos componentes do trabalho de construção da memória social são colocadas em destaque e analisadas a partir dos discursos das entrevistas, jornais, periódicos, documentos e legislações coletados durante esta pesquisa.

Porém como escreve Malraux, a necessidade da humanidade de sentir-se conectada ao universo e toda à variedade do Museu Imaginário também possibilitam a formação do vasto tesouro do conhecimento humano.

Os precursores não estão ausentes do vasto Tesouro, de resto variável, do Museu Imaginário; mas sentimos todo grande estilo como símbolo de uma relação fundamental do homem com o universo, de uma civilização com o valor que considera supremo: com os seus deuses. (2011, p.173)

Assim, utilizando as ideias de Malraux, eu os convido a sentir e a entender o estádio do Maracanã como parte deste grandioso Tesouro do Museu Imaginário, ora por se estabelecer uma relação de intimidade com o brasileiro (e, portanto, presente num lugar mental e no imaginário do povo), ora por sua relação divinizada e mítica com o público que o frequenta e o visita (torna-se, então, o dinamizador de sensações e emoções tão peculiares que só ali conseguem ser vivenciadas na justa maneira que o são). Ambas as situações nos possibilitam entender nosso objeto de estudo como um símbolo não somente da cidade do Rio de Janeiro, como do próprio país - o Brasil.

Após revisitar as memórias faladas, gravadas, impressas, ouvidas, sentidas e vividas, fico pensando como pode alguém duvidar da participação do estádio do Maracanã na vida social e no imaginário do carioca e do brasileiro? Para além de participar, muitas vezes ele foi o protagonista em diferentes momentos da vida de muitos brasileiros. Construído com cimento e concreto, consagrou-se como templo do esporte, conquistou a imortalidade, tornou-se além de monumento, um documento e recebeu a dádiva da perene existência no cotidiano urbano dos brasileiros.

Nem fale da Copa do Mundo de 1950 que ele sediou. Muito menos da partida final, daquele dia dezesseis de julho, pois ambas jamais foram esquecidas portanto não precisam ser lembradas. Mnemósine que nos auxilie em tal empreitada.

A experiência traumática que não consegue ser esquecida. O jogo final do Mundial de 1950 se tornou o trauma não superado, recorrentemente posto em pauta, que define a data lembrada e, assim, se instaura como inaugural do estádio.

Nota-se que constantemente ele necessita se refundar, se reinaugar. A cada nova obra, a cada nova reestruturação física, a cada nova competição, a cada novo jogo ou espetáculo, ele inaugura modos novos de vivenciá-lo. Então, existe o novo Maracanã e o velho Maracanã? Ou é o Maracanã que incorpora, a cada espaço de tempo, mais uma camada fresca e viva de lembranças que ajudam a construir a sua própria memória?

Mas vem outra Copa do Mundo aí, aqui, lá. E mais uma partida final no Maracanã. A vontade de lembrar e de vencer resvala no medo de se repetir a derrota, configurando outra tragédia?

Lembrar para não esquecer ou esquecer para não reincidir?

São tantas as dúvidas e outros tantos os questionamentos que acredito que, quatro anos depois, apesar dos ganhos e perdas inclusos em todo processo de pesquisa, termino esse jogo querendo saber cada vez mais, ainda com muitos questionamentos e apenas com a vontade da crença de que o Maraca é nosso⁹³, é meu, é seu.

⁹³ Slogan que se tornou um jargão popular cantado pelos torcedores durante os jogos no Estádio do Maracanã: “O Maraca é nosso! Aha! Uhu!”. Foi utilizado pela população do Rio de Janeiro como propaganda em diversos momentos durante manifestações populares, ocorridas ao longo dos anos de 2012 e 2013, contrárias às mudanças estruturais em todo o Complexo do Maracanã e em seu entorno, para adequação às exigências colocadas pela FIFA para que a Copa do Mundo de 2014 pudesse, de fato, acontecer no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de A. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2008.
- ABREU, Regina e DODEBEI, Vera (orgs.). *E o patrimônio?* Rio de Janeiro: Contracapa/PPGMS/UNIRIO, 2008.
- ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006.
- ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado - Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.
- ALBIN, Ricardo Cravo. *O livro de ouro da MPB*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2003.
- ARAGÃO, Guilherme do Prado. *Patrimônio imaterial: cultura e tradição no Brasil*. Rio de Janeiro: ASX Produções, 2012.
- ARNAUD SAMPAIO, *Vocabulário Guarani Português*. Rio de Janeiro: Ed. L&Pm, 1986.
- BARBOSA, Marialva. Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. In: *Ciberlegenda*, Revista eletrônica do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF, número 7, 2002.
- BARRETO, Marcos Rodrigues. *Vultos na névoa: índios urbanos no cenário fluminense*. Rio de Janeiro: PPGMS/UNIRIO, 2014. (Dissertação de Mestrado)
- BARROSO, Claudia Girão. *Preservação do Maracanã*. 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um autor lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museu, pavilhões de fontes hidrominerais. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, Ed. IPHAN, nº 31, 2005, p. 133-145.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de S.P., 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 17-59.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani-Português*. Rio de Janeiro: 1987.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CAETANO, Daniele Nunes. O processo de produção imagético-retórico da alegoria. In: *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v.14 - n.15 - dezembro 2007.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. In: *Revista USP*, São Paulo, vol. 22, nº6, 1989, p. 41-49.

CAMBRA, Marcus Felipe e COELHO NETTO, Ana Luiza. A cidade do Rio de Janeiro e as chuvas de março/93 (des)organização urbana e inundações. In: *Anuário do Instituto de Geociências*, Vol.20, 1997, p.55-74.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX.* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, 2007. (Tese de Doutorado).

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.222.

CERETO, Marcos Paulo. Estádios Brasileiros: Uma reflexão modernista? In: *5º Seminário DocoMomo*, São Carlos, 2003.

CHAGAS, Mário de Sousa. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v.13, 1999.

CHAGAS, Mário de Sousa; SANTOS, Myriam, Sepúlveda dos. A vida social e política dos objetos de um museu. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: v.34, p.195-220, 2002.

CHAGAS, Mário de Sousa. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: v.32, 2005, p.15-25.

CHAGAS, Mário de Sousa. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CIVITA, Victor. *Mitologia*. (Volumes I, II e III). São Paulo: Abril Cultural Editora, 1973.

COSTA, Leda Maria. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Letras, 2008. (Tese de Doutorado).

CRAVO ALBIM, *Dicionário Houaiss Ilustrado – Música Popular Brasileira*, 2006.

CURI, Martin. *Espaços de emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. UFF/PPG Antropologia, 2012. (Tese de doutorado).

- DA MATTA, Roberto. *Conta de Mentiroso*, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- DA MATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. In: *São Paulo em Perspectiva*, vol.15, n.3, 2001, p. 82-91.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DECRETO-LEI Nº 9.906, de 17 de setembro de 1946. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126230/decreto-lei-9906-46> Acesso em: Acesso em 11 março 2014.
- DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em: < <http://www.dicionariompb.com.br/>>
- DRUMOND, MAURÍCIO. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2008.
- DUARTE, Luís Fernando Dias. Construção Social da memória moderna. In: *Boletim do Museu Nacional*, n48, p. 28-54, Rio de Janeiro: UFRJ.
- ENCICLOPEDIA. *Mitologia*, São Paulo: Ed. Abril Cultural, volumes I, II, III, 1973.
- ENDERS, Armelle. *História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- EVANGELISTA, Joelma Sampaio. O gol da memória: a ditadura militar e o futebol na Argentina e no Brasil. In: *DARANDINA revisteletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF*, v.1, n.1, abr/2008.
- FERRAZ, Eucanaã. O tombamento de um marco da africanidade carioca: a Pedra do Sal. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, número 25. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997.
- FERREIRA, A. B. H. *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultural, vol.16. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 2010.
- GASTALDO, Édison. *Pátria, Chuteira e Propaganda*. São Paulo: Ed. Annablume, 2002.
- GOMES, Edlaine de Campos. *A Era das catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2011.
- GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera. (org.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa/ PPGMS/UNIRIO, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj/ UNIRIO, 2003, p. 21-29.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: *Horizontes Antropológicos*, v. 11, nº23, p.45-55, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 29-70.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIZER, Teixeira. *Maracanazo: 16 de julho de 1950 - tragédias e epopéias de um estádio com alma*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2010.

HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, edição atualizada, 2001.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HOLZMEISTER, Antonio. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2005. (Dissertação de Mestrado)

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JORDY, João Cassim; SOUZA, Vicente Custódio e MENDES, Luiz Carlos. Recuperação Estrutural do Estádio do Maracanã. In: *Revista Internacional de Desastres Naturales, Accidentes e Infraestructura Civil*, Porto Rico, v.7, nº1, 2006, p.49-57.

KAZ, Leonel e MÁXIMO, João. *Brasil: um século de futebol – arte e magia*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2005/2006.

KAZ, Leonel, MÁXIMO, João, CRAVO ALBIM, Ricardo et alli. *Brasil, rito e ritmo*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2003/2004.

- KLINTOWITZ, Jaime. *A História do Brasil em 50 frases*. Rio de Janeiro: Ed.Leya, 2014.
- LE GOFF, Jacques. Memória – História. In: *Enciclopedia*. Porto: Inova Artes Gráficas, 1985, vol. 1.
- LEI Nº 856, de 17 de junho de 1985. Disponível em: <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/149830/lei-856-85>. Acesso em 11 março 2014.
- LEITE LOPES, José Sérgio. *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*, 1998.
- LEITE, Fernando da França. *Rio de Janeiro- uma viagem no tempo*. Rio de Janeiro: OR, Produtor editorial independente, 2000.
- LEVEFRE, Silvia. In: *Mitologia*, volume II, 1973, p.385.
- LEVI, Primo. *Conversations et entretiens* . Paris: Robert Laffont, 1998.
- LOVISARO, Martha e NEVES, Licy Consuelo. (org.) *Futebol e Sociedade – um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.
- MALRAUX, André. *Museu Imaginário*. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2011.
- MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 5ª edição, 2010.
- MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ, 2012.
- MASCARENHAS, Gilmar. Do espaço colonial ao espaço ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona*, v. 7, nº 45, agosto/1999.
- MASUCI, Oberdan. *Dicionário Tupi Português e vive-versa*. São Paulo: Ed.Brasilivros Ltda, 1978.
- MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. In: *Estudos avançados*, São Paulo: USP, Instituto de Estudos Avançados, v.13, nº 37, 1999, p. 179-188.
- MELO, Victor. Banhos de Mar e os Primórdios dos Esportes Náuticos no Rio de Janeiro. In: *V Encontro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física* (coletânea), UNICAMP/UFAL/ETFA, 1997, p.227-34.
- MELO, Victor. Banhos de Mar e os Primórdios dos Esportes Náuticos no Rio de Janeiro. In: *V Encontro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física* -coletânea, p.227-234, UNICAMP/UFAL/ETFA, 1997.

MELO, Victor Andrade de. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. In: *Revista Brasileira de Educação Física Essecializada*, São Paulo, v.20, n°4, p.281- 295, out/dez. 2006.

MELO, Victor Andrade de. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2010.

MORAES NETTO, Geneton. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MOTTA, Marly Silva da. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado. In: *Nossa História*, Rio de Janeiro, n°19, p. 72-78, maio, 2005.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

NEGREIRO, Plínio J. L. de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: *História: questões e Debates*. Curitiba: Editora UFPR, n.39, p.121-151.

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n°10, p. 7-28, dez, 1993.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2009.

PÊCHEUX, Michel em seus livros O Papel da memória. In: ACHARD, Pierre ET alli. *Papel da memória* (São Paulo: Pontes, 1999) e *Discurso - Estrutura e acontecimento* (São Paulo: Ed. Pontes, 2005). Ver também ORLANDI, Eni. *Discurso e textualidade*. São Paulo: Pontes, 2006.

PINA, Sandra. *E assim surgiu o Maracanã*. São Paulo: Editora DCL, 2006.

PINSKY, Carla B. e LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n° 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n°10, 1992, p. 200-212.

- RAPOSO, Maria Izabel A. Musas – Graças, Sátiros – Faunos. In: *Mitologia*, São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973
- RIBEIRO, MARIO A. *Histórico da Construção do Hipódromo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- RODRIGUES, Nelson. *Pátria das chuteiras imortais*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2013.
- SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário Guarani-Português*. Porto Alegre: L&M Editores, 1986.
- SANTO AGOSTINHO, X, XVI, 24
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.
- SANTOS, Milton e BECKER, Bertha K. (orgs.). *Territórios, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro, 2011.
- SERPA, Angelo. *Lugar e mídia*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.
- SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.
- SILVEIRA BUENO, Francisco. *Vocabulário Tupi-Guarani-Português*. São Paulo: Editora Brasiliavros Ltda, 1987.
- STREAPCO, João Paulo França. Cultura material e a Sociedade esportiva Palmeiras. In: *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão..* São Paulo: ANPUH/SP – USP, set. 2008.
- TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. *Proteção ao patrimônio cultural brasileiro: análise da articulação entre tombamento e registro*. Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, 2010. (Dissertação de mestrado).
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luis Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. São Paulo: Ed. Traço, 1985.

TIBIRIÇÁ, Luis Caldas. *Dicionário Tupi-Português: com esboço de Tupi antigo*. São Paulo: Ed. Traço, 1984.

VIVIAN, Valerio. *Catálogo Beppi Spolaor* / curadoria de Luigino Cazzagon. Mira: Comune di Mira, 1999. 24 p. ; ill. ; 24 cm.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Mitos gregos*. São Paulo: Ed. Objetivo, 1998.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Edusp, 1973.

VERNANT, Jean Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

VICTORIA, Luiz A.P. *Dicionário básico de mitologia: Grécia, Roma, Egito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

WILKINSON, Philip e PHILIP, Neil. *Guia Ilustrado Zahar de Mitologia*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2010.

Sites pesquisados:

<http://www.memoriadofutebol.com.br/> Acesso em 20/08/2012, às 18h10min

<http://www.rioquepassou.com.br/> Acesso em 11/09/2012, às 15h00min

<http://www.suderj.rj.gov.br/> Acesso em 11/09/2012, às 15h58min

<http://www.guinnessworldrecords.com/> Acesso em 20/08/2012, às 21h20min

<http://www.worldstadiums.com/> Acesso em 20/08/2012, às 22h53min

<http://www.dicionariompb.com.br/> Acesso em 03/10/2012, às 23h00min

<http://letras.mus.br/> Acesso em 03/10/2012, às 23h55min

http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/20 Acesso em 02/05/2014 às 19h33 min.

Jornais e periódicos pesquisados, em ordem cronológica:

Diário de Notícias, 12 de agosto de 1945.

Diário de Notícias, 11 de setembro de 1945.

A Manhã, 20 de setembro de 1945.

Gazeta de Notícias, 11 de janeiro de 1948.

O Malho, fevereiro de 1948.

Gazeta de Notícias, 21/03, 08/04 e 22/08 de 1948; e 21/03, 13/07 e 29/09 de 1949.

Jornal do Brasil, 16/06/1950. **Campeonato Mundial de Foot-ball.**

Jornal dos Sports, 18 /07/1950. **A derrota**, de José Lins do REGO.

Jornal do Brasil, 18/07/1950. **Mais uma vez Uruguaios triunfaram na ‘Coupe Jules Rimet’.**

Guia Rex, 1965/1969.

Jornal O Dia, de 19/09/1973. **Museu dos Esportes vai ser inaugurado em março.**

Diário de Notícias, de 27/09/1973. **Museu já tem 1ª Comissão.**

Diário Popular, de 27/09/1973. **Museu dos Esportes.**

Jornal do Brasil, de 24/09/1983. **Vilaça decide pedir o tombamento do Estádio do Maracanã.**

Jornal Estado de São Paulo, de 25/09/1983. **Com o tombamento, o Maracanã pode ganhar reformas e prestígio.** Reportagem de Almir Boffe.

Jornal O Globo, de 26/09/1983. **Maracanã deverá ser patrimônio histórico.**

Folha de São Paulo, de 28/09/1983. **O tombamento do Maracanã.** Reportagem de Joel Rufino dos Santos.

Agência Brasil, 30/10/2007. **Brasil será a sede da Copa do Mundo de futebol de 2014.** Reportagem de Yara Aquino e Sabrina Craide.

Agência Brasil, 30/10/2007. **Realização da Copa do Mundo no Brasil é ‘ação temerária’, defende especialista.** Reportagem de Sabrina Craide.

Agência Brasil, 02/11/2007. **Copa do Mundo é oportunidade de ‘aquecer’ construção civil, afirma empresário.** Reportagem de Alex Rodrigues.

Revista VEJA/Rio, 17/08/2011. **Operários do Maracanã entram em greve.** Reportagem de Rafael Lemos.

Agência Brasil, 18/11/2011. **Nova greve de trabalhadores no Maracanã completa seis dias.**

Caderno Prosa & Verso de O Globo, de 18/05/2013, p.8.

Jornal do Brasil, 20 /08/ 2012. **Greve dos operários do Maracanã é considerada abusiva por Tribunal.** Reportagem de Igor Mello.

O Globo, 30/11/2012, p. 09 e 10.

VIDEO. Rede Globo, Programa Globo Esporte, 28/05/2013.

O Globo, de 29/05/2013, p.1 e 13.

O Globo no dia de 29/05/2013, p. 16.

Revista Veja Rio, 31/05/2013.

O Globo, Encarte especial *Rio 2016*, de 30/11/2013.

APÊNDICE A

Roteiro das entrevistas

- Qual é a sua primeira lembrança a respeito do Estádio do Maracanã? Onde você estava na época? Que idade tinha?
- Que lembranças você tem da construção do Maracanã?
- Você se recorda dos conflitos políticos que ocorreram sobre a construção do Maracanã? A cidade/ população estava mobilizada? Como o carioca e o brasileiro se comportaram? (Explorar as emoções da população da época)
- Você se recorda da Copa do Mundo de 1950, cuja final foi no Maracanã? A assistiu ou a ouviu no rádio?
- Que memórias você tem sobre o Maracanã?
- Que memórias você tem sobre os jogos no Maracanã? E dos jogos da Seleção Brasileira no Maracanã?
- Como você entendeu a escolha do Rio de Janeiro como sede da Copa do Mundo de 2014? Você considera que este evento trará mudanças para a população carioca e brasileira?
- Como você recebeu a notícia da escolha da cidade do Rio de Janeiro para sede de Jogos Olímpicos? Você considera que este evento trará mudanças para a população carioca e brasileira?
- Que outras lembranças sobre o Maracanã você gostaria de relatar?
- *Observação: Roteiro sujeito a alterações circunstanciais pertinentes ao entrevistado.*

APÊNDICE B

Lista de músicas

- Música 1 - ABC da Vida (Luiz Reis/Haroldo Barbosa)
- Música 2 - Eixo Rio-São Paulo (Nuno Geraes)
- Música 3 - Maracanã (Francis Hime / Paulo Cesar Pinheiro)
- Música 4 - O Massacre Continua (Geração do Rap)
- Música 5 - Raça Carioca (Sandra de Sá)
- Música 6 - Maracanã (Valdavan Martins)
- Música 7 - Círculos, Loops e Repetições (Barão Vermelho)
- Música 8 - Ela Briga Comigo (Moinho da Bahia)
- Música 9 - Rio de Janeiro (Guinga)
- Música 10 - Pelas tabelas (Chico Buarque)
- Música 11- Rio do Meu Amor (Billy Blanco)
- Música 12 - Viva Vaia (Danilo Moraes / Ricardo Teté)
- Música 13 - Meu Rio de Janeiro (Mc Cazuzá)
- Música 14 - Pipoca e Guaraná (Belladona /Adriano Eliezer)
- Música 15 – Samba-Enredo 2000 (Acadêmicos do Tucuruvi) Noventa milhões em ação!
- Música 16 - Domingo, eu vou ao Maracanã (Neguinho da Beija-Flor)
- Música 17 - Nação InFLAmável / Vamos Inflamar o Maracanã
(Mauro Nunes / Mauro Nunes e Pedro Antunes)
- Música 18 - Popular (Elymar Santos)
- Música 19 - Samba Rubro-Negro (Wilson Batista /Jorge de Castro)
- Música 20 - Praia e Sol (Bebeto)
- Música 21 - Saudades do Galinho (Moraes Moreira)
- Música 22 - A Bola (Toquinho)
- Música 23 - Bola no pé (Fagner)
- Música 24 - Rap do Centenário (Hino comemorativo dos 100 anos do clube)
- Música 25 - Ciranda do Povo (Fundo de Quintal)
- Música 26 - Curados Ao Sol de Copacabana (George Israel)
- Música 27 - Êta Vida (Raul Seixas)
- Música 28 - Ser Flamengo (Alexandre Pires)

Música 29 - Chiclete de Hortelã (Os Originais do Samba)
Música 30 - Bicho Solidão (Guilherme Arantes)
Música 31 - Rio Elétrico (Asa de Águia)
Música 32 - Meu Rio de Janeiro (Bonde da Stronda)
Música 33 - Melhor Do Brasil? (Cabal)
Música 34 - Meu Rio (Caetano Veloso)
Música 35 - Bandeira do Brasil (Edu Lobo)
Música 36 - Homem Bomba (O Rappa)
Música 37 - O Problema do Nordeste (Eduardo Dusek)
Música 38 – Babba Ragga (O Surto)
Música 39 - Samba Enredo 2001 (Unidos do Jacarezinho)
Maracanã, 50 anos de emoções
(Tião Larrieu/ Tia Helô/ Dalvan/ Nelson Pilão)
Música 40 - Calor da vida (Manimal)
Música 41 - Nosso Vasco Campeão (Erasmus Carlos)
Música 42 - Mingus samba (Guinga)
Música 43 - Cabeça de Nego (Sabotage)
Música 44 - Nêga manhosa (Nelson Gonçalves)
Música 45 – Passado presente (Durval Neto)
Música 46 - Rio Babilônia (Jorge BenJor)
Música 47 - Cosa Nostra (Jorge BenJor)
Música 48 - Jesualda (Jorge BenJor)
Música 49 – Maracanã (Luisa mandou um beijo)
Música 50 - Samba Enredo 2002 (GRES Unidos de Vila Isabel)
O Glorioso Nilton Santos... Sua bola, sua vida, nossa Vila...
Música 51 - Nicanor (Jorge Mautner)
Música 52 - A Nível de (MPB4)
Música 53 - Endereço dos Bailes (MC Junior/ MC Leonardo)
Música 54 - Cidadão-cidadã (Jorge Mautner)
Música 55 – Maracanã (Márcio Lott)

APÊNDICE C

Lista de textos de jornais, periódicos e mídia em geral

Texto 1: Guia Rex, dos anos de 1965/1969, sobre o Estádio do Maracanã.

Texto 2: Diário de Notícias, 12 de agosto de 1945, traz reportagem (na parte superior e central da primeira página) sobre o anteprojeto do Estádio Nacional.

Texto 3: A Manhã, 11 de setembro de 1945.

Texto 4: A Manhã, 20 de setembro de 1945, publica a fotografia do Presidente da República Gaspar Dutra junto com o então prefeito Henrique de Toledo Dodsworth numa audiência para expor os planos de construção do Estádio Municipal.

Texto 5: Reportagem do jornal Gazeta de Notícias, de 21/03/1948, com a fotografia da maquete do futuro Estádio Nacional.

Texto 6: Gazeta de Notícias, de 03 de agosto de 1949.

Texto 7: Notícia de O Globo, 06/08/2011, p.2, sobre o registro do Estádio do Maracanã no cartório de Registro Geral de Imóveis (RGI).

Texto 8: Decreto-lei 9.906 de 1946.

Texto 9: *Afinal, que é que há?* texto de Fernando Sales. Gazeta de Notícias do dia 17/08/1947, p.02.

Texto 10: O Malho, fevereiro de 1948, p.12/13.

Texto 11: Gazeta de Notícias, de 21/03/1949. Fotografia da visita do Presidente Eurico Gaspar Dutra às obras em andamento do Estádio Municipal.

Texto 12: Início do funcionamento das obras do Estádio Municipal com a presença do prefeito Gal. Mendes de Moraes, do Sr. Vargas Neto Rivadávia Corrêa Meier e do vereador Levi Neves, além de outras autoridades do Exército e de entidades esportivas. Gazeta de Notícias, 18 agosto de 1948.

Texto 13: Reportagem sobre a visita inesperada do General Angelo Mendes de Moraes em acompanhamento às obras de construção do Estádio Municipal. Gazeta de Notícias, 28/09/1949.

Texto 14: “Decepcionante a ação do quadro brasileiro”. Jornal do Brasil, 18 de julho de 1950, traz a fotografia da seleção do Uruguai, campeã do mundo.

Texto 15: A derrota que não consegue ser esquecida. O texto do jornal O Globo, de 02/11/2013, rememora a final do Mundial de 1950, sediado no Maracanã.

Texto 16: Diário de Notícias, de 27/09/1973, publica reportagem sobre a criação do Museu dos Esportes Presidente Médici, no Estádio do Maracanã. (Acervo da Biblioteca Gustavo Capanema/IPHAN/RJ)

Texto 17: Diário Popular, de 02/10/1973, exhibe matéria sobre a primeira vitrine Museu dos Esportes, no Estádio do Maracanã. (Acervo da Biblioteca Gustavo Capanema/IPHAN/RJ)

Texto 18: O Dia, de 19/09/1973, publica reportagem sobre a inauguração do Museu dos Esportes, no Estádio do Maracanã. (Acervo da Biblioteca Gustavo Capanema/IPHAN/RJ)

Texto 19: Matéria do jornal Estado de São Paulo, de 25/09/1983, acerca das vantagens de um possível tombamento do Estádio do Maracanã.

Texto 20: Artigo de opinião de Joel Rufino dos Santos, na Folha de São Paulo, de 28/09/1983, sobre o tombamento do Estádio do Maracanã.

Texto 21: Reportagem publicada no jornal O Globo, de 26/09/1983, sobre o tombamento do Estádio do Maracanã.

Texto 22: Jornal do Brasil, de 24/09/1983, publica matéria sobre o tombamento do Estádio do Maracanã.

Texto 23: Gazeta de Notícias, 22 de agosto de 1948.

Texto 24: Convite a Prefeitura do Rio de Janeiro conclamando a população ao evento oficial de início das obras de reformas do Estádio do Maracanã.

Texto 25: *Greve dos operários do Maracanã é considerada abusiva por Tribunal*, Jornal do Brasil, 20/08/2012.

Texto 26: *Operários do Maracanã entram em greve*, na revista Veja de 17/08/2011.

Texto 27: Reportagem sobre protestos contra as demolições dos prédios do entorno do Complexo Esportivo, no jogo amistoso da seleção brasileira durante a reinauguração do Estádio do Maracanã. O Globo, de 02/06/2013.

Texto 28: Reportagem sobre enfrentamento da Polícia Militar com a população durante as manifestações ocorridas no Rio de Janeiro durante a Copa das Confederações. O Globo, de 17/06/2013.

Texto 29: Reportagem mostra adjacências do Estádio do Maracanã, a Quinta da Boa Vista, onde ocorreram as manifestações populares reprimidas pela Polícia Militar. O Globo, de 17/06/2013.

Texto 30: Reportagem acerca do gasto excessivo das obras dos estádios para cumprir as exigências da FIFA. O Globo, de 02/06/2013.

Texto 31: Reportagem sobre o jogo amistoso da seleção brasileira na reinauguração do Estádio do Maracanã. O Globo, de 02/06/2013.

Texto 32: Reportagem descreve a preparação do trânsito para o jogo de reinauguração do estádio do Maracanã. O Globo, de 25/04/2013.

Texto 33: Esquema de mudança no trânsito ao redor do Estádio do Maracanã, em virtude da Copa das Confederações. O Globo, de 13/06/2013.

Texto 34: Mapa do esquema de mudança no trânsito ao redor do Estádio do Maracanã, em virtude da Copa das Confederações. O Globo, de 20/06/2013.

Texto 35: A reportagem do jornal O Globo, de 29/05/2013, p.17, traz a foto do milésimo gol do jogador Pelé no Maracanã e a foto do gol do jogador Ghiggia, da seleção uruguaia, na final da Copa do Mundo de 1950.

Texto 36: O Globo, 30/11/2012, *encarte especial Rio 2016*, p.9.

Texto 37: Capa do encarte especial *Rio 2016* do jornal O Globo de 30/11/2013.

Texto 38: MARACANAZO, encarte especial sobre a Copa do Mundo de 1950. Publicado no jornal O Globo, em 02/05/2014.

Texto 39: *Belo e pronto para manter a mística*, O Globo, de 29/05/2013, p. 13.

Texto 40: Texto do historiador Bernardo Buarque de Hollanda, no Caderno Prosa & Verso de O Globo, de 18/05/2013, p.8.

Texto 41: Reportagem com destaque para fotografia do Estádio do Maracanã após as obras de adequação para Copa do Mundo de 2014. O Globo, de 29/05/2013, p.1. Créditos: Genilson Araújo.

Texto 42: O Globo, 04/05/2014. Matéria de Renato Lemos sobre as festas que atualmente acontecem no Estádio do Maracanã.

Texto 43: Folheto convidando a população para uma manifestação no intuito de exigir um jogo da seleção brasileira, excetuando-se a final, na próxima Copa do Mundo de 2014.

APÊNDICE D

Lista de Ilustrações⁹⁴

Figura 1: Turistas em visita ao Estádio do Maracanã, estando este fechado para obras. Fotografia realizada em 05/04/2011.

Figura 2: Folder de divulgação de agência de turismo do Rio de Janeiro. O Estádio do Maracanã aparece em destaque após sua reabertura para visitação em junho de 2013.

Figura 3: Processo de construção da memória social do Estádio de Futebol do Maracanã.

Figura 4: Imagem da torcida na final da Taça Guanabara, entre Botafogo e Vasco, em 21 de fevereiro de 2010. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 5: Vista aérea do terreno do Derby Clube. Fotografia publicada em O Globo, 30/11/2012, p.10.

Figura 6: Antigo Derby Clube. Fotografia encontrada no livro *Rio de Janeiro - uma viagem no tempo*, de Fernando da França Leite.

Figura 7: Em destaque a rede ferroviária da cidade do Rio de Janeiro, tendo próximo, ao fundo, o Estádio do Maracanã. Data: 02/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 8: Construção do Estádio do Maracanã (1949). Fotografia encontrada no livro *Rio de Janeiro- uma viagem no tempo*, de Fernando da França Leite.

Figura 9: Operário na construção do Estádio do Maracanã (11/03/1949). Fotografia publicada em O Globo, 30/11/2012, p.10.

Figura 10: Visita à construção do Estádio do Maracanã (1949). Fotografia do acervo pessoal da família Gouveia com dedicatória datada do dia da primeira visita franqueada ao público às obras de construção do Estádio Municipal.

Figura 11: Os arquitetos Miguel Feldman e Antônio D. Carneiro diante da maquete do Maracanã, em 16/6/1949. Fotografia do acervo pessoal de Branca Feldman.

Figura 12: O Estádio de Atletismo Célio de Barros, com a rampa de acesso ao Estádio do Maracanã no canto direito inferior. Ao fundo a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Data: 01 fevereiro de 2007. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 13: O Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso, conhecido como Maracanãzinho, em obras de reforma. Ao fundo pode-se ver o Estádio do Maracanã. Data: 01 fevereiro de 2007. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 14: Figura 11: Congestionamento nas esquinas das ruas Visconde de Itamaraty e Eurico Rabelo (à frente vê-se o Maracanãzinho) em virtude da compra de ingressos para jogo que aconteceria horas mais tarde no dia 27/11/13.

⁹⁴ As fotografias que não apresentam os créditos informados foram realizadas por Rosângela de Sena Almeida.

Figura 15: Figura 12: Congestionamento na Rua Eurico Rabelo, no entorno do Complexo do Maracanã, em virtude da compra de ingressos para jogo que aconteceria horas mais tarde no dia 27/11/2013.

Figura 16: Bilheterias em frente ao Maracanãzinho, com as grades divisórias utilizadas na venda de ingressos de jogo de futebol no Maracanã do dia 09/04/2014.

Figura 17: Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer para o edital do concurso realizado para a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, em 1948. (Acervo pessoal do arquiteto)

Figura 18: Fotografia da parte externa do estádio do Maracanã, mostrando o deslocamento dos torcedores no dia 16 de junho de 1950. Publicada em O Globo, 30/11/2012, p.10.

Figura 19: Jogo da final da Copa de 1950, no Estádio do Maracanã. Fotografia disponível em <http://www.rioquepassou.com.br/> Acesso em: 11/09/2012, às 15h00min.

Figura 20: Vista, do Estádio do Maracanã, da janela do banheiro dos fundos do meu apartamento. Data: 26/02/2014.

Figura 21: Torcedores em volta do Estádio do Maracanã horas antes de iniciar o jogo. Data: 10/11/2013

Figura 22: Encontro dos torcedores à frente da estátua do Bellini, em um dos acessos de entrada para o Estádio do Maracanã. Data: 27/04/2013.

Figura 23: Fotografia do modelo do novo Maracanã após as obras para Copa do Mundo de 2014. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.33.

Figura 24: Visita às obras do Maracanã. Vista central do campo de futebol. Fotografia realizada em 18/06/2011.

Figura 25: Visita às obras do Maracanã. Vista da lateral interno do campo de futebol. Fotografia realizada em 18/06/2011.

Figura 26: Vista panorâmica do avanço das obras no Estádio do Maracanã, em 04/12/2012. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 27: O campo de futebol ainda com gramado, em 27/10/2010, no início das obras de reforma do estádio para próxima Copa do Mundo de 2014. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 28: Obras na parte interna do estádio, em 11/08/2010. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 29: Visão externa do avanço das obras no Estádio do Maracanã, em 04/06/2012.

Figura 30: Fachada do Maracanã com seus portões de ferros e enormes vãos e colunas, Data: 10/09/2010.

Figura 31: Fachada do Maracanã com seus portões de ferros que exibiam os arcos simbólicos dos Jogos Olímpicos, em 10/09/2010.

Figura 32: Fachada da entrada, com a rampa de acesso, seus portões e colunas. Início das obras no Estádio do Maracanã, com a retirada das cadeiras (azuis, verdes e amarelas) que foram armazenadas atrás da fachada, na área externa do estádio. Fotografia realizada em 05/04/2011.

Figura 33: Fotografia da rampa de acesso ao Estádio do Maracanã após a última reforma para Copa do Mundo de 2014. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.32.

Figura 34: Fotografia da rampa de acesso ao Estádio do Maracanã após a última reforma para Copa do Mundo de 2014. Data: 22/05/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 35: Fotografia da chegada da torcida escoltada pela polícia, na Rua São Francisco Xavier, paralela à rua do Estádio do Maracanã. Data: 06/04/2014.

Figura 36: Fotografia da chegada da torcida de um time pela rua paralela à rua do Estádio do Maracanã. Data: 06/04/2014.

Figura 37: O campo do Estádio do Maracanã ao centro da fotografia. Data: 12/06/2008. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 38: Vista do campo do Estádio do Maracanã, ao fundo no alto o morro do Corcovado com a estátua do Cristo Redentor. Fotografia registrada em 21/07/2009.

Figura 39: Vista das arquibancadas e ao centro o campo do Estádio do Maracanã. Registro do jogo Flamengo x Santos, no Campeonato Brasileiro de 2013, em 12/09/2013. Crédito: Martha Rocha.

Figura 40: O campo do Estádio do Maracanã durante o jogo da Copa das Confederações entre as seleções da Espanha e do Taiti, em 20/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 41: O Estádio do Maracanã, após a última reforma, iluminado a noite. Data: 18/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 42: Fotografia aérea do Estádio do Maracanã iluminado. O Globo, 30/11/2012, p.6.

Figura 43: Fotografia do campo do Estádio do Maracanã com a nova iluminação para Copa do Mundo de 2014. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.33.

Figura 44: Fotografia do campo do Estádio do Maracanã após a última reforma para Copa do Mundo de 2014, com nova iluminação. Revista Veja Rio, 31/05/2013, p.32.

Figura 45: Torcedores na Avenida Maracanã, no dia do jogo oficial (Brasil x Inglaterra) de reinauguração do Maracanã. Data: 02/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 46: Calçada da Fama, dentro das instalações do Estádio do Maracanã. Data: 10/06/2011. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 47: Estátua do ex-jogador da seleção brasileira e artilheiro do Maracanã, Arthur Antunes Coimbra, o Zico. Data: 18/06/2011.

Figura 48: Busto do ex-jogador e ex-técnico da seleção brasileira de futebol, Mário Lobo Zagallo. Data: 18/06/2011.

Figura 49: Busto em homenagem àquele que dá nome ao estádio, Jornalista Mário Filho. Data: 18/06/2011.

Figura 50: Placa colocada à entrada da exposição sobre futebol, no Estádio do Maracanã, em 18/06/2011.

Figura 51: Placa na entrada da exposição sobre o Maracanã, durante as obras do estádio. Fotografia realizada, em 18/06/2011

Figura 52: Folheto de divulgação oficial do Maracanã entregue aos visitantes, em 18/06/2011.

Figura 53: Flâmula da Copa do Mundo de 1950, em exposição no Estádio do Maracanã. Fotografia realizada em 18/06/2011.

Figura 54: A Noite com os gênios do Estudo e do Amor. Tela em óleo de autoria do Pedro Américo, de 1888. Em exposição no Museu Nacional de Belas Artes (RJ).

Figura 55: Flâmula comemorativa da construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro para a Copa do Mundo de 1950. (Acervo pessoal de Paoli)

Figura 56: Chegada de torcedores ao portão de entrada do Estádio do Maracanã, em 23/03/2003, final do Campeonato Carioca. Ao fundo a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Figura 57: Fotografia da chegada, de carro e a pé, dos torcedores, em 23/03/2003, final do Campeonato Carioca de 2003). Retrata as mudanças, no trânsito e no bairro, advindas dos jogos que acontecem no Maracanã.

Figura 58: Fachada do Maracanã, em 10/09/2010, com a colocação das grades para as bilheterias.

Figura 59: Fila para compra de ingressos para o jogo (Flamengo x Santos) do dia 05/09/2011, última partida no Maracanã antes de seu fechamento para obras de reforma para Copa de 2014.

Figura 60: Prédio do Antigo Museu do Índio. Data: 15/01/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 61: Interdição da Rua Eurico Rabelo que margeia um dos lados do estádio do Maracanã, em 02/06/2013, dia da reinauguração do Estádio do Maracanã.

Figura 62: Esquema de segurança com grades que limitam a entrada dos torcedores ao Estádio do Maracanã. Data: 02/06/2013.

Figura 63: Aparato de segurança, com a presença maciça do Corpo de Bombeiros, em 02/06/2013, dia da reinauguração do Estádio do Maracanã.

Figura 64: Fotografia do entorno do Estádio do Maracanã de 1950, publicada no jornal O Globo no dia de 29/05/2013, p. 16.

Figuras 65 e 66: Frente e verso da moeda comemorativa da Copa do Mundo de 1950. (Acervo pessoal: Paoli)

Figura 67: Estátua do Bellini (Capitão da seleção brasileira campeã no Mundial de 1958 e de 1962), disposta à frente da entrada para o Estádio do Maracanã, na Avenida Maracanã. Tornou-se, com o tempo, ponto de encontro dos torcedores antes dos jogos. Data: 15/07/2010. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 68: Chegada dos torcedores na entrada da Avenida Maracanã, no dia do jogo oficial (Brasil x Inglaterra) de reinauguração do Maracanã. Data: 02/06/2013. Crédito: Edmar Moreira.

Figura 69: Entrevista 1 – Sr. Mário Jorge Lobo Zagallo.

Figura 70: Entrevista 2 – Sr. Francisco de Barros Cavalcante.

Figura 71: Entrevista 3 – Sr. Arthur Antunes Coimbra (Zico).

Figura 72: Entrevista 4 – Sr. Roberto Kopp.

Figura 73: Entrevista 5 – Sr. Orlando Paoli.

Figura 74: Entrevista 6 – Sr. Meyer Jayme Axelband.

Figura 75: Entrevista 7 – Sr^a. Maria Helena Storino.

Figura 76: Entrevista 8 – Sr^a. Marilda Castex Cardoso Da Castro.

Figura 77: Entrevista 9 – Sr. Cleber Lima.

ANEXO I

Transcrição da íntegra das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa.

ENTREVISTA 1 – MÁRIO JORGE LOBO ZAGALLO

(Ex-jogador e ex-treinador da Seleção Brasileira de Futebol)

Data da entrevista: 22 de junho de 2011.

Local: Sala de visita do prédio onde reside o entrevistado, localizado no bairro da Barra da Tijuca/RJ.



Figura 67

Crédito: João Fernandes

Entrevistadora: Você lembra como repercutiu a construção do estádio, na época Estádio Municipal, e de como aconteceu o embate político, já que o Carlos Lacerda não queria que ele fosse construído naquele local, e sim em Jacarepaguá?

Zagallo: Não me recordo do lado político, porque na época eu era um garoto e não estava ligado nesse assunto. Eu me recordo perfeitamente que em 1948, 1949, eu jogava no juvenil do América e tive a felicidade de ver o Maracanã sendo construído, e antes disso havia o Derby onde guardava o cavalo para a corrida no Jockey clube, e me recordo que na demolição eu joguei uma pelada, então participei de uma pelada no antigo Derby clube antes da construção realmente começar. Quando o Maracanã foi construído, eu era um garoto de 18 anos, e fiquei abismado vendo aquele monstro sagrado, e não entendia como aquele estádio ia ficar repleto de torcedores, porque o estádio era um mundo. Tínhamos o América, o Bonsucesso, o São Cristovão, Madureira, Olaria, mas eram estádios pequenos, e aquele era o majestoso Maracanã. A construção ocorreu até 1950 que foi quando aconteceu a Copa do Mundo no Brasil.

Entrevistadora: No terreno onde o Maracanã foi construído já havia uma instalação, na qual acontecia um movimento esportivo, um hipódromo.

Zagallo: Exatamente. Os cavalos ficavam guardados nas cocheiras e dali iam para o Jockey clube para correr. Durante a construção fui ao estádio, e pude ver que a arquibancada já estava construída, o gramado ainda não tinha sido feito, então eu participei de cada passo da construção do Maracanã.

Entrevistadora: Nessa época o senhor morava em qual bairro?

Zagallo: Na Tijuca. Rua Professor Gabizo esquina com a Rua Trapicheiros onde tinha o rio, mas depois o nome dessa rua virou Rua Heitor Beltrão. Morava em uma casa onde hoje é um prédio.

Entrevistadora: Tenho informações de que o senhor participou não só da construção do Maracanã, mas também da inauguração e a assistiu.

Zagallo: Exatamente. Assisti ao jogo da Iugoslávia, no qual o Brasil ganhou de 2x0, vi o jogo do Brasil contra a Espanha, no qual ganhou de 7x1. Estava servindo ao exército quando o estádio ficou totalmente pronto, e lá dentro eu participava da equipe de futebol, eles sempre escolhiam os melhores jogadores de futebol, vôlei, basquete, de todas as modalidades de esporte para representar nos jogos militares, e todo ano nós ganhávamos. Pertencia ao sexto pelotão e teve um momento em que houve uma determinação, na qual tínhamos que ir ao Maracanã ajudar a retirar as madeiras da arquibancada, participei desse momento enquanto soldado. Em seguida assisti a final da Copa, o jogo era Brasil contra Uruguai, foi uma festa grandiosa, lembro que foi um delírio quando a seleção brasileira entrou em campo, havia duzentas mil pessoas no Maracanã, todas sacudindo lençinho branco. E eu estava lá uniformizado com capacete, cassetete, e tudo que tem direito, mas não fiquei de costas para o campo, porque confusão não ia acontecer já que só tinha brasileiro no estádio. Foi uma grande festa o início do jogo, lembro que depois que o Brasil fez 1x0 a festa foi maior ainda, mas infelizmente todo mundo sabe o que aconteceu, o Uruguai empatou, fez o segundo gol e venceu o jogo.

Entrevistadora: O Maracanã foi inaugurado um mês antes da final da Copa de 1950. A inauguração foi em 16 de junho e a final, em 16 de julho. É uma data importante, porém ninguém lembra dela, somente lembram a da derrota.

Zagallo: Pois é, o que chama mais a atenção é a derrota e hoje todo mundo sabe que o Brasil foi a única seleção que não conseguiu ganhar a Copa em casa, diferente da Argentina, Uruguai, Itália, França, Alemanha e Inglaterra. Jamais poderia supor que oito anos após ter assistido a copa de 1950 eu estaria vestindo a camisa da seleção brasileira e integrando a equipe que pela primeira vez foi campeã do mundo, isso aconteceu em 1958, em Estocolmo, na Suécia.

Quando eu tinha dezenove anos já jogava no juvenil do Flamengo, fui transferido do América para lá, então eu jogava futebol e ao mesmo tempo servia ao exército. Joguei dois anos no juvenil do América em 1948 e 1949 e um ano no juvenil Flamengo.

Entrevistadora: Você nunca pensou em ser jogador profissional?

Zagallo: Não. Comecei como uma brincadeira, não ganhava nada, muito pelo contrário, meu pai pagava vinte mil réis de mensalidade para eu jogar, ele era sócio do conselho do América, e minha “mesada” era o meu salário de soldado do exército. Passei a receber um salário em 1950 quando joguei no juvenil do Flamengo. Meus pais eram totalmente contra, pois na época jogador de futebol era sinônimo de vagabundo, não é como hoje que todo mundo quer que a filha seja namorada, noiva ou casada com jogador de futebol, tudo isso porque houve uma evolução monetária. Na minha época o jogador não era bem visto, e meus pais não queriam que eu jogasse, mas meu irmão mais velho conseguiu mudar o pensamento deles, disse que eu tinha uma boa educação, pois estudei em boas escolas como o Instituto de Educação, não que eu seja melhor do que ninguém, mas na época poucos jogadores possuíam uma boa educação, tinha o Evaristo que também era de uma classe média melhor, o falecido Joel que também era um rapaz que estudava, mas eram poucos, a maioria só gostava de ir para boate, isso fazia com que fossem mal vistos pelos outros.

Entrevistadora: Era uma concepção de ascensão social, o futebol tem essa tradição.

Zagallo: Perfeito. Meu pai gostava de futebol, tanto que ele chegou a estudar na Inglaterra e era capitão do time, depois retornou. Eu não morava no Rio, morava em Alagoas, nasci em Maceió. Meu pai veio para o Rio como representante geral de uma firma de tecidos e toalhas

que era do irmão da minha mãe, quando cheguei aqui no Rio minha vida engrenou, e fiquei até hoje. Meus pais e meu irmão já morreram, e eu fiquei como representante da família.

Entrevistadora: Você faz aniversário em agosto, e muitas comemorações e homenagens estão por vir.

Zagallo: Isso. Dia nove de agosto completarei oitenta anos.

Entrevistadora: Fale mais da emoção ao assistir a final da Copa de 1950 no Maracanã.

Zagallo: De fato, o Maracanã foi o maior velório que eu já vi na minha vida, vi duzentas mil pessoas chorando, a derrota foi uma comoção muito grande. Naquele momento estava ali como soldado e tive que me controlar. Lembro que os torcedores e os jogadores choravam compulsivamente, pois o Brasil era considerado o favorito da Copa. Lembro que a mídia já comemorava, havia uma festa antecipada pela vitória, mas acabou não ocorrendo, foi lamentável.

Entrevistadora: A vitória do Brasil era quase uma certeza.

Zagallo: Sem dúvidas. O Brasil estava jogando pelo empate também, e estávamos 1x0. Então isso tudo abalou a torcida, porque a vitória já estava dada como certa.

Entrevistadora: Reza a lenda que o Maracanã é azul e branco em homenagem ao Uruguai, pois caso o Brasil vencesse ele seria verde e amarelo, mas isso não aconteceu. Você já ouviu algo sobre isso?

Zagallo: Honestamente não.

Entrevistadora: Pode ser também em homenagem as cores da bandeira do Rio de Janeiro que são azul e branco também, já que era um estádio municipal.

Zagallo: Sinceramente é a primeira vez que ouço essa história.

Entrevistadora: Você se recorda da questão política, o embate entre políticos da época que aconteceu? O jornalista Mario filho foi uma pessoa que apostou no Maracanã.

Zagallo: Lembro que houve esse problema político, mas na época eu era muito garoto e passou despercebido, não me aprofundi no assunto.

Entrevistadora: Você tem contato com algum jogador daquela época?

Zagallo: Era bastante íntimo do Danilo, pois ele jogava no América, com isso tínhamos um convívio. Ele era mais velho que eu e era muito amigo do meu irmão que era nove anos mais velho. Tive um grande contato com o Danilo desde quando ele jogava no América até chegar à seleção brasileira.

Entrevistadora: Seu irmão jogava futebol?

Zagallo: Não, apenas eu entrei nesse mundo do futebol. E foi sem nenhuma intenção, porque me formei em técnico de contabilidade.

Entrevistadora: E foi concomitante, você jogava e estudava.

Zagallo: Exatamente. Inclusive na época namorei uma professora do Instituto de Educação, e ser estudante do Instituto era o máximo, já hoje é o fim do mundo. Tive que mentir para ela, não disse que era jogador de futebol, na época eu ainda fazia parte dos aspirantes, tive que falar que trabalhava com meu pai. Ela morava em Bonsucesso e todo fim de semana eu ia até lá. Eu também fazia um curso de datilografia na Praça da Bandeira, e todo dia ela saía do Instituto e passava lá para me dar adeus, e à noite eu ia até a casa dela. Depois de seis meses ela descobriu que eu jogava futebol, pois estávamos entrando em um cinema na Praça Saens Peña, e um cunhado foi até nós e disse a ela que estava namorando um jogador de futebol, a família dela foi contra, mas ela bancou o namoro. Depois a família dela me conheceu melhor, viram que eu era um jogador, mas não era o que eles pensavam, e acabei sendo bem recebido por eles.

Entrevistadora: Você possuía uma vida paralela, era família, o trabalho e o futebol.

Zagallo: É verdade. Infelizmente naquela época o jogador de futebol era mal visto, hoje é bastante diferente.

Entrevistadora: Fale sobre sua atuação no futebol, você foi jogador, técnico.

Zagallo: Comecei jogando no juvenil do América em 1948, minha camisa era a 10. Em 1949 troquei de posição, e com dezessete para dezoito anos eu já pensava em chegar à seleção brasileira, sempre pensei o melhor. Normalmente são os melhores jogadores que vestem a camisa 10, e pensei que essa camisa seria ruim para chegar à seleção, seria melhor a 11, então fui para o Flamengo e joguei com a camisa 11 e engrenei a minha vida jogando pela ponta esquerda, até que com vinte e seis para vinte e sete anos fui convocado para a seleção brasileira pela primeira vez. Foi um sonho que realizei, pois com dezessete anos eu já sonhava alto, e tudo aconteceu da maneira que eu imaginava

Entrevistadora: E foi até melhor.

Zagallo: Sem dúvidas. E tem uma luta para chegar a ser titular, lembro que havia três ponta-esquerda, e a imprensa falava que eu era o terceiro, que estava por baixo, mas eu lutava contra isso. Disse para mim mesmo que ia conseguir e acabei ultrapassando os dois ponta-esquerda me tornando titular absoluto tanto na copa de 1958 quanto na de 1962. Joguei todos os jogos nas duas Copas. Gosto sempre de dizer que a primeira mudança tática do futebol brasileiro foi na Copa do Mundo de 1958 feita pelo técnico Feola⁹⁵, ele era de São Paulo, eu era do Rio e o jogador que acabou ficando era de São Paulo. Então, acabei ganhando a posição por mudança tática, porque o Brasil jogava no 4-3-4, e não ganhava nada, eu fazia um vai e vem, era um jogador de cem metros, tinha condições orgânicas, era um ponta-esquerda diferente do Pedro e do Antonio Pedro, já que o primeiro fazia quarenta gols por ano, o outro driblava muito bem. Então o Feola viu minha maneira de jogar e fez essa estratégia, com isso fico muito feliz de ter sido protagonista dessa mudança, e a seleção brasileira ter sido campeã por conta disto.

Entrevistadora: É interessante como essas coisas viram um marco, assim como o senhor que é o único jogador do mundo que possui quatro títulos de Copa do Mundo.

Zagallo: Exatamente. Como jogador, técnico e coordenador técnico. Em 1970 fui técnico da seleção, entrei neste cargo faltando dois meses para o início dos jogos, na época o técnico era o Saldanha.

Entrevistadora: Achei que tinha sido em 1967.

Zagallo: Não, foi no início de 70 e fui até 74. O João Saldanha dirigiu a seleção em 69 sem ser técnico, pois ele era um homem culto, jornalista, comunicador e desta forma escolheram ele para dirigir a seleção nas eliminatórias, foi campeão e acabou saindo faltando dois meses para começar Copa. Então fui escolhido para assumir o cargo, na época era técnico do Botafogo. Lembro que muita gente me chamou de maluco, diziam que era loucura assumir esse cargo, diziam que eu ia me queimar, mas disse que era uma oportunidade única e não ia desperdiçar essa chance. Já possuía algumas idéias, pois já estava acompanhando os jogos da seleção durante as eliminatórias, e eu achava que estava tudo errado, acha que o 4-2-4 não funcionava mais, pois já estava superado quando eu era jogador na Copa de 58. Houve uma mudança tática em 58, e estava na hora de ter outra, com isso alterei o sistema de uma forma radical faltando apenas dois meses para o início da Copa. O Clodoaldo e o Rivelino eram reservas, então coloquei os dois no meio campo, o Piazza que era meio campo passou para

⁹⁵ Vicente Ítalo Feola (*São Paulo, 01/11/1909 - São Paulo, 06/11/1975*) foi jogador profissional e treinador brasileiro de futebol. Treinou a Seleção Brasileira de 1958, campeã do mundo na Suécia, e a de 1966, que disputou esse título na Inglaterra. Seria o técnico da Copa em 1962, mas adoeceu e foi substituído por Aymoré Moreira.

quarto zagueiro, o Tostão que jogava atrás passou para pivô, e eu não tinha certeza se ia dar certo, porque ele estava com problema na vista, mas mesmo assim arrisquei. O Tostão seria o reserva do Pelé, mas ele me mostrou dentro de campo que as coisas estavam caminhando, então fiz essa mudança. Lembro que coloquei o Jairzinho para ponta-direita jogando em diagonal, atrás ficou o Everaldo, o Piazza, o Brito, e o Carlos Alberto saiu da lateral e foi jogar como Ala entrando como ponta-direita. Fiz uma mudança tática total, começamos a trabalhar em blocos, assim como se joga hoje. Escalei jogadores que ninguém escalaria Rivelino, Tostão, Pelé, Jairzinho e o Jeferson eram camisa 10, coloquei dentro da seleção brasileira cinco jogadores diferentes e deu certo, foi excepcional.

Entrevistadora: Você lembra se existe alguma história sobre o Maracanã que tenha se tornado um marco? O Maracanã já é um marco por ser o primeiro estádio 360°.

Zagallo: Sem dúvidas, isso foi uma mudança radical. É um marco no tamanho, na beleza. E eu fiz uma história, porque eu era um reserva, estreei em um jogo amistoso contra o Paraguai no Maracanã, ganhamos de 5x0, fiz dois gols, esse jogo foi antes de começar a Copa. Lembro que depois fomos para a Itália e fizemos dois amistosos, isso foi em 1958. Lembro de um marco que aconteceu no último treino amistoso no Maracanã, o Pelé foi para um gol e eu fui para o outro, porque naquela época os onze jogadores não tinham substitutos, se alguém se machucasse a equipe ficaria com dez jogadores apenas, isso aconteceu um mês antes da Copa de 1958. Eu até machuquei o meu braço, e joguei dois jogos amistosos assim, com o braço na tipóia.

Entrevistadora: O senhor esteve nas obras do Maracanã? Semana passada eu visitei o Maracanã e ainda está um canteiro de obra, não tem gramado, não tem nada.

Zagallo: Não fui lá ainda.

Entrevistadora: O senhor considera o Maracanã o templo do futebol?

Zagallo: Em 1950, o Maracanã foi um marco dentro do futebol mundial, era considerado o maior do mundo. Hoje ele foi superado, pois já construíram outros estádios que são completamente modernos, possuem outra arquitetura, logo o Maracanã ficou por baixo.

Entrevistadora: Ao ver a maquete do novo Maracanã pude constatar que não será mais o mesmo, haverá muitas mudanças.

Zagallo: Isso é evolução. Não é só o Maracanã, há outros exemplos como o estádio da Inglaterra que foi demolido e fizeram outro bem diferente. Quanto à demolição do Maracanã muitas pessoas foram contra outras a favor, mas acho que vai ficar uma construção bonita.

Entrevistadora: O Maracanã foi sede de muitos amistosos, fico pensando como isso reflete na população carioca. O senhor se considera um carioca, apesar de ter nascido em Maceió.

Zagallo: Sim, apesar de a minha vida ter sido construída aqui no Rio, não deixo de ser alagoano, e minha família é toda de lá. Aqui no Rio sou pai de quatro filhos, tenho seis netos e três bisnetos.

Entrevistadora: Com essas mudanças o público do Maracanã diminuiu.

Zagallo: Sim. Nesse momento não há jogos no Maracanã por conta da obra, e está fazendo falta, pois o público está acostumado com o estádio. Temos o Engenhão, mas a venda de ingressos é fraca comparando com o Maracanã, pois o público não se habitou ainda. Acho que o Maracanã tem que ser feito ali mesmo, é um local adequado para esse desenvolvimento histórico e tenho certeza que essa mudança é para melhor.

Entrevistadora: Mudar o local do Maracanã é algo complicado, já que no momento da construção tudo foi pensado, as vias de acesso, a proximidade de uma universidade estadual.

Zagallo: Exatamente, seria muito complicado. O Maracanã é um local central.

Entrevistadora: O Maracanã é utilizado para outros eventos também, acontecem shows, chegada do Papai Noel, atividades artísticas e religiosas. Qual é a sua opinião em relação a isso?

Zagallo: Acho que o Maracanã deveria ser sede dos jogos de futebol apenas, a não ser que o show seja de um artista como o Frank Sinatra que reúne um grande público. Acredito que o Maracanãzinho seja o local apropriado para esses eventos que você citou.

Entrevistadora: Acha que acaba deturpando a ideia original?

Zagallo: Exatamente, por isso sou totalmente contra. Não há pista de atletismo no campo do Maracanã, pois até a própria FIFA não quer estádio que tenha pista.

Entrevistadora: O Maracanã é um complexo esportivo, tem a arena de atletismo, tem o parque aquático e tem o futebol.

Zagallo: Exatamente. Cada um no seu espaço.

Entrevistadora: O Maracanã se tornou um local turístico. O que você acha disso?

Zagallo: É verdade, pessoas do mundo inteiro querem conhecer o Maracanã, os turistas chegam aqui e querem conhecer o primeiro maior estádio do mundo. E esse interesse em conhecer os famosos estádios é comum em outros países também, como na Espanha, Inglaterra.

Entrevistadora: Argentina.

Zagallo: Argentina não possui um bom estádio.

Entrevistadora: Moro perto do Maracanã, fico impressionada como o próprio bairro criou uma sintonia com o estádio.

Zagallo: É verdade. Antigamente eu ia assistir aos jogos no Maracanã a pé, antes de me tornar jogador, quando era apenas o Mario Jorge. Assistia aos jogos com meus pais e irmão. O Maracanã não existia, desta forma frequentávamos bastante o campo do América, pois meu pai era sócio, e todo domingo eu ia assistir jogo, lembro que tinha oito anos apenas, lá assisti América x Flamengo, América x Bonsucesso, América x São Cristovão. Os campeonatos aconteciam nos pequenos estádios e não tinha público para encher o Maracanã.

Entrevistadora: Havia um grande público para as corridas de cavalo, mas o futebol foi ganhando mais espaço.

Zagallo: O futebol comanda em toda parte, possui um grande apelo mundial. Em uma partida de futebol os estádios concentram um grande número de pessoas, diferente de qualquer outro esporte, por exemplo, vôlei que está na moda não reúne muitas pessoas, enche apenas um Maracanãzinho.

Entrevistadora: Você vivenciou alguma história pitoresca no Maracanã?

Zagallo: Perdi minha aliança em uma partida no Maracanã. Procurei durante o jogo, voltei no dia seguinte, mas não achei.

Entrevistadora: Isso foi em que ano?

Zagallo: Casei em 1955. Deve ter sido uns dois anos depois.

Entrevistadora: O que você acha da Copa do Mundo no Brasil?

Zagallo: Acho muito importante ter uma Copa do Mundo aqui no Brasil. Nossa seleção tem que ganhar, queira ou não queira, pois acho inadmissível não levantarmos o hexa em 2014. Não sei se o técnico será o Mano Menezes, mas seja quem for temos que ganhar essa Copa, já perdemos uma, não podemos perder outra. É o ano da Copa, é o ano do Brasil, e eu espero estar vivo para ver essa grande vitória.

E com as Olimpíadas muita coisa vai melhorar também, nossas ruas, as redes de hotelaria, aeroporto, tudo. Essa é a grande oportunidade para acontecer melhorias. Gostaria de estar com o coordenador técnico colaborando para a Copa de 2014, mas a minha fase já passou, não que eu não tenha condições de realizar tal função, mas sei que as coisas dentro do futebol

brasileiro não são como na Europa. Possuo até uma mágoa por não poder colaborar com uma Copa no meu país, e eu possuo condições já que sou um tetra campeão do mundo, tive a felicidade de ganhar Copa América, entre outros títulos. Isso que estou falando é um desabafo, aqui no Brasil não é aproveitado quem tem condições e que fez pelo próprio país.

Entrevistadora: Ao contrário dos países do Oriente.

Zagallo: Sim. Lá os antigos jogadores possuem um prestígio, todos que chegaram a um apogeu estão amparados, aqui infelizmente a realidade é outra. Desculpe, é a primeira vez que desabafo sobre essa questão. [Visivelmente emocionado, o entrevistado pára a entrevista].

[Retomamos a gravação, após alguns minutos em que o entrevistado mostra-se muito abalado e sensibilizado com o que ele comenta ser uma ‘falta de memória e de respeito com as pessoas que fizeram a história do esporte no Brasil’].

Entrevistadora: Mas os dirigentes do futebol brasileiros podem ainda vir a lhe chamar para ajudá-los.

Zagallo: Eu sei que não vão, senão eu já estava lá...

Entrevistadora: Lembro que na Copa de 1970 lhe chamaram dois meses antes.

Zagallo: Sim, mais aí é outra coisa. Você está começando um trabalho que é importante e nós temos que ter pessoas experientes para colaborar.

Entrevistadora: Agradeço a entrevista.

**

ENTREVISTA 2 – FRANCISCO DE BARROS CAVALCANTE

(Engenheiro aposentado)

Data da entrevista: 11 de agosto de 2011.

Local: Residência da entrevistadora.



Figura 68 Crédito: Maria Antônia de Sena

Entrevistadora: Qual é a sua primeira lembrança do Maracanã?

Francisco: Minha primeira lembrança é a grande quantidade de operários que trabalhavam no Maracanã, a maioria era nordestino. Nessa ocasião eu viajava do centro do Rio para Vila Isabel, onde eu morava e via aquela grande quantidade de operários e materiais. Depois fui induzido pela empresa que eu trabalhava a adquirir uma cadeira cativa no estádio do Maracanã, se não me engano o posto custava cinco mil cruzeiros e pagava através de parcelas na sede da Prefeitura, na época ficava localizada no Largo da Carioca.

Entrevistadora: Nessa época qual era a sua idade?

Francisco: Quatorze anos.

Entrevistadora: Você sabe o que havia no terreno antes de construírem o Maracanã?

Francisco: Era uma sede de Jockey, o antigo Derby Clube.

Entrevistadora: Houve um conflito político, pois o então vereador Carlos Lacerda era contra a construção do estádio naquele local, ele gostaria que fosse construído em Jacarepaguá, já o general Antônio Moraes era a favor.

Francisco: Sim, o general Antônio Moraes visitava as obras constantemente.

Entrevistadora: Você teve a oportunidade de presenciar alguma visita?

Francisco: Não. Sabia das visitas, pois lia constantemente um jornal sobre esporte.

Entrevistadora: O jornalista Mario Filho foi homenageado dando nome ao Maracanã, ele era um grande incentivador.

Francisco: Exatamente. Ele era o diretor do jornal de esporte.

Entrevistadora: Você visitou ou teve alguma participação na construção do Maracanã?

Francisco: Não. Mas assim que o Maracanã ficou pronto comecei a trabalhar em uma empresa que fazia aluguel de almofadas para o torcedor ter melhor acomodação ao assistir o jogo.

Entrevistadora: As almofadas eram acopladas à cadeira ou eram vendidas?

Francisco: Eram alugadas. Quando o jogo terminava fazíamos a retirada, era cobrada uma taxa de dois reais por almofada.

Entrevistadora: Você estava no Maracanã na final entre Brasil e Uruguai na Copa de 1950?

Francisco: Sim, estava trabalhando. Lembro que a quantidade de torcedores era maior que a que o estádio suportava, havia mais de 160 mil torcedores, alguns assistiram ao jogo na parte de cima do Maracanã, no anel.

Entrevistadora: Qual é a sua lembrança dessa final?

Francisco: Lembro que todos os brasileiros estavam muito entusiasmados e contando com a vitória, e com a decepção da perda do jogo foi o maior silêncio que já se viu no Brasil. Todos os torcedores se retiraram de cabeça baixa, alguns até chorando.

Entrevistadora: E você ainda teve que ficar para retirar as almofadas.

Francisco: Sim, tive que fazer o recolhimento, já que caso contrário não receberia o meu pagamento.

Entrevistadora: Há uma lenda que o Maracanã é pintado de azul e branco em homenagem ao Uruguai. Você já ouviu falar?

Francisco: Não. Acho que essa pintura foi feita muitos anos depois, pois na data de inauguração era concreto. Lembro que havia a parte das cadeiras cativas e a parte de concreto. Não era pintado, era concreto.

Entrevistadora: Qual a sua visão em relação ao estádio do Maracanã?

Francisco: Vejo o Maracanã como um grande estádio, principalmente com a reforma que está sendo feita agora. Desde a final de Brasil e Uruguai na Copa de 1950 não consegui assistir um jogo no Maracanã.

Entrevistadora: O Maracanã é utilizado para outros eventos também, acontecem shows, chegada do Papai Noel, atividades artísticas e religiosas. Qual é a sua opinião com relação a isso?

Francisco: Acho muito interessante. Inclusive meu filho já se apresentou ao lado do Roberto Carlos em um dos shows do Dia das Crianças, pois ele fazia parte do Coral da Universidade Gama Filho.

Entrevistadora: Em que ano?

Francisco: Na década de 80.

Entrevistadora: Você morava no bairro de Vila Isabel na época da construção do Maracanã?

Francisco: Sim.

Entrevistadora: Você nasceu no Rio de Janeiro?

Francisco: Não. Sou pernambucano, vim para o Rio em agosto de 1948.

Entrevistadora: No início da construção do Maracanã.

Francisco: Exatamente. Foi uma obra acelerada com grande movimento, foram dadas todas as facilidades às empresas construtoras. Lembro que havia uma grande quantidade de operários nordestinos, quando ia trabalhar no Maracanã via as redes dos nordestinos que moravam naquele local.

Entrevistadora: Eles moravam no local?

Francisco: Sim. Acredito que 80% dos operários nordestinos não pagavam aluguel, moravam ali mesmo, depois houve uma expansão e criaram a favela do esqueleto.

Entrevistadora: Em seguida houve a remoção para a construção da UERJ.

Francisco: Exatamente. No governo do Lacerda houve a remoção da favela do esqueleto, os moradores foram transferidos acredito que para a Vila Kennedy ou outro bairro do Rio.

Entrevistadora: Como você vê o Maracanã, hoje ele está em obras e as mudanças que ocorreram e ainda ocorrem no entorno do complexo esportivo?

Francisco: Depois teve a construção do Maracanãzinho, do Parque Aquático, e demoliram todas as favelas, ficou apenas o morro da Mangueira que fica do lado esquerdo da linha férrea, ou seja, houve uma melhora nas ruas e em volta do Maracanã.

Entrevistadora: Havia outra favela naquele local?

Francisco: Sim. Não removeram tudo.

Entrevistadora: Até quando você morou em Vila Isabel?

Francisco: Em seguida me mudei de Vila Isabel para a Rua Visconde de Itamarati, no Maracanã.

Entrevistadora: Você não visitava o estádio do Maracanã mesmo morando no bairro?

Francisco: Não. Até quando meu filho se apresentou não compareci, eu não consegui.

Entrevistadora: Você acredita que foi uma experiência traumática?

Francisco: Sim, foi para mim e para muitos brasileiros

Entrevistadora: A final aconteceu no dia 16 de julho de 1950, mas a inauguração aconteceu no dia 16 de junho, ou seja, um mês antes. E a data que ficou gravada foi 16 de julho.

Francisco: Sim, ficou gravada por conta do jogo final. A Copa do Mundo dura aproximadamente trinta dias, com um jogo semanal em vários locais.

Entrevistadora: Você teve acesso ou possui alguma flâmula “Brasil campeão de 1950”?

Francisco: Não. Se tivesse teria jogado fora, pois fiquei muito chateado.

Entrevistadora: Você tem interesse em futebol?

Francisco: Depois desse jogo meu interesse acabou, tanto que não tenho time de futebol.

Entrevistadora: Atualmente existem as torcidas organizadas, e normalmente há conflitos entre elas. Como você analisa essa mudança no futebol?

Francisco: Se fosse para ganhar dinheiro ainda valia a pena, vejo essa questão como má educação do povo, se fossem civilizados nada disso aconteceria.

Entrevistadora: Com você avalia o amor que o povo brasileiro tem pelo futebol?

Francisco: Não tem explicação. Sei que é algo muito importante, haja vista a tentativa ao longo dos anos de expulsar o presidente da Federação, mas não conseguem.

Entrevistadora: Essa paixão pelo futebol está entranhada no brasileiro, por exemplo, as crianças adoram jogar bola.

Francisco: Sim. Elas querem camisa de futebol.

Entrevistadora: **Como você avalia o fato de o Rio de Janeiro ser escolhido para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas?**

Francisco: Acho muito importante, pois vai valorizar todo o estado do Rio de Janeiro, principalmente na zona portuária, na Rua do Livramento, onde inclusive eu já residi. Já estão fazendo uma construção no quartel do exército em Deodoro para as Olimpíadas. Acredito que haverá uma valorização dos imóveis no bairro do Maracanã.

Entrevistadora: **Você acredita que trará coisas positivas para a cidade?**

Francisco: Sim. A valorização será muito grande.

Entrevistadora: **Você vivenciou alguma história pitoresca no Maracanã?**

Francisco: No dia da final entre Brasil e Uruguai na Copa de 1950, o Maracanã estava tão lotado que um o torcedor caiu lá de cima e desceu rolando pela cabeça das pessoas, isso aconteceu porque pertencia à outra torcida ou estava atrapalhando o outro, e tinham alguns torcedores que estavam com radio de pilha no ouvido.

Entrevistadora: **Há outra lembrança?**

Francisco: Não. Gostaria de voltar a morar no Maracanã, moro a quinze anos em Saquarema.

Entrevistadora: **Tem vontade de voltar?**

Francisco: Sim, mas não de entrar de novo no Maracanã.

Entrevistadora: **Agradeço a entrevista.**

**

ENTREVISTA 3 – ARTHUR ANTUNES COIMBRA (ZICO)

(Ex-jogador da Seleção Brasileira, ex-treinador da Seleção Japonesa de Futebol)

Data da entrevista: 11 de agosto de 2011.

Local: Sede do time CRZ, no bairro Recreio do Bandeirantes/RJ.



Figura 69

Crédito: Maria Antônia de Sena

Entrevistadora: **Você é idolatrado pelos flamenguistas e adorado pelos torcedores de outros times.**

Zico: Acredito que tudo isso é em função do respeito que sempre tive pelas torcidas, sempre soube lidar com as brincadeiras, e com as gozações que são atitudes marcantes do torcedor carioca, a torcida me vaiava, xingava, mas isso tudo acabava com o término da partida, eles faziam isso para me irritar durante o jogo, mas sabiam que eu era bom. Sempre tive o pensamento de que eles faziam isso para me desestabilizar, mas os torcedores sabiam com

quem estavam mexendo, logo não me importava. Quando fazia algum gol não debochava da torcida adversária, ao contrário, comemorava com a torcida do meu time, e os torcedores admiravam o respeito que eu tinha com eles.

Entrevistadora: Você é do tipo de pessoa que tem amor ao clube.

Zico: Sim. É questão de identificação, aprendemos a gostar. Esse amor, que tive pelo Flamengo, eu aprendi em casa com o meu pai, ele era um português apaixonado pelo time, ele dizia que era lusitano e não português, pois português é vascaíno. Meu pai teve cinco filhos homens e ele comprava para cada filho que nascia meia, calção, camisa do Flamengo e da Seleção Brasileira. Ele nomeou os cachorros que teve de mengo, menguinho, menguão, ele também comprou um passarinho que era preto e tinha o bico vermelho, o Flamengo realmente era a paixão dele

Entrevistadora: Ele era muito ligado ao futebol?

Zico: Bastante. Ele chegou ao Brasil com nove anos de idade, o primeiro jogo que ele assistiu foi Flamengo x América, o Flamengo perdeu, mas ele gostou da camisa do time e começou a torcer por ele, e houve uma coincidência, pois os filhos foram jogar justamente no Flamengo e no América. Em 1941, meu pai foi goleiro, foi tricampeão, no Rio tinha a Liga profissional e a Liga amadora e ele era do melhor time da Liga Amadora. Ele trabalhava em uma padaria e o Flamengo foi atrás dele, era para ele ser o goleiro do Flamengo nos campeonatos de 42, 43,44, mas o patrão não autorizou a saída dele, pois poderia perder o emprego, em vista disso ele parou de jogar. Ele indicou um goleiro para jogar no lugar dele, o Jurandir. De qualquer maneira, meu pai continuou apaixonado por futebol e esteve presente na final Brasil x Uruguai. Ele conta que foi uma grande decepção.

Entrevistadora: Você lembra o que ele falava sobre esse jogo?

Zico: Ele não gostava muito de falar sobre essa decepção, então não perguntava. Ele pode ter dito algo ao meu irmão Edu, pois meu pai frequentou bastante a casa dele antes de morrer.

Entrevistadora: Você sabe algo sobre a construção do Maracanã?

Zico: Não.

Entrevistadora: Há uma lenda que o Maracanã é pintado de azul e branco em homenagem ao Uruguai. Você já ouviu falar?

Zico: Não. Ele tem as cores da bandeira do Rio de Janeiro.

Entrevistadora: Que lembrança você tem do Maracanã?

Zico: Minha primeira lembrança é o primeiro jogo que assisti no Maracanã em 1961, foi Flamengo x Corinthians. O Flamengo foi campeão do Rio – São Paulo, o autor do gol que levou o time ao título foi o Dida. Outro momento que lembro muito bem é a chegada ao Maracanã, meu pai tinha duas cadeiras perpétuas na Tribuna de Honra e quando chegávamos, eu, meu pai e meus dois irmãos saltávamos no sexto andar, e dava para ver lá de cima o estádio cheio, lotado, a torcida do Flamengo, essa imagem nunca vai sair da minha cabeça. Gostaria de poder me ver jogando desse local. E essa imagem eu nunca tive: eu jogando e era uma imagem fantástica que nunca sai da minha cabeça. Em 1962, presenciei a decisão Flamengo x Botafogo, lembro que o Garrincha estava jogando e o Flamengo perdeu de 3x0, lembro do estádio lotado, chegamos no sexto andar e saímos do elevador e vimos de um lado preto e branco, do outro preto e vermelho, é uma imagem maravilhosa. A imagem que se tinha do elevador na chegada ao sexto andar era maravilhosa, tinha gente que chegava atrasado de propósito para ver as cadeiras e arquibancadas cheias, é bonito ver o estádio com as cores. É uma coisa linda, fantástica. Gosto quando é Fla x Flu, verde e vermelho, ou preto e vermelho, e já vi Vasco e Botafogo também é bacana, pois fica todo branco e preto e o contraste com o verde do gramado.

Entrevistadora: Você foi à visitação das atuais obras?

Zico: Sim. No dia da abertura teve um bate-papo com alguns jogadores, fomos eu, Mauricio, Edinho, Roberto e o Pet.

Entrevistadora: Fale de sua atuação no Maracanã.

Zico: A primeira vez que pisei no gramado, acredito que tenha sido em 1969. Foi através de um rapaz que morava na minha rua, no bairro de Quintino, ele era funcionário da SUDERJ que na época era chamada de ADEG. Lembro que fomos para assistir ao jogo Flamengo x Vasco, mas para poder pisar no gramado teria que chegar bem antes do início da partida, então chegamos às 17h e o jogo começou somente às 21h, foram quatro horas de espera, mas valeu a pena pisar no gramado. Lembro que foram alguns amigos que são médicos, o Pedro e o Cirilo. Havia um funcionário no Maracanã que era muito chato, uma ‘mala sem alça’, o seu Lima, ele tomava conta do estádio e não deixava ninguém entrar no campo, com isso o Ivo teve que desviar a atenção dele para podermos entrar no campo, tiramos os sapatos e fomos rapidamente até o gramado, quando estávamos indo até o gol, o seu Lima gritou “Sai daí moleque”, então o Ivo disse que queríamos apenas pisar, e o seu Lima falou “Pisa logo e sai”. Depois assistimos ao jogo e o Flamengo ainda perdeu de 4x0 para o Vasco, mas valeu a pena. Encontrei com o seu Lima alguns anos depois quando comecei a jogar no Maracanã, e brincava com ele perguntando se ele ia me barrar.

Entrevistadora: Você vivenciou bastante o Maracanã como espectador.

Zico: Sim. Já assisti jogos na cadeira, na arquibancada, na geral, mas não dava para assistir direito na geral, era ruim.

Entrevistadora: Fale da sua estreia como profissional.

Zico: Não senti muita emoção no meu primeiro jogo no Maracanã, pois foi muito rápido, cada escolinha jogou vinte minutos, não tinha muita gente no campo, pois o jogo era às nove horas e nós jogamos às cinco, na realidade não teve status de jogo. Em 1971 fiz meu primeiro gol, foi em uma preliminar Flamengo x Botafogo, lembro que o Maracanã estava lotado, e na época o Botafogo era o melhor time da categoria juvenil. O Botafogo estava ganhando por 1x0, nos quinze minutos finais do segundo tempo houve um pênalti para o Flamengo, bati e fiz o gol, foi uma grande emoção ver a vibração da torcida do Flamengo, uma sensação indescritível, tremi, fiquei arrepiado. Tive sorte, pois fiz gol em todos os jogos preliminares da categoria juvenil, com isso criei uma afinidade com a torcida. O primeiro jogo como profissional foi Flamengo x Vasco, lembro que dei o passe para o Nei fazer o gol. Outro grande momento foi um pênalti que marquei em um jogo do Flamengo contra o Vasco, jogava na ponta direita, lembro que todos estavam com medo de bater, então o Fred me convocou para bater, o goleiro era o Andrada.

Entrevistadora: Há outra memória?

Zico: Lembro que em 1982 jogamos três partidas contra o Grêmio, primeiro jogamos no Maracanã e a final seria em Porto Alegre, mas naquela época não havia gol fora, se houvesse dois empates iria para o terceiro jogo com qualquer resultado. O Grêmio estava ganhando de 1x0, mas aos 44 minutos do segundo tempo fiz o gol de empate, que considero hoje o gol mais importante que fiz no Maracanã e pelo Flamengo, se perdêssemos aquele jogo, o Grêmio ia jogar pela vantagem do empate no segundo jogo em Porto Alegre, e seria difícil ganhar do Grêmio em Porto Alegre. O segundo jogo foi 0x0, e no terceiro jogo, lá mesmo, ganhamos de 1x0 e fomos campeões. Então, a imagem desse gol ficou na minha memória, no final da partida. E por ter jogado diversas vezes no Maracanã já conhecia muito bem o estádio, sabia me localizar. No Maracanã tinha uma coisa muito importante, muito boa, por eu ter jogado tantas vezes lá, eu tinha uma noção do espaço. Onde eu estivesse, no campo, eu sabia onde eu estava, eu conhecia o Maracanã. Mesmo que eu estivesse de costas, eu sabia pela localização de um jornalista, de uma bandeira, eu sabia onde eu estava.

Entrevistadora: Há mais alguma história marcante?

Zico: Joguei na Itália durante dois anos e quando voltei um jornalista publicou que eu tinha voltado ‘bichado’, nessa época o Fluminense tinha sido tricampeão carioca, e o primeiro jogo do ano de 1986 foi Flamengo x Fluminense. O Maracanã estava lotado e quando entramos em campo, a torcida inteira do fluminense gritou ‘bichado’, achei essa gozação pesada, mas consegui calar a torcida, pois fiz três gols, e ganhamos de quatro. A torcida acreditou nos dois jornalistas, que inclusive eram flamenguistas, mas não aceitavam a minha venda para a Itália. Depois disso nenhuma torcida mexeu comigo.

Entrevistadora: Fale sobre sua carreira como coordenador técnico.

Zico: Fui coordenador da seleção brasileira em apenas um jogo, no qual foi minha única derrota para a Argentina, foi um jogo antes da Copa, a Argentina ganhou de 1x0. Tive um momento importante como jogador da seleção, foi o jogo contra a Bolívia, no qual nos classificamos para a Copa do Mundo de 1982, fiz três gols, naquela época eram apenas três times, ida e volta.

Entrevistadora: O que você sente quando dizem que você é o maior artilheiro do Maracanã?

Zico: A imprensa paulista me tachou de jogador do Maracanã, eles acharam que esse título ia me chatear, mas pelo contrário achava um elogio, pois o Maracanã é um símbolo, era o maior estádio do mundo. Naquela época o Flamengo não tinha estádio, por isso jogava no Maracanã. Talvez eu seja o jogador que mais jogou no Maracanã, que mais fez gols, que mais fez gol em uma partida no estádio, e que ganhou mais títulos. Talvez tenha sido o jogador que jogou entre os dez maiores públicos da história do Maracanã, acredito ter jogado em cinco jogos ou seis destes jogos. O jogo do Campeonato Brasileiro Flamengo x Santos bateu recorde de público, foram 155 mil pessoas, e eu estava nele. Nunca ninguém tinha feito seis gols no Maracanã e eu fiz contra o Goytacazes. Então bati alguns recordes individuais no estádio, e acho difícil alguém me superar.

Entrevistadora: O Maracanã não é mais o maior estádio do mundo, mas ainda há uma magia. Você concorda?

Zico: Claro. Conheci diversos estádios pelo mundo, eles tinham uma magia para o país de origem, o San Siro na Itália era chamado de Scala, o estádio de Wembley dos ingleses, tinha também o estádio de Munique na Alemanha que, aliás, acabou depois foi criado o Paris Saint Germain, na França, mas todo mundo destes lugares queria jogar no Maracanã, essa magia do Maracanã é mundial. Os jogadores italianos que jogaram nele falavam: “Puxa, eu vou jogar no Maracanã. Eu nunca joguei lá!”. Sabe, tinha aquela magia do Maracanã. E a magia do Maracanã é mundial, extrapola o território brasileiro. Fui técnico em um estádio na Índia que era do tamanho do Maracanã, tinha a mesma capacidade, era bem parecido, acredito que foi inspirado no Maracanã.

Entrevistadora: O Maracanã já sofreu algumas reformas. Como você enxerga essas mudanças?

Zico: Hoje o Maracanã é mais um estádio, perdeu aquela magia. Não tem mais condição de manter a estrutura de antes para esse tipo de competição. Por mais espetacular que fique não haverá mais aquela magia. Recentemente participei de uma matéria na Revista Veja, o tema era sobre os últimos vinte anos, e tinha que dizer vinte coisas importantes, uma delas era dizer o que faz falta no Rio que poderia voltar, falei que seria a geral do Maracanã. Era maravilhoso fazer um gol e ir vibrar com os torcedores que estavam na geral.

Entrevistadora: Muitos pais nomearam os filhos de Arthur em sua homenagem.

Zico: Apresento o programa ‘Esporte Interativo’, e há um quadro chamado ‘Meu pequeno Arthur’, tem cada história fantástica e emocionante. Tem uma que um pai queria que os filhos

tivessem nome de Rei, logo o primeiro que nasceu se chama Davi, o segundo filho nasceu em 1981, no ano que o Flamengo foi campeão, e o pai falou para esposa que queria que ele tivesse o mesmo nome do Rei Arthur, ela concordou. Quando chegou a Copa do Mundo, a esposa descobriu que na verdade era em minha homenagem, pois falavam bastante o meu nome na TV e ela logo desconfiou, pois o marido gostava muito de futebol, isso causou uma confusão. Depois ela foi pesquisar minha história e ficou encantada, e nesse quadro do programa ela conta esse fato com muita emoção.

Entrevistadora: Na entrada do Maracanã está escrito “O Templo do futebol”. Você o considera assim?

Zico: Sim. Principalmente no Brasil, acredito que levou-se muito tempo para as pessoas valorizarem o estádio. Eu tive oportunidade de conhecer outros estádios e o Maracanã deveria ser um local de visitação constante, pois é um evento ir até ao estádio, deveria ter um museu com a história do futebol brasileiro, ter restaurantes, bares, deveria ser um local onde a pessoa passaria o dia todo, um dia de lazer. Os grandes estádios possuem essa estrutura e aproveitam isso, a Turquia é um exemplo, já o Maracanã nunca foi aproveitado desta forma.

Entrevistadora: Como você acha que o povo verá essas mudanças estruturais, essas obras para adequação do Maracanã?

Zico: Acredito que o que está faltando é trazer a população para participar mais de perto da Copa, ainda está muito fechado. Tenho viajado pelo Brasil e vejo que as pessoas não estão sendo motivadas a darem uma contribuição, não há um empenho para fazer com que a população entenda o que a Copa trará para o país, principalmente para o Rio que abrigará as Olimpíadas também, isso tudo vai trazer uma visibilidade mundial. Estive em locais que sediarão a Copa, como Cuiabá e Brasília, e pude perceber que as pessoas não estão sendo motivadas a respeito ou envolvidas no projeto da Copa. Senti isso no Japão também, uma vez que quando era para ser o único país a sediar havia uma grande euforia, mas quando entrou a Coreia houve uma baixa. A Copa do Japão só era perceptível em torno dos estádios, não havia anúncio nos aeroportos, não houve envolvimento. E estou sentindo isto aqui no Brasil, falta o envolvimento de pessoas com certa credibilidade, pessoas do futebol que possuem carisma. Por exemplo, na Alemanha tinha o Beckenbauer, na França tinha o Platini, isso contribuiu para chamar a povo.

Entrevistadora: Há alguma outra lembrança marcante do Maracanã?

Zico: O Campeonato de 1987. Meu filho mais novo nasceu em 1983, nesse período eu tinha ido para a Itália, então ele não tinha noção do que eu representei para o Brasil jogando no Flamengo, e eu queria encerrar minha carreira com um título dedicado a ele. Então teve o campeonato de 1987 que inclusive foi bastante desgastante para mim, pois estava com um problema no joelho, fiz algumas cirurgias. Em um dos jogos no Maracanã contra o Santa Cruz fiz três gols e na comemoração de um deles arrebentei os pontos do joelho e tive que fazer outra cirurgia. Entretanto continuei jogando, já que queria o título para oferecer ao meu filho Tiago, então não treinava, jogava apenas o primeiro tempo dos jogos. A final foi emocionante, foi contra o Internacional, lembro que o jogo quase não aconteceu, pois teve uma enchente no Rio. Estávamos ganhando a partida de 1x0, no segundo tempo tive que sair, e nós ganhamos o jogo, lembro que estava no vestiário e ouvi a torcida gritando o meu nome, foi emocionante, voltei para o campo para dar a volta olímpica, foi a última grande emoção como jogador no Maracanã. No dia seguinte estava novamente na mesa de operação em Belo Horizonte.

Entrevistadora: É muito amor ao time jogar esses quatro jogos com o joelho ruim.

Zico: Sim. Após o jogo contra o Atlético Mineiro fiz inúmeras sessões de massagem com gelo, lembro que fui dormir duas horas da manhã. O meu médico era o mesmo do Atlético Mineiro.

Entrevistadora: O Maracanã é utilizado para outros eventos também, acontecem shows, chegada do Papai Noel, atividades artísticas e religiosas. Qual é a sua opinião com relação a isso?

Zico: Acho legal, desde que respeite o calendário. Não acho bacana fazer algum evento no meio de uma temporada, pois quando monta uma estrutura com um palco, no mínimo tem que ficar quinze dias parado. A não ser que tivesse uma estrutura como a de um estádio na Alemanha, no qual tem a possibilidade de retirar e colocar a grama.

Entrevistadora: Agradeço a entrevista.

**

ENTREVISTA 4 – ROBERTO KOPP

(Engenheiro, arquiteto e professor universitário da Puc-Rio)

Data da entrevista: 06 de junho de 2012.

Local: FAETEC, em Quintino Bocaiúva/RJ.



Figura 70

Crédito: Leandro Alves

Entrevistadora: Quais lembranças o senhor têm da construção do Maracanã? Qual era sua idade na época? O que senhor fazia nessa época? Possui alguém da família ou conhecido que tenha presenciado a construção do Maracanã e relatou a você como aconteceu?

Roberto Kopp: Eu era muito jovem nessa ocasião, devia ter um ano ou dois, então eu não tenho lembrança absolutamente nenhuma da construção devido a isso. Sei que foi uma obra feita depressa, e que mesmo incompleta foi a sede da Copa do Mundo em 1950.

Entrevistadora: Alguém da sua família relatou como foi a construção, ou algo sobre a Copa de 1950?

Roberto Kopp: Me lembro de muita coisa. Lembro que o Brasil era imbatível, houve um jogo contra a Espanha. Havia uma euforia bastante grande, uma expectativa fantástica de que o Brasil seria imbatível. No jogo final o Uruguai era visto sem muita chance de ganhar, o Maracanã estava repleto, com uma lotação muito maior da que têm hoje, se eu não me engano cento e quarenta mil pessoas, hoje a capacidade é de setenta mil pessoas. Lembro da multidão decepcionada, chorando bastante.

Entrevistadora: De onde vêm essas lembranças que o senhor está relatando?

Roberto Kopp: Conversas com meu pai, com tio, primo.

Entrevistadora: Seu pai presenciou a final?

Roberto Kopp: Não. Tenho primos que presenciaram. O Rio era bem menor nessa época comparado a hoje, mas sei que foi uma convulsão com grandes proporções, quase que um estado de guerra, com grandes acidentes, foi uma coisa catastrófica.

Entrevistadora: Onde seus familiares moravam?

Roberto Kopp: Minha tia morava em Vila Isabel. Meu primo morava em São Paulo, ele tenho certeza que esteve na final, veio para o Rio só para assistir ao jogo.

Entrevistadora: O senhor teve conhecimento dos conflitos políticos que aconteceram no momento da escolha do local de construção do Maracanã?

Roberto Kopp: Na época da pré-construção o governo era do General Eurico Gaspar Dutra, nós estávamos saindo da ditadura do Getúlio Vargas, e era uma época de pós-guerra. Havia muito dinheiro americano para construir a Siderúrgica de Volta Redonda. E, foi uma ideia de Brasil crescendo, Brasil grande, então essa foi uma motivação, mas foi uma construção mal acabada, mal feita e super explorada, não havia um planejamento, mas ninguém estava ligando.

Entrevistadora: A construção do Maracanã foi um projeto inovador, já que na época os estádios não tinham essa característica de 360 de arquibancada, além disso, o Maracanã tinha esse cunho de grandiosidade, ele foi por muito tempo o maior estádio do mundo. Fale um pouco sobre essa questão histórica, a intervenção política muito forte sob essas construções, e a questão de imagem e identidade que o brasileiro mostrou para o mundo nesse momento.

Roberto Kopp: Lembro que meu avô era general e torcia para o São Cristovão, ele era São Cristovense como muitos militares da época, que inclusive era chamado time cadete, e apesar de não ser vascaíno teve muita influência no Vasco. Ele foi benemérito, difundiu muito o esporte no meio militar, criou o Departamento de Esportes do Exército. Eu morava em São Cristóvão durante o governo de Getúlio Vargas, e lembro que ele utilizava o esporte como meio de difusão da política, tinha festas de primavera no estádio.

Entrevistadora: O estádio de São Januário foi muito utilizado politicamente no governo de Getúlio Vargas, era como se fosse um palanque. Isso não aconteceu tanto com o Maracanã, porque já estávamos em outra época, mas existe uma cultura brasileira de se utilizar de espaços públicos de lazer para disseminação de ideias partidárias.

Roberto Kopp: O uso da arquitetura como um instrumento político foi aproveitado por Mussolini e Hitler, e existe desde a Idade Média. Havia uma nave grande cercada por uma multidão, o rei ficava em um patamar mais alto, e a pessoa que reclamasse era desestimulado, hoje o que nós chamaríamos de corredor polonês, quando a pessoa chegava no rei já tinha perdido todo o gás. O mesmo modelo era adotado por Mussolini que tinha uma estatura baixa e sempre se colocava em uma posição mais alta que a os outros. Então a arquitetura pode ser usada para manipulação.

Entrevistadora: O senhor já assistiu algum jogo no Maracanã? Conheceu o Maracanã antes da sua primeira reestruturação?

Roberto Kopp: Já fui centenas de vezes, principalmente nos jogos do meu time.

Entrevistadora: Qual o seu time?

Roberto Kopp: Botafogo. Tive o privilégio de ver o Garrincha jogar, foi algo fantástico, ele era um jogador de futebol arte, presenciei torcedores do outros times o aplaudindo de tão genial que ele era.

Entrevistadora: O Maracanã se tornou uma instituição no imaginário do povo.

Roberto Kopp: Ele passou a ser um ícone da cidade.

Entrevistadora: Exatamente. Ele foi construído, mas parece que quando a gente consegue realmente patrimonializa um local, um espaço, uma construção, e quando ela é legitimada pela população ganha uma força que fica registrada na história. Muitos espaços públicos e particulares foram patrimonializados, porém não tiveram essa repercussão e não foram internalizados pela população.

Roberto Kopp: E o espaço onde o Maracanã foi construído era um local elitizado, pois havia ali o Derby Clube.

Entrevistadora: Atualmente ainda há uma repercussão da Copa de 1950?

Roberto Kopp: Acredito que sessenta anos é um tempo suficientemente longo para eliminar qualquer resquício, somente algumas pessoas com mais idade que ainda comentam alguma coisa sobre. Desde 1950 já ocorreram muitos jogos entre Brasil e Uruguai, e o Uruguai não é mais a mesma coisa, e atualmente o futebol tem menos importância comparado àquela época, pois há outros esportes que se destacam como o atletismo, a natação, o vôlei.

Entrevistadora: O senhor acha que existe uma repercussão social diferenciada daquela época, de agora, do futebol em relação ao povo?

Roberto Kopp: Sem dúvidas, inclusive com a própria questão política.

Entrevistadora: Com relação à memória do estádio do Maracanã, acredito que poucas pessoas sabem a data de inauguração do Maracanã, a grande maioria acha que foi na Copa do Mundo, e até na final que foi no dia 16 de julho de 1950.

Roberto Kopp: Pelo o que eu sei ele foi inaugurado às pressas, um pouco antes do início da Copa do Mundo.

Entrevistadora: Foi exatamente um mês antes, dia 16 de julho de 1950, nesse dia aconteceu um jogo amistoso.

Roberto Kopp: Foi um jogo entre Rio e São Paulo.

Entrevistadora: Exatamente.

Roberto Kopp: Na verdade a data da final da Copa do Mundo ficou muito sacramentada na memória das pessoas, aconteceram outros jogos no Maracanã antes da final, mas essa data se tornou emblemática, e se perpetua nas memórias sobre o Maracanã.

Entrevistadora: O senhor se recorda de exatamente quando este estádio de futebol começou a ser chamado de Estádio do Maracanã?

Roberto Kopp: Eu era bem pequeno quando ele foi construído, mas acho que nesta época já começaram a chamá-lo assim devido à proximidade com o rio Maracanã. O rio era uma referência para se localizar o estádio na cidade. O apelido pegou. Tenho certeza, eu me lembro que em 1954 o estádio já era chamado de Maracanã por todos.

Entrevistadora: O senhor acha que há uma distinção entre o Maracanã e os outros estádios do Brasil?

Roberto Kopp: Durante um tempo havia uma polarização entre Rio e São Paulo, o Maracanã e o Pacaembu dividiam as atenções de certo modo, depois outros estádios ganharam foco como, por exemplo, o Mineirão, em Belo Horizonte. Lembro que no lugar onde hoje é o Mineirão não existia nada e ele passou a ser um ícone de Belo Horizonte a até mesmo do Brasil. A partir de 1970 com o governo militar houve uma tentativa de inclusão não só do eixo Rio- São Paulo- Minas, mas de outros lugares não tão privilegiados com o Campeonato Brasileiro. Eram setenta times, então outros lugares entraram no circuito como Alagoas, Goiânia, no Sul havia dois estádios grandes, o Beira Rio, o Olímpico do Grêmio, que inclusive estão sendo demolidos para uma construção. Portanto, houve uma diversificação maior dos times e dos poderes locais, alguns times ganharam força como o Internacional e o Grêmio, então é uma situação completamente diferente de 1950.

Entrevistadora: O senhor possui alguma lembrança da atuação da Seleção Brasileira em jogos no Maracanã?

Roberto Kopp: Muitas. Lembro da época do treinador João Saldanha que preparou um time com um poder que dava gosto de ver, porém por motivos políticos ele teve que sair dando lugar ao Zagallo. O Saldanha montou uma boa estrutura, e o Zagallo foi bastante sábio em não fazer muitas modificações, era uma seleção maravilhosa. Dizem que a Seleção de 1982 foi melhor, tinha o Falcão, mas eles perderam lamentavelmente na Europa. Com isso já vi algumas Seleções vencedoras, maravilhosas, mas agora não existem muito bons jogadores, e creio que a população não está dando o mesmo valor.

Entrevistadora: O senhor percebe isso?

Roberto Kopp: Facilmente, porque antigamente dava para identificar os craques, os grandes jogadores, hoje há jogadores da Seleção que ninguém nunca ouviu falar, pois um está atuando na Ucrânia, outro na Bulgária, na Turquia ou sei lá onde, não há um carisma, uma identificação com os clubes locais, mesmo porque não é mais concentrado no eixo Rio, São Paulo, Belo Horizonte.

Entrevistadora: Há uma globalização, uma quebra de fronteiras geopolíticas no futebol. Há uma importação de muitos jogadores do exterior para times locais.

Roberto Kopp: Isso acontece, mas esses jogadores não vão para a Seleção. O que acontece é uma reversão de expectativas, mas muitos jogadores são contratados até com doze anos de idade, tem um caso de um jogador brasileiro com oito anos de idade que foi contratado pela escolinha do Barcelona, onde toda formação dele irá ser trabalhada, e ninguém o conhece aqui no Brasil. Há outro caso parecido na Argentina, o jogador Messi entrou jovem no Barcelona, então eles não têm uma identificação muito forte.

Entrevistadora: Realmente isso reflete na visão que o torcedor brasileiro irá possui com os times, inclusive a própria identificação do brasileiro com a Seleção Brasileira. E isso era muito forte na década de 70, essa identificação foi um uso político que culminou uma identidade nacional com um povo forte, um povo unido através de uma integração com o futebol, mas hoje em dia é bem diferente.

Roberto Kopp: Com relação à importação dos jogadores do exterior é interessante notar que eles passam a ser ídolos, um tempo atrás o melhor jogador do Campeonato era um argentino, que jogava no Fluminense, e tinha também o Loco Abreu, que jogava no Botafogo e é Uruguaio. Teve o jogador argentino, D'Alessandro, do Internacional. Então às vezes o jogador mais importante do time não é brasileiro.

Entrevistadora: Por muitas décadas o futebol teve um cunho agregador, porém há um tempo ele vem sendo palco de muitas brigas de torcidas, não só aqui no Brasil, mas no mundo. O senhor já presenciou alguma briga de torcida no Maracanã?

Roberto Kopp: Muitas vezes. Já presenciei um vascaíno com a camisa e bandeira do Vasco entrando na torcida do Flamengo e sendo morto em poucos minutos, ele foi jogado da arquibancada até as cadeiras que ficam em baixo sem encostar o pé no chão e não teve como acusar ninguém, porque não tinha como identificar o agressor, foi uma torcida.

Entrevistadora: Quando?

Roberto Kopp: Há vinte ou vinte e cinco anos atrás. O sujeito deveria ser louco, porque é loucura entrar com a camisa de seu time na torcida adversária.

Entrevistadora: Como o senhor enxerga a repercussão na cidade do Rio de Janeiro ao ser escolhida para sediar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos?

Roberto Kopp: A repercussão na cidade teoricamente deveria ser apenas de melhorias, mas acredito que estamos bastante atrasados, a FIFA. E teve alguns aspectos muitos negativos, por exemplo, a especulação imobiliária desmedida, quando não há nenhuma justificativa para

isso, o Brasil não vai jogar aqui, se jogar será apenas uma vez na final da Copa, ele deve jogar em Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília, então não há motivo para os imóveis duplicarem de valor. Como aspecto positivo, vejo a construção da BRT, foi uma certa modernização da cidade. Em termos econômicos estamos num grande apuro como aconteceu nos EUA muitos imóveis ficaram encalhados.

Entrevistadora: Tivemos uma prévia com o Pan-americano.

Roberto Kopp: No Pan-americano teve a construção daquelas moradias provisórias em terreno impróprio, há fotos em jornais que mostram a grama que estava com vinte centímetros de água por cima, e os imóveis em termos de estabilidade e construção possuem uma estrutura bastante precária.

Entrevistadora: A mídia e o governo comentam muito a questão do legado que esses megaeventos deixarão para a cidade. O senhor acredita que realmente essas repercussões serão positivas?

Roberto Kopp: Barcelona foi o único local do mundo em que ocorreu um desdobramento positivo, mas a situação é bastante diferente, pois Barcelona já possui uma vida própria, uma cultura exuberante, e está no máximo a três horas de qualquer ponto da Europa com um custo é bastante reduzido. Se compararmos os estádios da Europa com os dos EUA, percebemos que são bem maiores e com um custo absurdamente maior. Na Rio+20 muitas delegações cancelaram a participação devido ao preço dos hotéis, além dos preços altos da hospedagem há o fato da distância, e não acredito que haja um fluxo constante de turistas após esses eventos, e esses eventos terão pequena duração, então economicamente não será proveitoso, irá causar mais prejuízos.

Entrevistadora: Como o senhor analisa essas mudanças estruturais na cidade, mudança de trânsito, de diferentes construções físicas que estão sendo realizadas?

Roberto Kopp: Estamos sofrendo inúmeras transformações com várias vias, tem a questão da demolição da Perimetral, todas essas coisas são bem vindas, elas podem aliviar, mas não por muito tempo, pois o fluxo de veículo continua crescendo a cada dia, já que centenas de carros circulam pela cidade, logo isso não é uma solução definitiva. O governo necessita vender carros para arrecadar impostos, mas quanto mais carros circulando pela cidade pior será o fluxo, então qualquer solução será provisória. Certamente algumas mudanças serão bastante favoráveis para a realização desses eventos, mas até lá o sofrimento será terrível. Algumas medidas já foram realizadas como, por exemplo, na Rua Barata Ribeiro em Copacabana houve uma redução no número de pontos de ônibus com a BR1, BR2, BR3, com isso o fluxo melhorou, mas quando se aproxima de Ipanema, Gávea, sem falar na Barra da Tijuca e em Jacarepaguá a situação fica caótica, esta cada vez pior, às vezes é mais rápido chegar em São Paulo do que fazer o trajeto Centro-Barra da Tijuca.

Entrevistadora: Fale sobre o processo de revitalização do Maracanã. Existe a polêmica da alteração da fachada do estádio, já que ela foi tombada.

Roberto Kopp: Não tenho nada contra a alteração. O problema que vejo é o fato de algumas reformas de estádios aqui no Brasil terem um custo maior que de construção de estádio em países como os EUA e a Alemanha, isso eu acho incorreto.

Entrevistadora: O que o senhor acha da questão do Maracanã ser tombado?

Roberto Kopp: Foi um ícone do passado, mas hoje há a possibilidade de construir estádios bem melhores com um planejamento eficaz. Uma das coisas que não se pensa muito ao construir um estádio é o acesso a ele, a chegada, a saída, no estacionamento. Nos EUA um dos requisitos para qualquer empreendimento é calcular um número de vagas de automóveis no entorno e lá há um metrô de superfície, já aqui o acesso via ônibus ou carro é bastante complicado.

Entrevistadora: Gostaria de falar algo sobre a repercussão da obra no entorno do Maracanã?

Roberto Kopp: Eu sou totalmente contrário a privilégios. Uma vez fiquei pasmo quando estava em uma fila de Banco na Holanda e na minha frente havia o Rei, ele estava dirigindo o próprio carro, colocou moedinha no relógio de estacionamento de rua e entrou na fila como qualquer um. Aqui qualquer coisa é motivo de privilégio, retira o direito do cidadão de estacionar ou fazer qualquer outra coisa em prol de uma delegação ou de um país que não tem expressão nenhuma, acredito que essa estrutura tenha que ser planejada, tem que haver uma estrutura que não prejudique a vida do cidadão, do contribuinte, é injusto ele perder horas para chegar no trabalho, pois vai deixar de produzir, e isso não é adequado. Se não temos condições de oferecer isso, é melhor não fazer.

**

ENTREVISTA 5 – ORLANDO PAOLI

(Professor de Educação Física, Excoordenador de Campo e Vestiário, atual Administrador do Parque Aquático Júlio Delamare)

Data da entrevista: 19 de julho de 2012.

Local: Parque Aquático Júlio Delamare.



Figura 71 Crédito: Maria Antônia de Sena

Entrevistadora: O senhor é professor de Educação Física, não é?

Paoli: Me formei em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército em 1953, nessa época eu era Gerente de um Banco. Trabalhei numa Associação Esportiva, fica na Penha, me aposentei no Banco, depois fui para o Tijuca [Tênis Clube], lá fui Supervisor Geral dos Esportes. Criei uma aula de Educação Física, Calistenia, que irá completar no dia 01 de agosto quarenta e cinco anos em atividade.

Entrevistadora: O senhor ainda ministra aulas?

Paoli: Sim, ininterruptamente. Trabalho como Administrador do Parque Aquático Júlio Delamare, no Maracanã há 25 anos, e trabalho no Tijuca [Tênis Clube] há 45 anos.

Entrevistadora: O senhor é atleta?

Paoli: Joguei futebol pelo América, no Infantil do América e o ponta esquerda era o Zagallo.

Entrevistadora: Ele foi seu contemporâneo?

Paoli: Sim. O Zagallo é oito anos mais novo que eu. Eu jogava como beque central, e ele era o ponta esquerda. Dia 18 de agosto completo 90 anos de idade, e continuo ministrando as aulas com o mesmo sistema, mesmo uniforme. Modernizei a forma de dar aula, dentro da

Calistenia criei um método chamado Ginástica Física e Orgânica. Escrevi quatro livrinhos e esse é o meu livro de Calistenia. [O entrevistado pára a entrevista para me mostrar seus livros escritos. Fotografei-os para registro na pesquisa].

Entrevistadora: A Calistenia sempre existiu, mas cada hora a nomeiam de uma forma. Concorda?

Paoli: Fico irritado com essa conotação de nomes americanos nas atividades, isso chama-se comercialização. Não desfazendo das demais atividades de outros colegas, mas eu considero esse tipo de Ginástica abrangente a todo o organismo. Em uma aula de Ginástica é trabalhado todos os músculos, todos os aparelhos, porque ela é orgânica. Atualmente vejo as pessoas trabalharem por grupamento, um dia trabalha somente o braço, no outro somente a perna, ou somente inclinação ou alongamento. Coloquei em minha aula exercício de rejuvenescimento, é um trabalho global para terceira idade.

Entrevistadora: Fale um pouco sobre suas lembranças da construção do Maracanã e da Copa de 1950.

Paoli: Na Copa de 50 eu tinha 28 anos, e assisti três jogos no Maracanã. Assisti Brasil x Iugoslávia. Lembro do momento em que a Iugoslávia entrou em campo, a seleção era composta por jogadores altos e fortes, na entrada do Maracanã havia uma cobertura de metal que podia ser removida quando não aconteciam jogos, um dos jogadores da Iugoslávia, ao entrar, bateu com a cabeça na cobertura de ferro e se machucou, isso é um detalhe que recordo desse dia. O segundo jogo que assisti foi Brasil x Espanha, o Brasil foi vitorioso, lembro do estádio inteiro cantando. E o terceiro jogo foi, infelizmente, a derrota do Brasil.

Entrevistadora: Então o senhor estava presente no estádio?

Paoli: Sim. Lembro que fui com meu pai, ficamos na arquibancada, bem lá em cima, e para chegar lá subimos imprensados contra a parede, pois havia muita gente no estádio.

Entrevistadora: A vitória era dada como certa?

Paoli: Sim, porque o Brasil precisava somente do empate. No primeiro tempo do jogo ele abriu o placar com um gol, depois deixou empatar, e houve uma coisa muito importante naquele jogo que poucas pessoas lembram, tínhamos um jogador que era Lateral Esquerdo, o nome dele era Bigode, ele era do Fluminense. Em jogos normais do Fluminense dava para constatar que ele era um jogador super agressivo, violento nas marcações, e aconteceu um fato interessante, o Uruguai tinha um capitão chamado Obdulio que era o senhor absoluto da equipe, em um jogo ele brigou com o Bigode e deu um tapa nele, logo esperava-se uma reação do Bigode, visto que era um cara violento, mas ele não reagiu. Se ele agredisse o jogador uruguaio, os dois iam ser expulsos, seria um grande golpe do Brasil, poderia ter uma briga, mas não aconteceu. O Brasil perdeu o jogo por uma infelicidade do Barbosa que não conseguiu agarrar a bola. Lembro que houve uma choradeira, as pessoas demoraram a sair do estádio.

Entrevistadora: O senhor esperou um bom tempo para sair do estádio, pois estava lá em cima, certo?

Paoli: Sim. Esperei um bom tempo para descer. Lembro que fui a pé para casa, pois não tinha condução.

Entrevistadora: O senhor morava próximo ao Maracanã?

Paoli: Sim. Morava próximo à Praça Saens Peña, na Tijuca. Lembro que o estádio estava incompleto, essa rampa, que fica em frente à estátua do Bellini, não tinha essa proteção lateral, havia o perigo de cair lá de cima.

Entrevistadora: Naquela época já existia a cultura de vender flâmulas, bandeirinhas?

Paoli: Sim.

Entrevistadora: O senhor tem alguma dessas flâmulas ou bandeirinhas da Copa de 1950?

Paoli: Na verdade eu tenho sim, aguardada. Ah, também tenho uma réplica da época, da medalha comemorativa. Você quer ver? Vou te mostrar.

[O entrevistado pára a entrevista e procura em seus guardados, na mesa de seu escritório, a flâmula e a medalha. Demora um pouco, mas as encontra. Eu fotografo as duas para posterior registro na pesquisa].

Entrevistadora: Hoje em dia, antes dos jogos finais, já se imprime ‘Campeão Brasileiro’, naquela época existia isso?

Paoli: Sim. Todo mundo já contava com a vitória, ninguém esperava a derrota não.

Entrevistadora: Como foi a volta para sua casa?

Paoli: Meu pai e eu voltamos a pé e chorando. Lembro de ver pessoas sentadas no chão chorando.

[Neste momento somos interrompidos por um funcionário do Parque Aquático que solicita a presença do Sr. Paoli na piscina. Ele retira-se por aproximadamente quinze minutos e depois retorna se desculpando pela interrupção].

Entrevistadora: O senhor lembra-se da construção do Maracanã?

Paoli: Não me recordo.

Entrevistadora: Lembra o que havia ali antes da construção?

Paoli: Era o Derby Clube. Antigamente todos os jogos aconteciam no campo do Vasco da Gama, do São Januário, em São Cristóvão.

Entrevistadora: Inclusive Getúlio Vargas utilizou por muito tempo o campo do Vasco como palanque político.

Paoli: Exatamente, tudo acontecia no campo do Vasco. Havia festa para comemorar o dia das crianças, o dia da Raça.

Entrevistadora: Antigamente, a população gostava bastante de Turfe.

Paoli: Exatamente. Havia dois lugares o Derby Clube e o Jockey Clube. O Derby era como se fosse o Hipódromo do pobre, e o Jockey do rico. Então aqui era o Derby Clube e lá era chamado de Hipódromo da Gávea.

Entrevistadora: Aconteceu um conflito político no momento da escolha do local de construção do Maracanã. O senhor tem conhecimento desse fato?

Paoli: Li na revista Veja que o Carlos Lacerda queria que a construção fosse realizada em Jacarepaguá. Nesse conflito o rival do Lacerda era o Ari Barroso, que era ligado a outro partido político.

Entrevistadora: O senhor disse que foi assistir a final da Copa com seu pai. Sua mãe foi? Nessa época as mulheres frequentavam estádio de futebol?

Paoli: Minha mãe não foi. Nessa época a frequência de mulheres no estádio era bastante pequena. A Copa do Mundo abriu espaço para as mulheres, porque até então mulher ficava em casa. A vida naquela época era diferente, a mulher era mais caseira, hoje ela é trabalhadeira, ela trabalha tanto quanto o homem, se não está em posição igual a ele, está acima.

Entrevistadora: Fale sobre o período que o senhor trabalhou no Estádio do Maracanã.

Paoli: Trabalhei no Maracanã durante dezoito anos, de 1993 a 2011. Fui Administrador do Parque Aquático, era subordinado à Diretoria de Estádio. O Diretor de Estádio me convocou para ser o Coordenador do campo do Maracanã, meu trabalho consistia em pensar toda a logística da estrutura do estádio para os jogos, realizava isso com um grupo de trabalho. Tinha que pensar nos recursos materiais e humanos do campo, como porteiro do campo, porteiro dos

vestiários, os gandulas, colocação de bandeiras, rede, pintura. Fazia isso em todos os jogos que aconteciam no Maracanã.

Entrevistadora: E como era coordenar toda esta logística para os jogos?

Paoli: Eu chefiava uma equipe de quase vinte homens. Todos nós usávamos um radiotransmissor para nos comunicarmos em todos os lugares do Maracanã. Era complicado porque a equipe tinha que estar unida e trabalhava muitas horas, direto, para que tudo ficasse pronto a tempo. Muitos desses homens tinham uma situação financeira bem baixa e passavam por dificuldades de dinheiro. Era importante que eu, como líder, também fizesse um trabalho de motivação com eles, entende. Eu, todos os dias, escrevia uma mensagem de apoio, que estimulasse eles e desse ânimo. E depois eu lia esta mensagem pelo rádio para todos ouvirem. Por muitos anos eles não souberam quem estava lendo aquela mensagem, mas era eu. Eu tenho até hoje todas as mensagens que fiz nestes dezoito anos, você quer ver?

[Paramos para ele me mostrar o caderno que montou com as mensagens e ele me mostrou a última mensagem escrita e lida no último dia de trabalho dele como Coordenador de Campo do Maracanã. Parecia bem emocionado. Segue, em anexo, a imagem registrada desta mensagem].

Entrevistadora: A venda dos ingressos no Maracanã funciona como? Já percebi que quando acontece evento no Maracanãzinho, as vendas são realizadas nessa bilheteria aqui fora, mas quando a venda é para jogos de futebol arma-se todo um cenário mais complexo. Fale sobre isso.

Paoli: Essa não é a minha área de trabalho, mas sei que quando há jogos quem entra em ação é a Federação de Futebol do Rio de Janeiro, a Federação contrata uma firma para fazer os ingressos. Antigamente os ingressos eram de papel, depois passou a ser cartão magnético. De acordo com a estimativa de público, abre um determinado número de bilheterias, e quando há um grande jogo todas as bilheterias são abertas.

Entrevistadora: Eles fazem tipo um curral.

Paoli: Isso é outro detalhe. O número de bilheteiros em cada bilheteria varia de acordo com o jogo. Na rua para entrar na roleta é feito o que chamamos de curral, para o público se habituar a entrar um a um.

Entrevistadora: Na compra dos bilhetes também acontece isso.

Paoli: Exatamente. Na compra é para o pessoal a se habituar a respeitar o direito de cada um. Isso tudo é organizado pela Federação, a SUDERJ entra paralela à Federação, ela fornece o material, as grades, junto a tudo isso ainda entram outras entidades como a Polícia, a CET-RIO para pensar a logística do *trânsito*, o Corpo de Bombeiro. Tudo é pensado com antecedência, se o jogo acontecer no domingo, quinta-feira há uma reunião com todas as entidades envolvidas, Federação, SUDERJ, Polícia Militar, Corpo de Bombeiro, Defesa Civil, CET-RIO, Juizado de Menores, e eu participava dessas reuniões. Formalizávamos todo o esquema do jogo, pensando a quantidade de ingressos a serem vendidos, por onde cada torcida ia entrar no estádio.

Entrevistadora: Esse esquema da entrada de cada torcida existe há quanto tempo?

Paoli: Conheço esse sistema há dezoito anos, desde quando eu comecei a trabalhar no Maracanã. Tenho 25 anos de cargo no Maracanã, durante sete anos eu só tinha participação no Parque Aquático, posteriormente fui convidado a ir para lá também.

Entrevistadora: Então a logística de cada jogo é pensada a partir da estimativa de público.

Paoli: Exatamente. E depende da qualidade do jogo também, dos times que estarão envolvidos

Entrevistadora: E como funcionava com jogo de Seleção Brasileira?

Paoli: Da mesma maneira. O que entrava a mais era a segurança de cada Seleção, e se fosse uma equipe estrangeira a segurança era redobrada.

Entrevistadora: **O que o senhor acha da utilização do campo de futebol para eventos que não são relacionados ao futebol?**

Paoli: Acho que é um comércio.

Entrevistadora: **O senhor era administrador da parte física, com isso percebia estragos no campo após a realização desses eventos?**

Paoli: No princípio havia muito estrago, pois colocavam tabuleiros de madeira no meio do campo, esses tabuleiros eram parecidos com aqueles que têm nas feiras. No dia seguinte o campo ficava todo marcado e as pessoas responsáveis pela manutenção tinham que escovar todo o campo, porém sempre restavam alguns resíduos de madeira, prego, com isso era preciso fazer um mutirão para catar esses resíduos.

Entrevistadora: **Continue falando sobre esse assunto.**

Paoli: Vejo tudo isso como um comércio, eles fazem daquilo uma fonte de renda.

Entrevistadora: **Tudo na vida tem dois lados, neste caso tem o lado que deteriora o espaço físico, mas ao mesmo tempo traz renda, logo, temos que colocar isto tudo na balança.**

Paoli: Exatamente. Temos que colocar na balança, e procurar proteger o quanto puder para poder usufruir por mais tempo. Hoje a técnica é diferente, eles não utilizam mais a madeira.

Entrevistadora: **Como o senhor avalia as obras que estão acontecendo no Maracanã?**

Paoli: Acredito que está havendo uma descaracterização do Maracanã, ele deixou de ser o maior estádio do mundo, passou a ser um estádio idêntico a todos os estádios do mundo. Acho que o brasileiro abaixa a cabeça para muita coisa. Acredito que nosso dirigente errou em aceitar o que a FIFA quer, pois há um interesse muito grande por trás disso. Ou seja, comercialização, hotelaria, propaganda e muito dinheiro que entra, então ele fecha os olhos para as coisas certas para se beneficiar de outras coisas. Sei que ficará um estádio bonito, moderno, com muita novidade, mas não será o antigo Maracanã, não será o Maracanã de 160 mil pessoas, não será o Maracanã com Geral. A capacidade do Maracanã era de 160 mil pessoas, depois foi reduzida para 105 mil, e chegou a 103 mil. Tenho anotado aqui: arquibancada branca – 11 mil. Antigamente não tinha cadeira, ficava um colado com o outro. Hoje tem cadeira branca, cadeira amarela, cadeira comum, cadeira especial, tribuna de honra, e camarote. Outra coisa que descaracterizou foi a retirada da Geral, com isso a capacidade passou para oitenta e poucas mil pessoas, depois passou para setenta e poucos mil, e o intuito é chegar a sessenta e oito mil.

Na época em que eu trabalhava no estádio presenciei jogos com 80 mil torcedores, havia invasão, porque ficava gente na rua querendo entrar, porém não tinha mais ingresso para vender. Com isso fico imaginando o que pode acontecer quando houver um clássico que normalmente comporta mais de 70 mil pessoas, com essa capacidade de 68 mil. Vai haver muitos problemas, acredito que eles irão aumentar bastante o valor do ingresso, porque o torcedor de pé no chão que enche o estádio não vai poder ir, pois não terá condições financeiras, não sei se irei presenciar isto, mas você que é jovem com certeza.

Entrevistadora: **O Maracanã tem um histórico, foi o primeiro maior estádio do mundo, com visibilidade de 360 graus.**

Paoli: Exatamente. E o campo de jogo do Maracanã possuía a maior medida técnica permitida, 110x75, e será reduzido para o tamanho menor que a FIFA permite, 100x52. Essa redução será feita para colocar a arquibancada até lá em baixo.

Entrevistadora: **Tudo isso traz repercussões para quem está assistindo.**

Paoli: E principalmente para quem joga, pois tecnicamente o jogo fica mais fechado.

Entrevistadora: Além da Copa de 50, tem alguma estória marcante que o senhor gostaria de relatar?

Paoli: A mais marcante foi a Copa mesmo, mas já presenciei muitas brigas, agressões, torcedores jogando foguete nos jogadores.

Entrevistadora: O que o senhor acha do fato das Olimpíadas e a Copa de 2014 acontecerem, aqui no Rio de Janeiro?

Paoli: Acredito que tudo isso se deve a interesses financeiros, não o futebol, o futebol eu vejo como uma forma de trazer dinheiro para o Estado, as responsabilidades são muito grandes, vejo mais qualidade financeira do que qualidade esportiva.

Entrevistadora: Vai mudar toda a dinâmica da rotina da cidade.

Paoli: Sim. E o pior de tudo é que os dirigentes brasileiros aceitaram a decisão de que o Brasil só jogará no Maracanã se chegar ao jogo final, isso é o maior absurdo que já vi. Depois de ler no jornal que João Havelange e mais não sei quem deram um golpe de 45 milhões na FIFA, perde-se toda a credibilidade.

Entrevistadora: Realmente é complicado, porque o futebol é um dos poucos esportes que o povo participava de fato. Tinha a Geral que comportava as pessoas com baixa condição financeira, o acesso é fácil, já que tem o trem. E agora vamos ver cada vez mais o povo deixando de participar ativamente.

Paoli: Exatamente. Acredito que, se o Brasil chegar ao jogo final, muitos problemas irão acontecer. O ingresso será caríssimo, acho que vai ter muito quebra-quebra, com essa capacidade de apenas 68 mil lugares.

Entrevistadora: Fale um pouco sobre o seu trabalho com o Barbosa, goleiro da final da Copa do Mundo de 1950.

Paoli: Trabalhamos juntos por muitos anos, ele era meu auxiliar e era responsável pela parte da Ginástica feminina. Nós nunca conversamos sobre a final da Copa de 50, conversamos sobre os outros jogos, mas não se tocava na final da Copa. Era algo que ele nunca se recuperou, ele não conseguia falar sobre o assunto porque senão chorava muito.

Entrevistadora: Ele não trabalhava especificamente com futebol?

Paoli: Não. Ele era meu auxiliar no Parque Aquático.

Entrevistadora: Ele era formado em Educação Física?

Paoli: Não. Ele tinha uma lojinha de artigos de pesca, e era funcionário da SUDERJ. A maior parte dos jogadores da seleção da Copa de 50 foi trabalhar na SUDERJ ou em outras entidades públicas, todos foram beneficiados com emprego público. Teve jogadores que não quiseram e teve os que assumiram os cargos. Na época, eram empregados do município, pois o Maracanã era um estádio municipal, depois passou a ser do Governo do Estado.

Entrevistadora: Então, na época, o governo ofereceu cargos públicos a todos os jogadores da Seleção?

Paoli: Sim. Antigamente, quando terminava as Copas do mundo, os jogadores da seleção, além de ganharem o prêmio em dinheiro, também podiam se tornar funcionários do governo, geralmente na área de esportes.

Entrevistadora: Obrigada pela entrevista.

**

ENTREVISTA 6 – MEYER JAYME AXELBAND

(Farmacêutico)

Data da entrevista: 22 de dezembro de 2014.

Local: Mendes/ RJ. Hotel Fazenda Maritacas.



Figura 72 Crédito: Maria Antônia de Sena

Entrevistadora: Hoje, dia 22 de dezembro de 2013, vamos realizar a entrevista com o senhor Jayme Axelband, farmacêutico, que irá incorporar a minha pesquisa, suas memórias, suas lembranças, sobre a Copa de 50 e o Estádio do Maracanã.

Entrevistadora: Bom dia. Eu tenho um roteiro de entrevista, no entanto, nós podemos sair desse roteiro. Ir um pouco para um lado, ou por outro, o que o senhor achar, mas pertinente ou interessante lembrar, tudo é importante, nada é pequeno, as memórias que o senhor tem é uma percepção daquela época ou daquela sua vivência.

Jayme: Certo. Embora muita coisa, praticamente a maioria, já é repetição do que você tem aí.

Entrevistadora: Não, eu não acredito, porque o que eu digo é, as cores, os cheiros.

Jayme: Não é mesmo. Provavelmente, possivelmente.

Entrevistadora: Então vamos lá, qual é a sua primeira lembrança a respeito do estádio do Maracanã?

Jayme: Bom, minha primeira lembrança é anterior ao estádio do Maracanã. Em que eu frequentava aquela área quando eu ainda era aluno do Colégio Pedro II, ali da Av. Marechal Floriano. Então, nós tínhamos as quintas feiras, nós íamos jogar futebol no antigo Derby Clubee, em que ali tinha um terreno muito grande, e eram demarcados como se fosse campo de futebol. Então ali nós íamos fazer nossas peladas, sem compromisso. Basicamente, isso.

Entrevistadora: E quantos anos o senhor tinha nessa época? O senhor lembra?

Jayme: Nessa época, eu vou me orientar.

Entrevistadora: Aproximadamente...

Jayme: Pela idade em que eu tinha quando fui para o Pedro II. Vou lhe dizer exatamente, ano 43, 44, 45. Então eu tinha 16. De 16, 17 e 18 anos.

Entrevistadora: Então lá o senhor, nem existia a possibilidade de se construir um estádio lá, nessa época, né?

Jayme: Não, não. Nessa época não era nem imaginável isso. Depois, eu me lembro que somente depois que eu terminei a faculdade, em 1948, que começou-se falar nisso.

Entrevistadora: É quando se inicia, exatamente, a construção. Agosto de 48.

Jayme: Justamente, naquela época eu morava em Copacabana. E por um acaso – essa parte que eu vou falar é meio comprometedor. Por um acaso, eu era vizinho de uma cantora portuguesa Ester de Abreu e ela tinha um namorado que era o prefeito Mendes de Moraes, justamente, foi na gestão do prefeito Mendes de Moraes que começaram a construção do Maracanã. Então começaram... Inclusive, havia aquela séria polêmica com o governador Carlos Lacerda.

Entrevistadora: Exatamente.

Jayme: Justamente ele preferia que fosse para o lado de Santa Cruz.

Entrevistadora: Zona Oeste, Jacarepaguá.

Jayme: Jacarepaguá. Bem afastado da cidade, justamente prevendo esse problema de concentração e tal. Então é assim na minha lembrança, de uma maneira geral, foi isso.

Entrevistadora: Mas exatamente houve uma celeuma contra, um embate político?

Jayme: Exatamente.

Entrevistadora: Então, o senhor se lembra?

Jayme: Só que essa celeuma não foi divulgada para todo o mundo, era uma coisa, mas interna. Porque na época, ninguém imaginava que o Brasil fosse sediar uma copa do mundo, né? Justamente, aquilo era privilégio dos ingleses e embora tenha havido primeiro no Uruguai e essas coisas assim, mas então como tudo era na Europa. Então ninguém imaginaria que viria para a América do Sul. E o Brasil foi premiado.

Entrevistadora: O senhor se o senhor lembra que, na época em que foi construído, o estádio do Maracanã tinha outro nome? Não era Jornalista Mário Filho, ele seria o Estádio Municipal do Rio de Janeiro. O senhor lembra-se disso?

Jayme: Não me lembro desse detalhe.

Entrevistadora: Seria, Estádio Municipal do Rio de Janeiro. Aliás, foram construídos, no Brasil, vários estádios chamados municipais. Em várias cidades brasileiras, assim grandes cidades, pólos.

Jayme: Eu sei.

Entrevistadora: E, aqui no Rio de Janeiro era o Estádio Municipal do Rio de Janeiro.

Jayme: Certo, Certo.

Entrevistadora: E somente mais tarde que veio a ser nomeado como Estádio Jornalista Mário Filho.

Jayme: Mario Filho. Eu me lembro. Jornal dos esportes, daquela época, eu lembro perfeitamente, era a melhor leitura que havia sobre esportes, era o jornal dos esportes, inclusive, a cor dele me parece que era cor de rosa, isso eu ainda lembro. E eu não passava sem ver os artigos do Mário Filho. Ele realmente era conhecedor do assunto.

Entrevistadora: Sim, ele é o precursor da crônica esportiva.

Jayme: Provavelmente. Porque não havia, especialistas em jornais falando de esportes. Assim com tanto especialidade e ele criou esse tipo de texto.

Entrevistadora: E ele foi o grande defensor da construção ali, naquele local, do estádio de futebol. O senhor lembra-se disso?

Jayme: Tanto que o estádio foi batizado com o nome dele.

Entrevistadora: O senhor tem uma lembrança do terreno onde foi construído o estádio? Aliás, antes, o terreno abrigava também um esporte que era bem conhecido.

Jayme: Pela elite. Era o turfe.

Entrevistadora: Então me conta a questão do turfe.

Jayme: Havia o Jóquei Clube, na Zona Sul, na beira da lagoa e lá o Derby Clube, tanto que o local era chamado Derby Clube, enquadrava toda aquela parte, Mangueira, São Cristóvão. Toda aquela área era enorme, enorme, enorme. Vinha praticamente desde a Praça da Bandeira até quase na estação da Mangueira, que é hoje Mangueira. Então toda aquela área não havia nada, nada, nada, ali no meio que interferisse naquele terrenão, que era enorme e ninguém por ali tomava conta daquilo. Então, como aquilo, com o tempo, foi abandonado e como a corrida de cavalo, que era considerada de elite, começou a se extinguir, foram omitindo aquela utilização, então ali passou a ser praticamente o pasto, digamos assim, e dali eles levavam os cavalos para o próprio turfe. Então, com o tempo, aquele local foi sendo negligenciado e não

havia muita divulgação, conhecido como Derby Clube e aquele terreno ficou todo abandonado. Mas muita gente utilizava aquilo, principalmente nós alunos, que às vezes até fazíamos gazeta para ir jogar futebol.

Entrevistadora: Daí, em 48, inicia-se a construção do estádio. O senhor lembra-se disso? Lembra dessa movimentação?

Jayme: Lembro, lembro. Inclusive naquela época, também já no final, já havia muita polêmica, que isso já não era nem citado, do desvio de material utilizado na construção do estádio. Isso não, eu nunca vi isso, por escrito, mas só se ouvia falar em que os caminhões entravam com material, havia anotação, saíam pelo portão lateral, carregados e eles davam entrada como material para construção.

Entrevistadora: Mas não a saída.

Jayme: Mas isso não ficou provado, não houve, digamos uma acusação formal, ouvia-se dizer. Simplesmente, boca pra fora, isso eu lembro ainda, porque meu pai aquela época ele era comerciante, ele resolveu abandonar o comércio e construir lá uns apartamentinhos, lá onde nós morávamos no Méier e tal e isso depois foi citado. Então, muitas vezes o pessoal brincava com ele, o meu pai chamava Davi.

– Senhor Davi, você construiu teus apartamentos com o material do Maracanã.

– Deus, que me livre, que vocês ficam inventando!

Ele era muito certinho, nem admitia que se tocasse nesse assunto. Mas justamente, porque havia. O povo falava assim da boca pra fora.

Entrevistadora: Então havia uma chacota.

Jayme: O que eu não duvido muito.

Entrevistadora: Que coisa. Primeira vez que escuto isso.

Jayme: Então isso, digamos assim, existia da boca pra fora, isso tudo. Mas nunca houve ninguém que tivesse comprovado o fato. Não sei se realmente houve alguma acusação.

Entrevistadora: Superfaturamento, hoje, nós lemos na imprensa sobre as obras no Maracanã. Mas naquela época nos jornais lia-se isso?

Jayme: Naquela época chamava de CPF Comissão Por Fora, era a abreviatura. Depois era outra coisa, né? Mas formalmente, que eu saiba, não houve nada, assim comprovadamente, mas sempre existe um fundo de verdade.

Entrevistadora: Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre a construção, sobre os operários. O que o senhor lembra? O senhor tem uma memória muito boa, minuciosa.

Jayme: Que eu me lembro, mas eu, digamos assim, não participei diretamente. Porque naquela época, depois que me formei, eu já trabalhava, tinha sempre as obrigações em primeiro lugar. Então, como eu tinha farmácia, eu era muito rigoroso com horários, e minha farmácia era em Botafogo. Eu comecei a trabalhar nessa farmácia que era do meu cunhado, quando eu ainda estava na faculdade, me formei em 48, em Farmácia. Justamente, quando começou a construção do Maracanã.

Entrevistadora: Então o senhor já era formado? Aliás, recém-formado.

JAYME: Sim, em Farmácia. Nessa época eu já trabalhava na farmácia e obedecia aos plantões que havia os plantões pré-estabelecido pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, que era quem na época comandava e a Prefeitura, então, havia um escalamento de plantões semanais.

Entrevistadora: Por farmácia, por bairro.

Jayme: Por farmácia. Exatamente, a minha farmácia era na zona de Botafogo, então eu tinha todas as segundas – feiras havia um escalamento para a farmácia a noite e sempre um domingo por mês todas as segundas-feiras então eu dormia lá pra atender de madrugada tinha até uma janelinha pra poder atender e aos domingos então era o dia, fechava a noite, mas

ficava de plantão. Então nessa época como eu já trabalhava na farmácia e a minha farmácia praticamente era a única em Botafogo que tinha um farmacêutico dono da farmácia, a frente do negócio. Porque naquela época havia muitos farmacêuticos que alugavam, eles tinham responsabilidade de até 4 farmácias, então o farmacêutico responsável nem sempre estava presente. E a fiscalização nunca os encontrava, a única onde ela encontrava era aquela e havia, senão me falha a memória, além da minha, outra também em Botafogo, na Rua Real Grandeza, de outro farmacêutico, um baiano que chamava-se Guilherme Neves. Éramos os dois que realmente estávamos à testa do negócio, nessa época somente lá. Então por isso eu acompanhei a construção, mas pelo noticiário pessoalmente nunca fui verificar.

Entrevistadora: Claro.

Jayne: Embora eu soubesse que aquela área toda estava ocupada e eu fui originário do Méier ali era caminho obrigatório. Para o Méier, por muitas vezes ia até lá, tinha família ainda lá pelo aquele lado. Então realmente passava por lá, mas não dava pra perceber.

Entrevistadora: Então o senhor viu serem construídos, não só o Maracanã, como também as comunidades, as favelas do entorno?

Jayne: Exatamente. Aquilo foi se formando com o tempo e se não me falha a memória essa favela do esqueleto, ela foi ocupada por operários. Pois foram milhares de operários nordestinos trabalhando na obra do Maracanã, aquilo foi construído em dois anos.

Entrevistadora: Sim, foi muito rápido, naquela época.

Jayne: Naquela época realmente era... Coisa fabulosa...

Entrevistadora: Era o maior estádio do mundo. Foi o maior estádio do mundo.

Jayne: Foi naquela época. A capacidade, dizia-se que era para ser de 50 mil, mas se não me falha a memória chegou-se a ser ocupado por 200 mil torcedores, inclusive muito em espetáculos musicais também. Eu lembro perfeitamente desse lance.

Entrevistadora: Agora o senhor pode falar um pouco da Copa do Mundo? Porque o estádio do Maracanã foi construído pra sediar aquela Copa do Mundo de 50.

Jayne: Exatamente. E hoje em dia existe crítica, inclusive, porque a próxima Copa do Mundo, o Rio de Janeiro, que é praticamente o pai de todos os jogos, só terá jogo mesmo da seleção brasileira só no finalzinho, se chegar ao final que vai jogar lá. Na verdade terão vários jogos mas não serão jogos do Brasil.

Entrevistadora: Brasil só jogará na final, caso chegue.

Jayne: Se chegar! Mas eu pessoalmente acho isso um absurdo. Um desrespeito ao carioca. Um desprestígio que não justifica por abaixo um estádio e reconstruí-lo. Embora naquela época, na disputa de 1950, eram poucos países naquela época, se não me falo, eram 13 países. Não sei, não me lembro quantos eram ao certo, então havia a visão de seis capitais mas os principais jogos eram no Rio de Janeiro. O Brasil chegou a fazer uma partida aqui, contra a Suíça, que houve um empate de 2 a 2. Houve um desânimo total de acharem que o Brasil não chegaria à final, mas ele despontou com aqueles jogos todos.

Entrevistadora: Eu queria saber se por ventura o senhor assistiu algum jogo no Maracanã, nessa Copa de 50?

Jayne: Assisti, assisti todos com exceção do último, que eu estava de plantão naquele dia. Eu acompanhei a transmissão, mas não assisti. Aos outros jogos, todos, Brasil e Espanha, Brasil e México, Brasil e Iugoslávia, Suíça não.

Entrevistadora: Suécia, se não me engano.

Jayne: Suécia sim, Iugoslávia, inclusive há um caso de um jogador de Iugoslávia que ao entrar em campo se machucou, eu estava lá presente quer dizer, não vi quando aconteceu mas eu estava lá assistindo esse jogo. Isso foi noticiado, esse jogador se chamava Mitic, era o melhor jogador da Iugoslávia, ele, quando subiu para o campo, bateu com a cabeça na

cobertura e me parece que chegou a levar uns pontos na testa. Sim, eu me lembro desse lance nesse dia.

Entrevistadora: Vamos tentar lembrar os jogos? De como foram? Tinha multidão em volta, como é que era? O Senhor foi com quem? O Senhor se recorda com quem foi?

Jayme: Eu ia com amigos mesmo. É, é... Amigos de infância, garotinho ainda e tal. Mas no jogo estava como naquela época eu já dirigia tinha carro então era considerado de elite, né? Então muitos alguns colegas iam comigo de carro eu estacionava numa travessa da Rua Ibituruna, pertinho e dali íamos todos a pé até o estádio.

Entrevistadora: E o senhor lembra como o estádio era chamado? Se já era chamado de Maracanã? Ou não, tenta lembrar.

Jayme: Estou tentando, mas acho que não, acho que depois que foi chamado de Maracanã. Era estádio municipal depois é que passou a ser chamado.

Entrevistadora: A referência era o Rio Maracanã, que é pertinho da Ibituruna.

Jayme: Exatamente.

Entrevistadora: Estou tentando, até hoje, diagnosticar em que momento que ele foi nomeado assim. Por que é um apelido, né? Maracanã.

Jayme: Mas eu não lembro. Não sei. É um nome indígena mas não me lembro. Eu conhecia naquela época o rio Maracanã, tudo aquilo que está ali, inclusive, uma série de edifício que envolta por ali eu conheci aquilo e me parece que a escola de veterinária, faculdade de veterinária, funcionava ali na rua ali perto Machado, Machado alguma coisa, me parece que era ali

Entrevistadora: Mata Machado?

Jayme: Acho que sim, Mata Machado.

Entrevistadora: Mata machado é na Praça da Bandeira.

Jayme: Praça da Bandeira, nas vizinhanças, porque eu tinha um colega que estudava veterinária, depois ele formou-se em medicina também... E nós íamos pra ali, a faculdade era ali a escola de veterinária era ali.

Entrevistadora: Tem Mata Machado tem uma grande faculdade.

Jayme: Tem, mas isso.

Entrevistadora: Eu fico imaginando assim com que tava assim o clima do início da Copa do Mundo. Como era a sensação?

Jayme: Era a euforia naturalmente. E havia bandeiras e bandeirolas e aquilo tudo essas coisas todas. Mas não havia esses tumultos criados hoje me dia.

Entrevistadora: Claro.

Jayme: Até porque a torcida era toda a favor praticamente toda a favor, mas não havia todo esse problema. Eu me lembro daquela rampa de subida eu lembro que se criticava que não tinha defesa daquela naturalmente aquilo era um perigo e tal e assim depois consertaram. Mas eu me lembro da subida e da onde se podia entrar por cima ou ia pela metade tinha aqueles acessos todos para as arquibancadas e lá embaixo que era o popular, era a geral, tinha aquele fosso, então todo mundo, todos diziam era um perigo qualquer coisa que acha que a pessoa vai cair lá dentro não tem problema, mas aí de fato muita gente caiu, mas não houve nada. Então havia justamente esse problema, as arquibancadas eram todas de cimento, mas o pessoal só sentava quando começava a entrar, quando estava vazio, depois quando enchia não havia condição de sentar e todos ficavam em pé.

Entrevistadora: Era em pé o jogo todo?

Jayme: Todo mundo em pé e cada degrau daqueles que era para uma pessoa sentar, tinha duas, três, quatro no lugar de uma só, aquilo amontoou e ninguém sabia de nada, todos queriam torcer e brincar.

Entrevistadora: O senhor lembra de ter visto mulheres?

Jayme: Naquela época era muito pouco, muito pouco, dificilmente se via.

Entrevistadora: Mulher não, não tinha essa tradição.

Jayme: Não, depois começou aquela tradição.

Entrevistadora: Crianças também não? Eram basicamente só homens, homens adultos.

Jayme: Crianças não iam, era muito difícil. Ninguém, ninguém tentava arriscar porque sabia que realmente podia haver alguma coisa, mas não havia esse tumulto nem a entrada nem na saída, então eu não entendo como é que hoje em dia acontece essas coisas todas, mas tudo bem.

Entrevistadora: É, as coisas mudaram. A cultura é outra. Mas vamos tentar lembrar os jogos? A medida que foram acontecendo e a população começou a acreditar que podia, não é?

Jayme: Exatamente, porque me parece que o primeiro jogo foi contra o México, tenho essa impressão que o primeiro jogo foi contra o México, o Brasil ganhou me parece que de 4, se não me engano né? Então foi aquilo euforia geral, porque ganhou depois não me lembro exatamente quando foi o jogo contra a Suíça em que ele empatou em São Paulo 2 a 2, aí aquela mas ou menos aquela descrença mas aí quando o jogo voltou pra cá já naquela parte de

Jayme: Quartas de final, então jogo contra Espanha, Suécia, Iugoslávia e a final...

Entrevistadora: Daí o senhor assistiu todos esses os jogos?

Jayme: Com exceção do jogo final, justamente porque estava de plantão, naquele dia, então fiquei ouvindo somente o jogo.

Entrevistadora: Daí ouviu no rádio. E aí como é que foi ouvir no rádio?

Jayme: Foi secar muito argentino no enterro na final né? Só faltou tocar marcha fúnebre. Não é depois do pouco que se viu e se ouviu, justamente, aquilo tudo e depois a culpa toda, né? Começou com aquele como é que o Bigode, que era jogador do Fluminense, lateral, como é que ele, primeiro ouve o noticiário que ele levou uns tapas do Obdulio Varela que era capitão da equipe uruguaia. Obdulio Varela era conhecido justamente como mau elemento e era comandante da equipe que deu uns sopapos no Bigode, mas isso ninguém provou ouvisse falar e como é que o Bigode não reagiu porque o Bigode realmente era um grande jogador, mas ele era violento ou passava o jogador ou passava a bola, já se falava isso naquela época, mas era jogador de classe o Bigode, como é que o Bigode não reagiu ao Obdulio Varela e depois como é que ele deixou passar o Ghiggia, para fazer aquele gol e no final aquela falha do Barbosa, aconteceu à bola passou.

Jayme: O frango que ninguém consegue esquecer.

Jayme: Num lugar que fisicamente a bola não poderia passar, não dava para passar e passou então aquela descrença geral, já no finalzinho do jogo, porque quando o Brasil abriu o placar foi com o Friaça.

Entrevistadora: Exatamente

Jayme: O gol do Brasil foi com Friaça, depois eles empataram, e quando já estava no final do segundo tempo Ghiggia, meteu aquela bola, mas já não dava mas tempo nem de recuperar, já não havia mas nada né? Nada, então acabou.

Entrevistadora: Acho que foi o maior silêncio do mundo.

Jayme: Exatamente, quase que se ouvia o choro de todo mundo, o desânimo, mas foi uma coisa que realmente que todo o mundo sabia, já festejavam por antecipação

Entrevistadora: Por antecipação

Jayme: Por antecipação. Exatamente.

Entrevistadora: Diz que já tinha flâmula de campeão e tudo.

Jayme: Exatamente, exatamente, tudo né? Então aquilo foi um baque geral né? E até hoje se pergunta né? Você vê que até hoje é comentado, e eu me lembro do Barbosa muito tempo depois, que aí você inclusive cita aí na sua pesquisa que ele tinha uma loja de material, mas antes disso ele trabalhava se não me engano em Bonsucesso como ajudante numa loja de material de construção, eu conhecia pessoalmente o Barbosa, inclusive eu tinha contato com ele e tal e eu me lembro dele sempre sofrendo, sofrendo, a perseguição sempre a ele, até na hora de morrer ele foi culpado, houve gente que não abriu mão, não deram a menor mínima chance pra ele né? Então você imagina o que ele foi ofendido. Imagina, ele um homem de raça negra, você até hoje sente que acontece né? Naquela época então foi muito pior. Xingavam, ele devia ter diversas mães para ser tão xingado.

Entrevistadora: Ah coitado.

Jayme: Era incrível, incrível, ele andava na rua sendo apontado. E era uma pessoa magnífica de tratar, você conversava com ele, era humilde e tudo mas então aconteceu isso.

Entrevistadora: No meu entendimento foi um episódio traumático, que parece bobo, mas foi tão traumático, que tornou-se inesquecível.

Jayme: Foi, foi.

Entrevistadora: Não sei se o senhor lembra, quando o Maracanã é inaugurado? Ele é inaugurado exatamente há um mês antes dessa Copa do Mundo.

Jayme: Exatamente. No dia 16 de junho, eu lembro porque era aniversário de minha cunhada, irmã da Raquel, 16 de junho, justamente esse junho de 50.

Entrevistadora: Uma partida entre cariocas e paulistas.

Jayme: É, um jogo amistoso.

Entrevistadora: E essa data quase não é lembrada.

Jayme: Não mesmo.

Entrevistadora: E qual é a data que é emblemática, aquela sempre lembrada?

Jayme: 16 de julho, o dia da derrota. Exatamente porque isso ficou marcado, 16 de julho de 1950, isso ficou marcado, né? E eu tenho a impressão que não vai conseguir ser apagar. Porque até hoje essa mágoa contra o Uruguai e todos citam ainda, quer dizer quem era, mas ou menos daquela época Obdulio Varela, Ghiggia, bom Ghiggia, me parece que faleceu agora.

Entrevistadora: É há pouco tempo atrás ele faleceu. Um dos poucos remanescentes daquele jogo.

Jayme: Inclusive ele se desculpou muito ao Brasil, mas faz parte do jogo.

Entrevistadora: Claro. Mas eu fico pensando como uma data pode ser marcada como inaugural?

Jayme: Exatamente, pelo lado negativo.

Entrevistadora: Pois é, como um trauma.

Jayme: Pelo inesperado, quando todos já festejavam por antecipação. E pela tristeza, pelo trauma. Porque ninguém, ninguém poderia imaginar. Por que já era tradição sempre, o país que promove a Copa do Mundo é certo ser o campeão.

Entrevistadora: Sim, o país sede.

Jayme: Sempre, sempre, sempre, raras exceções e tal. Basicamente a torcida local realmente ajuda muito, né? Mas aquilo foi realmente muito inesperado.

Entrevistadora: O décimo segundo jogador, a torcida.

Jayme: Isso.

Entrevistadora: E daí eu fico pensando, no porquê. Porque essa data, na Copa de 50, também como um todo nunca foi esquecida sempre é falada, sempre é tocada, mas só que agora 2, 3 anos até 4 anos atrás, a partir da escolha do Brasil como sede, o Brasil terá um

estádio que sediará pela segunda vez uma final de Copa do Mundo. Na verdade existe também o Estádio Asteca, no México.

Jayme: Também.

Entrevistadora: Nós teremos pela segunda vez uma copa do mundo no nosso país e na nossa cidade, então isso traz as memórias à tona, né? Memórias desse fato, da outra copa que já aconteceu aqui.

Jayme: Geralmente pesa mais o lado negativo. As pessoas estão temerosas. Já não existe mais aquela força, do jogador que tem amor ao time, à camisa. Você vê que os grandes jogadores vão para Europa, não existe mais aquele sentimento daquela época. Eu me lembro ainda, antes ainda, meu pai era comerciante, ele tinha lojas no Méier, naquela época, né? E tinha uma fábrica de artefatos de couro, como bolsas, malas, tinha também fábrica de guarda-chuva. Isso porque o pessoal vinha da Europa e trazia essa tradição. Então eu me lembro de uma costureira, na fábrica do meu pai, ela tinha um filho que jogava futebol, senão me engano chamava-se Adílson, ele era ponta direita, então ela morava no Engenho de Dentro, que é depois do Méier.

Entrevistadora: Eu sei.

Jayme: Então, o filho vinha à loja apanhar dinheiro com ela era, um tostão, para pegar o bonde, pra ir treinar em São Cristóvão ou no campo do Vasco, naquela época ela dava a ele, ele queria 200 reis e ela só dava 100 reis, um tostão, né? Pra pegar o bonde e volta, e a volta? Não, à volta você vem a pé ou vão te dar o dinheiro lá, aquela época, depois ele foi jogador, era ponta direita, foi profissional.

Entrevistadora: Profissional.

Jayme: Mas naquela época, não é o que é hoje. Hoje em dia um jogador desse, de futebol, ele é venerado e tem o lado positivo e o negativo, a gente vê isso a toda hora. Mas naquela época não havia isso então a gente usava até aquela expressão: Vai com a chuteira embaixo do braço. Porque naquela época, quem tinha chuteira eram só os jogadores de nomeada mesmo, porque naquela época jogava todo mundo descalço.

Entrevistadora: Eu lembro que antigamente ser jogador de futebol não era profissão. Ele jogava, mas tinha uma outra profissão.

Jayme: Exatamente, você tinha os expoentes, que realmente eram os conhecidos, naquela época eram meia dúzia deles, e tal, eles não ganhavam o que se ganha hoje em dia, então não havia esse preparo todo, então hoje em dia. Não havia o profissionalismo que existe hoje, são empresas que comandam isso tudo

Entrevistadora: Mas o que o senhor acha das mudanças, das intervenções na cidade, o que o senhor acha de positivo e negativo, como que o senhor vê essa escolha do Brasil e do Rio de Janeiro, no ano que vem, nessa próxima Copa de 2014?

Jayme: Bom o que eu acho, pelo lado positivo, realmente é fabuloso, mas ai vamos pesar o lado negativo, que realmente vai acontecer. A infraestrutura infelizmente, não vai dar, eu sei por que eu sinto isso no meu dia a dia. Realmente está muito difícil. Olhando o lado físico, o lado moral, olhando todos os lados, né? Já não vamos levar pra àquele, não problema de arrastões, e não sei o que, não vamos levar pra esse lado, vamos olhar pro lado, por exemplo, o lado do trânsito. Mas vai ser um caos total, hoje em dia, que não ainda não tem nada disso já existe esse problema muito sério. E já vejo no dia a dia, em que eu moro em Ipanema e eu vou trabalhar, meu trabalho é ali na vizinhança de, justamente no Maracanã, pertinho do Maracanã. Na Rua Afonso Pena é Afonso Pena e tal, então eu vejo problema, eu passo pela Lagoa, no Rebouças e ao descer já existe o problema, não posso mas ir pelo meu caminho antigo em que eu descia na Praça da Bandeira, fazia o corte pela Rua do Matoso, pegava a Rua Mariz e Barros e entrava tranquilo, tranqüilo. Hoje em dia não existe mais isso, inclusive

a uns dois meses atrás eu tive uma surpresa muito grande. Porque a Rua do Matoso estava interditada. O pessoal todo ouviu na CBN mas eu não ligo na CBN. Eu descia normal, a Praça da Bandeira, encontrei tudo bloqueado com aqueles cones enormes que eles põem agora né? Então onde eu queria fazer um retorno, não tinha, o resultado, eu fui obrigado a ir até Vila Isabel.

Entrevistadora: Eu acredito.

Jayne: Fui até a Praça Luiz Gusmão, consegui fazer um retorno, pra voltar, pra pegar Rua Hadock Lobo, isso porque eu conheço aquela área. Eu que conheço a área, fiquei irritado, não encontrava um retorno, resultado, levei uma hora e meia, pra conseguir chegar um trajeto que faço no máximo, no máximo meia hora. Realmente foi um caos. E até hoje em dia continua por que eles abriram, mas uma Avenida na Rua do Matoso, então vão fechar a Rua do Matoso, então está uma dificuldade muito grande. Resultado, quando eu saio do Túnel Rebouças, já desço na Paulo de Frontin, que é mais perigoso.

Jayne: Então agora os transtornos existem mas rezemos que, quando chegar a hora, o Brasil se saia bem nesta Copa.

Rosângela: E o estádio era chamado, o senhor lembra como o estádio era chamado? Se já era chamado de Maracanã? Ou não, o senhor consegue lembrar disso?

Jayne: Estou tentando, mas acho que não, acho que depois que foi chamado de Maracanã. Era estádio municipal depois é que passou a ser chamado assim. Mas eu não lembro. É um nome indígena mas não me lembro.

Rosângela: A referência era o Rio Maracanã, que é perto da Rua Ibituruna.

Jayne: Eu conhecia naquela época o rio Maracanã, tudo aquilo que está ali, inclusive, uma série de edifícios por ali. Eu conheci aquilo e me parece que a escola de veterinária, faculdade de veterinária, funcionava ali na rua ali perto Machado, Machado alguma coisa, me parece que era ali.

Entrevistadora: Na Rua Mata Machado? Essa rua é na Praça da Bandeira.

Jayne: Acho que sim, Mata Machado. Praça da Bandeira, nas vizinhanças, porque eu tinha um colega que estudava veterinária, depois ele formou-se em medicina também. E nós íamos pra lá. A faculdade era ali a escola de veterinária era ali.

Entrevistadora: Então, eu fico imaginando assim com que tava assim o clima do início da copa do mundo. Primeiro jogo como é que foi? Como era a sensação? Havia descrença da torcida?

Jayne: Era a euforia naturalmente. E havia bandeiras e bandeirolas e aquilo tudo essas coisas todas. Mas não havia esses tumultos criados hoje me dia.

Entrevistadora: Sim.

Jayne: Até porque a torcida era toda a favor. Praticamente toda a favor, mas não havia todo esse problema. Eu me lembro daquela rampa de subida, eu lembro que se criticava que não tinha defesa e que era muito exposta. Naturalmente aquilo era um perigo e tal e assim depois consertaram. Mas eu me lembro da subida e de onde se podia entrar: por cima ou ia pela metade. Tinha aqueles acessos todos para as arquibancadas e lá embaixo que era o popular, era a geral, tinha aquele fosso. Então todo mundo, todos diziam que era um perigo porque qualquer coisa que a pessoa podia cair lá dentro. Mas aí, de fato, muita gente caiu lá, mas não houve nada. Então havia justamente esse problema e as arquibancadas eram todas de cimento, mas o pessoal só sentava quando começava a entrar, quando estava vazio, depois quando enchia não havia condição de sentar e todos ficavam em pé.

Entrevistadora: E os torcedores ficavam em pé o jogo todo?

Jayme: Todo mundo em pé e cada degrau daqueles que era para uma pessoa sentar, tinha 2,3,4 no lugar de uma só. Aquilo amontoou e ninguém sabia de nada todos queriam torcer e brincar.

Entrevistadora: O senhor se lembra de ter visto alguma mulher assistindo os jogos?

Jayme: Naquela época era muito pouco, muito pouco mesmo, dificilmente se via.

Entrevistadora: Crianças também, não? A plateia era basicamente de homens, homens adultos?

Jayme: Crianças não. Era muito difícil. Ninguém, ninguém tentava arriscar porque sabia que realmente podia haver alguma coisa, mas não havia esse tumulto. Nem na entrada, nem na saída, então eu não entendo como é que hoje em dia acontecem essas coisas todas, mas tudo bem.

Entrevistadora: Então vamos lembrar os jogos daquela Copa do Mundo? Eles foram acontecendo, a população começou a acreditar que o Brasil podia ser campeão?

Jayme: Exatamente, porque me parece que o primeiro jogo foi contra o México, tenho essa impressão que o primeiro jogo foi contra o México. O Brasil ganhou me parece que de quatro, se não me engano. Então foi aquilo, euforia geral, porque ganhou depois não me lembro exatamente quando foi o jogo contra a Suíça em que ele empatou, em São Paulo, 2 a 2. Ali sim veio, mais ou menos, aquela descrença mas aí quando o jogo voltou pra cá já, naquela parte do meio pro final da competição, nas quartas de final, então jogo contra Espanha, Suécia, Iugoslávia e a final.

Entrevistadora: E o senhor assistiu todos esses os jogos?

Jayme: Com exceção do jogo final, justamente porque estava de plantão, naquele dia, então fiquei ouvindo somente o jogo.

Entrevistadora: Ouviu no rádio. E como é que foi ouvir no rádio?

Jayme: Foi como secar muito argentino no enterro na final, né? Só faltou tocar marcha fúnebre.

Entrevistadora: Foi tão dramático assim?

Jayme: Pois é, depois do pouco que se viu e se ouviu, justamente, aquilo tudo e depois a culpa toda. Começou com aquele como é que o Bigode, que era jogador do Fluminense, lateral, como é que ele, primeiro ouve o noticiário que ele levou uns tapas do Obtúlio Varela, que era capitão da equipe uruguaia.

Entrevistadora: Exatamente

Jayme: Obtúlio Varela era conhecido justamente como mau elemento e era comandante da equipe que deu uns sopapos no Bigode, mas isso ninguém provou ouvisse falar e como é que o Bigode não reagiu porque o Bigode realmente era um grande jogador, mas ele era violento ou passava o jogador ou passava a bola, já se falava isso naquela época, mas era jogador de classe o Bigode, como é que o Bigode não reagiu ao Obtúlio Varela e depois como é que ele deixou passar o Ghiggia, para fazer aquele gol e no final aquela falha do Barbosa, aconteceu que a bola passou.

Entrevistadora: O frango.

Jayme: Num lugar que fisicamente a bola não poderia passar, não dava para passar e passou. Então aquela descrença geral, já no finalzinho do jogo, porque quando o Brasil abriu o placar foi com o Friaça.

Entrevistadora: Exatamente.

Jayme: O gol do Brasil foi com Friaça. Depois eles empataram e quando já estava no final do segundo tempo Ghiggia meteu aquela bola, mas já não dava mas tempo nem de recuperar, já não havia mas nada. Nada, então acabou.

Jayme: Acho que foi o maior silêncio do mundo. Quase que se ouvia o choro de todo mundo, o desânimo, porque foi uma coisa que realmente todo o mundo sabia, a certeza da vitória, já festejavam por antecipação.

Entrevistadora: Por antecipação

Jayme: Por antecipação. Exatamente.

Entrevistadora: Até já se vendiam a flâmula de campeão, é verdade isso?

Jayme: Exatamente, exatamente, tudo né? Então aquilo foi um baque geral né? E até hoje se pergunta né? Você vê que até hoje é comentado, e eu me lembro do Barbosa muito tempo depois, que aí você inclusive cita aí na sua pesquisa que ele tinha uma loja de material, mas antes disso ele trabalhava se não me engano em Bonsucesso como ajudante numa loja de material de construção, eu conhecia pessoalmente o Barbosa, inclusive eu tinha contato com ele e tal e eu me lembro dele sempre sofrendo, sofrendo, a perseguição sempre a ele, até na hora de morrer ele foi culpado, houve gente que não abriu mão, não deram a menor mínima chance pra ele né? Então você imagina o que ele foi ofendido.

Entrevistadora: Nem imagino.

Jayme: Imagina, imagina ele um homem de raça negra, você até hoje sente que acontece, né? Naquela época então foi muito pior. Xingavam, ele devia ter diversas mães para ser tão xingado. Era incrível, incrível, ele andava na rua apontado.

Entrevistadora: Foi execrado.

Jayme: E era uma pessoa magnífica de tratar, você conversava com ele, era humilde mas então aconteceu isso né? Ele foi execrado.

Entrevistadora: Não sei se o senhor lembra, quando o Maracanã é inaugurado? Ele é inaugurado exatamente há um mês antes dessa copa.

Jayme: Exatamente.

Entrevistadora: Dia 16 de junho.

Jayme: Sim, 16 de junho, eu lembro que era aniversário de minha cunhada, irmã da Raquel, 16 de junho, justamente esse junho de 50.

Entrevistadora: Jogo entre cariocas e paulistas, né?

Jayme: É um jogo amistoso.

Entrevistadora: E essa data quase não é lembrada.

Jayme: Não, Exatamente.

Entrevistadora: Qual é a data que é emblemática, lembrada?

Jayme: Ora, 16 de julho, o dia da derrota. Exatamente, isso ficou marcado, 16 de julho de 1950, isso ficou marcado, né? E eu tenho a impressão que não vai conseguir ser apagar.

Entrevistadora: Também tenho essa sensação.

Jayme: Porque até hoje essa mágoa contra o Uruguai e todos citam ainda, quer dizer quem era, mas ou menos daquela época Obtúlio Varela, Ghiggia. Bom, o Ghiggia me parece que faleceu agora. Inclusive ele se desculpou muito ao Brasil, mas faz parte do jogo.

Entrevistadora: Claro. Fico pensando como uma data pode ser marcada como inaugural.

Jayme: Exatamente, pela faixa negativa.

Entrevistadora: Pois é, como trauma. Não pela celebração, como se esperava.

Jayme: Exatamente, quando todos já festejavam por antecipação. Ninguém, ninguém poderia imaginar. Por que já era tradição sempre, o país que promove, o país sede é certo ser vencedor. Sempre, sempre, sempre, raras exceções e tal, mas aquilo, basicamente a torcida realmente ajuda muito, né?

Entrevistadora: O décimo segundo jogador.

Jayme: Isso.

Entrevistadora: E daí eu fico pensando, no porque, porque essa data, copa de 50, também como um todo nunca foi esquecida sempre é falada, sempre é tocada, mas só que agora 2, 3 anos até 4 anos a partir da escolha do Brasil como sede, o Brasil teria, terá um estádio de que vai fazer a segunda final de Copa do Mundo.

Jayne: Exatamente.

Entrevistadora: Na verdade tem um Estádio Asteca no México.

Jayne: Também.

Entrevistadora: É, nós teremos assim, pela segunda vez a gente vai estar sediando, uma copa do mundo, então traz as memórias à tona.

Jayne: Exatamente.

Entrevistadora: Memórias desse fato, da copa que já aconteceu aqui.

Jayne: Geralmente pesa mais o lado negativo.

Entrevistadora: O senhor pensa que as pessoas estão temerosas?

Jayne: Ah, sim. Já não existe mais aquela força, principalmente atualmente.

Jayne: Você vê que os grandes jogadores, vão para Europa, não existe mais o amor ao time, daquela época. Eu me lembro ainda, antes ainda, meu pai era comerciante, ele tinha lojas no Méier, naquela época. E tinha uma fábrica de artefatos de couro, eram bolsas, malas, tinha também fábrica de guarda-chuva porque o pessoal vinha da Europa, trazia essa tradição. Eu me lembro de uma costureira, na fábrica do meu pai, então ela tinha um filho que jogava de futebol, senão me engano chamava-se Adílson, ele era ponta direita, então ela morava no Engenho de Dentro, que é depois do Méier.

Entrevistadora: Eu sei.

Jayne: Então, o filho vinha à loja apanhar dinheiro com ela era, um tostão, para pegar o bonde, pra ir treinar em São Cristóvão ou no campo do Vasco, naquela época ela dava a ele, ele queria 200 reis e ela só dava 100 reis, um tostão. Pra pegar o bonde e ir. E a volta? Não, a volta você vem a pé ou vão te dar o dinheiro lá! Naquela época era assim. Depois ele foi jogador, era ponta direita, foi profissional. Mas naquela época, não é o que é hoje.

Entrevistadora: Não.

Jayne: Hoje em dia, um jogador desse, de futebol, ele é venerado e tem o lado positivo e o negativo, a gente vê isso toda hora.

Entrevistadora: Com certeza.

Jayne: Mas naquela época não havia isso então a gente usava até aquela expressão: Vai com a chuteira embaixo do braço. Porque naquela época, quem tinha chuteira, naquela época só os jogadores de nomeada mesmo, porque naquela época jogava todo mundo descalço.

Entrevistadora: Antigamente, jogador de futebol não era profissão. Você jogava mas tinha que ter uma profissão de sustento.

Jayne: Exatamente, você tinha os expoentes, que realmente eram os conhecidos, naquela época eram meia dúzia deles, e tal, eles não ganhavam o que se ganha hoje em dia, então não havia esse preparo todo que você vê hoje em dia. Não havia o profissionalismo que existe hoje, são empresas que comandam isso tudo.

Entrevistadora: Então, agora o Brasil foi escolhido para sediar a próxima Copa do mundo, ano que vem.

Jayne: Certo.

Entrevistadora: Mas o que o senhor acha, quais as mudanças, as intervenções na cidade, o que o senhor acha de positivo e negativo disso tudo? Como que o senhor vê essa escolha do Brasil e do Rio de Janeiro para essa Copa de 2014?

Jayme: Bom o que eu acho.... Pelo lado positivo, realmente é fabuloso, mas aí vamos pesar o lado negativo, que realmente vai acontecer. A infraestrutura, infelizmente, não vai dar. Eu sei porque eu sinto isso no meu dia a dia.

Entrevistadora: Já estamos sentindo, né?

Jayme: Realmente é muito difícil. Olhando o lado físico, o lado moral, olhando todos os lados. Nem vamos levar para àquele lado da segurança, do problema de arrastões e não sei o que. Não vamos nem levar pra esse lado, vamos olhar pro outro lado, por exemplo, o lado do trânsito.

Jayme: Mas vai ser um caos total, hoje em dia, que não ainda não tem nada disso, já existe esse problema muito sério.

Entrevistadora: Têm ocorrido alguns eventos testes.

Jayme: Eu vejo no dia a dia. Eu moro em Ipanema e eu vou trabalhar, meu trabalho é ali na vizinhança de, justamente no Maracanã, pertinho do Maracanã, na rua Afonso Pena, é na Praça Afonso Pena e tal, então eu vejo o problema. Eu vejo um problema já na Lagoa, outro no Rebouças, ao descer já existe o problema, não posso, mas ir pelo meu caminho antigo em que eu descia na Praça da Bandeira, fazia o corte e pegava a rua Mariz e Barros. Entrava tranquilo, tranquilo, hoje em dia não existe mais isso, inclusive a uns dois meses atrás tudo piorou. Eu tive uma surpresa muito grande, estava interditado.

Jayme: O pessoal todo ouviu na CBN, mas eu não ligo na CBN. Descia normal, Praça da Bandeira, encontrei tudo bloqueado como aqueles cones enormes que eles põem agora. Então onde eu queria fazer um retorno, não tinha, o resultado, eu fui obrigado a ir até Vila Isabel!

Entrevistadora: Eu acredito.

Jayme: Fui até a Praça Luiz Gusmão, consegui fazer um retorno, pra voltar, pra pegar voltando para a Tijuca, isso porque eu conheço aquela área. Eu que conheço a área, fiquei meio perdido, não encontrava um retorno! Resultado: levei uma hora e meia pra conseguir chegar um trajeto que faço no máximo, no máximo em vinte minutos, meia hora.

Jayme: Realmente foi um caos. E até hoje em dia continua por que eles abriram, mas uma Avenida na Rua do Matoso, então vão fechar a Rua do Matoso, então está uma dificuldade muito grande né? Resultado, quando eu saio do Túnel Rebouças, já desço na Paulo de Frontin faço um retorno lá, que é bem mais perigoso.

Jayme: Então, realmente, ando com receio do caos no trânsito que será nessa Copa do Mundo. Eu acho que nossa cidade ainda não tem infraestrutura pra esses eventos de grande porte. Mas agora é torcer para que tudo dê certo.

Entrevistadora: Bom, eu agradeço a entrevista e sua atenção com minha pesquisa.

**

ENTREVISTA 7 – MARIA HELENA STORINO

(Bióloga)

Data da entrevista: 11 de março de 2014.

Local: Residência da entrevistada (Gávea/RJ).



Figura 73 Crédito: Maria Antônia de Sena

Entrevistadora: Hoje, dia 11 de março de 2014, vamos realizar a entrevista com a primeira mulher entrevistada dessa pesquisa, a senhora Maria Helena Storino, bióloga, que tentará recordar a Copa de 50 e outras recordações sobre o Estádio do Maracanã.

Entrevistadora: Que lembranças mais fortes a senhora têm da época da construção do estádio do Maracanã?

M^a Helena: Da construção eu não me lembro de nada. Foi em 1950, não é?

Entrevistadora: A construção começou em 1948 e foi até 1950.

M^a Helena: Então, nessa época eu tinha 18 anos e estava envolvida até o pescoço em estudar. Eu estava fazendo vestibular para Medicina e meu pai estava trabalhando em Porto Alegre e nas férias nós íamos para lá e ficávamos com ele.

Entrevistadora: A senhora morava onde, nesta época? Em que bairro?

M^a Helena: No Leblon.

Entrevistadora: Ou seja, não estava tão próxima da movimentação ocorrida no bairro do Maracanã com a construção do estádio.

M^a Helena: É. Pois é, e nessa hora eu estava realmente muito envolvida em estudar e fazer vestibular para Medicina.

Entrevistadora: E qual é a sua primeira lembrança de ter ouvido falar no Estádio do Maracanã?

M^a Helena: Lembro que as pessoas comentavam os jogos importantes. Mas eu não era de assistir jogo de futebol, realmente nada ligada a futebol. Só que o pessoal da minha família e tal que comentava, inclusive alguns membros da minha família tinham aquelas cadeiras cativas lá e então eles emprestavam e me chamavam para ir no Maracanã. Mas eu não estava me envolvendo em jogo de futebol nenhum nessa época. Que mês foram os jogos?

Entrevistadora: Os jogos da Copa do mundo forma no mês de julho.

M^a Helena: Então, eu já tinha terminado o vestibular. Fiz vestibular em janeiro e eu estava na faculdade de Medicina, então estava envolvida com aquilo que eu gostava de fazer. Eu não ia muito a jogos. Fui, fui várias vezes, me chamaram. O pessoal da minha família ia. Meus parentes, meu namorado, que agora é meu marido, também que gostava muito de futebol, meu cunhado, casado com minha irmã, meus primos.

Entrevistadora: Mais homens, não é?

M^a Helena: É. A maioria sim. Eles eram muito chegados, iam. Eles queriam ir e me chamavam. Então eu fui a alguns jogos, mas para dizer a verdade nem sei quais jogos, contra quem não sei. O que eu me lembro mais, que me marcou mais, foi o último jogo. Foi o final. Até minha mãe foi. Eu me lembro saindo com minha mãe de lá.

Entrevistadora: Sua mãe foi? Foi a senhora, foi sua mãe e quem mais foi?

M^a Helena: Pois é. Foi meu namorado, meu atual marido. Foram minhas irmãs. Porque uma das minhas irmãs era casada com um dos proprietários das cadeiras cativas. Então eles arranjavam outras cadeiras e a gente ia sentava naquele lugar lá onde tinha a cadeira dele e de mais alguém que emprestava. Foi uma turma, realmente foi um grupo.

Entrevistadora: E vamos foram como? De carro?

M^a Helena: fomos de carro. Meu pai tinha carro. Naquele tempo não tinha estes problemas terríveis de estacionamento que você vê hoje. Eu lembro, nós fomos de automóvel. A maioria tinha carro na família e foi todo mundo de carro.

Entrevistadora: E aí me conta como foi esse dia.

M^a Helena: Foi emocionante. Muito emocionante o jogo. Eu me lembro de ter participado, porque mesmo que eu não seja muito ligada em futebol, aquele negócio mexe com você mesmo que não queira, né?! Então o jogo foi emocionante até o final, quando a gente não ganhou. Então o que eu me lembro mesmo nitidamente foi a saída. Foi uma coisa assim de dar vontade de chorar. Todo mundo mudo, triste, descendo uma rampa. Não sei mas tinha uma rampa com as laterais abertas que a gente descia.

Entrevistadora: E era muita gente?

M^a Helena: Muita gente. Muita gente mesmo. Todo mundo num silêncio, numa coisa assim deprimente. Eu me lembro principalmente desse pedaço. O resto do jogo eu nem guardo lembranças específicas mas eu me recordo muito dessa saída, essa sensação de desânimo, de tristeza, de luto. É, foi uma coisa que eu guardei mesmo, essa saída em profundo silêncio.

Entrevistadora: E a senhora não é de frequentar jogos de futebol, não é?

M^a Helena: Não. E hoje em dia, então, com televisão que a gente pode assistir a tudo sem sair de casa. Depois fomos a outros jogos no Maracanã sim mas nada que me desse uma lembrança tão forte assim, que eu guardasse. A não ser esse jogo que realmente foi uma coisa que marcou muito.

Entrevistadora: Nessa época havia uma certeza de que o Brasil ia ganhar.

M^a Helena: É. O negócio era esse, a gente pensava que ia.

Entrevistadora: A senhora chega consegue se lembrar de alguma referência em jornais da época sobre os jogos e a Copa do Mundo de 1950?

M^a Helena: Não. Não lembro não. O que eu senti e lembro foi eu descendo junto com aquele povo naquela hora.

Entrevistadora: E a senhora se recorda da chegada e da entrada para esse jogo?

M^a Helena: A entrada foi como as outras. Nós fomos, procuramos o lugar, sentamos, todo mundo animadíssimo. Na entrada, eu me lembro tava todo mundo comentando, todo mundo alegre. Foi uma quebra abrupta de alegria pra desespero, de alegria pra tristeza. Acho que foi por isso que me marcou tanto. Uma euforia muito grande e uma tristeza muito grande num período tão curto de tempo, num jogo.

Entrevistadora: A senhora já foi ao Maracanã para outro evento diferente ou só para assistir jogos de futebol?

M^a Helena: Não. Fui só para jogos de futebol mesmo. É, hoje em dia tem apresentação de Papai Noel, shows de cantores mas nós nunca frequentamos nada disso. Nós íamos enquanto tínhamos aquelas cadeiras, tínhamos possibilidade mas agora acabaram com isso.

Entrevistadora: Aliás, essas cadeiras cativas foram vendidas, na época.

M^a Helena: Sim. O cara comprava a cadeira e virava posse dele e ficava para família pra toda vida. Agora acabaram com isso.

Entrevistadora: E a senhora se recorda da repercussão desse jogo final? Na sua família, entre as pessoas conhecidas.

M^a Helena: Bom, durante muito tempo, durante muitos dias, foi o assunto das conversas. Foi sim. Muitos comentários e querendo ou não eu participava. Em especial os homens que falavam muito no assunto, no jogo e tal.

Entrevistadora: Qual hora foi esse jogo? Foi de dia?

M^a Helena: Foi de tarde. Não me lembro da hora exata.

Entrevistadora: A senhora se lembra da disputa política que ocorreu para escolha do local de construção do Maracanã.

M^a Helena: Não, não lembro não.

Entrevistadora: O estádio de futebol não se chamava Maracanã. Chama-se Estádio Municipal do Rio de Janeiro. Porque após o acerto do Brasil sediar aquela Copa do Mundo, foram construídos vários estádios nas cidades que teriam jogos e um deles foi o Maracanã.

M^a Helena: Ah, isso não é de hoje não, é?! Já havia isso antes? De se construir estádios para esses eventos.

Entrevistadora: Sim, isso não é de hoje. Mas naquela época

Entrevistadora: A senhora sabia que a inauguração do Maracanã foi um mês antes daquela final da Copa de 50? Na verdade houve um jogo amistoso entre um selecionado paulista e outro do Rio de Janeiro que fizeram a estreia do Maracanã. Porém nem todos sabem disso e imaginam que a inauguração ocorreu exatamente na Copa do Mundo.

M^a Helena: Não sabia.

Entrevistadora: Pois é, como essa data da partida final ficou gravada em sua memória mesmo para senhora que não é uma pessoa fã de futebol, frequentadora assídua de jogos, também ficou marcada para os outros que assistiram a esse jogo final.

M^a Helena: Pois é, não vou e nem assisto jogos de futebol, só os do Flamengo. Esses eu assisto com meu marido na televisão.

Entrevistadora: Mas a senhora disse que não assistia futebol?

M^a Helena: É, mas sou Flamengo desde pequena e os jogos dele eu assisto.

Entrevistadora: Quanto ao nome do Maracanã, a senhora se lembra quando o estádio começou a ser chamado assim?

M^a Helena: A área ali chama-se Maracanã. Então é o estádio do Maracanã, a estádio daquele local.

Entrevistadora: Exatamente. É ao lado do Rio Maracanã e em frente à estação de trem do Maracanã.

M^a Helena: Acho que foi desde o início que chamavam assim porque é mais fácil lembrar o lugar e não o nome certo do estádio. É o estádio do Maracanã, por ser na área. Podia ser do Leblon se fosse naquele bairro. Ou da Gávea. É por causa do local em que ele está.

Entrevistadora: É. Era um modo de você localizar, delimitar onde era o estádio. Mas na verdade o estádio teve seu nome mudado para Estádio de Futebol Jornalista Mário Filho para homenagear esse jornalista e cronista esportivo. Mas Maracanã é um nome que ‘pegou’, né?

M^a Helena: É. Qualquer coisa gigantesca agora a gente diz: é o Maracanã. Você diz: É um Maracanã de gente. Você logo pensa que é muito grande. Quando queriam falar que uma coisa é muito grande, majestosa, o pessoal usava muito esse termo.

Entrevistadora: Porque foi mesmo, durante muitos anos, o maior estádio de futebol do mundo.

M^a Helena: Ah, é?

Entrevistadora: Existia uma vontade, na época, de mostrar a grandiosidade do país, inclusive na arquitetura. Então construiu-se, no Brasil, edificações monumentais,

grandiosas, como a UERJ, universidade do estado construída, na década de sessenta, ao lado do Maracanã.

Entrevistadora: E agora, atualmente, como a senhora vê a escolha a cidade do Rio de Janeiro para sediar esta Copa do Mundo este ano?

M^a Helena: Não sei quem é que escolheu. Ela se candidatou e foi escolhida. Os governantes claro que querem puxar a brasa para sardinha deles. E o Brasil é muito ligado ao futebol, é coisa que mais todo mundo sabe, todo mundo fala. As crianças todas jogam futebol, é uma coisa que apela muito a todo brasileiro então naturalmente os governantes tentaram trazer aqui pro Brasil porque é um país de futebol. Então com futebol apela muito aos brasileiros, os governantes tentaram, e conseguiram trazer a Copa pra cá. Eu não estou vendo coisa boa nisso não. Porque está tudo atrasado, as obras estão sendo feitas agora correndo. Não sei, vamos ver....

Entrevistadora: Eu queria que a senhora falasse a sua percepção de como o brasileiro vê o Maracanã?

M^a Helena: Como uma propriedade sua, como uma coisa importante que ele tem, melhor do mundo inteiro. Que ninguém tem um estádio como nós temos, não é isso? Eles acham isso e que todo mundo conhece. Ele tem certeza que o mundo inteiro conhece o Maracanã. Em geral, todo o brasileiro é capaz de dizer que é o melhor e o maior estádio de mundo. Eles acham que você tem que conhecer o Maracanã, qualquer pessoa, um amigo, que chegue de fora, você tem que levar para conhecer. Eles consideram um negócio importante, uma referência pro país. O país se orgulha de ter o Maracanã. Nenhum outro estádio todo brasileiro já ouviu falar. Mesmo que seja em outro estado, Ceará, Pará, Acre, não tem ninguém que não saiba o que é o Maracanã e onde é que fica. Realmente é uma coisa de se vangloriar brasileiro de ter o Maracanã.

Entrevistadora: Pois é, ele sediou uma Copa do Mundo, isso também traz uma magia, um enaltecimento, há também um trauma.

M^a Helena: Jogou e perdeu....

Entrevistadora: Como a senhora falou, mesmo a pessoa sem nunca ter entrado, conhece o Maracanã.

M^a Helena: Conhece, já ouviu falar. O mundo inteiro já ouviu falar do Maracanã.

Entrevistadora: E agora a perspectiva dessa próxima Copa? Porque a final outra vez acontecerá lá. Como a senhora vê isso? Supondo que a Seleção brasileira consiga chegar à final e jogue no Maracanã, como a senhora imagina que será?

M^a Helena: E, nem fale. Vai ser uma correria, uma vontade de arrumar ingresso, entrada, vai ser uma inundação de gente.

Entrevistadora: Vamos esperar para ver. Então, agradeço muito essa entrevista.

**

ENTREVISTA 8 – MARILDA CASTEX CARDOSO DA CASTRO

(Do lar, moradora do bairro do Maracanã)

Data da entrevista: 24 de março de 2014.

Local: Residência da entrevistada (Maracanã/RJ).



Figura 74 Crédito: Maria Antônia de Sena

Entrevistadora: Que lembranças a senhora tem da construção do Maracanã? A senhora lembra com era ou o que era o terreno onde foi construído esse estádio?

Marilda: Olha o terreno é aquele mesmo onde está. Agora no terreno que fica atrás, tem uma rua. E ali, eu me lembro que meu pai me levava, tinha um lugar que tinha uns bichos, uns animais. Tipo um zoológico mas não era um zoológico.

Entrevistadora: Era um terreno baldio?

Marilda: Era. Era um terreno deserto onde tinham uns animais que ficavam ali. Isso que eu me lembro. Tinha o rio, esse canal que tem até hoje, e o terreno não era cercado não.

Entrevistadora: E nessa época, no Rio de Janeiro, havia muitas corridas de cavalos, o turfe. A senhora lembra se tinha algo assim ali no terreno que foi construído o Maracanã?

Marilda: Não, não tinha não. Eu não lembro disso.

Entrevistadora: Então, que a senhora lembre, só havia esse terreno onde havia uns animais que seu pai lhe trazia para ver, não é?

Marilda: É. Depois acabaram com esse lugar mas não sei o que fizeram lá.

Entrevistadora: Sei.

Marilda: Mas não tinha essa rampa que fizeram no caminho da Quinta da Boa Vista até no Maracanã. Porque eu, meu pai e meus irmãos chegávamos e íamos ver os bichinhos e era ali onde agora tem a rampa.

Entrevistadora: Mas esse lugar tinha outra diversão, como andar de charrete ou a cavalo?

Marilda: Não. Era só para visitar e ver os animais.

Entrevistadora: E a senhora lembra da briga, do conflito político que houve naquela época em relação a escolha do local em que o estádio seria construído?

Marilda: Não, não lembro.

Entrevistadora: Qual a primeira lembrança que a senhora tem do Maracanã já construído?

Marilda: Foi boa a sensação.

Entrevistadora: A senhora viu a construção acontecendo?

Marilda: Vi. Era uma grande obra. Um canteiro de obras. Começaram a fazer, cercaram tudo antes. Só que ele não é o que estava antes. O Maracanã que estava antes não era igual a esse de hoje, de agora.

Entrevistadora: O Maracanã da época de 1950, a senhora está falando dele?

Marilda: Sim. O primeiro. Sim, era tudo assim: laje. Tudo de cimento. Não tinha essas cadeiras não. A gente ficava sentada assim no chão, de cimento.

Entrevistadora: E a primeira vez que a senhora entrou na Maracanã, a senhora lembra?

Marilda: Ah, eu achei lindo. Fiquei contente. Nessa época eu ia com meu namorado, que veio a ser meu marido, porque eu comecei a namorá-lo com doze anos. Então ele era Flamengo doente. E ele gostava muito de futebol aos domingos. Era o nosso passeio, meu e dele. E não tinha essas torcidas organizadas como tem agora não. E saía tanta briga, sabe?

Entrevistadora: Saía briga?

Marilda: Sim, bem no início, de vez em quando tinha. Mas depois começou a ter muita briga mesmo.

Entrevistadora: E tinha muitas mulheres assistindo futebol no Maracanã, naquela época?

Marilda: Tinha poucas mulheres. Eles não gostavam que a gente fosse por causa das brigas e porque também os homens falavam muito palavrão. Eles gritavam. Era um espaço pra homens. Mulheres, pouquíssimas iam. Mas como eu queria acompanhar ele, meu namorado, eu ia. Então era todo domingo. Eu nem gostava de futebol, ia por causa da companhia dele.

Entrevistadora: Era seu lazer, acompanhar seu namorado.

Marilda: É. Nós éramos amigos de escola e depois namorados. E assim foi até quando a idade já não deixava nós irmos ao Maracanã. Daí assistíamos na televisão.

Entrevistadora: Então, em 1950, a senhora estava com 21 anos. A senhora lembra da inauguração do Maracanã?

Marilda: No primeiro?

Entrevistadora: Sim, no primeiro. A inauguração em 1950.

Marilda: No primeiro era uma coisa normal, de cimento, sem torcida organizada. Era tudo misturado por isso que saía briga toda hora. E eu ficava ali, eu e ele. Nunca ninguém soube, na arquibancada, qual time nós éramos. Não sabiam se a gente era Flamengo, Vasco, sei lá. A gente não se mexia, ficava quieto, não gritávamos. Porque era tudo misturado, não tinha essa separação das torcidas e a gente tinha medo de briga.

Entrevistadora: A senhora lembra que, naquela época, havia aluguel de almofadas para se sentar no Maracanã?

Marilda: Tinha. Porque ficar sentado horas naquele cimento doía. Eu levava travesseiro. Porque eu era magrinha e nós chegávamos cedo para pegar um bom lugar. Ninguém gosta de ficar atrás do gol, gosta de ficar dos lados. Porque naquela época não havia cadeira numerada, nem nada disso. Então tinha que chegar cedo e a gente ficava esperando horas e horas para o jogo começar. E você não podia encostar porque tinha as pernas dos outros atrás, nas suas costas. Não tinha encosto, lugar para encostar. Você sentou ali, não saía mais. Ficava todo mundo grudado, esperando pra começar tudo, o jogo.

Entrevistadora: Então todo domingo vocês estavam lá na Maracanã?

Marilda: Sim, todo domingo. Não importava qual era o time. A gente ia lá assistir. E até hoje eu assisto, na televisão. Nem sei que campeonato é, que times são.

Entrevistadora: Em 1950, logo após a inauguração, teve a Copa do Mundo. A senhora chegou a ir a algum jogo dessa Copa?

Marilda: Fui. Fui a todos os jogos dessa Copa. Mas só os jogos daqui, do Maracanã. Eu morava perto, na Rua São Luiz Gonzaga, perto da Cancela, em São Cristóvão. A gente vinha a pé, a gente atravessava a Quinta e vínhamos a pé até a entrada. Atravessávamos a rede ferroviária, e não tinha aquela rampa que tem hoje não.

Entrevistadora: A senhora lembra desses jogos, se tinha muita gente assistindo, se as pessoas vinham caminhando a pé, como era isso tudo naquela época?

Marilda: A entrada era aquela principal e só. Só tinha aquela entrada. Aquela que hoje tem a estátua do Belini. Só que não tinha a estátua.

Entrevistadora: Vocês dois vinham a pé e sozinhos?

Marilda: É. Vínhamos sozinhos.

Entrevistadora: E a senhora lembra se o povo estava muito animado, se vinham muitas pessoas?

Marilda: Olha, não tinha essa animação que tem hoje não. O estádio melhor que tinha era São Januário, do Vasco. Era o melhorzinho. Tinha arquibancada de um lado e era de madeira. Não tinha como escolher não. Sentava todo mundo ali, nos degraus de madeira da arquibancada. Depois melhorou o lado esquerdo, era para os sócios. Tinha muitos sócios, era também, a tribuna. Mas tudo muito simples. Coisa simples. E do lado direito era a arquibancada, que dá hoje para a favela, aquela que lá. Não lembro o nome.

Entrevistadora: A senhora chegou a assistir algum comício político lá em São Januário? Inclusive Getúlio Vargas usou este estádio para falar ao povo. A senhora lembra?

Marilda: Eu não lembro disso não.

Entrevistadora: Mas me conta como era ir no Maracanã naquela época?

Marilda: Era tranquilo. Mas iam pouquíssimas mulheres. Eu estava entre essas poucas. Não queriam que mulheres fossem ao estádio por causa das brigas. E não tinha esse policiamento que tem hoje. Aí, abria aquele clarão no meio da torcida. Havia brigas porque não havia essa separação de torcidas que há hoje em dia. Era tudo misturado, todo mundo sentado no cimento. Brigavam muito.

Entrevistadora: Na Copa de 1950, a senhora lembra como foi que vocês compraram os ingressos? Se foi com antecedência. Se tiveram que ir dias antes para comprá-los?

Marilda: Nada. A gente comprava na hora. Não tinha tumulto. Chegava e comprava na hora.

Entrevistadora: A senhora está me dizendo que os ingressos para Copa do Mundo a senhora e seu namorado compravam na hora?

Marilda: É. Na hora. Não era essa baderna de hoje não. Aquilo é que foi tempo. Ai, eu tenho uma saudade, do meu passado.

Entrevistadora: Mas me conta o que era melhor? Por que a senhora tem saudade? O que era melhor no estádio?

Marilda: Era de ir e assistir. A minha finalidade não era nem assistir o futebol. Era ele, meu namorado. Estar em companhia dele. Eu namorei ele doze anos. Desde escola, eu estudava na mesma escola que ele. Não existe mais, lá na Avenida Pedro II, era o Colégio Santa Cecília. A família dele era de Conservatória mas ele morava com uma tia que morava em São Cristóvão, perto da igreja. Ele veio para cá, para estudar. E meu pai era juiz lá, naquele bairro. Aí, casamos depois de doze anos.

Entrevistadora: E então a senhora nunca teve esse fascínio pelo futebol. Só assistia os jogos e ia nos estádios para acompanhá-lo, né?

Marilda: Sim. E agora sou me tornei Flamengo. E assisto tudo quanto é jogo pela televisão. Ainda ontem mesmo eu assisti. Eu assisto tudo. Os jogos dos times de fora. Às vezes eu nem sei quem está jogando. Eu faço assim: eu escolho um dos times que estão jogando para torcer e fico assistindo.

Entrevistadora: Mas a senhora estava lá na partida final da Copa do Mundo de 50, e me conta como foi?

Marilda: Olha, eu não sei te contar a partida. Esqueci.

Entrevistadora: Mas não é para me contar o jogo. E sim, como foi a entrada no estádio, como estavam as pessoas, a expectativa do jogo, essas coisas, entende?

Marilda: Pra mim foi um jogo como outro qualquer, porque eu estava ali para ter a companhia dele. Tinha mais gente que o habitual. Tinha mais mulheres. Eu lembro. Lembro dos jogadores. Tinha o Ademir.

Entrevistadora: E a senhora se lembra da saída após esse jogo?

Marilda: Ah, todo mundo triste, muito triste. Eles preparam as ruas, pintaram o chão as paredes, as ruas todas de bandeirinhas verdes e amarelas, em todos os bairros. E depois veio essa ducha de água fria. Foi triste.

Entrevistadora: E a senhora, como foi?

Marilda: Fiquei chateada, né? Porque eu sou brasileira. E todo mundo animado fazendo essas coisas. Aí termina o jogo e não ganha. Foi uma decepção. O pessoal deixa, vai apagando com o tempo mas a tristeza o pessoal não esquece.

Entrevistadora: E como a senhora está vendo essa próxima Copa do Mundo que vai acontecer daqui a poucos meses?

Marilda: Pelos jogos que eu estou vendo hoje em dia, não sei, acho que o Brasil não vai bem. Eu assisto os jogos, aqui em casa, na televisão. Vejo os amistosos e não vai bem não.

Entrevistadora: O Maracanã irá sediar outra Copa do Mundo, agora, em junho, pela segunda vez.

Marilda: Eu tinha vontade de ir lá.

Entrevistadora: E por que a senhora tem vontade de ir?

Marilda: Ah, porque eu assisti desde o começo. Eu acompanho. E ele está lindo como está. Está muito bonito. A gente vê daqui, a noite, as luzes. Eu, agora, já sei até que time vai jogar, pelas cores que estão iluminando o Maracanã no dia do jogo. Se é o Flamengo, ele fica vermelho, né? Porque ele agora acende as luzes conforme o time que vai jogar.

Entrevistadora: É, isso é uma coisa nova. Antes ele era iluminado com luz branca.

Marilda: Sim. Do meu outro apartamento eu via toda arquibancada do Maracanã. Eu via o movimento das pessoas comprando os ingressos, as filas. Porque era uma bagunça, um tumulto para comprar. Gente dormia a fila. Famílias inteiras sentadas em volta do estádio, esperando para comprar os ingressos. Agora dá pra comprar pela Internet, né? Eu nunca pensei de ver o Maracanã assim, como está hoje!

Entrevistadora: A senhora não imaginava, né?

Marilda: É. Eles capricharam e muito. As coisas estão mais modernas. Tem cadeiras numeradas. Em 1950, eu lembro que a tia dele, do meu marido, queria comprar uma cadeira cativa para dar de presente para ele, mas ele não quis e deixou que ela comprasse porque era muito caro.

Entrevistadora: E além da Copa de 1950, a senhora assistiu outros jogos no Maracanã?

Marilda: Sempre. Assisti a muitos jogos. Porque quando ele era vivo, era um hábito, nós íamos todo domingo lá. Mas depois a idade vai chegando e fica difícil sair. Aí nós assistíamos na televisão, em casa mesmo. E nós escutávamos quando era gol. Aquele som da torcida que ouvíamos de casa.

Entrevistadora: E o que a senhora pensa que vai acontecer nessa próxima Copa do Mundo? E senhora está receosa quanto à segurança?

Marilda: Não. Segurança eu sei que vai ter. Porque vai ter até polícia que vem do federal. Como na inauguração dele, você viu como tinha policiamento? Teve muita gente, uma multidão. E não teve nenhum problema porque tinha muito policiamento nas ruas. Eu já estou pensando se o Maracanã como está, se vai dar, se vai caber tanta gente lá.

Entrevistadora: Não, não vai. Porque reduziu muito a quantidade de lugares e o limite de pessoas. Não tem mais a geral, a arquibancada tem cadeiras. E no espaço de uma cadeira cabiam umas cinco ou seis pessoas a mais.

Marilda: Mas a empolgação que está com esse Maracanã. É impressionante. O povo está muito animado. E nem precisa de Copa não. Qualquer jogo com nossos times já fica o maior alvoroço aqui. Parece uma final de Copa do Mundo. Agora você imagina os torcedores que vem de fora para o Brasil para assistir essa Copa, não vai caber lá dentro!

Entrevistadora: A senhora já entrou nesse atual Maracanã remodelado?

Marilda: Então não fui! Fui sim. Está lindo. Maravilhoso. Tudo muito bem acabado, tudo de primeira. Banheiros limpos, com chuveiro, arrumados. Tudo muito perfeito. As entradas, as saídas. Não saiu uma briga lá dentro. Eles botaram bastante policiamento.

Entrevistadora: O Maracanã, a senhora acha que tem algo de diferente dos outros estádios? Por que será que todo mundo fala dele?

Marilda: Ah, é um símbolo do Rio de Janeiro. Um símbolo do Brasil. Por exemplo, ele é como se fosse um museu. Não é? É um museu de histórias. Está lá até hoje. E vai ser preservado e muito. Porque mais do que está não é possível fazer. Ele está lindo, perfeito. Fizeram rampa pra trás dele. Rampa que vai direto pra Quinta.

Entrevistadora: Então a senhora vê o Maracanã assim, como se fosse um museu?

Marilda: Sim. Eu o vejo como um museu. Porque a pessoa vem pro Brasil e quer ver o Maracanã, se vem ao Rio, quer conhecer o Maracanã. Mesmo quem nunca o viu, sabe que ele existe. Também, porque na televisão, a pessoa vê e pensa: que lindo.

Entrevistadora: Dona Marilda quero lhe agradecer muito pela entrevista.

Marilda: Eu sinto não poder recordar de tudo mas pela idade eu já não lembro muita coisa.

Entrevistadora: Que isso. Agradeço demais sua entrevista.

**

ENTREVISTA 9 – CLEBER LIMA
(Professor, nascido e morador de Manaus)
Data da entrevista: 29 de março de 2014.
Local: Entrevista realizada pelo Skype.



Figura 75

Crédito: Cleber Lima

Entrevistadora: Você tem algum familiar ou conhecido que já fosse nascido em 1950 e que se recorda da Copa do Mundo de 1950, cuja final foi no Maracanã? Ele já comentou sobre aqueles jogos com você?

Cleber: Não que eu me lembre.

Entrevistadora: O que você ouviu falar dessa Copa do Mundo de 1950?

Cleber: Já ouvi falar e li a respeito. Foi um desastre. O Brasil jogava pelo empate, fez o primeiro gol e cedeu a virada para os uruguaios.

Entrevistadora: Você já esteve em algum jogo no Maracanã?

Cleber: Não.

Entrevistadora: Você já entrou ou visitou pessoalmente o estádio do Maracanã?

Cleber: Não.

Entrevistadora: Qual é a sua primeira lembrança a respeito do Estádio do Maracanã?

Cleber: O gol do Tita na final do Carioca de 1987. Roberto dominou no peito e rolou para o chute do Tita. Vascão Campeão. Chora urubuzada.

Entrevistadora: Mesmo sem nunca tê-lo visitado, que memórias você tem sobre o Maracanã? De vê-lo na televisão, revistas, jornais e etc.

Cleber: O espetáculo das torcidas reprisadas no Canal 100 são emocionantes. Mas as lembranças mais presentes em minha memória foram dois jogos. O primeiro foi a partida dos dois gols do Romário contra o Uruguai nas eliminatórias para a Copa de 1994. Depois foi o show que o Edmundo proporcionou a todos os vascaínos em 1997. Foram três gols, recorde batido, vascão na final. Ainda por cima a goleada (4x1) foi em cima do Flamengo. Não tem preço.

Entrevistadora: Que sensação o Estádio do Maracanã lhe traz?

Cleber: Alegrias e Tristezas. Mas a tristeza maior foi terem mexido num monumento histórico como o Maracanã. Ouço muita gente dizer que o Estádio está lindo. Claro, com o dinheiro que foi gasto não poderia estar feio. Mas o antigo Maraca era muito mais belo, imponente e inigualável. Hoje se transformou num estádio comum. Essa maldita Copa acabou com o Maracanã.

Entrevistadora: Como você entendeu a escolha do Rio de Janeiro como sede da Copa do Mundo de 2014? Você considera que este evento trará mudanças para a população carioca e brasileira?

Cleber: Sou irremediavelmente contra essa Copa do Mundo seja no Rio de Janeiro, seja em Manaus ou em qualquer outro lugar do Brasil. O evento servirá pra onerar ainda mais o povo brasileiro e enriquecer ainda mais empreiteiros e políticos inescrupulosos.

Entrevistadora: Que outras lembranças ou ideias você tem sobre o Maracanã que gostaria de relatar?

Cleber: Infelizmente o Maracanã se foi, Rosângela.

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua entrevista.

ANEXO II

Letras das músicas, do cancionero brasileiro, com referências ao Estádio do Maracanã

Música 1

ABC da Vida (Luiz Reis/Haroldo Barbosa)

Você não tem
Não tem pelada de calçada
Você não tem cara de quem vê madrugada
Não emendou o hoje com o amanhã
Não viu Pelé não viu Mané no Maracanã
Você não viu Mangureira na avenida
Você não sabe o ABC da vida
Não custa nada pra aprender ai ai
Nem um tostão para estudar
É só abrir o coração para entender
A universidade popular
Larilará...
Você não tem
Não tem pelada de calçada
Você não tem cara de quem vê madrugada
Não emendou o hoje com o amanhã
Não viu Pelé nem o meu Mané (jóia) no Maracanã
Você não viu Mangureira na avenida
Você não sabe o ABC da vida
Não custa nada pra aprender ai ai
Nem um tostão para estudar
É só abrir o coração para entender
A universidade popular

Música 2

Eixo Rio-São Paulo (Nuno Geraes)

Nas brumas de Copacabana, em saias tingidas de sol.
Subir em vôo rasante de um sonhador delirante,
Abraço o Pão-de-Açúcar e o Corcovado.
Minhas retinas no Arpoador.
Avisto terra; favelas da dor.
Samba que na Apoteose não sambou...
Samba que na Apoteose não sambou.

Pego a mala de couro pesada.
A rodoviária está calada.
Um sol entre arranha-céus em São Paulo,
Um sol entre arranha-céus em São Paulo.
Fumaças, carros, transeuntes.
Rio Tietê, cadê ocê?
Ipanema, Leblon, Baía da Guanabara...
Ipanema, Leblon, Baía da Guanabara.
"Saudosa Maloca" ainda toco no meu violão,
"Saudosa Maloca" ainda toco no meu violão.
"Saudosa Maloca" ainda toco no meu violão.
Do Maracanã ao Morumbi...
Do Maracanã ao Morumbi
Gool!!! É só chegar e relaxar...
É só chegar e relaxar.
Tô tentando Elis, relaxar, aprumar...
Tô tentando Elis, relaxar, aprumar....
Pra ser feliz...
Feliz, feliz, feliz, feliz, feliz.

Música 3

Maracanã (Francis Hime / Paulo Cesar Pinheiro)

Maracanã,
Sou torcedor,
E resolvi fazer um samba em seu louvor.
Prá começar,
Veja o senhor,
Seu nome é a cara do Brasil,
Que um passarinho anunciou.
Maracanã,
Da festa popular,
Domingo é lá que a poesia vai rolar.
Feliz de quem por lá passou,
E viu um Deus de pernas tortas
Que esse campo abençoou.

Maracanã,
É nossa catedral,
E com a Mangueira do seu lado, é bom sinal.
É futebol!
É carnaval!
Paixão igual a do meu povo
Eu não conheço nada igual.
Cem mil pessoas no calor de uma final.
E o samba explode na geral.
Um gol no último minuto, pessoal.
Na decisão de um campeonato nacional,
Mangueira faz seu carnaval,
Mangueira faz seu carnaval.

Música 4

O Massacre Continua (Geração do Rap)

Meu dia começou como qualquer outro dia, acordei, olhei pela janela na grande muralha vários vigias, são apenas 8 horas de um novo dia essa noite eu sonhei com o **Maracanã**, como era lindo ver aquela Nação, torcendo, apoiando o Flamengo, rumo á ser campeão, fazer o que hoje minha vida é aqui, eu não aguento mais eu quero saí, não, por aqui não tem Nação, **não tem Maracanã**, mais uma manhã aqui dentro dessa cela, é, eu tô preso teve rebelião e eu saí ileso, mais aqui dentro quantos detento, queriam tá lá fora no movimento, na correria do dia-a-dia com a arma em punho, pegá o opalão, socá de som, desfilá pela favela fazendo barulho, os camarada tá lá com a 12, com a Mac, eles tão aqui fumando crack, ouvindo 2Pac, minha manhã tá acabando, rezo á Deus todos os dias, que eu vou saí, é, já ta chegando, já é meio dia hora de almoçar o rango é mó ruim eu não vou reclamar, não, eu não sou louco, os mega vem aí e me enche de soco, eu não quero ficar 30 dias na solitária, o lugar é muito sujo, é bem escuro, e pensá que os meus parente tão pra lá desse muro, aqui tem truta de tudo quanto é lugar e por várias tretas feitas de forma errada, tem traficantes de armas e de drogas, tem também a playboyzada que por pó jogaram sua vida fora, o pior é quando vem

estuprador para nossa infelicidade, já tá lotado, não, aqui não cabe quem mandou abusar da menor de idade, ou, de qualquer outra mulher, caiu na minha mão aqui tu já era, tem mano que foi pego assaltando cometendo 157 é o sonho daqueles pivete, era sábado de madrugada, eles podiam tá curtindo na balada, mais não preferiram assaltar a loja da esquina, tinha tênis e roupa de gente fina, só coisa chique artigo de grife, pega esse tênis Nike e se não vim a tropa de choque, lá na favela bate rolo em troca de malote, ó no que deu tão preso no Carandiru, bem feito, queriam cometer o crime perfeito, outros tavam roubando o mercado do morro, estavam disfarçados, tipo máscara do zorro, uma grande parte tava fumando, não, isso não é errado, perto do que alguns fazem, eu tô falando dos deputado, dos homem do senado, e também tem aqueles que andam fardado, desvio de dinheiro da comunidade pobre lá da favela, compram voto, na hora de fazer o que prometeram, eles amarelam, são várias tretas.
Rap, naquele dia eu queria tá na rua, fazer o que é o que eu digo, O Massacre Continua..

Música 5

Raça Carioca (Sandra de Sá)

Amanhecendo o sol levanta, nosso povo aquece corações
Sou carioca, sou do Rio de Janeiro, leito das paixões
Aqui se curte caipirinha e feijoada
Terra do samba e da cerveja bem gelada
Da poesia que desfila nas esquinas as lindas canções
De vez em quando o Rio foge do compasso, perde a direção
A cada tiro, cada briga, cada passo, entra na contramão
Ah, o meu Rio de Janeiro aquele abraço, o ano inteiro te abraçamos na canção do Gil
Esta pureza, tão fogosa, tão maneira, cidade maravilhosa, coração do meu Brasil
Um beijo doce entre o amor e o desejo, energia bem forte entre a montanha e o mar

Mulher que exala luxo e sensualidade,
 sempre vou te amar
 Rio eu te amo, sou rio todo ano, **explode
 igual ao Maracanã**
 Rio do Flamengo, mar de alegria, Raça
 rubro-negra é toda essa magia
 Rio eu te amo, sou rio todo ano, explode
 igual ao maracanã
 Rio do Flamengo, sempre fui, sempre serei,
 seu fã
 De vez em quando o Rio foge do compasso,
 perde a direção
 A cada tiro, a cada briga, a cada passo, entra
 na contramão
 Ah, o meu Rio de Janeiro aquele abraço, o
 ano inteiro te abraçamos na canção do Gil
 Rio eu te amo, sou rio todo ano, explode
 igual ao Maracanã
 Rio do Flamengo, mar de alegria, Raça
 rubro-negra é toda essa magia
 Rio eu te amo, sou rio todo ano, explode
 igual ao Maracanã
 Rio é do Flamengo, e eu sempre fui e sempre
 serei sua fã, é isso ae, alô Gilsão, sabe tudo
 tijolo, hahahahaha, o mundo é raça-fla, sabia
 ? uuhl, senti a pressão malandro ? Com a
 gente é assim, não tem essa não, é só gol, é
 só gol, não tem na trave, olha a raça rubro-
 negra ae gente.

Música 6 **Maracanã (Valdavan Martins)**

Gigante de cimento
 Palco de acontecimento
 Seu gramado verde é
 Lindo tapete
 Onde a bola deita e rola
 Onde o craque faz história
 Onde o povo ri e chora
 No final de mais um show
 Foi aqui no teu gramado
 Que um rei foi coroado
 Hoje ele é chamado
 Pelé rei do futebol
 Foi aqui que uma bola
 Ao passar pelo goleiro
 Fez o povo brasileiro
 Se calar e sentir dor

Maracanã
Tu és lindo gigante
Maracanã
 Cinza cor de elefante
 Maracanã
 É cenário de amor
 Desse povo sofredor
 Num país que falta escola
 E criança pede esmola
 Tú revelas
 Vencedor

Música 7 **Círculos, Loops e Repetições (Barão Vermelho)**

Redonda hóstia da igreja
 O ciclo da natureza
 São bolas todos os planetas
 E os peitos da negra Tereza
 O Sol é uma bola de fogo
 A Terra também é redonda
 A bola é a alegria do jogo
 A Lua que não se esconde
 Porosa, esfera terrestre
 Em movimentos de rotação
 Passeios de roda gigante
Um Maracanã de emoções
 O mundo girando em torno do Sol
 Rodando feito um pião
 Redonda hóstia da igreja
 O ciclo da natureza
 São bolas todos os planetas
 E os peitos da negra Tereza
 Esferistas, gregos ensinavam seus garotos a
 comerem a bola
 O mundo começou a andar
 Depois que inventaram a roda
 A Terra, a girar em seu próprio eixo
 Círculos, loops e repetições
 Passeios de roda gigante
 Um Maracanã de emoções
 O mundo girando em torno do Sol
 Rodando feito um pião
 Redonda hóstia da igreja
 O ciclo da natureza
 São bolas todos os planetas
 E os peitos da negra Tereza

Eu quero bambolês de cintura
E grandes moedas de ouro
Alianças de casamento
Taróis e tambores de couro
Redonda hóstia da igreja
O ciclo da natureza
São bolas todos os planetas
E os peitos da negra Tereza

Música 8

Ela Briga Comigo (Moinho da Bahia)

Ela briga comigo
porque eu tomei um birinight
ela briga comigo
porque não comprei seu tenis nike
ela briga comigo
porque eu demoro no chuveiro
ela briga comigo
porque gastei o meu dinheiro

e eu só quero o seu amor
quero dar o meu amor
e eu só quero o seu amor
quero dar o meu amor

ela briga comigo
se chego em casa de manhã
ela briga comigo
quando vou ao Maracanã
ela briga comigo
no pôr do sol do fim de tarde
ela briga comigo
e corta a onda da viagem

E eu só quero o seu amor... aiiaiaiai
Quer dar o meu amor
E eu só quero o seu amor... aiiaiaiai
Quer dar o meu amor

Música 9

Rio de Janeiro (Guinga)

Rio de Janeiro
Teu perfume, teu tempero
É o azul do mar
O teu olhar coral
A água viva de sal espriada

No teu corpo de luz
Esse poder que Deus deu
Quando o Rio se lamenta
Uma onda arrebeta
Sensual
E traz de lá
Sereia
Liberta da teia das redes pra encantar
E vem num cavalo-marinho sobre as águas
reinar
Iorubá de Iemanjá
Iemanjá no mar

Rio de Janeiro o poeta num veleiro veio te
contar
Que o carioca vê
A mata atlântica inteira na palma de um
coqueiro
Solar
Esse é o povo que dança nas ruas
E o turista que desce na pista do lugar
Quer se tornar
Moreno
E primo de Ogum, afilhado de orixá
Faz jogo de vicho na sombra leve de um
flamboyant
Em tardes azuis reza no Maracanã
A oração do futebol
E o gol é o sol
O sol

Música 10

Pelas Tabelas (Chico Buarque)

Ando com minha cabeça já pelas tabelas
Claro que ninguém se toca com minha
aflição
Quando vi todo mundo na rua de blusa
amarela
Eu achei que era ela puxando um cordão
Dão oito horas e danço de blusa amarela
Minha cabeça talvez faça as pazes assim
Quando vi a cidade de noite batendo panelas
Eu pensei que era ela voltando pra mim
Minha cabeça de noite batendo panelas
Provavelmente não deixa a cidade dormir
Quando vi um bocado de gente descendo as
favelas
Eu achei que era o povo que vinha pedir
A cabeça de um homem que olhava as

favelas

Minha cabeça rolando no Maracanã

Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas

Eu jurei que era ela que vinha chegando

Com minha cabeça já pelas tabelas

Claro que ninguém se toca com minha

aflição

Quando vi todo mundo na rua de blusa

amarela

Eu achei que era ela puxando o cordão

Dão oito horas e danço de blusa amarela

Minha cabeça talvez faça as pazes assim

Quando ouvi a cidade de noite batendo

panelas

Eu pendi que era ela voltando pra mim

Minha cabeça de noite batendo panelas

Provavelmente não deixa a cidade dormir

Quando vi um bocado de gente descendo as

favelas

Eu achei que era o povo que vinha pedir

A cabeça de um homem que olhava as

favelas

Minha cabeça rolando no Maracanã

Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas

Eu jurei que era ela que vinha chegando

Com minha cabeça já numa baixela

Claro que ninguém se toca com a minha

aflição

Quando vi todo mundo na rua de blusa

amarela

Eu achei que era ela puxando um cordão

Música 11

Rio do Meu Amor (Billy Blanco)

Rio,

Estácio no passado fez este presente,

E deu abençoado três vezes à gente,

Pois Deus é africano, índio e português,

Como o babalaô, como o padre e o pajé,

A macumba, a crendice, a missa e a fé,

Teu bonito até mesmo com chuva cresceu,

Foi surgindo, todo lindo se fez.

Rio

De Pedro que primeiro foi compositor,

Foi grande seresteiro imenso imperador,

Amigo do chalaça,

Que a história faça mas não diz,

Era o dono das francesas lá da Ouvidor,

De marquesas balançou o coração,

Da tristeza de partir partiu feliz,

Por saber que inaugurou meu filme ouviu,

Como a capital do amor deste país.

Rio,

De Vasco e Botafogo, América e Bangu,

Maracanã vibrando em dia de Fla-Flu,

Do bonde que a saudade ornamentando praça,

Do tostão que era bom como a Lapa já foi,

Da boneca dourada que passa, que engana,

Enfeitando calçada de Copacabana,

Ipanema, Leblon e Arpoador.

Rio,

Do grande carnaval, do 1º de abril,

Da Vila que desceu, do dólar que caiu,

De São Judas Tadeu,

São Jorge e Cosme Damião.

Rio,

de São Sebastião que é de janeiro,

Redentor que Paulo VI iluminou,

Rio de Deus que é brasileiro e do lugar,

Rio do bicho que não deu mas ia dá,

Festival de anedotas, luz e cor,

Foi aqui que descobri que a vida é,

E encontrei o meu amor,

Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro, Brasil, Brasil....

Música 12

Viva Vaia (Danilo Moraes / Ricardo Teté)

Quem pediu silêncio no Maracanã?

Nem um minuto nem um milênio

Silêncio no Maracanã

Quem morreu?

Quem pediu silêncio

No Maracanã se engana

No Mará

Se nem câmara anecóica que o pariu

Se nem no credicard hall que o pariu

Quem pediu silêncio

Quem inventou o Brasil?

Silêncio, eu aceito argumento

Quem inventou o Brasil, registrou patente?

Se quiser dar queixa com o ministro,

Aproveite a deixa

Silêncio no Maracanã, não

Porque o samba é surdo
E os tamboris agoniados
Sempre na marcação
Silêncio, não
Quem é que leva a alegria para
Milhões de corações brasileiros?
Eu aceito o argumento
Um minuto de silêncio
Onde está o morto?
Onde está o surdo?
Onde é o túmulo do bamba?
Um minuto de silêncio um minuto de samba
Quem pediu silêncio ouviu a vaia
E viva vaia
Viva vaia-iá-iá-iá
Viva vaia-iá-iá-iá-iá

Música 13

Meu Rio de Janeiro (Mc Cazuzá)

Rio de Janeiro, uma cidade vibrante
Sua beleza e sua gente contagia os visitantes
Cristo redentor com seus braços abertos
Abençoa o carica sorridente mais esperto
Quando chega o verão
A cidade esquenta
O calor é de mais
Já passou dos 40
Lugar bom de viver
Lugar bom de se morar
Pra quem gosta de curtir
Pra quem quer aproveitar
Você pode viajar conhecer o mundo inteiro
Mas não tem lugar melhor que o meu Rio de Janeiro
Rio de Janeiro é a cidade do Sol
Rio de Janeiro é Samba, Funk e Futebol
O Rio de Janeiro Continua Lindo
O Rio de Janeiro Continua Sendo ...
A cidade é linda
A beleza é local
Copacabana então, referências nacional
Tem os arcos da Lapa e o morro da Urca
E que tal uma Voltinha na Floresta da Tijuca
?
Visitar a Lagoa, impressiona o Turista
Passear pela quinta, pra se ter uma Boa Vista
Caminhar no Aterro, quase sempre de manhã

Conhecer o Pão de Açúcar e também o
Maracanã !!!

Rio de Janeiro é a cidade do Sol
Rio de Janeiro é Samba, Funk e Futebol
Rio de Janeiro Continua Lindo
O Rio de Janeiro Continua Sendo ...
Gosta de Samba? Apoteose é o endereço
O espetáculo começa quando chega fevereiro
Festa de bamba, nesse ponto só tem fera
Todo mundo participa do maior show da terra
É gente do morro, é gente da pista
Que tem seu orgulho, que tem sua ginga
Mostrando pro mundo, do que é capaz
Brasileiro é sinistro, é gente que faz
Rio de Janeiro é a cidade do Sol ...

Música 14

Pipoca e Guaraná (Belladonna /Adriano Eliezer)

Todo dia é dia de dinheiro
na babilônia que é movida ao estrangeiro.
Se tem cabelo galego e gosta de carnaval
pode vim que vai ter!

Dizem que alegria de brasileiro
é esperar o ano todo o décimo terceiro.
Pra comer pastel de feira e tomar um
guaraná.
Se sobrar um trocado vai ver!...

Vai no Maracanã ver jogo de futebol

comer pipoca e falar besteira
Na praia toma uma coco e o frescobol
pra rebater a segunda feira!

Pense no maior do desespero:
Na babilônia só faltando o isqueiro!
Se tamo no Brasil que é o país do futebol
Bater uma bolinha vai ser!

Vai no Maracanã ver jogo de futebol
comer pipoca e falar besteira
Na praia toma um coco e o frescobol
pra rebater a segunda feira!

Pense no maior do desespero:
Na babilônia só faltando o isqueiro!

Se tamo no Brasil que é o país do futebol:
Bater uma bolinha vai ser!

Eu gosto de samba porque sou brasileiro
gosto de são Paulo, gosto de rio de janeiro.
Recife foi a banca onde eu aprendi mais
meu nome é brasileiro jogo bola e sou da
paz!

Música 15

Samba-Enredo 2000 (Acadêmicos do Tucuruvi)

Enredo: Noventa milhões em ação!

Bruxa tá solta
O tio Sam quer mandar
Um cheiro de golpe, pairava no ar
E pra recordar nós vamos curtir
Na ginga do Tucuruvi
Foram momentos que não podemos esquecer
A liberdade de um povo cerceada
A ditadura se instalava no poder
Mas lembramos com saudade
Dos movimentos musicais
A Bossa Nova, a Jovem Guarda e a
Tropicália
E os grandes festivais
Maracanã tá de pé
O mundo inteiro aplaudiu
O rei Pelé fazendo o gol nº 1000
Noventa milhões
Na mesma corrente
Todos num só coração
Um grito de gol sacode a galera
Meu Brasil, tricampeão
Grandes talentos do esporte
Teatro cinema e da televisão
O Elymar com ousadia
Tudo vendia pra alugar o canecão
Democracia
O povo ia as ruas para revindicar
Pela liberdade e ampla anistia
Clamando por Diretas Já
Pra alegrar os domingos
Um ídolo surgiu
Ayrton Senna do Brasil

Música 16

O Campeão (Neginho da Beija-Flor)

Domingo, eu vou ao Maracanã

Vou torcer pro time que sou fã,
Vou levar foguetes e bandeira
Não vai ser de brincadeira,
Ele vai ser campeão
Não quero cadeira numerada,
Vou ficar na arquibancada
Prá sentir mais emoção
Porque meu time bota pra ferver,
E o nome dele são vocês que vão dizer
Porque meu time bota pra ferver,
E o nome dele são vocês que vão dizer
(ô, ô, ô)
Ô, ô
Ô, ô

Música 17

Nação InFLAmável / Vamos Inflamar o Maracanã (Mauro Nunes / Mauro Nunes e Pedro Antunes)

Vamos inflamar o Maracanã

Vamos inflamar o Maracanã
Domingão vai esquentar
Visto o manto rubro-negro e vou cantar
Lá no Maraca eu vou estar
A geral é da paz tem anjo e tudo mais
Misturado com urubu
Pra incendiar a festa bandeira e foguete
A explodir no céu azul
Vai meu mengão, rubro-negro incansável
Torcida que canta e incendeia
Na alegria de ser inflamável
Vamos inflamar o Maracanã
Vamos inflamar o Maracanã
Vamos inflamar o Maracanã
Vamos inflamar o Maracanã
Tamborim eu tiro um som
Uma cerveja com uma batucada é muito bom
Som e cerveja é muito bom
A geral é da paz tem anjo e tudo mais
Misturado com urubu
Pra incendiar a festa bandeira e foguete
A explodir no céu azul

Música 18

Popular (Elymar Santos)

Na boléia de um caminhão
Onde estiver a multidão
Onde o seu coração chamar
Seja um teatro, seja um bar
Tenho o prazer de te atender
Se alguém pedir pra eu cantar
Uma do Pavarotti e outra do Altemar
É, eu sou um simples porta-voz
Da emoção que existe em nós
Feliz de quem já aprendeu
Que a voz do povo é a voz de Deus
E quem sou eu pra discordar
Eu tenho é mais que declarar
Como é gostoso ser um cantor popular
É popular
Um samba de Antenor
Ave-Maria de Gound
Um bom forró pra dançar
É popular
Um pagodeiro de moral
Pedir Sebastian Bach
No enlace matrimonial
É popular
Entrar na Igreja e rezar
Depois bater pra oiá
E se acabar no carnaval
É popular
Xingara mãe do seu juiz
Meter o pau no meu país
Isso é um jesto impopular
Cara que é bom de cabeça
Não tem preconceito é popular
É tremendamente popular
Um carioca de paixão
Nascido em qualquer lugar
Mas que é daqui de coração
Invoque São Sebastião
E a proteção dos Orixás
Pro Rio de Janeiro desaguar em paz
É cerveja no congelador
O whisky no ninho de amor
Cachaça antes de jantar
Maracanã, banho de mar
Subúrbio, Cristo redentor
Angu, churrasco guaraná
Jogar conversa fora
Isso é popular
É popular
Ouvir o Roberto cantar

Romper na bateria do mar
E de tanto o ano saudar
É popular
Zico e Pelé relembrar
Uma pelada jogar
É São João festeja

Música 19

Samba Rubro-Negro (Wilson Batista /Jorge de Castro)

Flamengo joga amanhã
Eu vou pra lá
Vai haver mais um baile no Maracanã
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão
Eu já rezei pra São Jorge
Pro mengo ser campeão
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão
Eu já rezei pra São Jorge
Pro mengo ser campeão
Pode chover, pode o sol me queimar
Que eu vou pra ver
A charanga do Jaime tocar:
Flamengo! Flamengo!
Tua glória é lutar
Quando o mengo perde
Eu não quero almoçar
Eu não quero jantar

Música 20

Praia e Sol (Bebeto)

Praia e Sol
Maracanã e futebol
Domingo
Praia e Sol
Maracanã e futebol
Que lindo
Domingo eu vou ver meu time jogar
Tomara que ele saiba ganhar
E se souber vai ser muito bonito
Ver de alegria esse povo sorrindo
Que maravilha essa vida maneira
Tem gente aí que ainda não viu
Como é gostoso esse sol quando brilha
Iluminando esse imenso Brasil

O Rio sempre está lindo..
Com meu amor, eu vou indo
A brisa fresca batendo
Num lindo corpo moreno
Brincar ao sol no mar
Depois sambar, sambar, sambar
Brincar ao sol, no mar..

Música 21
Saudades do Galinho (Moraes Moreira)

E agora como é que eu fico
Nas tardes de domingo
Sem Zico no Maracanã
Agora como é que eu me vingo
De toda derrota da vida
Se a cada gol do Flamengo
Eu me sentia um vencedor
Como é que ficamos os meninos, essa nova
geração?
Arquibaldo, geraldinos,
Como é que fica o povão?
Será que tem outro em Quintino?
Será que tem outro menino?
Vai renascer a paixão ou não?
Falou mais alto o destino
E o galinho vai cantar
Láíá laiá
Vai cantar noutro terreiro
No coração brasileiro
Uma esperança
Quem sabe o fim dessa história
Não seja o V da vitória
O V da volta, volta
Volta galinho
Que aqui tem mais
Carinho e denço
Vai e volta em paz que o Flamengo
Já sabe como esperar
Você voltar

Música 22
A Bola (Toquinho)

Pulo, pulo, pulo, vou de pé em pé
Da chuteira do menino na vidraça da mulher
Salto, salto, salto mais que perereca
Pulo o muro e caio em cima da cabeça de um

careca
Corro, corro, corro na praia de manhã
**E quando eu balanço a rede é festa no
Maracanã**

Rolo, rolo, rolo rápido e rasteiro
E sou muito maltratada pelos pés de
peladeiro
Pulo, pulo, pulo, vou com quem vier
Joguei com Nilton Santos, com Garrincha e
com Pelé
Salto, salto, salto com todo carinho
Joguei com Rivelino, com Tostão e Jairzinho
Rolo, rolo, rolo com satisfação
Hoje jogo com Romário, Ronaldinho e
Luizão
Corro, corro, corro do começo ao fim
Depois que acaba o jogo, ninguém mais
lembra de mim

Música 23
Bola no pé (Fagner)

No futebol
Quem não fez levou
No carnaval
Quem sambou, sambou
No coração
Qualquer coisa boa.
Maracanã
Em tarde de calor
Bola no pé
Que a galera não perdoa
Meu coração
Não é qualquer coisa.
No carnaval
Só pierrô chorou
Tem arlequim
Aonde a colombina for
Se ela quiser
Me levar eu vou...

Música 24
Rap do Centenário
Hino comemorativo dos 100 anos do clube

Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro
centenário

Considerado o mais querido do Brasil
E a torcida mais de 900 mil
Com tantas glórias, tantas vezes campeão
Essa torcida foi campeão no Japão
Para o Flamengo tem que tirar o chapéu
E respeitar a sua sala de troféus
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é
penta
O seu mascote é o famoso urubu
E no Maracá ele é o rei do Fla-Flu
Muito respeitado por esse mundo inteiro
Uma escola de craque, fabrica de artilheiro
Pra quem não for Flamengo eu agora vou
dizer
Se for Flamengo uma vez vai ser Flamengo
ate morrer
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é
penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro
centenário
No mundial conquistado no Japão
Flamengo tinha uma grande seleção
O goleiro Raul que entrou pra nossa história
Leandro, Marinho e Mozer também não
saem da memória
Andrade, Adílio, Nunes, Tita, Júnior e o
Lico
Trouxeram o nosso caneco junto com o
galinho Zico
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é
penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro
centenário
Pro Vascaíno, Tricolor, Botafoguense
Corinthiano, São Paulino, Palmeirense
Faço um apelo pra toda rapaziada
Principalmente pra torcida organizada
Venha para o estádio pra torcer com coração
Esquece um pouco a briga, não pode tanta
confusão
Sempre consegue o que todo mundo tenta

Pode tentar mas só o meu Mengão que é
penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro
centenário

Música 25

Ciranda do Povo (Fundo de Quintal)

Já não é conversa de um ou dois
Sem essa de vamos deixar pra depois
É um desejo que está cravado em nossa
crença
Real feito enchente e morte seca escândalo
doença
É como se os trens lotados clamassem a cada
manhã
**Igual ao golpe do gol do peito do
Maracanã**
Se os gritos de incêndio louvam a água ao
invés do fogo
Desobedecer as regras as vezes melhora o
jogo
Que nem a greve geral
Parando pra movimentar ressaca
pulverizando as pedras no quebra mar
Tal qual a explosão bonita nas dias de
carnaval
fervor de sobrevivência nas feras do pantanal
Clarão milhos invadindo o escuro dos
celeiros
Milhões de grãos eclodindo entre as unhas
dos mineiros
Como se os caminhoneiros transportassem
nova carga
Ou a memória e o futuro buzinando nas
estradas
O bêbado muito louco fica sóbrio de emoção
A equilibrista solta a sombrinha e vem pro
chão
O povo abra e roda dança aqui ali e acolá
Um só voz na ciranda canta pra melhorar
Do Oiapoque ao Chuí ciranda
Ciranda povo sem fraquejar
De Marajó aos confins do pampas
Ciranda povo pra melhorar

Música 26

Curados Ao Sol de Copacabana (George Israel)

Te imagino subindo num barco fugindo sem
querer partir
Olhando pra quem te ama pela ultima vez
Virando a esquina de casa pra nunca, nunca
mais voltar
Como se fosse possível deixar pra traz a vida
que te fez
Por isso vou lembrar a verdade
Pra que o futuro não repita o passado, meu
amor (Vou lembrar a verdade)
Perdi o rumo das estrelas
Com a luneta embaçada de lágrimas
Estilhaçada pela dor
A luz do fim do Atlântico se iluminou e de
presente nos deu
O céu de abril se coloriu e se vestiu das cores
do Brasil
Pão de Açúcar, manga sobre a mesa
Bossa nova, feira, sorriso sem dente
Biquíni indecente
Curados ao sol de Copacabana
Tropicália, Jorge Mautner, minas, Niemeyer
Sonhos de Darcy, **Maracanã**, Gabeira,
Erasmus
Namoro cheirando a Jasmim
Nas madrugadas batucadas
Abrem súbitas estradas
De luz sonora em nosso coração
Cada nota musical é a luz celestial de
estrelas invisíveis
Dentro do céu de cada um de nós
Espasmos de luz, orgasmos azuis
Tanto tempo se passou
Mas tua história não vou esquecer
Uma em milhões
Outra obra-prima do sobreviver
Quando penso que tá tudo perdido e estranho
Paro pra pensar
E beijo com os olhos a terra que nos deixou
plantar
Meninos e meninas livres pra pensar
Meninos e meninas livres pra inventar... o
futuro
Pão de Açúcar, manga sobre a mesa
Bossa nova, feira, sorriso sem dente
Biquini indecente
Curados ao sol de Copacabana

Tropicália, Jorge Mautner, minas, Niemeyer
Sonhos de Darcy, Maracanã, Gabeira,
Erasmus
Bem, namoro cheirando a Jasmim
Para sempre em meu coração as vozes e os
olhares dos assassinados nos campos de
concentração Buchenwald, Sobibor,
Maidenek, Belsen, Mathausen, Auschwitz,
Dachau, Treblinka
Filhos da guerra, curados ao sol de
Copacabana

Música 27

Êta Vida (Raul Seixas)

Respeitável público:
A sociedade
Da Grã Ordem Cavernista
Pede licença para apresentar
O maior espetáculo da terra"
Moro aqui nesta cidade
Que é de São Sebastião
Tem Maracanã Domingo
Pagamento a prestação
Sol e mar em Ipanema
Sei que você vai gostar...
Mas não era
O que eu queria
O que eu queria mesmo
Era me mandar!...(2x)
Mas Êta Vida danada!
Eu não entendo mais nada
É que esta vida virada
Eu quero ver...(2x)
São Sebastião do Rio
Tudo aqui é genial
Na televisão à noite
Tem cultura e carnaval
Tem garota propaganda
Num biquíni que é demais...
Mas não era
O que eu queria
O que eu queria mesmo
Era estar em paz! (2X)

Mas Êta Vida danada!
Eu não entendo mais nada
É que esta vida virada
Eu quero ver...(2x)

Música 28

Ser Flamengo (Alexandre Pires)

É isso aí, rapaziada
Clube de Regatas Flamengo
Tô chegando bem!
Ah! Como eu te amo
Eu me orgulho de ser Flamengo
E no mundo inteiro fazer parte dessa massa
Ser Flamengo
É o amor no coração
Torcer com emoção
Por um time de raça
Cheia de glórias
A sua história
Seja na terra ou no mar
É tão bonito
Tantas vitórias
Na trajetória de uma paixão
Que nos leva ao infinito
É urubu, é, é, de arrasar
Quem vai querer levar olé pode chegar
É urubu, é de arrasar
Quem vai querer levar olé pode chegar
O meu maior prazer, juro, foi de nascer e ser
Flamengo até morrer
O meu maior prazer, juro, foi de nascer e ser
Flamengo até morrer
Vamos embora
Oh, oh, oh, oh, oh
Manto sagrado que veste o meu coração
Oh, oh, oh, oh, oh
A minha vida é eu vibrar com o meu
mengão, uh, uh, uh
Alô, nação rubro-negra
Aquele abraço
Ó, meu mengão
Eu gosto de você
Eu quero cantar ao mundo inteiro
A alegria de ser rubro-negro
Domingo, eu vou ai Maracanã
Vou torcer pro time que sou fã
Vou levar foguetes e bandeiras
Não vai ser de brincadeira
Ele vai ser campeão
Tum

Música 29

Chiclete de Hortelã (Os Originais do Samba)

Eu já mandei pedir à
Odete
Para me mandar
Um chiclete de hortelã
Para tirar
Esse cheiro de aguardente
De romã do ceará
Já cansei de implorar à minha irmã
Prá me mandar um chiclete
Ela foi para Bahia
Terra do balangandã
E numa casa de santo
Foi comprar um talismã
Que dizia ter encantos quebrava os
quebrantos
E era de Inhansã
E eu só pedi prá me comprar
Um chiclete de hortelã
Quando vem raiando o dia
Meditando em seu divã só penso na carestia
Que aumenta a cada manhã
Oh, meu deus que bom sereia
Se eu comprasse alcatra ou chá
Mas o dinheiro já nem dá
Pro chiclete de hortelã
Refrão
Nos meus tempos de infância
Todo dia de amanhã
O bom velhinho do doce
Que de criança era fã
Tem cocada, mariola
Bala e doce de maçã
Olha aí
Quem quer comprar
Um chiclete de hortelã
**O meu time vai domingo
Jogar no Maracanã**
Vou festejar a vitória
Com a torcida campeã
Se quando eu chegar em casa
Não estiver de cuca sã
Prá disfarçar eu vou mascar
Um chiclete de hortelã

Música 30

Bicho Solidão (Guilherme Arantes)

Solidão
É um bicho com muitas caras
De intenções tão claras
Diz que tem sete cabeças
Cada qual, literalmente
Quer comer a gente
Ele pode estar de branco
Como penas de avestruz
Tratos, carrascos sem capuz
Muitas vezes é guerreiro
Com seu arco atira farpas
Ao som de harpas, de sombra e luz

Solidão
É um vírus traiçoeiro
Que entra sorrateiro
Dentro de você
Faz que faz
Fingindo que é a paz
Se diverte quando há flor
E explicar no amor
Pode estar num pesadelo
Que agasalha o sonho blue
Ou no Maracanã, em dia de Fla-Flu
É a erva mais daninha
Vagabunda mais vulgar
Dá em qualquer lugar
Afundo então...
Solidão
Solidão..

Música 31 **Rio Elétrico (Asa de Águia)**

Tudo nessa vida tem um jeito de ser
Por isso eu digo que na vida
Tudo é bom de viver
Não fique à tôa
Dê um jeito maneiro
De abraçar a cidade maravilhosa
Suba na colina toda cheia de flor
Maracanã, corcovado
E o Cristo Redentor
E a galera do Pepino vai de asa
Até o Arpoador
Por isso eu digo que hoje
Eu vou, brincar até fevereiro
Vou balançar a cidade
E mostrar que eu sou brasileiro
Eu vou brincar no rio

Eu vou brincar no rio
De bondinho elétrico
E vou mostrar pra você
Deixe que digam
Que pensem, que falem
Deixe isso pra lá
E vem brincar no bondinho.

Música 32 **Meu Rio de Janeiro (Bonde da Stronda)**

Bonde da Stronda
Mc Stronda !
Mr. Thug !
Ser carioca é começar
Falando olha só
Ditado na cabeça
Sempre de cor
Ser marrento por que pode
Sem fazer hora
é de invejar o lugar que a gente mora
Pizza com catchup ?
Sim e daí ?
Qual é o problema tu mora aí eu mora aqui
Sempre com a certeza, mergulha e vai fundo
eu estou na cidade mais linda do mundo
falar com 'r' arrastado e 's' com som 'x'
eu falo assim mermo, não mudei pq nao quis
As Maiores torcidas estão aqui
Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense
Tamo aí
Ela é a cidade sede, dos jogos do Pan
não posso esquecer do **meu querido**
Maracanã
Rodeada de Cocotas, Playssons e
Vagabundos
Zona Sul, Zona Norte qualquer zona tamo
junto !
Entender o porque da chamada capital
desculpa Brasília mas o Rio é surreal
Aplaudir o por do sol no posto 9 e...
Com uma cocota do lado no maior love
Beber no am pm antes das nights
sem compromisso e dando pala pras biats
Sair de uma noitada ir pra praia admirar
6 da manhã, nascer do sol eu vou lembrar
ficar muito feliz com o horário de verão
mais uma hora pra praia, que isso ta muito
bom

Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa
Podem invejar porque eu sou carioca
Tem os defeitos, fé em Deus que vai acabar.
Mas enquanto isso deixa vida me levar
Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa
O conselho é muito simples, ouçam e vejam só
Rio de Janeiro ainda precisa ser melhor
Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa
Podem invejar porque eu sou carioca
Tem os defeitos, fé em Deus que vai acabar.
Mas enquanto isso deixa vida me levar
Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa
Podem invejar porque eu sou carioca
Tem os defeitos, fé em Deus que vai acabar.
Mas enquanto isso deixa vida me leva.

Música 33

Melhor Do Brasil? (Cabal)

Voz do povo, voz de Deus, sou eu de novo
É o C A B A L, faço a prece e me movo
Loco, dono do jogo, é, aposta do bicheiro
Se você quer batalhar, primeiro mostra o dinheiro
Eu só to tentando vender 1 milhão de discos
Pra sair na rua gritando, 1 milhão, to rico
Pra comemorar, champagne, 1 milhão de litros
Rap no Maracanã pra 1 milhão ao vivo
Se eles não querem, represento eu
Porque eu quero, tipo o DBS, 'Qui Nem Judeu'
Ouço a falação, tru, eu to só fazendo o meu
Opinião é tipo cu e cada um tem o seu
Mas vamos aos fatos, quem é o mais completo?
No estúdio ou nos palcos nessa selva de concreto
No freestyle, no estilo, nas músicas e nos prêmios
Nas entrevistas, no business, no marketing, ele é um gênio
O coração de São Paulo, continuo, não paro
Tipo um cão num canil, eu só ouço, não falo
O melhor do Brasil? Não é o Rodrigo Faro
Nem o Marcio Garcia, o que eu faço é magia
Que nem o Valdivia, fazendo alquimia
Pura da Bolívia, foda-se a polícia

Nunca vão me pegar, não sou o Abadia
É o Cabal, correria e quem fala mal devia
Mostrar R E S P E I T O
Pra quem faz em SP, esse é o Time PRO
Ei rapaz, quero ver desfazer esse nó
E o meu flow é tão frio, que o Tio é eskimó
Faço som pra geral, pra curtir na moral
Pra pular, popular, é o som do Cabal
Sabotage, Helião, Negra Li, Mano Brown
Thaide, Rappin Hood, o bom Rap nacional
Mas os críticos, eles não me entendem
Como pode ele misturar Rap com Iron Maiden
Fodam-se eles, fodam-se eles todos
Eu to no topo do globo, voando num heliporto
As vezes eu me sinto tipo o Lil Wayne
To a frente do meu tempo, cabeça em 2100
Deve ser porque eu coloco C em classe
O melhor do Brasil? Não sei, você que sabe

Música 34

Meu Rio (Caetano Veloso)

Meu Rio
Perto da favela do Muquiço
Eu menino já entendia isso
Um gosto de Susticau
Balé no Municipal
Quintino:
Um coreto
Entrevisto do passar do trem
Nós nos lembramos bem
Baianos, paraenses e pernambucanos:
Ar morno pardo parado
Mar pérola
Verde onda de cetim frio
Meu Rio
Longe da favela do Muquiço
Tudo no meu coração
Esperava o bom do som: João
Tom Jobim
Traçou por fim
Por sobre mim
Teu monte-céu
Teu próprio deus
Cidade
Vista do outro lado da baía
De ouro e fogo no findar do dia

Nas tardes daquele então
Te amei no meu coração
Te amo
Em silêncio
Daqui do Saco de São Francisco
Eu cobiçava o risco
Da vida
Nesses prédios todos, nessas ruas
Rapazes maus, moças nuas
O teu carnaval
É um vapor luzidio
E eu rio
Dentro da favela do Muquiço
Mangueira no coração
Guadalupe em mim é Fundação
Solidão
Maracanã
Samba-canção
Sem pai nem mãe
Sem nada meu
Meu Rio

Música 35
Bandeira do Brasil (Edu Lobo)

Terra
Vê a cana verde,
o nascer do sol,
ouro azul do céu, ô.

Verde mar,
Maracanã,
onde há progresso
fica o mato em paz.

Campo
Verde, bananeira,
amarela fruta
do Brasil azul, ô.

Ouro
Vê em cada estreia
brilha a nossa terra,
terra brasileira.

Música 36
Homem Bomba (O Rappa)

Requebrando a consciência
Na fumaça das vaidades
Humilhadas envenena
As conclusões...
Como meu sangue nunca vai
Nunca vai, vai virar vinho
No final do mês
Se acende o pavio
Então...
Bum! Bum! Bum!
O Homem Bomba
Bum! Bum! Bum!
O Homem Bomba...
Mas só com estrago
Vai dá prá ver
Mas só com estrago
Vai dá prá ver
Vai dá e vai dá
E vai dá prá ver
Vai dá e vai dá
E vai dá prá ver...
Em meio a salmos
Alvos e contas
O Homem Bomba se esconde
Como um terrorista
Sem uma reivindicação verbal
Pronto prá explodir
Ao menor sinal
Então toca a buzina
Toca baile funk
Toca o bumbo na garganta
Do Maracanã, eh!...

Incendiando um coração
Impregnado
Que não divide
Violência e diversão
Violência e diversão
Violência!
Violência e diversão
Violência!

Música 37
O Problema do Nordeste (Eduardo Dusek)
Eh! Boy! Eh! Boy!

O problema do nordeste menina
É não ter piscina,oi

É não ter piscina, ai
 È não ter piscina...
 O problema da caatinga que não vinga
 É não ser Joatinga, oi
 É não ser Joatinga, ai
 É não ser Joatinga...
 Dona Florinda eu não sei
 porque é que os políticos,não...
 Azulejão logo o nosso sertão
 pois com um pouquinho mais de bom gosto
 Um pouquinho mais de know-how,
 Não seria esse desgosto, este toscos visual
 Seu Raimundo vê se endossa nossa sugestão
 Um decorador que decore o sertão...
 Ai que vista melhor, quem trabalha na terra
 Aparência do chão pro que derra.
 Faz a caatinga entrar numa nova era...
 Pois se os turistas encontram tudo verdinho,
 Tudo igualzinho ao **campo do Maracanã**...
 O sertão vai acarpetar, acarpeta logo o
 sertão.
 Eh! Boy!
 Eh! Boy!

Música 38
BABBA RAGGA (O Surto)

Eu vou contar pra vocês a história de
 Genival
 Potiguar que ingressou no plano
 transcendental
 Pra trazer a anarquia pro mundo espiritual
 Divulgando o poder da consciência liberal.
 Exilou-se por dez anos no Sertão do Ceará
 E quando reapareceu foi pra revolucionar
 Descobriu o seu destino numa viagem astral
 E assim apareceu a grande lenda mundial
 BABBA RAGGA
 REGGAE RAGGA RASTA MAN
 O profeta cultivava as ervas da santa paz
 E falava sobre o bem e o mal que tudo nos
 faz
 Tornou-se o guru das grandes celebridades

Que por seus ensinamentos tornaram-se
 imortais
 Onde o mestre passava as multidões
 deliravam
 E o medo dos governantes pelo sábio
 aumentava
 Suas idéias já causavam confusão mundial
 E os poderosos planejavam o que fazer
 Para acabar com
 BABBA RAGGA
 REGGAE RAGGA RASTA MAN
 E foi no **dia do culto do Maracanã**
 Quando o povo acendia as velas
 Para o grande Xamã
 A polícia chegou junto, dando ordem de
 prisão
 Algemaram e meteram o profeta no
 camburão
 O grande líder foi direto para prisão
 Sem julgamento, sem direito a apelação
 Tacharam seus ensinamentos de imorais
 Tornaram suas ervas produtos ilegais
 BABBA RAGGA
 REGGAE RAGGA RASTA MAN
 Condenado como ameaça a ordem mundial
 Hoje em dia quem cultivava BABBA RAGGA
 é marginal
 E assim termina a história do profeta que
 sumiu
 Foi pra casa do caralho ninguém sabe,
 ninguém viu!
 BABBA RAGGA
 REGGAE RAGGA RASTA MAN
 BABBA RAGGA.

Música 39
Samba Enredo de 2001 (Unidos do
Jacarezinho)
Maracanã, 50 anos de emoções (Tião
Larrieu/Tia Helô/ Dalvan/ Nelson Pilão)

Nem tudo só deixou saudade
 Coração bate nesse embalo de emoção
 Delírio, a galera reunida
 Um balé de alegria sacudindo meu povão
 É lindo ver, não sou apenas o templo do
 futebol
 É o grito da torcida, o coro da canção
 A fé mostrando a devoção

Balança a rede, faz a multidão vibrar (bis)
Chegou o Jacarezinho, nosso show vai
começar

Ilusões, quantas decisões

Maracanã, 50 anos de emoções

Nesta cidade maravilhosa
Do Pão de Açúcar e no alto, o Redentor
Cercado por belas praias encantadas
Nesse postal faltava
O símbolo da grande paixão do torcedor
E no compasso dos acordes, canto e danço
Ao som dos astros da música popular
Sia Majestade, sua Santidade, eu vi aqui
também passar
Vou sorrir, vou chorar
Sei perder, também sei ganhar
Neste monumento colossal
Que hoje é enredo do meu carnaval
O mais belo do mundo (ôô) é intocável
Ary Barroso, Mário Filho, obrigado (bis)
De coração, eu agradeço esse legado

Música 40

Calor da vida (Manimal)

Eu vou dizer pra vocês
Que todo caminho não é tão difícil até dá pra
viver
É minha situação
Eu lavo a roupa, trabalho sem medo cadê a
atenção
Eu vou dizer pra vocês
Que todo caminho não é tão difícil até dá pra
viver
É minha situação
Eu lavo a roupa, trabalho sem medo cadê a
atenção
Eu saio do morro e jogo futebol
Eu varro a avenida e os calos do dedo doem
Acordo às cinco horas da manhã
No metrô lotado eu vou pro Maracanã
Eu vou dizer pra vocês
Que todo caminho não é tão difícil até dá pra
viver
É minha situação
Eu lavo a roupa, trabalho sem medo cadê a
atenção
Eu passo a vida inteira a procurar

Aquela certeza que tudo vai mudar
Os calos da vida escoram na minha mão
Mas não calam a força que trago no coração
Eu saio do morro e jogo futebol
Eu varro a avenida e os calos do dedo doem
Os calos da vida escoram na minha mão
Mas não calam a força que trago no coração

Música 41

Nosso Vasco Campeão (Erasmu Carlos)

Sai da frente
Que o nosso Vasco vai passar
Grande como é sua torcida
Unida pra fazer seu time campeão, mas que
emoção
Nas águas da vitória eu vou nadar
E no maracanã vou festejar
Cruz de malta no peito do almirante
Fé em Deus, nosso eterno comandante
Obrigado ...
A bola vai rolar, o bicho vai pegar
E a rede balançar
Encantado ...
Por essa multidão, de preto e branco
É a Cruz de Malta no lugar coração

Música 42

Mingus samba (Guinga)

Balangandã da baiana...
Maracanã do Carvana...
deixa a Chiquita bacana voltar!
Mane Garrincha sacana...
tá bem, nós somos bananas
mas não é preciso se embananar.
Mingus veio ao mangue:
ô my god
ai, que bode
que vai dar...
Mingus com seu som
vai botar o mingau
a knockdown.
Mingus, senta o pau
que o pitecantropus
tem que mamá
Mamba, Mingus,
mani-pi-caio!

Mingus me sacudi:
tchan, tchau!
Ô, ô, morena faceira,
ai, ai, cubana mañera,
hoje é do Mingus o meu carnaval.
Ai, caboclinha, me aqueça
transforma a quinta e a terça
em feriados, do-Mingus de sol!

Ai, que mistura que dá...
ôi, zum-zum-zum resedá...
Vou com o Mingus e um primo do Nei
no domingo pra Piabetá.
Ai, ai, Iaiá de Ioiô,
Mingus te manda um hello
Já tomamo umazinha
e há o bafo da onça na onda que eu vou...

Mamba, Mingus,
mani-pi-cao"
Mingus samba e pinga
jazz de coringa na geral!

Música 43 **Cabeça de Nego (Sabotage)**

O nego não para no tempo não suas origens
vem de Angola a um bom tempo Saboti zil
Brasil bem Brasil no Rio do verdinho cabeça
de nêgo!
Desfecho conforme vive o vento se mostra
respeito pro povo um ofenso universo
protetor do louro que olheu colheu o louro
lourolouro...
Nego não para no tempo seja um tormento
adeus que é forte se sente um lamento
Maracutaia la do norte mano vai viver
maracutaia segue a sede um dia irá chover
sabe porque!
Nêgo não paga veneno pode acredita se voce
ja sabe a um bom tempo o nego para um
bom tempo seja Africa Brasil brasileiro
maracutaia em toda parte vejo no governo
tem ACM la-Nopla dexa tormento tem muito
tempo o pobre pagando veneno mesa branca
aruanda que canta com fama que manda as
mensagem ao
E faço o que faço bom tempo chegado to
com carro parado uma preta do lado

impapuçado de mato rica chegado chega
peço um cigarro sem papo não falo besteira
Brasil to na palma pandeiro não pará de
Porto Alegre a Candelária bom tempo na
praia porque o nego não para não para não
para a um bom tempo o nego não para Africa
veja o momento. Tipo Anastacia Tereza
relembra mãe menina o canto a pode cre se
sempre vai ter vida, **Maracanã lotado** o
desastrado por isso ja é sabado tudo o que eu
faço é torce mais vai ve a trajetória do Timão
vence periferia sofre vida mais tira um lazer
quem é o defensor do louro vai sabe dize
quem é o protetor da guerra vai sabe vivee
hey...
Nego não para no tempo seja um tormento
adeus que é forte se sente um lamento
Maracutaia la do norte mano irá viver
maracutaia segue a sede um dia irá chover
sabe porque!

Música 44 **Nêga manhosa (Nelson Gonçalves)**

Levanta, levanta, nêga manhosa
Deixa de ser preguiçosa
Vai procurar o que fazer
Nêga, deixa de fita
Prepara a minha marmita
Levanta nêga, vai te virar

Deixei embaixo do rádio
Uma nota de cinquenta
Vai à feira, joga no bicho
E vê se te aguenta
Economiza, olha o dia de amanhã
Eu preciso do troco

Domingo tem jogo no Maracanã

Do bate bola eu sou um fã!

Música 45 **Passado presente (Durval Neto)**

A porta do armário se abriu, meu triste olhar
foi ao chão,
por pouco que eu não me livro do nosso
passado

São fotos, cartas e CDs, tudo lembrando
você,
difícil esquecer o resumo do que fomos nós
**Guardo os ingressos de um jogo do
Maracanã**
e outros de todos os filmes que a gente não
viu
Virei de você um eterno colecionador, da
história de um grande amor,
desde do dia em que você partiu
Tentei te esquecer, em cada gesto, em cada
olhar
Mas sempre na hora H, você vinha me
procurar
Tentei te esquecer, com o passado assim tão
presente
A saudade batendo lentamente, pois eu
preciso voltar a viver
Tentei te esquecer, eu juro, eu tentei te
esquecer
Mas tudo me lembra você, e eu me pego a
chorar

Música 46

Rio Babilônia (Jorge BenJor)

Rio babilônia, babilônia rio
Rio bonito, alegre, festivo, amigo
Rio de sol, de chuva de verão
De praias bonitas e meninas também bonitas
Samba, futebol, amor e carnaval
Rio da alegria geral
Tem festa na cidade
Festa no morro
Festa na cobertura
Festa no barraco
Festa no clube popular
Festa no clube fechado
Rio
Rio babilônia, babilônia rio
Rio, eu sou mais você
Rio, onde tudo pode acontecer
Rio, rio babilônia, babilônia rio
Você é zona norte, zona sul,
Zona leste e zona oeste
Salve a grandeza do pão de açúcar
Salve o esplendor do cristo redentor
Salve a misteriosa pedra da gávea e lagoa
Salve a beleza da igrejas de n. s. da penha,

pena e glória
Salve as feiras livres e salve as noites
cariocas
Rio do mosteiro de são bento no centro
Ilha de Paquetá, governador, praça Mauá,
praça onze
Gamboa, lapa, glória, Cinelândia, aeroporto
Largo da carioca, santa Luzia, castelo, praça
xv
Ponte Rio-Niterói, Leopoldina, Central do
Brasil
Rio de janeiro, eu sou mais você
Rio
Da alegria geral
Urbana, suburbana e rural
São Cristóvão, paço imperial, Quinta da Boa
Vista
Mangueira estação primeira
Maracanã com flamengo
E o samba em Madureira

Música 47

Cosa Nostra (Jorge BenJor)

Cosa nostra, cosa nostra, cosa nostra,
mas se você quiser
Dar um presente lindo para seu amigo, ou
mesmo que seja
Para seu inimigo, e que esteja no exterior
Falando mal da gente, como por exemplo
Dizendo que o Tácio de Castro, que não
entende de jornal
E que o Sergio Cabral é Vasco por fora, mas
Flamengo por dentro
Que o Luiz Carlos Maciel, está entre o Hip e
a Tropicália
Que o Ziraldo é anti-Mineiro, e só trabalha
com barulho
Que o Jaguar é manager e aproveitador do
SIG
Que o Millor é o ex-marido daquela mulher
Que o Fortuna vai deixar de fazer o humor
para fazer fortuna
Que o Paulo Francis esta inserido no
contexto da consumação
Do Wiskie da Agepe, Paulo Garcez
Fique e complique na Cuca
O Pedro Perret, que fala, fala mete o pau e
não aparece

Que o Sig morre de amor, pela vedete Odete
 Lara e não e correspondido, que perigo
 E o Henfil, teve um problema patológico, ele
 é o próprio pra ratinho baixinho
 E dizendo que eu so namoro empregadinhas,
 e que eu sou duro, e so ando de trem
 Mas o que vai, vai, o que vai, vem
 Mas o que vai, vai, o que vai, vem
 Esse seu jeitinho lindo de andar
 Quando vai à praia
 É cosa nostra
 A sua simpatia
 É cosa nostra
 Esse sol de 40 graus
 É cosa nostra
 Farinaity
 É cosa nostra
 Mas o que vai, vai
 Mas o que vai, vem
 É cosa nostra
 O peixinho da lagoa
 É cosa nostra
 O sorriso da vovó
 É cosa nostra
 O sorriso dessa criança
 É cosa nostra
 Esse swíngue
 É cosa nostra
 Essa escola-de-samba que vem, vai passando
 É cosa nostra
 República livre de Ipanema
 É cosa nostra
 Essa menina de tanga
 É cosa nostra
Maracanã aos domingos com Flamengo
 Essa vontade de viver
 É cosa nostra
 Esse Pa-tropi, esse Pa-tropi
 E cosa nostra

Música 48

Jesualda (Jorge BenJor)

Jesualda parou com o morro
 Pois ela estava no alto
 Mas não estava por cima
 Moça simpática prendada ano ginásial
 completo
 Toda certinha ainda donzela
 Prá ninguém botar defeito

Cheia de afeto
 Desceu pra ver de perto o asfalto quente
 Sentir a brisa e a água salgada do mar
 Molhando seu corpo delgado
 Procurou um emprego e achou
 Foi trabalhar num duplex na zona sul
 De cozinha de forno e fogão
 La, la, la, la, la, la, la, la, la
 La, la, la, la, la, la, la, la, la
 Na flor da idade
 Tão pura tão linda tão meiga
 No ponto do ônibus
 Num domingo à tarde
 Sua felicidade pintou
 Pois um moço simpático
 Que ia no seu carro meio apressado
 Com bandeira e tudo
Com bandeira e tudo ao Maracanã
 No que olhou pro lado, parou
 Saltou levou um papo
 E a linda simpática donzela ele amarrou
 Hoje Jesualda é feliz
 Casou de véu e grinalda
 E agora espera baby
 Espera baby no exterior
 Espera baby no exterior
 Salve simpatia

Música 49

Maracanã (Luisa Mandou um Beijo)

São cinco horas
 Ainda não começou
 Só faltam os sorrisos das estrelas atrás das
 bandeiras
 Que vão tremular no ar
 Eu sou o vento que sopra no ouvido da
 galera no Maracanã
 Sou Manu Chao, mano negro, Rappa Rappa

Música 50

Samba Enredo (2002) GRES Unidos de Vila Isabel

O Glorioso Nilton Santos... Sua bola, sua vida, nossa Vila...

Alma e paixão popular
 A coroa a girar, "é show de bola"
 No futebol, "escola" da vida

Ou quando entro na avenida
 Busco a glória da vitória
 Sob o manto azul-e-branco
 "Gol de placa" é Nilton Santos
 "Falta pouco" pra gritar é campeão
 Esse jogo veio lá da Inglaterra
 Espalhou-se pela Terra, está em cada
 coração
 "Tem peixe na rede" e um menino atrás da
 bola
 Talento, simplicidade e raça (bis)
 Vira artista do gramado, para sempre
 idolatrado
 Explode em grito de gol a massa
 Glorioso, estrela a brilhar
 "Enciclopédia" a irradiar
No Maracanã ou pelo mundo inteiro
 Vestia o orgulho de ser brasileiro
 Tantos sonham ser Nilton Santos
 "Santificado" nos campos
 Lenda viva do esporte mundial
 A taça é nossa, a gente segue o seu exemplo
 Eterniza em nosso "templo"
 Sua história "em forma" de Carnaval
 Bate palma, "bate-bola", bate junto bateria
 Igualzinho ao Nilton Santos, "toca com
 categoria" (bis)
 É o gingado da baiana, é futebol, samba no
 pé
 "A galera já delira", minha Vila "dando olé"

Música 51

Nicanor (Jorge Mautner)

Pra acabar com o tédio
 Sei que o único remédio
 É tomar banho de sol
 É pegar uma cor
 É fazer como o Nicanor
 Que só pensa em futebol!

Quer ter a cor do rei Zumbi
 Nadar no mar de Canaã
 Quer jogar no Morumbi
E lá no Maracanã!

Música 52

A Nível de (MPB4)

Vanderley e Odilon
 são muito unidos
e vão pro Maracanã
 todo domingo
 criticando o casamento
 e o papo mostra
 que o casamento anda uma bosta...
 Yolanda e Adelina
 são muito unidas
 e se fazem companhia
 todo domingo
 que os maridos vão pro jogo.
 Yolanda aposta
 que assim a nível de Proposta
 o casamento anda uma bosta
 e a Adelina não discorda.
 Estruturou-se um troca-troca
 e os quatro: hum-hum... oqué... tá bom... é...
 Só que Odilon, não pegando bem a coisa,
 agarrou o Vanderley e a Yolanda ó na
 Adelina.
 Vanderley e Odilon
 bem mais unidos
 empataram capital
 e estão montando
 restaurante natural
 cuja proposta
 é cada um come o que gosta.
 Yolanda e Adelina
 bem mais unidas
 acham viver um barato
 e pra provar
 tão fazendo artesanato
 e pela amostra
 Yolanda aposta na resposta.
 E Adelina não discorda
 que pinta e borda com o que gosta.
 É positiva essa proposta
 de quatro: hum-hum... oquéi... tá bom... é...
 Só que Odilon
 ensopapa o Vanderley com ciúme
 e Adelina dá na cara de Yoyô...
 Vanderley e Odilon
 Yolanda e Adelina
 cada um faz o que gosta
 e o relacionamento... continua a mesma
 bosta!

Música 53

Endereço dos Bailes (MC Junior/ MC Leonardo)

É que no Rio tem mulata e futebol
Cerveja, chope gelado, muita praia e muito sol

Tem muito samba, Fla X Flu no Maracanã

Mas também tem muito funk rolando até de manhã

(Vamos juntar o mulão e botar o pé no baile, DJ)

Ê, ê, ê, á... Peço paz pra agitar

Eu agora vou falar o que voce quer escutar

Ê, ê, ê, ê... Se liga que eu quero ver

O endereço dos bailes eu vou falar pra você

É que de sexta a domingo na Rocinha

O morro enche de gatinha

Que vem pro baile curtir

Ouvindo charme, rap, melody e montagem

É funk em cima, é funk embaixo

Que eu não sei pra onde ir

O Vidigal também não fica de fora

No final de semana rola um baile shock legal

A sexta feira lá no Galo é consagrada

A galera animada faz do baile um festival

Tem outro baile que a galera toda treme

É lá no Baile do Leme, lá no morro do chapéu

Tem na Tijuca um baile que é sem bagunça

A galera fica maluca lá no morro do Borel.

Música 54

Cidadão-cidadã (Jorge Mautner)

Assim como é natural o vôo da borboleta

Assim como falta uma mão no maneta

Assim como não acho nada de anormal

No fato de você ser trocaletra

Acho que se deve ser diferente

E não como toda a gente

Mas igualmente ser gente

Como toda essa gente

Deste país continente, e de todo o planeta

Assim como é lindo o pirata apesar de ser perneta

Com uma mão segurando a mão do grumete

E com a outra a luneta

Dizendo é natural que os anjos do juízo final toquem trombeta

E vieram pelos espaços os anjos do senhor

E desceram como pára-quedas azuis e transparentes

No meio do campo de batalha

Que era televisionado vinte e cinco horas

Por dia, via satélite, a cores

E no meio dos horrores

Tocaram suas trombetas

E derrubaram a muralha de Jericó

Quem, quem, quem a não ser o som

Poderia derrubar a muralha dos ódios

Dos preconceitos, das intolerâncias

Das tiranias, das ditaduras

Dos totalitarismos, das patrulhas ideológicas

E do nazismo universal?

Acho que todo cidadão

Ou cidadã

Deve ter possibilidades de felicidades

Do tamanho de um super Maracanã

E deve e pode ser azul, negro ou cinza

Sorridente ou ranzinza

Verde, amarelo e da cor vermelha

Deve-se somente ser e não temer viver

Com o que der e vier na nossa telha

Vivamos em paz

Porque tanto faz

Gostar de coelho

Ou de coelha...

Música 55

Maracanã

Márcio Lott

Faixa do CD

‘Vamos mudar o Rio’ (1990)